OS DIÁRIOS DE LANGSDORFF

Volume II

São Paulo

26 de agosto de 1825 a 22 de novembro de 1826

Organizador

DANUZIO GIL BERNARDINO DA SILVA

Editores

BÓRIS N. KOMISSAROV
HANS BECHER
PAULO MASUTI LEVY
DANUZIO GIL B. DA SILVA
MARCOS P. BRAGA (In Memoriam)

OS DIÁRIOS DE LANGSDORFF

Volume II

SÃO PAULO

26 de agosto de 1825 a 22 de novembro de 1826

organizador

DANUZIO GIL BERNARDINO DA SILVA

editores

BORIS N. KOMISSAROV

HANS BECHER

PAULO MASUTI LEVY

DANUZIO GIL B. DA SILVA

MARCOS P. BRAGA *(In Memoriam)*

co-edição

ASSOCIAÇÃO INTERNACIONAL DE ESTUDOS LANGSDORFF

CASA DE OSWALDO CRUZ - FIOCRUZ

EDITORA FIOCRUZ

apoio

FUNDO NACIONAL DE MEIO AMBIENTE/

MINISTÉRIO DE MEIO AMBIENTE,

RECURSOS HÍDRICOS E AMAZÔNIA LEGAL

1997

AIEL - Associação Internacional de Estudos Langsdorff
endereço para correspondência
R. Meteoro, 106 - Jardim do Sol
13085-835 - Campinas SP - Brasil

Editora Fiocruz
endereço para correspondência
R. Leopoldo Bulhões, 1480 - Térreo - Manguinhos
21041-210 - Rio de Janeiro RJ - Brasil

Casa de Oswaldo Cruz
endereço para correspondência
Av. Brasil, 4365 - Manguinhos
21040-360 - Rio de Janeiro RJ - Brasil

Tiragem: 2500 exemplares

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA FACULDADE DE
BIBLIOTECONOMIA DA PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE CAMPINAS - PUCCAMP

D529
v.2

Os Diários de Langsdorff / org. Danuzio Gil Bernardino da Silva; tradução Márcia Lyra Nascimento Egg e outros; editores: Boris N. Komissarov e outros. - Campinas: Associação Internacional de Estudos Langsdorff; Rio de Janeiro: Fiocruz, 1997.
3v.: il.

Conteúdo: v.1 Rio de Janeiro e Minas Gerais - v.2. São Paulo - v.3. Mato Grosso e Amazônia.

1. Expedição Langsdorff. 2. Langsdorff, Georg Heinrich, 1774-1852. 3. Expedições científicas ao Brasil. 4. História do Brasil. I. Silva, Danuzio Gil Bernardino da.

ISBN 85-86515-03-5

CDU - 910.4(81)
CDD - 508.81
981

Índice para Catálogo Sistemático:

Expedição Langsdorff	508.81
Expedições científicas ao Brasil	508.81
História do Brasil	981

apoio cultural

equipe técnica

ORGANIZAÇÃO

Danuzio Gil Bernardino da Silva

EDITORES

Boris N. Komissarov
Hans Becher
Marcos Pinto Braga *(In Memoriam)*
Danuzio Gil B. da Silva
Paulo Masuti Levy

TRADUÇÃO, REVISÃO E COTEJAMENTO

Márcia Lyra Nascimento Egg
Victória Naméstnikov El Murr
Guilherme Mendes Conceição
Maria Pontes S. Campos Rodrigues
Sátia Marini
Miguel Araújo de Matos
Jordino A. dos Santos Marques
Hans Becher
Renate von Rappard
René F. Egg Jr.

DIGITAÇÃO E REVISÃO

Washington Tadeu Proença
Maria Estela Rafael de Góes
Armando Maeno
Dirce Cesar
Adriana de Góes Coelho
Diamantino C. de Magalhães
Marisa Martins Maeno

FOTOS E ILUSTRAÇÕES

Celso Palermo
Tennyson T. Takeda
Tereza Cristina Florence Goedhart
Cláudio Luiz Palermo

INDEXAÇÃO

Ana Rosa Cloclet

PROJETO GRÁFICO

Cia Aluminis Editora
Daniele Zandoná
Washington Tadeu Proença
Luciene Teixeira Maeno

Este livro é dedicado a Georg Heinrich von Langsdorff, ao seu trabalho científico e ao significado deste, para a cultura brasileira.

Apresentação

É preciso alertar os leitores deste volume, viajantes da aventura fluvial pelos rios Tietê, Paraná e Pardo, para que observem com atenção o objetivo científico da viagem, os caminhos percorridos e as descrições de paisagens, registros remotos e imagens de ambientes muito distantes da nossa realidade.

Ao lermos sobre uma viagem por um rio Tietê repleto de ilhas, cachoeiras, tartarugas, onças, antas, aves, macacos, peixes os mais diversos, é preciso cuidado com a emoção e com uma inevitável tristeza.

Para quem lê, com objetivos científicos, é necessário isenção e compreensão da realidade cultural de um europeu, viajando pelo interior do Brasil, na década de 20, do Século XIX. Não devemos abstrair Langsdorff do universo de sua época.

Um leitor atento descobrirá, à cada nova página do universo narrativo de Langsdorff, novas informações ou vislumbrará oportunidades de pesquisa. Talvez por isso, a palavra que nos vem a lembrança neste momento seja: **reflexão**.

É refletindo que Langsdorff viaja pelo Brasil, pensando a sociedade e a natureza, mudando seus preconceitos sobre os índios, questionando, criticando, analisando, pesquisando.

O presente volume contém interessantes informações sobre diversas localidades da então Província de São Paulo, algumas regiões do Paraná, além de diversas comparações críticas com cidades de Minas Gerais. Compreende as viagens de Georg Heinrich von Langsdorff, pela Província de São Paulo, de 26 de agosto de 1825 a 22 de novembro de 1826, quando sua Expedição Científica parte da Fazenda Camapuã, já em Mato Grosso, rumo à última etapa da viagem:Mato Grosso e Amazônia.

Como observará o leitor, a partir de sua saída do Rio de Janeiro, Langsdorff dedica seu tempo, à Ictiologia, Zoologia e Entomologia e não mais à Botânica, como no 1º volume de seus diários. Isso se deve, entre outros fatores, ao excelente trabalho que o Botânico Ludwig Riedel vinha realizando, e ao afastamento voluntário do Zoólogo Christian Hasse, da Expedição, ainda em Porto Feliz, antes da partida para a viagem fluvial pelo Tiête.

A visão ambiental e social de Langsdorff continua sendo o foco de sua narrativa. Entre diversos momentos, um em especial demonstra a preocupação ambiental e o rigor científico do nosso autor:

"As espécies abatidas todos os dias deveriam dar pistas sobre a geografia da fauna, ou seja, sobre o hábitat e a localização de cada animal abatido, pois até hoje tem se definido, de forma genérica, o Brasil como sendo o lugar de vida de muitas aves, Mammalia e peixes; isso corresponderia mais ou menos a se indicar a Europa como sendo o lugar de origem de uma espécie. Quando, tanto aqui como em meu relatório científico, faço referência a todo e qualquer material colhido diariamente, minha intenção é tentar determinar, com exatidão, se essa ou aquela espécie é característica de uma província em especial, ou de uma parte dessa província ou de todo o país."

Além das observações sobre a Fauna e Flora da Província de São Paulo, é importante destacar, que esta foi provavelmente a única expedição científica a viajar e documentar o Rio Tietê, na primeira metade do Século XIX. Suas descrições mostram um Tietê diferente do que as últimas gerações tem podido observar.

Suas informações, no entanto, não são somente referências do passado, mas são importantes para compreendermos, um pouco mais, a dinâmica e a história deste rio e dar uma significativa contribuição para a sua recuperação.

Entre outras informações importantes, podemos relacionar o hábito das monções e expedições fluviais, de incendiar os campos e, em algumas regiões, a mata ciliar do rio.

Este volume, também se destaca pela presença feminina de Wilhelmine Langsdorff, que acompanha seu marido até Mato Grosso e escreve alguns trechos do presente volume. A presença e o significado de uma mulher numa viagem como esta, carece de maiores estudos, e, com certeza, esta leitura será de suma importância para pesquisadores que se detenham sobre a questão.

Os 26 cadernos que compõe os três volumes dos Diários de Langsdorff, estão atualmente guardados na Filial de Petersburgo, do Arquivo da Academia de Ciências da Rússia: cadernos 1-17; F. 63, inv..1, Nº 1, Nº 2, fols. 1-45, os cadernos 18-20 e a parte do caderno 21; Ibid., F. 63, inv..1, Nº 2, fols. 46-109v.; Nº 3, fols. 1-104v., parte do caderno 21 e os cadernos 22-26; Ibid., F. 63, inv..1, Nº 3, fols. 105-137; Nº 4-7. No final do presente volume, apresentamos algumas reproduções de páginas dos Diários e anexos escritos por Langsdorff .

Com a entrega do segundo volume dos Diários de Langsdorff, nossa Associação cumpre mais uma etapa de seus objetivos e de suas metas. Reafirmamos a necessidade de colaboração crítica dos nossos leitores e de pesquisadores interessados. Nosso trabalho está apenas no início.

Danuzio Gil Bernardino da Silva

Coordenador de Estudos e Projetos

Associação Internacional de Estudos Langsdorff

Locais Percorridos por Langsdorff na Segunda Viagem Rio de Janeiro até Camapuã

26 de Agosto de 1825 a 22 de Novembro de 1826

Data	Local
26/8	Mandioca
	Rio Fundo
	Rio de Janeiro
30/8	Forte de Santa Cruz
	Ilha Rotonda
4/9	Ilha Grande
5/9	Ilha São Sebastião
	Ilha das Alquebraças
8/9 a 17/9	Porto de Santos
22/9	Cubatão
24/9	Ponte Alta
26/9	São Paulo
a 18/10	Faz referência a Lajes, S. Miguel, Pinheiros, Barueri, Conceição dos Guarulhos, Aldeinha da Escada, S. José de Peruíbe, Carapicuíba, Itapecerica, Itaquaquecetuba, S. José, São João de Queluz, Bragança, Campinas (São Carlos), Nazaré.
	Rio Tietê
	Capão das Pombas
	Morro Jaraguá
19/10	Rio Juquiri
	Rancho Félix
20/10	Jundiaí
a 15/11	Rio Jundiaí-Mirim
	Jacaré
17/11	Margem direita do Tietê
	Faz referência a Piracicaba, Franca, à serra do Estrondo, em Piracicaba.
19/11	Itu
a 12/12	Faz referência à Travessa do Rosário e à Rua das Casinhas.
	Salto de Itu
	Rio Pirajibu
13/12	Sorocaba
	Faz referência a Ouro Fino e Moji-Mirim
15/12	Começa viagem de volta à Mandioca (RJ).
	São João de Ipanema (fáb. de ferro)
5/2	Sorocaba
6/2	Itu
7/2	Piedade
	Batribu (Alferes Rafael)
8/2	Capelinha (de N.S. da Conceição, a 1½ légua de Parnaíba; ponte sobre o Tietê)
	Parnaíba
	Coronel Anastácio
	Margem esquerda do Tietê
10/2	São Paulo
	Yembara
	Fazendas Novas
11/2	Penha
	Gocó
	Taiaçupeba
	Rio Jundiaí
	Mogi das Cruzes
	Sabaúna
	Morro Tapeti
	Fazenda do Capitão-mor Francisco de Mello
	Jaguari
	Ponte sobre o rio Paraíba
13/2	São José (dos Campos)
	Capão Grosso
	Taubaté
14/2	Pindamonhangaba
	Garagem do Veloso (morro)
	Freguesia N. S. Aparecida
	Guaratinguetá
	Lorena (casa de Julien Meyer)
17/2	Areias
18/2	Bananal (Cap. Antônio Manoel)
	Pouso Alto
	Piraí (rio Piraí)
	S. João Marcos
	Serra do Tomahy
	Porto Teixeira
	Registro de Itaguaí
20/2	Santa Cruz
	Rio de Janeiro
22/2	Mandioca

5/4	Partida da Mandioca
11/4	Embarque no *Aurora*
17/4	Forte São João
	Bertioga
	Morro Paciência
19/4	Santos
	Santa Guilhermina
21/4	Cubatão
	Fazenda de Antônio Xavier
	São Paulo (casa de Francisco Moreira Bueno)
26/4	Fazenda Juquiri (rio)
27/4	Casa de Alferes Félix
28/4	Jundiaí
	Jacareí
	Pinhal
	Rio Tietê
	Itu
	Ribeirão Cajoeiro
	Caiacatinga (nome antigo de Porto Feliz)
1/5 a 22/6	Porto Feliz
7/6	Ipanema (ida e volta)
	Faz referência a Araraitagüera e Capivari (fazenda do Sr. Krelé)
23/6	Partida de Porto Feliz
	Avaremanduava (1½ légua de Porto Feliz)
	Cachoeira do Machado
	Fazenda de Antônio Caetano, perto da cachoeira de Itagaçaba
	Itagaçaba-açu
	Itagaçaba-mirim
	Cachoeira Pirapora
25/6	Caverna do Capitão Salvador
26/6	Freguesia de Pirapora
	Dez cachoeiras de Pirapora
28/6	Foz do Capivari-açu e Capivari-mirim no Tietê
	Foz do Sorocaba (margem esq.)
28/6 a 30/6	Pederneiras
	Ilha Rotada (Rodado ?)
	Ilha das Flores
	Ilha do Gato
1/7	Cabana de Salvador Pires
	Cachoeira de Jataí
	Ilha Bauari
	Ilha do Coacaxi e rio Coacaxi
2/7	Ilha do Chapéu
	Ilha João Gonçalves
	Ilha do Descalvado
	Ilha de Tapotinguapa
	Ilha Morta
	Cachoeira de Baiaru e Baiaru-açu
	Ilha Grande e Ilhas Filhas
	Casa de Francisco Peixoto
	Foz do Capivara no Tietê (esq.)
	Ilha da Fazenda
	Ilha dos Cágados
4/7	Foz do Piracicaba
	Ilha da Barra
	Ilha Araraquara (ou Araguá)
	Ribeirão Araraquara (foz no Tietê, à esquerda)
	Poço do Banharão
	Cachoeira do Banharão-mirim
	Rio dos Pinhões
	Poço de Inhaperobal (esq.)
	Poço de Pirataruca (direita)
	Cabeceira do Potunduva
	Largo de Potunduva
	Bacia de Gente Dobrada do Cemitério
	Itapuani
	Cachoeira de Bauru e Ilha de Bauru
8/7	Cachoeira de Bariri-mirim
10/7	Cachoeira do Sapé-mirim e do Sapé-açu
11/7	Ilha Congonha
	Ilha Morta e rio Morto
12/7	Rio Jacaré-mirim e Jacaré-açu
13/7	Ilha e cachoeira Guamicanga
	Cachoeira e ilha Tambaruçu
14/7	Baixio de Tambapiririca
15/7	Baixios de Escaramuça do Gato, Tambaú e Cambaiuvoca
	Rio Tambaú
	Ribeirão do Quilombo (dir.)
	Ribeirão do Campo
	Ribeirão do Pato
18/7 ou 24/7	Salto de Avanhandava
	Ilha dos Escaramuxos
	Cachoeira de Itupanema ou Itupanama
	Cachoeira de Caxopira
27/7	Cachoeira da Ilha

	Cachoeira do Mato Seco
	Cachoeira das Ondas Grandes
	Cachoeira das Ondas Pequenas
	Ilha do Funil Pequeno
	Ilha Guaturatuguaçu
	Cachoeira da Água Baixa
31/7	Cachoeira Aracanguá-mirim e ilha
	Cachoeira Aracanguá-açu
	Canal do Inferno ou
	Cachoeira Itupeva
	Baixios de Guacuriti-mirim (rio e ilha)
	Rio Guacurituba
4/8	Salto de Itapura
	Rio Itapiru-mirim (passa por 8 ilhas)
	Proximidades do Paraná (o Paraná está a 4 léguas)
6/8	Cachoeira Três Irmãos
	Itapu-mirim
	Salto de Itapiru
	Salto de Itapira
11/8	Ilha Pernambuco
	Foz do Tietê no Paraná
	Margem direita do Paraná
	Retorno à foz do Tietê
14/8	Funil do Paraná (faz referência a Piquiri)
	Ilha Comprida
	Foz do rio Aguapeí ou Aguapuí
15/8	Muitas Ilhas
	Foz do Rio Verde
	Ilha do Manoel Homem
17/8	Rio Orelha da Onça
	Foz do Rio Pardo (entra no rio Pardo)
	Coroinha
22/8	Pequeno rio que desemboca na margem esq. do rio Pardo
26/8	Rio na margem esquerda do Rio Pardo
	Foz do Anhanduri-açu
30/8	Ribeirão Orelha do Gato
	Cachoeira Cajuru
1/9	Ribeirão dos Patos
2/9	Ribeirão Orelha das Antas
5/9	Capão da Onça
8/9	Por terra, até Cachoeira do Cajuru-mirim
13/9	Cachoeira das Sirgas do Mato
14/9	Cachoeira da Sirga Negra
	Salto do Banquinho
15/9	Sirga dos Campos
16/9	Sirga Comprida
17/9	Ribeirão da Capivara (margem direita do rio Pardo)
	Capão de Imbiruçu
18/9	Sirgas da Mangava
	Cachoeira do Tejuco
20/9	Sirga do Jupiá
	Cachoeira do Anhanduri-mirim
21/9	Cachoeira de Taquara
23/9	Cachoeira Três Irmãos
	Três Pontes
25/9	Cachoeira do Tamanduá
26/9	Sirga do Campo
	Sirga do Mato
	Ribeirão do Robalo
	Sirga do Robalo
	Salto do Corão
1/10	Cachoeira das Lajes
3/10	Cachoeira do Campo
	Ribeirão Vacumã ou Guacumã
5/10	Sirga de Manoel Rodrigues
6/10	Cachoeira de Pombal
	Cachoeira da Canoa Velha
	Cachoeira da Laje Pequena
9/10	Chegada a Camapuã
	Faz referência à Aldeia Aldeado, ao Banco Grande e ao Sanguixuga
23/10	Morro Mata-Mata
	rio Camapuã
3/11	Serra do Selado
4/11	Ribeirão do Barreiro Grande
	Fuzarado, às margens do Coxim
20/11	Ribeirão Sol....... ?
21/11	Partida de Camapuã
	Morro do Almoço
	Chegada ao rio Coxim, pouco abaixo da confluência com o Camapuã

ANOTAÇÕES DIÁRIAS DAS VIAGENS REALIZADAS POR G. I. LANGSDORFF PELAS PROVÍNCIAS DE SÃO PAULO E MATO GROSSO (ATÉ A FAZENDA CAMAPUÃ), NO PERÍODO DE 26 DE AGOSTO DE 1825 A 22 DE NOVEMBRO DE 1826.

26, 27, 28 e 29/08/1825

Deixamos a Mandioca à tarde. Enfrentamos ventos contrários. No dia seguinte, desviamos para o Sul. Só conseguimos chegar a Rio Fundo à noite, por volta das 5h30.

Recebemos, no *Aurora*, a visita de um conde brasileiro, que chegou numa sumaca. Ele gritava de forma grosseira enquanto negociava a venda de escravos. Aliás, estava bêbado.

No domingo, não se pôde fazer muito. Fez-se a maior parte das compras, que foram recebidas no *Aurora*. Como ainda chove a Sudoeste, provavelmente, o capitão não poderá zarpar tão cedo.

Escrevi cartas. Estava disposto e pronto para partir. Ainda compramos algumas coisas e recebemos ordens para estar a bordo no dia 30, de manhã bem cedo. Trouxemos o dinheiro para bordo. O tiro foi dado, e subimos no navio juntamente com os Srs. Ménétriès e Riedel.

30/08

Sentimento estranho: durante esses meus 14 anos de permanência no Rio, coloquei minha casa à disposição de todos e estou certo de que ela foi de grande utilidade. Agora, no entanto, subo sozinho a bordo deste navio, sem que ninguém, nem mesmo o Vice-Cônsul, venha me prestar solidariedade ou demonstrar interesse em tão importante empreendimento científico. Alguém já viu tanta frieza?!

O vento não podia ser mais favorável. O tempo estava claro, de forma que alcançamos o Forte de Santa Cruz por volta das 8h. Havia vários navios prontos para zarpar, mas estavam todos parados, em obediência à ordem de vistoria ou visita do Inspetor do porto, que iria revistar passaportes, anotar número e situação dos passageiros e número de colchões. Isso reteve os navios durante horas. Como o nosso barco era o menor e mais modesto, além de ser o último, pois estava mais afastado do forte, a guarda do Registro só chegou a bordo às 11h. Fez o seu trabalho e desejou-nos boa viagem.

Uma curiosidade: em todo o Brasil, as pessoas trocam a palavra "registro" por "registo". Ambas têm o mesmo significado e pronúncias quase iguais.

O Governo manda parar todo navio ou viajante para controlar e revistar passaportes.

Deixamos o porto por volta de 4h, com vento favorável e, pouco depois, já nos aproximávamos de Ilha Rotonda. De repente, levantou-se uma tempestade, vinda de Sudoeste. O Capitão, chamado Marcelino, não hesitou nem um minuto: mandou virar, imediatamente, o navio na direção contrária, dirigindo-o, a todo pano, no sentido do porto, onde chegamos às 2h. Várias outras embarcações que também seguiam para o Sul, acompanharam nosso exemplo; os que rumavam para a Europa, desapareceram no horizonte. Meu amigo Riedel e Ménétriès, haviam partido, de manhã cedo, para a Mandioca, e por isso fiquei sozinho na taberna.

31/08

Senti-me aborrecido quando nos vimos impedidos de prosseguir, apesar dos ventos favoráveis. Agora, porém, estou satisfeito em poder escrever, com calma, meu relatório para São Petersburgo e comunicar minha partida.

01 e 02/09

Continuou chovendo ainda nos dias 1 e 2. Estávamos prontos para partir, mas tivemos que passar todos esses dias fazendo pequenas compras. Era muito desagradável ser abordado por aquelas pessoas totalmente indiferentes para mim, mas que, a toda hora, vinham me perguntar, com grande interesse e curiosidade, sobre as novidades do dia, os meus planos de viagem, o motivo do meu retorno ao porto e da

minha estada prolongada. Em seguida, corriam para o Clube Alemão (isto é, para a matula) para contar tudo.

03/09

Por esses e outros motivos, no dia 3, resolvi subir a bordo do *Aurora* e não voltar mais à cidade, para não ter que me encontrar mais com essa gente que se diz alemã, mas que vive embriagada, batendo nos outros, brigando, discutindo e xingando.

O dia estava tão claro que aproveitei para me dedicar às minhas atividades de naturalista. Aluguei uma canoa e abati algumas gaivotas (*Laros*), sem ser perturbado. Alguns curiosos andaram me procurando, mas em vão: voltei tarde da noite. Fui com meus companheiros de viagem Rubtsov e Florence à taberna, o que era muito mais agradável do que ficar dentro de um navio pequeno na companhia de negros escravos e outras pessoas, que, a essa altura, já eram mais de 73.

04/09

O tempo se manteve claro. Na manhã do quinto dia, ao nascer do sol, anunciado pelo tiro de canhão de um navio de guerra, subimos a bordo para partir. Quando chegamos, às 7h, o navio já havia levantado âncora e já se afastara do ponto onde estava ontem.

Não havia o menor sinal de vento. Vários navios estavam estacionados, entre eles, o *Spartiate*, que o imortal Lord Nelson conquistara na batalha do Nilo (o navio se tornou valioso e interessante para mim); e um grande navio de guerra, comandado por Sir George Have, o *Wellesley*, no qual chegara Sir Charles Stuart.

Entre os ingleses, encontrei pessoas honestas e os melhores amigos de um período de minha vida. Os instruídos detêm um nível de cultura dos mais elevados. A excelente formação clássica que recebem concorre para o seu elevado caráter moral e seu refinamento. Conheci muitos ingleses que recitavam quase de cor Horácio, Virgílio e Cícero; que conheciam a língua grega melhor do que muitos professores na Alemanha. Muitos transformavam seus pequenos armários flutuantes de um metro cúbico em bibliotecas de obras seletas (a maioria dos oficiais de Marinha oriundos de famílias de classe alta usufruem bastante dessas bibliotecas). Desculpem-me essa pequena digressão.

Há oito dias, os oficiais e a tripulação do navio *Spartiate* estavam no navio *Wellesley*. Sir Charles Stuart, de Lisboa, passou de novo para o *Spartiate* - nele estão vários cientistas amigos meus. Deixamos o porto juntamente com este e com o *Elbe*.

Felizmente, já perto do meio-dia, navegávamos, a todo pano, na direção Nordeste-Sudoeste. A embarcação balançava tanto e estava tão carregada que, a cada movimento do timão, levantava água ora de um lado, ora de outro. O convés, resistente e impermeável, ficava constantemente coberto de água. Francamente, no início, eu tinha uma opinião bem desfavorável sobre essa pequena embarcação costeira, mas agora eu a retiro: o pequeno navio *Aurora*, de 150 toneladas, é um bom barco, rápido, movido por uma tripulação de oito homens. Ela passou a frente dos demais navios que deixaram o porto junto conosco.

À noite, vimos Ilha Grande a Oeste.

Com excelente estado de ânimo, com vento Nordeste favorável forte e constante, passamos todos a noite semi-acordados.

05/09

No dia 5, de manhã, passamos pela ilha de São Sebastião, numa distância, a Oeste, de 6 a 8 léguas. O navio balançava muito por causa da maré cheia. Algumas procelárias (*Procellaria Capensis*) nos acompanhavam. Logo em seguida, entre 8h e 9h, avistamos uma pequena ilha desabitada (das Alquebraças), uma rocha escarpada que se eleva no oceano. Calculamos, então, que, com os mesmos ventos constantes, poderíamos entrar, à tarde, no porto de Santos, 12 léguas à frente.

Nesse ínterim, todavia, o vento parou, e, como a noite escura já se aproximava, já não podíamos distinguir as montanhas da entrada do porto. O digno e corajoso capitão do navio, Dios Coquitos[?], ainda pensou em tentar entrar no porto apesar da escuridão, mas foi impedido de fazê-lo devido à total calmaria.

06/09

Assim, passamos a segunda noite no nosso navio. Impelidos por uma brisa e pela maré baixa, aos poucos fomos nos aproximando do nosso lugar de destino.

Era de estranhar ver um porto tão importante, situado na faixa de terra mais bela do mundo e conhecido há mais de 300 anos e, no entanto, não avistar o mínimo sinal de civilização ou de povoamento nas terras costeiras próximas. O que o Governo atual tem feito e o que os anteriores fizeram até hoje para desenvolver a navegação, o comércio e a indústria desta parte do mundo?

Finalmente, por volta das 3h da tarde, chegamos à entrada do porto e nos aproximamos lentamente do forte que fica na margem esquer-

da, atrás de uma serra. Antes de chegarmos, um encarregado veio até nós numa canoa para se informar sobre o nome do navio, a carga, o número de passageiros, o nosso tempo de viagem do Rio até Santos (nossa carga consistia de trigo, vinho, fazendas e moedas divisionárias de liga de cobre!!!). Depois disso, prosseguimos nossa viagem sossegados.

Próximo ao forte, encontramos outro navio que havia deixado o Rio de Janeiro 18 dias antes de nós. Foram 248 horas de travessia bastante agradável, rápida e bem-sucedida. Já era noite escura quando vários amigos e conhecidos saíram do porto de Santos, a uma distância de meia légua, e vieram ter conosco para dar as boas-vindas ao capitão. Estávamos livres para ir à cidade, mas preferimos passar mais uma noite a bordo. Já não havia mais perigo; além do mais, neste lugar não há nem hotéis nem pousadas, e não queríamos incomodar à noite os amigos a quem nos haviam recomendado.

Antes de prosseguir, preciso inserir aqui algumas observações sobre essa viagem de mar.

No início, não me agradava a idéia de viajar por mar, dentro de um navio pequeno, na companhia de tantos negros escravos. Mas agora estou satisfeito por ter conseguido fazer essa travessia com tanta tranqüilidade. Os 38 escravos homens ficavam num compartimento; as 27 escravas ficaram no convés, nos botes cobertos de lona; lá passavam a noite e a maior parte do dia. Ficavam todos na parte dianteira do navio, mas não havia o mínimo sinal de desordem.

Havia água em quantidade suficiente. Em caso de escassez em longas viagens, o capitão [podia atracar] na costa da ilha Grande, de São Sebastião ou ilha dos Porcos. Os negros eram alimentados duas vezes por dia, quando recebiam feijão, farinha de mandioca e carne seca. Por

isso, aos passageiros eram servidas refeições fartas e refinadas. O café da manhã consistia de carne seca, *beef steaks*, pão em porções, presunto e aguardente. Todos podiam comer e beber à vontade e a qualquer hora. No almoço, serviam, de preferência, uma sopa bem substanciosa, carne bovina cozida e assada com batatas, arroz, presunto e repolho branco. À noite, podia-se comer e beber à vontade. Em lugar de chá, serviam sopa com arroz.

De todas as várias viagens marítimas que fiz, com exceção daquelas nos paquetes ingleses, em nenhuma conheci um capitão de navio tão desinteressado e em nenhuma vi uma mesa tão farta. Chegamos quase a nos esquecer de que estávamos no Brasil, pois não vimos na nossa frente nem feijão, nem toucinho, nem carne seca, nem farinha.

Hoje cedo, fui ao continente, de canoa, com o capitão. A primeira visita que fiz foi ao Comandante ou Governador, que, atendendo aos termos do meu salvo-conduto, me deu as boas-vindas e me ofereceu seus serviços durante minha estada.

Conforme recomendação que recebi, apresentei-me ao Sr. Whitaker, Cônsul inglês e americano. Reconheci-o imediatamente, pois é um velho conhecido meu. Ele me recebeu com muita hospitalidade e ofereceu-me sua casa de campo, prometendo dar-me toda a assistência possível no grande trabalho de pesquisa que vou empreender. Sua primeira preocupação foi liberar na alfândega, sem maiores delongas, a minha bagagem. Os funcionários aduaneiros do porto me trataram com muita cortesia.

Dirigimo-nos, então, à propriedade que ele nos havia indicado, um lugar bastante confortável. Tomamos o desjejum em casa e aceitamos, agradecidos, o amável convite do Sr. Whitaker para almoçarmos lá todos os dias.

De 08 a 17/09

Santos. Descrição do local:

Baixada com mangues.

População: 5.000 a 6.000 almas.

Porto: apropriado para embarcações grandes.

Dois fortes: defesa pouco considerável.

Rios: vários braços de rios (até Cubatão).

Baía: maré baixa e maré alta.

Ótimas condições de comércio, alfândega sem chicanas.

Construção naval: arsenal considerável.

Comércio com São Paulo, Goiás e Mato Grosso: grande.

Mercadorias comercializadas.

Importação e exportação bastante expressivas. Sr. Whitaker.

As medidas diminuem nesta província e em Goiás e Mato Grosso, de acordo com a distância: uma medida de vinho (aguardente) em Goiás custa menos do que em Santos, mas, em compensação, ela corresponde à metade ou a um terço da outra.

Minha visão anterior e posterior à preparação desta expedição.

Foi muito feliz a decisão de seguir o conselho dos Srs. Spix e Martius de não fazer negócios antes de chegar a Santos. No Rio, quando não falta honestidade (e falta na realidade), faltam conhecimento e experiência nesse ramo de comércio.

Chegada das mercadorias em Santos: entre 10 e 12/09. Mais baratas do que no Rio. Empenho em obter crédito no Rio. Todas as merca-

dorias são faturadas.

Observação sobre vinho e aguardente.

NB: Quiseram marcar os bancos de areia[?]. Foi o primeiro dia de tempo bom, mas fomos retidos pelo Capitão João.

A gritaria dos galos durou 12 dias [?].

A madeira é mais cara em função da escassez de mão-de-obra.

Poucos peixes.

Produção de telhas e tijolos na proporção de 24 por 100[?].

Infestação de insetos.

Porto de São Vicente: antigamente um atracadouro, hoje está raso.

As marcas da varíola são inesquecíveis. Falta vacina. Varíola natural em São Vicente.

22/09

Partida de Santos para Cubatão: 2 a 3 léguas. É preciso sair com a maré alta. Houve contratempos: só pudemos sair às 4h da tarde e chegar às 7h30.

Recepção bastante acolhedora na casa do Sr. Ed. Schmidt, uma das pessoas que se estabeleceram aqui como despachante das várias mercadorias que entram e saem.

Em setembro, várias embarcações, algumas até grandes, vêm de Santos para cá, formando uma bela fila. A costa é baixa, rasa, uniforme e coberta de vegetação, onde aparece aqui e ali uma palmeira, que, de certa forma, anima a paisagem.

Cubatão tem cerca de 30 casas. Seus habitantes são pobres. Ela se

abastece com as mercadorias que passam por aqui. Há uma ponte em início de construção e uma rua calçada. Foi uma obra do Sr. Horta, que se tornou imortal nesta província. Todas as grandes obras foram feitas por ele. Tem-se imediatamente uma outra visão das coisas. Recomendaram-me adquirir minha própria mula e não ficar muito tempo com ela, ou seja, vendê-la o mais cedo possível; comprar o máximo possível de materiais e mantimentos; e embalar o vinho em caixas e não em barris.

23/09

Não foi possível partir hoje: chovia torrencialmente. No Registro de Cubatão, é preciso pagar 40 réis por arroba [?]. Para o sal, 3 arrobas são iguais a 1 alqueire, 120 réis.

Algumas observações sobre a nova estrada e ponte.

24/09

Partimos cedo de Cubatão. Tempo bom. O barômetro foi encontrado sem condições de uso.

As mulas chegaram de Ponte Alta antes da hora e já em bom número (6 patacas, 6 mulas).

Até Ponte Alta: 5 léguas.

[O caminho pela] serra de Cubatão é íngreme e parcialmente calçado, mas é uma grande obra. Acima há um velho telégrafo; várias tropas se encontram ali. Neste ano, o transporte de açúcar começa em setembro/novembro e vai até maio/junho. A província despacha 500.000

arrobas de açúcar.

Alguns locais recebem grande volume de mercadorias e são pouco conhecidos. Em Vila França, existem vários estabelecimentos comerciais, construídos por Horta; criação de gado, queijos, couro, peles cruas. Bragança e Nazaré vivem principalmente da criação de porcos. Somente Bragança exporta 40.000 arrobas de toucinho.

A Província de São Paulo aumentou seu movimento comercial através de recrutamento. Nos últimos anos, ela empregou entre 5.000 e 6.000 pessoas e demitiu 3.000, que foram para Minas e Goiás. Isso quer dizer que uma província cresce em detrimento de outra. Somente por Nazaré passaram 5.000 pessoas. A cidade recebe provisões de todo tipo: farinha, feijão. Conceição de Guarulhos, São Bernardo, São Miguel. Em Ponte Alta, +8°; no inverno, -2°/3°. Capitão Francisco Mariano Galvão.

25/09

Diariamente chegam tropas trazendo açúcar e mercadorias; às vezes, num dia, chegam 1.000 mulas. A principal fonte de alimentação aqui é a criação de gado. As mulas hoje estão mais caras aqui do que no Rio de Janeiro. Um animal de montaria custa 50; um animal de carga, entre 30 e 40. (33°, 45', 10")

Minhas impressões sobre a situação de Santos: insalubre, úmida, carente de água potável. Bebem-se vinho e aguardente. Desde que melhoraram as condições de vida, há menos casos de febre intermitente. Céu permanentenente nublado e vento úmido. Povo mais culto, mas menos hospitaleiro, mais rude e negligente. Dificuldades em virtude da localização da barra grande[?]. Principal causa da umidade do açúcar:

péssimas instalações de Cubatão. Instalações da alfândega, pontes, canais e caminhos ruins. Nenhuma perspectiva. Barcos a vapor. Chegada de Rubtsov à noite. Ficamos aqui hoje, em parte por causa da recepção altamente hospitaleira, em parte para fazer observações, pois o céu estava bastante claro e convidativo.

Os caçadores abateram algumas espécies novas de pássaros: *Puncas Ruba erpillar*, uma andorinha, a fêmea de um *Tanagra*.

Rubtsov construiu um relógio de sol; Taunay fez um retrato do dono da casa; e eu me ocupei com observações geográficas, estáticas e outras.

Próximo daqui, perto de Rio Grande, reside Antônio Xavier Garcia, que possui muitas mulas. Todos me recomendaram comprar nele uma para mim.

Nos campos perto de Ponte Alta, já foram abatidos vários pássaros da espécie *Muscicapa*; perto de São Bernardo, a meia légua, pegaram *Compositae*.

26/09

De Ponte Alta a São Paulo são 4 léguas. Após o desjejum, por volta de 10h30, deixamos nosso anfitrião hospitaleiro, que, por iniciativa própria e por hospitalidade, ofereceu-nos sua casa em São Paulo, que está totalmente vazia, para nos hospedar durante nossa permanência lá. Aceitamos, muito agradecidos, o seu convite. As mesmas seis mulas do nosso anfitrião transportaram nossa bagagem de Cubatão até São Paulo, onde chegamos já depois de 2h30 da tarde. Do lado em que chegamos, não se vê a cidade totalmente, mas apenas alguns prédios. As ruas estavam vazias, tudo parecia morto. Descobrimos que ainda está-

vamos no subúrbio. Em uma das pracinhas principais, próximas à caserna e à prefeitura, apareceram algumas pessoas. O escravo nos levou ao centro da cidade, à casa que nos foi confiada. Ainda não vimos uma única pessoa.

Minha primeira visita foi à casa do Governador Lucas e à casa de Gabriel H. Passos, de quem nos deram as melhores referências. Recebi ainda recomendação para procurar John Rudge; Daniel Huntley; o Ilmo. Sr. Corónel Francisco Ignácio de Souza Queiroz; Antônio Xavier Garcia, em Rio Grande; Ilmo. Sr. Capitão da Silva Prado e Dr. Mello Franco.

O início da viagem é bastante agradável, embora os desembolsos de dinheiro sejam altos. Desfrutamos, então, de grande hospitalidade. Quanto menos instruída a gente de um lugar, mais hospitaleira ela é. Mas toda regra tem exceção; eu, felizmente, tenho sido bem recebido tanto entre pessoas cultas como incultas.

Observações em São Paulo.

A melhor forma que encontrei de constatar as riquezas naturais das diversas províncias brasileiras que conheci foi ouvindo as pessoas esclarecidas dessas províncias enaltecerem as qualidades de sua respectiva terra natal. O Presidente de Minas escreveu uma obra sobre as peculiaridades e maravilhas de sua Comarca de Sabará. O Intendente do Distrito Diamantino defendia a província onde nasceu mais do que a qualquer outra. Os baianos se orgulhavam do seu açúcar; os paulistas, do seu clima, fertilidade, tempo de existência e nobreza; os mineiros, do seu ouro e do seu diamante; os habitantes de Goiás e Mato Grosso, de sua grande produção; os do Pará, da fertilidade de sua província, bem como de ter o estorninho[?] mais vistoso da Terra.

Ao entrar na cidade, fomos surpreendidos por meninos de rua trazendo cata-ventos e enormes papagaios de papel, com longos fios. Eles

nos fizeram lembrar a Europa.

Vêem-se aqui prédios bonitos e grandes, construídos para uso comum e feitos de alvenaria de terra argilosa (*pisé*), com a ressalva de que nenhum deles tem fundações. No entanto, em construções antigas feitas dessa forma, algumas até sem telhado e expostas às intempéries, as paredes estão em ótimo estado de conservação.

O vento é sempre seco. Há muitos pinheiros na cidade. Já ouvi falar no Rio de Janeiro de um homem ilustre que planta chá (Marechal Araújo). Conseqüentemente já fiz uma anotação na minha agenda para me lembrar de ir visitar esse homem de bem, que dá um bom exemplo aos seus conterrâneos.

Antes de completar o meu segundo dia de permanência aqui, recebi o convite de um velho conhecido, cujo nome ainda guardo na lembrança. De fato, logo reconheci nele a pessoa que, há 4 anos, quando deputado, se ofereceu para receber meus colonos e despachá-los para São Paulo. Como ele não recebeu qualquer ajuda de José Bonifácio, os colonos ficaram em minha casa. Havia insatisfação entre eles. Quando cheguei em sua casa, ele me recebeu com muita amizade. Sua família, constituída de mulher e filhas, apareceu para me cumprimentar. Foi quando ele me disse: "Sr. Langsdorff, tenho grande simpatia pelo senhor. Pergunte à minha esposa quantas vezes tenho falado no senhor. É com muita alegria que o recebo em minha casa."

Ele me levou a passear nos jardins de sua casa, que fica a um quarto de hora da cidade; e me mostrou tudo que existe lá e que é fruto de seu trabalho, um homem de 75 anos de idade. Ele mantém sua propriedade[?] em ótimo estado. Os subarbustos de chá prosperam bem aqui. Alguns deles curiosamente se parecem muito com os que crescem nos Alpes; mal chegam à altura de 1,5 pés e produzem folhas pequenas e

finas. Outros subarbustos, porém, plantados a poucos passos dali, são maiores do que em sua terra de origem. O chá que se bebe aqui, e que é preparado da mesma forma no Rio de Janeiro, é o *Hysan Perola* e outros tipos de chá verde. Ainda não se conhece aqui a preparação do chá preto. Existe o preconceito falso de que o chá verde deve ser preparado em bacias de cobre. No Rio de Janeiro, tomei chá verde de ótima qualidade que havia sido preparado em vasilha de ferro. A farinha de mandioca também é feita, sem problemas, em bacias de cobre.

O Sr. Rocha também tem um viveiro com muitos pássaros, coelhos, laranjeiras e *Araucaria*. O que falta nesta terra é apenas vontade. Ele não fez nada de extraordinário, mas não se vê por aqui nem mesmo o pouco que ele fez, ou apenas alguma coisa. As vacas ficam soltas durante o dia e, à noite, são levadas para o estábulo.

Por todo o Brasil, até nos pontos mais distantes, ainda hoje se encontram sinais dos Jesuítas. Todos os grandes prédios ou construções são deles; em Santos e em São Paulo, eles foram os primeiros a construir.

Existe um Banco Provincial, que goza de bom crédito. Ele não aceita as notas bancárias do Rio e, quando as aceita, cobra 6% de ágio sobre elas e sobre o dinheiro do Rio de Janeiro.

De manhã, por volta de 8h, chegaram, com saúde, os Srs. Riedel e Hasse com a tropa.

São Paulo é a cidade mais bonita que já vi no Brasil. A arquitetura das casas tem mais bom gosto do que no Rio de Janeiro. As cornijas e os balcões de ferro são mais suntuosos. Algumas ruas são pavimentadas com pedras de ferro[?], outras não. Parece que aqui há pouca pedra. Dizem que, a algumas horas daqui, encontram-se restos de uma fábrica de ferro que existiu aqui no tempo dos espanhóis. A maioria das vielas

está parcialmente calçada, poucas o estão em toda a sua extensão. Pelo que pude ver, na parte de baixo, só estão pavimentadas as calçadas em frente às casas; no meio, não estão. Isso se deve à escassez de pedra por aqui, o que explica também a introdução da alvenaria de terra argilosa (*pisé*) na construção das casas. As pedras são trazidas através do rio, de uma distância de algumas léguas da cidade, e contêm todas alto teor de ferro.

O atual Presidente contribuiu muito para o bem-estar da população. Ele mandou construir a Biblioteca Pública, um hospital civil, uma escola para moças, um orfanato, uma ponte e uma estrada estratégica, como, por exemplo, a estrada Cubatão-Santos. Ele melhorou as finanças da província e hoje vive de forma bastante pacata e reclusa.

Não é raro encontrar cães raivosos na região de São Paulo; muitas pessoas já morreram da doença. Muitos acreditam que banhos de mar repetidos são o remédio mais eficaz para neutralizar os efeitos da mordida e que, portanto, curam mais rápido. Muitas pessoas vão para São Vicente, que é ótima para banhos de mar. Provavelmente as pessoas que se disseram curadas dessa forma, na verdade, não tenham sido mordidas por cães raivosos; igualmente não eram venenosas as cobras que picaram pessoas que pretensamente conseguiram se curar tomando remédios inócuos; certamente eram cobras daquele tipo de que já falei aqui.

Em todas as redondezas da cidade de São Paulo, inclusive das ruas e estradas, cresce a cicuta (*Conium maculatum*), planta com a qual se faz a cicuta, um remédio poderosíssimo. Sem dúvida alguma, as sementes vieram da Europa, o que indica que muitas outras plantas medicinais européias foram climatizadas aqui, em especial, a *Digitalis purpurea*. A propósito, aqui ninguém sabe ainda cozinhar o extrato dessa planta. O

medicamento vem da Inglaterra. Nesses dias, trouxeram-nos, quase que diariamente, entre 8 e 20 pratos cheios de morangos, verdadeiras *Fragaria esculenta*. Eles eram gostosos, sem ser aromáticos demais.

Como eu supunha, as pedras são realmente muito caras aqui: uma pedra de tamanho médio custa de 20 a 40 réis. As fundações das construções de alvenaria com terra argilosa (*pisé*)[1] precisam ser maciças, o que as encarece. Isso me leva a crer que a produção de tijolos bons seria muito bem-vinda aqui, além de lucrativa.

Em nenhuma cidade desta província iluminam-se as ruas à noite.

27/09

Hoje providenciaram-se os preparativos para uma longa viagem. Todas as armas foram consertadas e deixadas em condições de uso; o mesmo se fez com os relógios. Compraram-se sapatos e botas. Colheram-se informações. Sal, vinho (com exceção daquele para nosso próprio consumo), tudo precisa ser comprado. Todas as mercadorias precisam ser embaladas para serem transportadas no lombo de nossas mulas. Cada uma carrega um saquinho cheio de sal, além daquele que será utilizado como artigo de comercialização. Normalmente, as mulas não são ferradas aqui, mas, para longas viagens como a minha, é necessário fazê-lo.

Um coronel plantou chá em sua granja e teve sucesso. Ele já produziu grande quantidade de chá de boa qualidade.

Fazia um frio insuportável: de manhã, 6°; ao meio-dia, 12°; à noite, 8°. Vêem-se muitas plantas européias: *Lucerna*, que prospera muito bem; violetas *Maliloten*, que exalam um perfume forte; muitas *Araucária*, que fornecem lenha.

São Paulo é a maior cidade que conheci até hoje no Brasil; é também a que tem ruas mais simétricas, casas mais bonitas; no geral, é a cidade mais bonita, depois do Rio de Janeiro. Quase todas as ruelas são calçadas, embora algumas no centro da cidade não o sejam (Rua do Príncipe). Aqui vêem-se ainda mais casas com janelas de grades e menos vidraças do que em Minas Gerais. Nas ruas vêem-se padres, soldados e alguns escravos de ambos os sexos.

É surpreendente a irregularidade e a inexatidão com que as listas de população da cidade são publicadas. As divisões administrativas episcopais e civis se confundem. A vila de Lajes consta como fazendo parte de paróquia ou bispado, mas não se faz menção à unidade civil ou militar a que ela pertence. As aldeias de São Miguel e de Pinheiros, onde moravam antigamente os índios Guaianases, foram as primeiras a se separar da região que é hoje a cidade de São Paulo. Outras vilas surgiram mais tarde, como, por exemplo, Barueri, Conceição de Guarulhos, hoje freguesia; Aldeinha da Escada e São José de Peruíbe, no litoral. Os jesuítas fundaram as aldeias de Carapicuíba, Itapecerica, Itaquaquecetuba e São José, hoje vila. A aldeia de São João de Queluz foi fundada em 1800.

Ver: Memórias sobre as aldeias de índios da Província de São Paulo, segundo observações feitas no ano de 1798 por José A. de Toledo Rendon, Marechal de Campo. De 1823, impresso no Rio de Janeiro, 1824, na Imprensa Nacional.

O Capitão-General Antônio José da Franca e Horta e o atual Presidente Manoel Lucas de Moreira e Barros são ambos excelentes pessoas; muito fizeram pelo embelezamento da província.

Aqui conheci pequenas obras, tais como: 1) *Josephi de Anchieta epistola, quam plurima suum rerum naturalem quae S. Vicente, nunc S. Pauli Provinciam incolunt, sistens descriptionem: Didaco de Toledo Lara*

Ordonhez adjectis arestationibus edita: Olisipone Typis Acad. Reg. Scient. an 1799/1800 .

O autor enviou para a Europa o primeiro exemplar de arenito dúctil.

2) Excerto de José de Anchieta (Epístola - ver jornal).

São Vicente foi fundada em 1531, pelo Rei João III. Foi a primeira vila do Brasil.

Piratininga é o nome antigo da cidade de São Paulo. O chefe judeu chama-se Taneoiça[?]. Ele é amigo dos portugueses e dos jesuítas. Em épocas passadas, as baixadas próximas a São Paulo se enchiam de peixes depois das enchentes do rio Tamanduateí. Daí a origem do nome Piratininga.

Aguaraguá

Trichechus manatus - peixe-boi.

Abrolhos (abre olhos).

Sucuriúba - *Boa Scytale*

Jacaré - *Caiman*

Capivara - *Cavia*

Jararaca, jararacuçu, jararaca-mirim, [jararaca-]preguiçosa.

Camapuã fica a 19°35' - Latitude sul 324°8'.

[segue longo trecho ilegível.]

12/10

A coroação do Imperador, no dia 12 de outubro, foi comemorada com a cerimônia chamada beija-mão. Nessa ocasião, todos foram obriga-

dos a iluminar suas casas durante três noites seguidas. Quem não o fizesse tinha que pagar 1 real no primeiro dia, 2 réis no segundo dia, e no terceiro dia ia para a prisão. De manhã, logo ao amanhecer, soou o tiro de canhão. Entre 10h e 11h, toda a tropa estava reunida na praça; o Presidente e o Magistrado foram para a igreja, onde se celebrava um *te deum*. Depois disso, foram todos para o Palácio. O Presidente se postou ao lado do trono, acima do qual pendia o retrato do Imperador. Autoridades e funcionários do Estado foram se aproximando do trono, cumprimentavam o Imperador, o Presidente e o Magistrado, saíam por uma porta lateral e iam para casa.

Às 4h da tarde, o Presidente foi a cavalo até o Ipiranga, até o local onde o Imperador proclamou, pela primeira vez, o grito de "Independência ou Morte" e onde se lançou a pedra fundamental de uma pirâmide.

18/10

No dia 18 de outubro, partimos de São Paulo para Jundiaí. Fazia tempo bom. Deixamos a cidade às 10h da manhã. Poucas horas depois, chegamos ao rio Tietê, num ponto onde ele é bastante caudaloso. Encontramos uma ponte razoavelmente boa, mas que, quando as águas do rio sobem, deve ser perigosa de se atravessar.

Três léguas e meia adiante, chegamos a um grande rancho, construído, com recursos do Governo, para facilitar e promover o comércio. O local se chama Capão das Pombas. Em época de chuvas, é um alívio para os tropeiros e comerciantes de açúcar, que freqüentemente passam por essa estrada a caminho de Santos, encontrarem abrigo aqui.

A região é acidentada; o caminho está bom, apesar das chuvas in-

tensas dos últimos dias. Parece que a água, em um momento, escoa sobre o leito pisado e barrento do caminho e é absorvida. Vêem-se capões aqui e ali. À esquerda eleva-se o morro Jaraguá, onde o antigo Governador Horta tinha uma rica mina de ouro e uma fazenda.

Entre as plantações de trigo, encontrei uma nova espécie de *Convolvulus* e de *Conyza*. Entre os pássaros, abateu-se uma grande e bela andorinha com colarinho branco; *Muscicapa*, *Picus campestris*, *Tanagra*, *Cardinal*. Curioso nesse pássaro é que o macho é de cor vermelho-púrpura, e a fêmea, bem amarela.

Como o tempo hoje estava bom, vimos várias tropas acampadas a céu aberto, na grande estrada. Passamos por bem umas mil mulas, todas levando açúcar para Santos. Nesta estação, os tropeiros preferem acampar a céu aberto do que em pousadas ou ranchos, por causa da grande disponibilidade de pastos. Não ficamos no rancho de Capão das Pombas, porque ali faltava milho. Por volta das 4h da tarde, alcançamos uma pousada às margens do rio Juquiri, que dizem ser rico em ouro e que, neste ponto, fica a 4½ léguas de São Paulo. Aqui encontramos um abrigo espaçoso numa cabana de palha, onde fomos recebidos amigavelmente por um velho bondoso. Normalmente aqui há aguardente e milho; é disso que vivem os pobres habitantes do local.

Os Srs. Rubtsov e Riedel ficaram para trás: o primeiro chegou perto do fim do dia, e o segundo ficou ainda na cidade, de forma que resolvi esperá-lo hoje aqui e sair para conhecer um pouco a região. O Sr. Taunay recebeu permissão para permanecer ainda de 8 a 10 dias em São Paulo: a pedido do Sr. Presidente, ele deveria pintar o retrato do Imperador, em tamanho natural, para o Governo.

Ontem à noite, fomos alertados para ver um grande cometa que, diziam, estava visível já há cerca de três semanas. Como não conhecía-

mos a nossa posição, pois, nos últimos dias, por causa das chuvas, não pudemos fazer observações, tivemos que nos contentar em apreciar o fenômeno com o pensamento e a visão de um observador comum.

O *Picus campestris* é conhecido aqui pelo nome de pico-chanchã[2]. Ele vive sempre em bandos; quando vê uma pessoa se aproximar, grita muito e alto. Os habitantes daqui fazem seus bebês comerem da carne desses pássaros, tão logo comecem a falar, pois acreditam que assim eles aprendem a falar mais cedo. Os pássaros *Procnias* do gênero *Novus Inquiré* fazem seus ninhos em árvores altas, com brotos de plantas e musgos.

20/10

Como os animais ficaram em pasto fechado - paguei 20 réis por 24 horas para cada um -, de manhã bem cedo eles já estavam na porta.

Conseguimos dormir melhor depois de trocarmos os estofados pelas peles de boi. Com as forças renovadas, acordamos nos sentindo muito mais bem dispostos e preparamo-nos para a viagem. Como desjejum, tomamos café com leite ao invés de feijão com toucinho, e deixamos Juquiri às 8h. Havíamos abatido vários pássaros, principalmente do gênero *Novum*.

No início, o caminho era acidentado e coberto de mato. Nas partes baixas, encontramos os caminhos molhados e pisados, mas sem atoleiros, desses em que os animais ficam atolados. Meia hora depois de Juquiri, subimos uma elevação, de onde se avista um belíssimo panorama. A vegetação local era uma espécie de campos artificiais de pastagem, mas totalmente diversos dos belos campos de Minas. As matas tropicais se transformaram em capoeiras, e estas, em campos. O solo é seco e ruim, invariavelmente coberto por vegetação de campos e por

fetos, o que confere ao lugar uma imagem de desolação e aridez e, ao viajante, uma sensação extremamente desagradável.

Mais adiante, estávamos novamente em mata virgem, o que me levou a me sentir em pleno litoral ou nos caminhos de Mato Dentro, em Minas, tal a semelhança entre os tipos de vegetação dessas regiões, com exceção de uma ou outra planta.

Hoje conseguimos capturar uma andorinha e dois pássaros do gênero *Falco*. Duas léguas e meia adiante de Juquiri, atingimos a fazenda e o rancho de Félix. Aqui e ali se vêem ainda algumas cabanas e ranchos, que podem servir de abrigo e proteção para o viajante em apuros. Após curta estada, cavalgamos até Jundiaí, que fica ainda 3 léguas adiante. Esse caminho é muito melhor do que o primeiro: é mais aberto e nos permitiu caminhar mais rápido e ir mais longe.

Chegamos a Jundiaí perto das 3h. De longe já se avista essa vila bastante pitoresca. Tivemos excelente acolhida na casa do Padre Antônio, que, por recomendação, se não me engano, do Sr. Gabriel Henrique Oehen[?], preparou uma casa para nós. As recomendações que eu tinha para Jundiaí eram: ao Sr. Capitão Joaquim da Silva Prado, de seus irmãos; ao Sr. Sargento-Mor José Maria da Cruz Almeida[?], do Sr. Whitaker; ao Sr. Sargento-Mor Antônio de Queiroz Telles, do Sr. Garcia, de São Paulo.

21/10

O lugar foi construído de forma regular, com três ruas longas e algumas transversais. Duas delas vão dar numa grande praça aberta, onde fica a igreja. Dizem que a cidade já é bastante antiga. Está situada numa região alta e aberta, sobre uma colina ou sobre a superfície esprai-

ada de um outeiro. Está exposta a ventos fortes diários de Sudoeste e a constantes tempestades. Algumas áreas em suas redondezas são férteis.

O milho em geral prospera bem. À medida que Campinas (Vila de São Carlos) foi crescendo, este lugar foi perdendo o viço, embora ainda se tenha mantido como o mercado principal de mulas e como passagem obrigatória das tropas que se dirigem para Goiás, Mato Grosso, Minas e Rio de Janeiro. Além disso, aqui se consertam selas de carga.

A paróquia, segundo informação do padre, tem 5.000 confessados, sem contar as crianças.

A noite estava serena, mas a meia lua prejudicou a observação precisa do cometa, que parece ter se afastado bastante.

Hoje entreguei a minha carta de recomendação ao Major José Maria, um homem muito culto e educado, cujo filho, que beira os 30 anos, está doente há muito tempo. Ele me pediu conselho médico e lhe dei alguns medicamentos.

Aqui estamos numa região mais baixa do que a cidade de São Paulo. A água que se toma certamente não é água de montanha, e, no entanto, é grande a incidência de bócio. De onde vem, então, a doença? Não é neve derretida, pois aqui nem há neve.

22/10

Todos os dias, os caçadores traziam grande quantidade de pássaros diferentes; com isso, formamos outras coleções zoológicas. O achado mais curioso do dia foi, sem dúvida, uma mosca parasita que estava

alojada debaixo da asa de um pica-pau e que mais se parecia com um *Acarus* do que propriamente com uma mosca, se é que posso me expressar assim.

Em várias residências particulares, observei um relacionamento mais aberto com o belo sexo do que em outras províncias brasileiras: as moças aparecem, para os amigos, sem constrangimentos, ao invés de se trancarem nos fundos da casa, como sói acontecer em muitos outros lugares.

Meu empregado, Alexandre, esfolou hoje 24 pássaros, entre eles, muitos exemplares raros.

23/10

Até hoje, todos os dias têm sido ventosos e instáveis, com o céu sempre encoberto, o que inclusive nos impediu de observar o cometa. Mas, hoje, foi um verdadeiro dia de domingo. De manhã cedo fazia 10º.

Muitos fazendeiros ricos vieram à cidade (surgimento da freguesia, vide supra). A igreja e a vila ficaram cheias de gente, entre elas, muitas pessoas com bócio.

Esta província oferece uma grande vantagem aos viajantes é: ausência de carrapatos - não vi nenhum desde que saí de Santos.

24/10

Toda manhã, bem cedo (5h), um bando de pássaros canoros vem nos saudar. Eles parecem ser mais numerosos nesta província do que no

Rio de Janeiro ou em Minas. São vira-bostas, muitas andorinhas, tietés, *Oriolus*, *Hirundo*. Algumas espécies desses pássaros produzem, ao alvorecer, um trinado intenso e agradável. A guaturama se parece muito com a *Pipra musica*, com cabeça e pescoço marrons, mas com um bico mais possante, sendo que a mandíbula de cima é bem mais proeminente do que a de baixo - um tipo intermediário entre *Tanagra* e *Loxia*. Ela tem um canto belíssimo e, por isso, é muito vista em gaiolas. Aqui ela aparece raramente, mas dizem que são numerosas nas redondezas de São Paulo. Há também os sabiás, em especial, o sabiaúna (*Oriolus*), sabiacica, sabiapoca, sabiá-guaçu, sabiá-coleira e sabiá-branco, além dos pintassilgos (*Motacilla*). Sanhaçu: *Tanagra*? *Episcopus*.

25/10

Em Jundiaí, já não há mais correio propriamente dito. Alguns particulares combinaram entre si mandar, cada 8 dias, uma pessoa à cidade de São Paulo e outra a São Carlos e Itu. Como, entretanto, a comunicação com São Paulo é intensa e necessária, quase todos os dias eles mandam um próprio ou um expresso a essa cidade.

No domingo passado, um rico proprietário me convidou para ir um dia à sua casa no campo. Como hoje eu não tinha nenhum compromisso urgente, cavalguei com o Sr. Hasse até lá. Minha intenção também era conseguir, se possível, o crânio de uma lontra brasileira que, no sábado passado, foi vista num poço perto da fazenda. O proprietário recebeu-me com extrema cortesia. Além dos indefectíveis pratos de feijão, toucinho e canjica, ofereceram-nos também arroz e leitão. As moças da casa (filhas do Sr. Major), que eu já havia conhecido no sábado, na casa da cidade, só apareceram depois da refeição, cantando numa sala ao lado. Comentei com o meu anfitrião que a melodia era alemã e

que eu estava estranhando a timidez que as senhoritas demonstravam agora. Ele me respondeu que elas até apareceriam se eu as desculpasse por estarem *en négligé*. A expressão que o meu anfitrião usou era nova para mim: "Elas estão com as pernas no chão." Depois de eu garantir que seria indulgente, as moças apareceram bem vestidas, descalças, com um grande chale de algodão, que às vezes elas jogavam para trás. Nesse momento, era possível entrever que elas vestiam calça, camisa e chale de chita. Elas demonstraram que já participam de reuniões sociais e que sabem ser alegres sem perder a compostura.

Entre outras músicas, cantaram "*O du lieber Augustin*": as primeiras estrofes, com um alemão claro, mas as seguintes, de forma quase incompreensível. Disseram que essa canção provinha de suecos de uma fábrica de ferro em Ipanema: eles sempre a cantavam em festas, depois da refeição.

O filho do dono da casa, um menino de 14 anos, tinha sido mordido, há 20 dias, por um cão raivoso, mas, felizmente, os dentes só haviam atingido a perna da calça e a bota, sem penetrar a pele; foi, portanto, bastante superficial. Ele parecia bem saudável e despreocupado.

Dizem que, de vez em quando, aparecem cães raivosos aqui, independentemente da estação do ano. Na época da chamada Canícula, que para nós, europeus, corresponde aos dias mais quentes, aqui são os dias mais frios. Mas, no Brasil, a hidrofobia aparece em qualquer estação do ano - são literalmente os "dias de cão"[3] brasileiros.

O Major José Manoel Tavares da Cunha, que tem duas casas na vila e uma na fazenda a meia hora daqui, colocou sua casa da cidade à nossa disposição, mesmo não tendo recebido qualquer recomendação a nosso respeito.

26/10

Esta região é rica em argila e barro vermelho e de outras cores, mas é pobre em pedras. O cercado das casas, dos currais e dos jardins são todos feitos de alvenaria de terra argilosa (*pisé*), inclusive as fundações. Em geral, tanto a arquitetura como a carpintaria são de má qualidade, Por toda parte, em lugar de vidraças, vêem-se janelas gradeadas escuras e casas térreas, com exceção da casa do Capitão-Mor e da Prefeitura. A maior parte das casas bonitas fica vazia a semana inteira; seus proprietários, que moram em suas grandes propriedades rurais, só vêm para a cidade aos domingos, quando trazem sua família para a missa.

A vila de Bragança livrou-se do recrutamento. Seus habitantes abastecem de mantimentos a cidade de São Paulo. Em função disso, muitos jovens vieram para cá com suas famílias, o que aumentou consideravelmente a população da vila nos últimos anos.

Dizem que aqui a criação de porcos é bem grande, mas que o consumo constante de carne de porco é considerado nocivo, pois causa muitos problemas de pele - talvez por causa das frituras.

Hoje limparam o crânio da *Lutra brasiliensis* que ganhei ontem, na casa do Major Tavares. Há quatro dias, entre as flores de uma jaqueira, na beira da grande estrada, encontraram um bando de colibris. Mandei um caçador para lá, e, poucos dias depois, ele me trouxe entre 50 e 60 colibris de 10 ou 12 espécies diferentes, algumas bastante raras.

27/10

Como aqui não existem pedras, não há uma única rua calçada em Jundiaí. Em épocas passadas, a varíola natural provocou uma redução

na população da Província de São Paulo. A cidade ficou quase abandonada. O Sr. Horta, durante sua gestão, empenhou-se muito para conseguir a vacina, tomou algumas medidas rigorosas, como, por exemplo, proibir que os doentes de varíola saíssem de Santos; e mandou construir hospitais para eles - só com isso certamente ele já conquistou um lugar no céu. Ele já morreu há alguns anos, mas ainda está vivo em todos os lugares nesta província.

Anotação sobre a necessidade de o Governo considerar a possibilidade de eleição para governador.

Todos os governadores e presidentes nomeados e com poderes absolutos deveriam e precisariam, na verdade, ser casados. Governadores-gerais jovens e solteiros preocupam-se pouco com a questão da moralidade; promovem muitas festas, banquetes, bailes e jogatinas. Mulheres e moças bonitas têm muito poder: com sua interferência, um cidadão comum pode até fazer exigências iníquas. Tudo se decide de forma facciosa e arbitrária. Os assassinatos que envolvem pessoas de poder ficam impunes. Nenhum governante solteiro se distinguiu por ter realizado alguma obra ou empreendimento público, mas Lucas Horta foi um benfeitor de sua província.

Diferença entre aldeia e arraial. Aldeia é uma palavra bem portuguesa que no Brasil, pelo menos em Minas e São Paulo, refere-se especificamente àqueles locais que surgiram a partir de colônias de índios. Já o arraial é habitado apenas por portugueses e seus descendentes.

Jundiaí situa-se numa região elevada. Embora, em suas proximidades, haja um riacho de água potável, ela é escassa e pouco recomendável. Em função disso, é necessário ir buscar a água, sem contar que, quando chove, ela fica turva e quem a bebe corre o risco de contrair bócio.

28 e 29/10

Prepararam-se as mercadorias para mandar para Campinas, e hoje partiu a tropa. O Sr. Riedel foi para lá com o Sr. Coronel. Visitei o Coronel perto do Jundiaí-mirim.

30 e 31/10

O tempo estava ora ventoso, ora chuvoso, ora tempestuoso, ora ensolarado, mas, à noite, o céu estava quase sempre encoberto, de forma que só se pôde ver o cometa durante alguns minutos. Rubtsov só conseguiu observá-lo efetivamente no dia 1° de novembro, Dia de Todos os Santos, quando o tempo abriu à noite, sempre sob fortes ventos de Sudeste.

Quase todos os dias, dois ou três caçadores me traziam entre 10 e 12 pássaros, entre os quais quase sempre havia uma ou duas espécies novas.

01/11

Hoje a cidadezinha Trombas-d'água estava bastante animada. Várias moças, que normalmente em casa andam descalças, vestiram meias de seda e sapatos de cetim. Portanto, é um lugar onde se vêem extremos.

Em geral, as pessoas não são tão gordas como em Minas. Apenas os doentes comem em demasia, pois acreditam que isso os ajuda a se curar. Os homens são grandes e fortes.

03/11

O tempo era sempre instável. O céu ora estava limpo, ora nublado. À tarde, quase sempre havia fortes pancadas de chuva com trovoada. O cometa só podia ser visto algumas vezes, por alguns minutos, no final da noite.

Até agora o Governo ainda não tomou qualquer iniciativa no que se refere à assistência médica ou cirúrgica de seus súditos. Em toda capital de província existe um médico-mor e um cirurgião-mor, mas nos muitos outros locais, vilas e aldeias, não há nem médicos nem cirurgiões. Posso dizer que, diariamente, éramos abordados por doentes de todo tipo. Não estávamos satisfeitos com isso, pois víamo-nos impedidos de nos ocupar com os nossos próprios afazeres profissionais; mas, ao mesmo tempo, nossa consciência cristã não nos deixava fugir da obrigação de fazer o bem e de praticar a caridade. Com esse tempo tão instável, ouvem-se muitas queixas de febre reumática e, ocasionalmente, também surgem casos de cirurgia. Conseguimos endireitar a perna quebrada de um menino de 8 ou 9 anos. É triste ter que dizer: ele ainda não havia tomado qualquer vacina.

06/11

Finalmente, depois de várias semanas, tivemos céu limpo à noite. O grande cometa, que, até então, só pôde ser visto por alguns minutos, apareceu com todo seu esplendor e pôde ser observado por Rubtsov, que aproveitou a ocasião para observar também a distância entre o sol e a lua. Hoje foi dia de descanso para os meus caçadores, que trabalharam muito durante toda a semana.

Minha tropa levou mantimentos para São Carlos, onde estão os Srs. Riedel e Florence. O Sr. Taunay ainda está em São Paulo, de forma que apenas Rubtsov, Hasse e eu fomos convidados para almoçar com o Sr. Major José Maria, juntamente com sua agradável família.

07/11

De manhã, fazia 9°R, que nos pareceu extremamente frio. Preparei-me para partir, pois pensei em ir até Itu nesta semana.

Diariamente éramos procurados por uma multidão de doentes, principalmente de reumatismo, gripe, erupções cutâneas, retenção de secreções naturais, supressão da menstruação. Infelizmente não trouxe cainca de São João[?] e não a encontrei aqui. Com ela, eu conseguiria fazer tratamentos radicais. Entre os doentes, havia também epiléticos, tanto brancos como negros.

Às vezes também é interessante reparar em algumas coisas que não se vêem em Jundiaí e que são a sua grande vantagem: aqui estamos livres do incômodo daquelas terríveis concentrações de gatos e ratos que perturbam o nosso sono; daquelas formigas vermelhas pequenas e perigosas; dos carrapatos; dos mosquitos, baratas e bichos-de-pé. Tudo isso junto concorre para tornar a vida aqui agradável.

Nosso anfitrião José Manoel Tavares da Cunha estava doente e nos pediu uma consulta médica. É um homem bem-educado e esclarecido, a quem devemos muitos favores. Há muita sinceridade e franqueza no seio de sua família, o que é raro se ver por aqui.

Uma observação: parece que nosso caçador contraiu bócio; suas glândulas estão muito inchadas.

08, 09, 10, 11, 12, 13, 14/11

Temos vento Sudeste quase todos os dias, com chuvas e trovoadas; o sol aparece, às vezes; as chuvas são verdadeiras trombas-d'água. Todos afirmam que, nos próximos anos, haverá carestia. Alguns disseram ter visto dois cometas. Em noite anterior, fizemos observações.

Antes da nossa partida, recebemos, como presente, grande quantidade de mantimentos: galinhas assadas, leitões, bolos e biscoitos.

Há oito dias, mandei transportarem para Campinas, Vila de São Carlos, todos os mantimentos e materiais. Estávamos prontos para partir. Boa parte do material ficou sob a guarda do Sr. José Maria, que estava realmente pesaroso de nos ver partir. Ele ainda, com muito custo, nos conseguiu 40.000 em moedas de cobre e de prata.

15/11

As mulas vieram bem cedo do pasto do Sr. Rodrigo, um velho doente, que sofria de dores no abdômen e estava de cama. Ele pediu-nos ajuda, e o atendemos com prazer, afinal, nossas mulas estavam nos pastos de sua propriedade. Demos-lhe alguns remédios, e ele se refez totalmente. Estávamos longe de querer cobrar pelos medicamentos e pela consulta, mas, o bom homem pensou de outra forma: hoje de manhã mandou a conta: "O Sr. Dr. Cônsul deve, pelo pasto, 1.200." Ao que lhe respondi: "O Sr. Rodrigo deve, pelos remédios e pela consulta médica, 1.200; devo ao Sr. Rodrigo pelo pasto 1.200. Conseqüentemente, devo receber dele 0.000. G.L."

Deixamos Jundiaí por volta de 11h, com tempo bom e quente, e chegamos a Jacaré. O caminho alterna-se entre campos, morros ou co-

linas, a maior parte por matas virgens e capoeiras.

Após percorrer 2½ léguas, em que só vimos alguns estabelecimentos pelo caminho, chegamos a uma cabana pobre, onde havia uma venda e um paiol. Não nos restou outra opção senão parar aqui, onde consumimos, com muito prazer, um leitão que havíamos trazido conosco.

Aumentei minha coleção de instrumentos adquirindo um pequeno aparelho de destilação de sopro, o chamado "cabeça-de-mouro"[?]; provavelmente daqui para frente ele nos será muito útil.

16/11

Embora o pasto fosse péssimo, tivemos a sorte de encontrar nossos animais hoje cedo.

Deixamos o lugar mais ou menos às 8h e tomamos um caminho muito ruim, onde nos deparávamos ora com grossos troncos de árvore atravessados no caminho, ora com lamaçais, ora com matas virgens fechadas.

O dia estava quente. Nossas mulas pareciam possuídas pelo demônio: elas pulavam, deitavam fora a carga, de forma que precisaram ser recarregadas. Nosso pessoal estava tão cansado que, à 1h30 da tarde, decidimos parar numa pequena cabana pobre, numa capoeira, e aí permanecer, embora não tivéssemos percorrido nem 2 léguas.

Os habitantes do local não eram muito amáveis; sua primeira intenção foi nos negar hospedagem. Mas eu fiquei firme na minha decisão de não prosseguir viagem. Eles, então, logo nos arranjaram um quarto de dormir e, à noite, um outro quarto para nos alojarmos.

17/11

Hoje, como nos outros dias, amanheceu com tempo bom e sereno, mas, à tarde e à noite, como sempre, caiu uma tempestade violenta. Estávamos realmente satisfeitos por termos conseguido abrigo.

Nossas caixas foram cobertas com peles de boi. À tarde, dei pela falta de meu saco de dormir; ele deve ter caído no momento da agitação das mulas. Mandei Roberto e um negro ir procurá-lo. Foi um grande prejuízo, pois dentro dele estavam minhas roupas de dormir, camisas, casaco, calças, aparelho de barbear e lenços. Passei a noite e a madrugada mal-humorado.

Os animais foram trazidos de um pasto fechado próximo dali. Roberto só chegou às 10h, sem ter encontrado o saco de dormir. As mulas foram carregadas, e partimos às 11h. O Sr. Rubtsov, muito prestativo, ofereceu-se para voltar ao local onde ele acreditava ter ficado o meu saco de dormir.

O caminho atravessa uma boa légua e meia de mata virgem fechada, onde se vêem troncos de espessuras incomuns. Nela existe uma trilha - que nem pode ser chamada de caminho - intransitável e penosa, que se percebe pelos troncos de árvores derrubadas e pelo chão lamacento. Duas léguas e meia adiante, deixa-se a mata escura, e, de repente, descortina-se diante de nós uma ampla paisagem, onde se vêem, ao longe, as torres brancas das igrejas de Itu. Toda a região tem uma aparência bastante acolhedora e, por que não dizer, européia. É mais populosa e tem várias plantações de cana-de-açúcar. Depois de uma légua, atingimos a margem direita do Tietê, coberta por grandes extensões de esplêndidas lavouras de cana-de-açúcar. Uma ponte longa e estreita nos levou à margem esquerda do rio, que, nesse ponto, é bem volumoso. Percorremos mais uma légua e chegamos à capital da comarca do mesmo nome, Itu, uma cidade notável.

Na sua entrada, perguntei a um senhor impecavelmente vestido onde ficava a casa do Sr. Andrada. Foi com imensa alegria que o ouvi perguntar-me, em alemão, se eu não era Langsdorff; e me indicou uma casa que seria apropriada para mim. Esse senhor era o Dr. Engler, que mora aqui há 5 anos e trabalha na área de pesquisa científica. Como médico, ele se dedica principalmente aos estudos da Química; está sempre em contato com a Alemanha, França e Inglaterra e divulga suas descobertas por meio de sua correspondência com cientistas. Ele envia para fora minerais e raízes desta terra, pesquisa e investiga. Um dia, provavelmente, ele terá que prestar contas do seu trabalho. A prática da Medicina lhe garante uma boa receita. Por meio do empenho pessoal do Dr. Engler, o Sr. Riedel conseguiu uma casa para nós, bem perto da cidade, situada em meio a uma bela pastagem. Tanto nós como as mulas ficamos muito bem alojados.

À noite choveu torrencialmente, e ficamos isolados na cidade. Felizmente já havíamos recebido algumas mesas e cadeiras. Começamos a trabalhar, desembalando o material colhido até agora para fins de secagem.

18/11

Meu conterrâneo Otteny foi despedido hoje: além de não ter progredido muito como caçador, ele não podia ver uma garrafa cheia; toda vez que ia a uma taberna, voltava embriagado para casa.

Como a manhã estivesse clara e sem chuva, aproveitou-se para desembalar todos os pássaros coletados que tinham sido acondicionados em dias úmidos, e colocá-los para secar ao sol. Vários estavam cobertos de mofo; alguns, apodrecidos.

19/11

Nada neste mundo é perfeito: no momento em que meu amigo Natterer e eu começávamos a comungar em pensamentos e idéias - e eu aprendia cada vez mais com suas observações instrutivas -, recebi hoje a triste notícia da sua morte. Refuto a idéia de que costumo não dar valor aos outros. A morte de Natterer foi uma grande perda para a ciência. De todos os cientistas que conheci, ele foi o que se dedicou com mais afinco à coleta de material para a Zoologia. Ele era extremamente simples e modesto, mas era possuidor daquelas qualidades raras que distinguem um verdadeiro erudito de um charlatão. Recentemente, conheci um jovem francês que se dizia um grande pesquisador naturalista, mas que, no fundo, mal tinha estudado os rudimentos de Ciências Naturais. Todo o seu saber consistia de habilidade manual e facilidade de memorização de nomes.

Itu, capital da comarca com o mesmo nome, está situada numa altura de cerca de 2.000 pés, numa região de campos naturais. Ela tem um ouvidor - no momento, ausente da cidade - e um juiz ordinário.

O rio Tietê passa a uma distância de uma pequena légua dali, no ponto onde ele faz uma curva ou um meio círculo. A grande fonte de renda do lugar são as grandes plantações de cana-de-açúcar, portanto, a agricultura. Quando a terra já está esgotada e não produz mais, o homem do campo, que aqui ainda não faz uso da adubação, segue o mesmo procedimento tanto dos habitantes daqui como dos de Minas Gerais: abandonam a terra e se mudam com suas famílias. Foi assim que surgiram, nos últimos 15 ou 20 anos, as prósperas vilas de Piracicaba, Franca e São Carlos.

Esta vila foi construída de forma bem regular; consiste de várias

cabanas e de algumas casas bem construídas. As ruas não são calçadas, mas a maioria das casas tem largas calçadas na sua frente, feitas com grandes lâminas de ardósia, bastante encontradiça nas redondezas, cortadas em peças de 6-8 pés de comprimento por 3-4 de largura. A impressão que se tem é de que foram esculpidas pelo cinzel de um artista.

Nesta cidade, como em toda a província, percebe-se uma maior miscigenação entre portugueses e índios do que talvez em outros locais do Brasil. Com isso, muitas palavras da língua indígena se tornaram comuns, e na população há maior número de brancos, ou seja, de mestiços de brancos com índios, do que negros. Embora as leis tenham proibido o comércio com índios, ele continua sendo feito até hoje, clandestinamente. Dizem que há paulistas que falam muito bem a língua dos antigos indígenas; e que muitos índios que vivem livres e longe da cidade, como, por exemplo, às margens do rio Tietê, falam relativamente bem o português.

20/11

Visitei a cachoeira de Itu (*Υ* = água, e *tu* = fazer barulho). Ela faz um U. Falarei sobre ela uma outra vez. Se eu for dissertar sobre cada coisa que observei, o que é absolutamente necessário na condução de uma viagem desta natureza, eu precisaria escrever livros inteiros. Durante anos venho reunindo informações sobre este país. Algumas vezes alterei o plano secundário da grande viagem, em função dos interesses da ciência. Quando deixei o Rio de Janeiro, eu pretendia empreender, nos últimos anos de minha vida, uma viagem comparável às maiores viagens do grande Alexandre. Eu tinha em mente, com os recursos recebidos com mais de um ano de antecedência para a viagem, partir, o mais cedo possível, para Goiás e Mato Grosso e ir para o Peru, para

iniciar ali as pesquisas científicas. Todas as medidas que tomei foram nesse sentido. Entretanto, nas atuais circunstâncias, sobretudo o período das chuvas que já começou, certamente terei que mudar meu plano de viagem em São Paulo. Pretendo visitar a Comarca de Curitiba, ainda quase desconhecida, nos próximos seis meses e permanecer na Província de São Paulo, tão rica em novidades, até o mês de abril ou maio do próximo ano. Só então, quando começar a época seca, é que prosseguirei minha viagem.

Foi nessas condições que cheguei até aqui e pretendo visitar Porto Feliz, ponto de partida para tantas descobertas feitas no passado e para várias expedições privadas e oficiais. Uma conversa puxa a outra, as idéias se confrontam, e dessa forma logo se acende o estopim da sede de novos conhecimentos. Assim, cresce em mim o desejo de alcançar o fim último da minha empreitada em prol da ciência, que é chegar até o maior rio da Terra. Mas, como nunca tomo qualquer iniciativa sem antes meditar sobre ela, tenho analisado esta minha idéia durante dias e noites, sob todos os ângulos. Já recolhi algumas idéias provisórias ou preliminares para o projeto de realização de uma grande viagem. Perguntei ao Dr. Engler, a quem primeiro participei os meus planos, que viagem ele considerava mais lucrativa e mais importante do ponto de vista científico, e ele me respondeu, sem hesitar, que preferia a viagem ao grande rio. Ontem esse foi o assunto principal de nossa conversa. Hoje cedo, pedi-lhe que me ajudasse a entrar em contato com alguém que já tivesse feito essa viagem.

21/11

Aqui segue o primeiro projeto original do Sr. José Joaquim d'Almeida. Ofereci-me para escrevê-lo eu mesmo, pois ele não conse-

guiria escrever com a rapidez que eu desejava. Tirante algumas circunstâncias secundárias insignificantes, esse esboço rápido conferiu exatamente com a Grande Carta Arrowsmith. Eis o esboço da grande viagem:

Vai-se de barco até Porto Feliz. (NB: essa cidade não está registrada na Carta. Ela fica para baixo da queda d'água Cachoeiras, a cerca de 8 léguas de distância do Salto de Itu.) De Porto Feliz (espero que seja feliz para mim também), acompanha-se o Tietê até alcançar um dos maiores rios da Terra, o Paraná, que deságua no rio de la Plata. Segue-se pelo Paraná cerca de 1,5 graus geográficos até a foz do rio Pardo. Os três maiores rios que se encontram na margem esquerda rio acima, ou seja, quando se deixa para trás a margem direita do rio Pardo, são os rios Anhanduri-açu[4], o Anhanduri-mirim e o Claro. De lá chega-se ao rio Sanguixuga, onde é preciso subir uma montanha. Lá se vêem os mesmos grãos de ocra[?] da fazenda Camapuã, onde se faz a primeira grande parada da viagem, pois é preciso transportar tudo - material, mercadorias e canoas - por terra. Nessa fazenda, retoma-se a viagem por barco, passa-se por vários rios, grandes e pequenos, até a foz do rio Taquari, o maior deles, que termina seu curso nas planícies da Laguna de los Caraves[?], num lugar chamado Pouso Alegre[?], entre um povoado chamado Albuquerque e uma aldeia com o mesmo nome (aldeia é sempre um lugar habitado por índios). Fica próximo a Fortes de Coimbra, cujos morros altos já se podem ver daquele ponto. Chega-se, assim, ao famoso rio Paraguai. Sobe-se por ele até a foz do rio São Lourenço, que se abandona à direita. O maior afluente da sua margem esquerda é o rio Cuiabá, que é também o nome da capital da Província de Mato Grosso.

Mas não quero antecipar demais os meus projetos. Eu ainda pretendo, a partir de Cuiabá, subir novamente nos barcos para ir até a vila

Diamantino. De lá, vamos por terra até Arinos, onde tomamos novamente o rio, pois quero ir até o Pará.

Sr. José Joaquim d'Almeida: sobe pelo rio Tietê até o Paraná. Sobe-se o rio Pardo, cujos três afluentes maiores são o Anhanduri-açu, o Anhanduri-mirim e o Claro. Chega-se ao Sanguixuga. Fazenda Camapuã. Roteiro: rio Camapuã até o Coxim. Do Coxim ao Taquari, que vai acabar em Pouso Alegre[?]. Procura-se o desaguadouro do Taquari para sair no Paraguai, entre o povoado de Albuquerque e a Aldeia Albuquerque, perto de Coimbra. De lá até o São Lourenço, à direita, e toma-se o Cuiabá. Itu, 21 de novembro de 1825.

Itu, 22/11

Hoje mandei José a Campinas para comunicar ao Sr. Florence os meus planos.

Para viabilizar os novos planos de ir até Cuiabá e para colher mais informações, viajei para Porto Feliz, na companhia dos Srs. Riedel e Hasse.

Dr. Engler, mui gentilmente, deu-me uma carta de recomendação ao cirurgião-mor Francisco Alvares e Vasconcellos, um homem, sob todos os aspectos, muito culto e informado sobre a situação de sua pátria (o Brasil). Depois da habitual apresentação e da entrega de minha carta, pedi-lhe para me dizer, imparcialmente e abstraindo todas as circunstâncias acessórias, que viagem ele, como cientista pesquisador, preferiria e julgaria vantajosa para a ciência: aquela até Goiás, ou aquela até Cuiabá.

Sem hesitar, ele respondeu - na presença de um companheiro de viagem: "É o caminho pela água, pois, para o olhar experimentado, é

uma região já trilhada, que, a cada passo, oferece material para observação e admiração. O senhor encontrará, em seu caminho, centenas de indígenas - a maioria deles tem relações amistosas com os brasileiros; bandos de aves aquáticas totalmente desconhecidas, entre as quais patos, gansos, *Ibis*, cegonhas, colhereiros, aves de rapina das mais diferentes espécies, cujo nome nem se conhece; peixes fluviais dos quais nunca se teve notícia; insetos de cuja existência nem se suspeitava. Diariamente, o senhor se alimentará da caça de animais os mais desconhecidos e se admirará, todo dia, com a quantidade de pássaros novos. O senhor atravessará determinadas faixas geográficas de terra, navegará os maiores rios da terra, determinará suas fontes, a altimetria barométrica, a posição relativa à superfície do mar. Isso vai lhe garantir trabalho para o dia todo; não vai perder tempo com o sumiço dos animais; a viagem prossegue normalmente. O conforto é incomparável; as vantagens são inúmeras; o único desconforto são os mosquitos. É preciso procurar se proteger deles com mosquiteiros, nessa região quente da terra, pois, à noite, esses insetos são uma tormenta, uma tortura terrível. Apesar disso, a viagem pelo rio é sempre preferível."

Fomos, em seguida, ao rio para ver as embarcações necessárias para a viagem, que, embora pequenas, nos pareceram bem grandes: as pequenas, meia canoa, comportam mais de 600 arrobas; as grandes, mais de 1.000 arrobas. Nosso amável anfitrião ofereceu-se para mandar fazer as canoas necessárias, providenciar as provisões, contratar os pilotos e pessoal necessário; resumindo, ele queria ajudar nesse nosso projeto.

24/11

Depois de uma recepção e tratamento bastante hospitaleiros, voltamos a Itu, no dia 25 de manhã, munidos de valiosas informações. No

mesmo dia, mandei um expresso e minhas mulas para Campinas, para, aos poucos, transportar as mercadorias para Porto Feliz.

25/11

Quando o tempo está tranqüilo, ouve-se muito bem o barulho da cachoeira e seu estrondo constante.

Próximo daqui, cerca de 10 léguas, está Piracicaba, um local novo que promete muito e que tem como principais fontes de subsistência, no ramo da alimentação, o açúcar e a pecuária. Nas vizinhanças, dizem que há uma serra, debaixo da qual se ouve, com freqüência, um estrondo; por isso, ela se chama serra do Estrondo; a terra treme; depois de algum tempo, um meteoro se precipita da serra, vê-se um torrão de fogo luminoso que se ergue no ar e, em seguida, depois de algum tempo, cessa o rumor. O Sr. Francisco Alvares me garantiu que o barulho pode ser ouvido até em Porto Feliz, a 8 ou 9 léguas de distância do lugar. Aqui, provavelmente, formam-se diversos gases subterrâneos; parece-me que as águas quentes de Ouro Fino, perto de Mogi-Mirim[5], estão relacionadas com esses fenômenos naturais.

Nesses dias, o calor, de 23°, estava mais forte do que nunca. A caça era menos proveitosa do que em Jundiaí. Lá, alguns caçadores nos ajudaram, mas aqui ainda não encontramos tal ajuda.

Curitiba

Essa comarca deve ser muito especial sob todos os pontos de vista. A capital da comarca e suas redondezas estão situadas numa região ele-

vada e temperada. Muitos frutos europeus poderiam vingar aqui perfeitamente. Encontram-se aqui ouro e diamante; um grande número de aves raras e animais como os guarás, anhumas, emas, seriemas, veados, coelhos[6], *Tinamus* de rabo comprido, ratos e gatos, gambás.

Não consigo entender por que as meninas menstruam muito mais cedo aqui do que em outras partes do Brasil. Um senhor muito confiável assegurou-me que, aqui, uma menina de oito anos deu à luz e que não é raro meninas de 11 ou 12 anos se casarem.

30/11

Há cinco dias, mandei minha tropa para Campinas e, até agora, ela ainda não voltou.

Diariamente, temos coletado material novo, mas acreditamos poder obter mais em outros lugares. As cidades, lugarejos e povoados oferecem muitos motivos de distração, o que acaba levando as pessoas, sem querer, a errar o caminho.

02/12

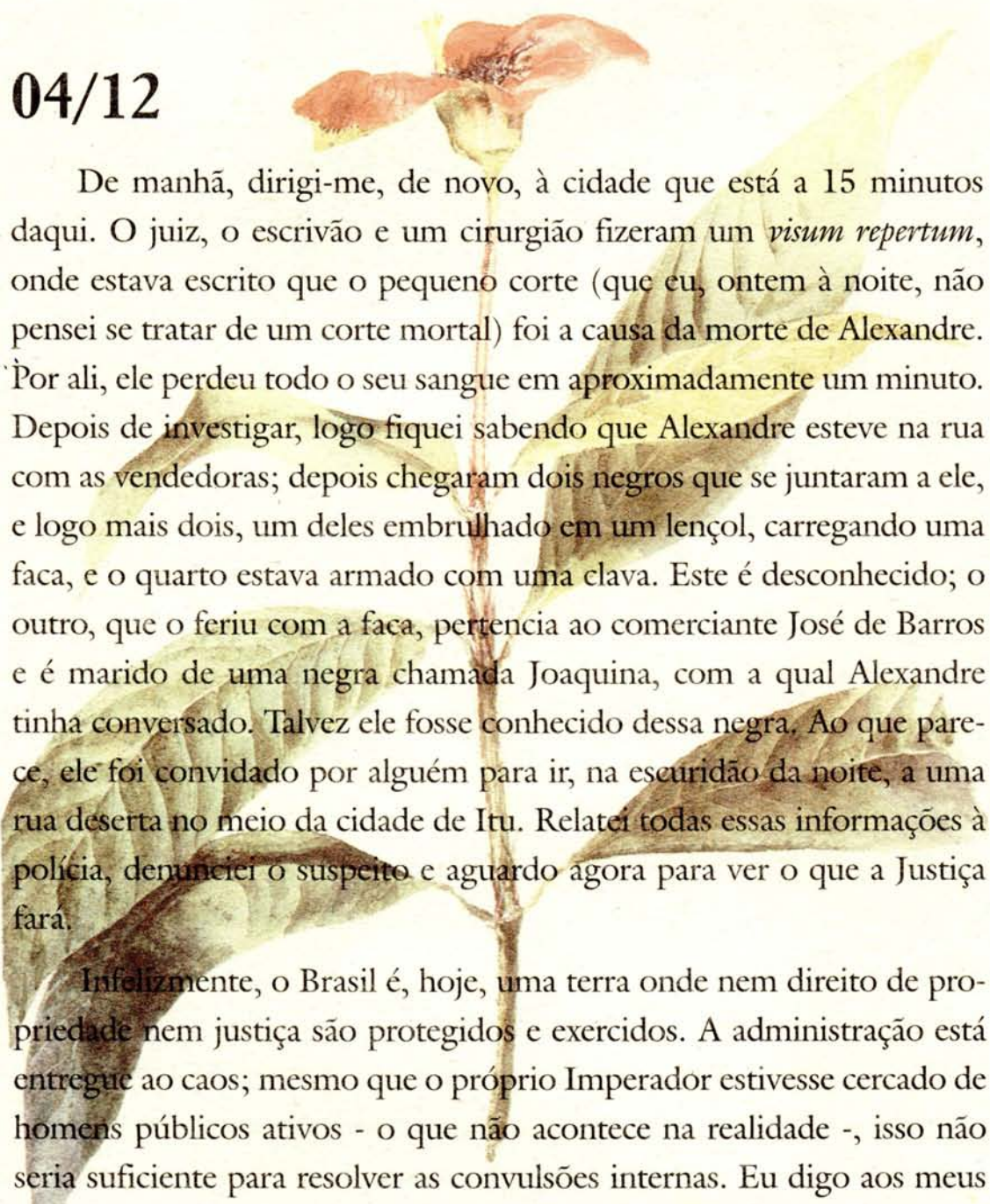
Após algumas idas e vindas em função dos preparativos que um empreendimento desse porte requer, chegaram finalmente minhas mulas com uma parte das mercadorias. Ontem, chegou também o Sr. Taunay, vindo de São Paulo. Nos últimos dias, ficamos envolvidos com a organização do material científico coletado até agora - que eu havia determinado que deixassem aqui até a minha volta da viagem à província. Além disso, ocupamo-nos também com pequenas providências de preparação para a grande viagem, mais precisamente, com os estudos geográfi-

cos e políticos das terras e dos povos que quero visitar: seus costumes, usos e línguas. Em breve, permanecerei por muitos meses com eles. Fiquei profundamente envolvido tentando coletar informações técnicas.

03/12

Nos últimos três meses, abateram-se 535 pássaros, entre eles, duzentas espécies diferentes; cem são muito raras em outras partes do Brasil; outras são ainda desconhecidas (vide meus cadernos de Zoologia).

Hoje será um dia de muito trabalho, pois, amanhã, queremos começar nossa viagem para Sorocaba. Trabalhou-se durante todo o dia; à noite, já estava tudo pronto para a viagem. Deviam ser 8h30 quando alguém bateu à minha porta e me comunicou a notícia inesperada e, ao mesmo tempo, chocante da morte de meu escravo Alexandre.

Ele era um Cabinda, com idade entre 16 e 17 anos. Comprei-o quando ele tinha 8 ou 9 anos. Ensinei-lhe as técnicas de manuseio e preparo do material coletado, como, por exemplo, depenar pássaros, esfolar animais e caçar insetos. Era um bom atirador; conhecia bem os pássaros e seus hábitos; sempre voltava para casa com caças muito bem escolhidas. Eu o havia enviado essa tarde à cidade, para comprar algodão para a viagem que começa amanhã. Ele voltou, disse-me o preço e a quantidade que ele encontrara e, mais ou menos meia hora antes de anoitecer, deixou a casa. Como eu poderia imaginar que não veria mais vivo esse bravo servidor fiel e honesto? Corri para a cidade e o encontrei frio, inconsciente, mergulhado numa poça de sangue, estirado na frente de uma casa. Ele sofrera golpes mortais na cabeça e na testa, um corte

mortal na clavícula esquerda, ao lado da aorta subaxilar ou clavicular. Tudo que descobri foi que ele foi perseguido por duas pessoas, provavelmente dois negros, veio correndo, gritando alto, da rua transversal (travessa do Rosário) em direção à porta aberta de uma venda; desta, correu para a frente da casa (através de uma porta secundária) na rua das Casinhas, e caiu no lugar em que o encontrei morto. Pouco antes, Alexandre havia passado por alguns alemães que ele conhecia, conversou com eles de modo modesto e tímido e disse-lhes que queria comprar algodão para a viagem. Meia hora depois, eles souberam que o escravo de um estranho fora assassinado; correram para o local, encontraram Alexandre já morto e mandaram imediatamente me comunicar o terrível incidente.

Para mim e para a expedição foi uma grande perda. Alexandre era um bom escravo: realizava, com boa vontade e prazer, suas tarefas, nas quais havia adquirido grande habilidade. Atualmente, ele era meu único atirador e auxiliar para esta viagem. Sua habilidade e diligência me permitiam empregar meu tempo com o material científico e com as pesquisas. Prometi a ele seriamente que, quando voltássemos para a Mandioca, comprar-lhe-ia uma mulher e o recompensaria, conforme minhas possibilidades, por seu bom desempenho. Só o Condutor deste mundo sabe por que nos tirou, tão precocemente, esse jovem servidor fiel e útil. Com isso, fiquei impedido de recompensá-lo. Cabe a Ele agora fazê-lo. Deus esteja contigo, querido Alexandre. Eu te ofereço minhas lágrimas e peço a Deus todo-poderoso que acolha tua alma.

O que faz a vida do homem: o acaso ou o destino? Alexandre tinha 5 patacas e meia consigo para pagar o algodão e em seu bolso só encontrei 5 vinténs. Terá sido o pobre jovem assassinado pelo dinheiro? Terá alguém roubado seu dinheiro, ou será que ele comprou e pagou em algum lugar o algodão, e a causa de sua morte é outra? Com todos esses

pensamentos, e agradecendo a Deus pela proteção que tem dispensado aos meus contra os perigos, passei uma noite longa e muito triste.

04/12

De manhã, dirigi-me, de novo, à cidade que está a 15 minutos daqui. O juiz, o escrivão e um cirurgião fizeram um *visum repertum*, onde estava escrito que o pequeno corte (que eu, ontem à noite, não pensei se tratar de um corte mortal) foi a causa da morte de Alexandre. Por ali, ele perdeu todo o seu sangue em aproximadamente um minuto. Depois de investigar, logo fiquei sabendo que Alexandre esteve na rua com as vendedoras; depois chegaram dois negros que se juntaram a ele, e logo mais dois, um deles embrulhado em um lençol, carregando uma faca, e o quarto estava armado com uma clava. Este é desconhecido; o outro, que o feriu com a faca, pertencia ao comerciante José de Barros e é marido de uma negra chamada Joaquina, com a qual Alexandre tinha conversado. Talvez ele fosse conhecido dessa negra. Ao que parece, ele foi convidado por alguém para ir, na escuridão da noite, a uma rua deserta no meio da cidade de Itu. Relatei todas essas informações à polícia, denunciei o suspeito e aguardo agora para ver o que a Justiça fará.

Infelizmente, o Brasil é, hoje, uma terra onde nem direito de propriedade nem justiça são protegidos e exercidos. A administração está entregue ao caos; mesmo que o próprio Imperador estivesse cercado de homens públicos ativos - o que não acontece na realidade -, isso não seria suficiente para resolver as convulsões internas. Eu digo aos meus queridos compatriotas europeus: "Deixem a convulsão passar, fiquem onde estão e comam seu pão merecido. Ele terá melhor sabor do que açúcar e café produzidos com risco de vida".

O que eu temo não é o perigo da viagem difícil que está para ser empreendida, nem mesmo a ameaça das tribos de índios selvagens, mas sim os perigos a que eu e meus companheiros de viagem estamos sujeitos, quando nos aproximamos de uma cidade ou quando estamos dentro dela. Prevalecem aqui assassinatos cruéis, furtos e a injustiça dos ricos. Aqui vigora uma moral absurda, até mesmo entre os padres[?]. Nem vou falar sobre a vida desenfreada dos libertinos, a prostituição e sedução de meninas, a leviandade de mulheres e moças, o assassinato de crianças, os crimes de envenenamento, as famílias de vida amoral. Não posso fazer comentários a respeito, pois estaria colocando em risco a minha vida.

Voltando a falar do meu Alexandre, esta manhã, ele foi levado à igreja-matriz e enterrado.

Não sou nem um pouco supersticioso, mas preciso fazer menção a um caso muito estranho. Em 1796, eu estudava em Göttingen e era muito conhecido no círculo de algumas das pessoas mais esclarecidas da época. Uma noite, fui convidado pela senhora do Professor, pouco antes do jantar. Aceitei o amável convite e fui imediatamente à sua casa. Ao entrar no salão, a senhora veio ao meu encontro, pedindo mil desculpas e dizendo: "Preciso confessar sinceramente ao senhor um equívoco que cometi: há pouco, quando quis chamar os convidados para se sentarem à mesa, percebi que somos 13. Não me leve a mal, peço que me desculpe e aceite ser nosso décimo quarto convidado".

Fiquei muito impressionado com esse pedido de desculpa amável e ingênuo. Não gosto do número 13 desde uma ocasião em Santos. Como nossa expedição consistia de 13 pessoas, empreguei ainda o caçador Otteny como décimo quarto integrante. Há 10 dias, eu o dispensei, e novamente ficamos reduzidos a 13, embora, na realidade, sejamos só

12, pois o negro João, que pertence ao grupo, ainda está em Campinas. Agora, desses 13 integrantes, um não está mais entre nós. Para mim, vai ser difícil substituí-lo.

Escrevi para a Mandioca. Um cão de caça foi morto hoje por um raio. Desde a morte do meu Alexandre, há oito dias, não tenho tido disposição para trabalhar na História Natural. Todos os dias, eu ficava meditando em como substituí-lo e em como vou conseguir trabalhar futuramente. Meu empregado João, um homem livre, é cozinheiro e alfaiate e tem muitas habilidades naturais. Propus-me, então, a instruí-lo na tarefa de esfolar animais, mas vai levar muito tempo até que ele consiga realmente aliviar o meu trabalho. Por isso, quero aproveitar o próximo correio para escrever para o Rio de Janeiro, pedindo que me mandem um certo Domingos, aluno de Natterer, que agora está com o Sr. Scheiner. Nos últimos oito dias, aprofundei-me bastante no estudo das línguas e características das diversas nações que terei oportunidade de observar em breve.

Até ontem, choveu quase que diariamente, de sorte que não pude enviar para Porto Feliz as mercadorias que se encontram aqui; nem eu mesmo pude viajar. Ontem, convidei, para o meu almoço de aniversário, o Sr. Dr. Carlos Engler e o Sr. Oliveira. Depois de tantos dias de tristeza, finalmente tive um dia divertido. Todos que conheceram aquele menino excelente vieram participar da pequena festa e se solidarizar comigo. Pratos, facas, garfos e colheres tomei emprestado do convento franciscano.

Hoje à tarde, a tropa retornou de Porto Feliz. O Sr. Francisco Alvares Machado e Vasconcellos mandou, por ela, uma lista contendo aquelas providências absolutamente necessárias para a viagem que vamos fazer. Além disso, a tropa trouxe também o material que eu havia

encomendado no Rio de Janeiro ou que precisei comprar em outros lugares. Vou anotar essas coisas para ajudar àqueles que pretendam realizar uma viagem de tal porte, a fim de que possam avaliar os gastos dela decorrentes.

12/12

Ontem, tudo estava pronto para a partida, e, hoje, deixamos esse lugar odiado por mim, pois foi nele que sofri aquela perda tão dolorosa para a expedição. Mais doloroso ainda para mim é pensar que, nesta terra, assassinatos, roubos e furtos ficam impunes. Já sabem quem é o assassino do meu Alexandre: é um escravo do comerciante Sr. José de Barros; mas até agora ele ainda não foi chamado para o interrogatório, muito menos preso, pois as novas leis constitucionais determinam que o autor do crime só pode ser preso depois de comprovado o delito e, para se comprovar um delito, é necessário que ele seja apanhado em flagrante com a faca ou arma na mão. É numa terra como essa que vou empreender agora uma viagem científica...

O céu estava coberto de nuvens escuras, e, tão logo pusemo-nos a caminho, começou a chover forte. Ficamos totalmente molhados e achamos o caminho muito ruim. A região é bastante variada e aprazível. Ora tínhamos campos à direita e à esquerda e uma vista panorâmica; ora entrávamos em matas escuras e densas, ora em capoeiras, onde víamos[?] casas, sobretudo nas primeiras duas ou três léguas. À tarde, já havíamos percorrido 4 léguas e fizemos uma parada numa venda junto ao rio Pirajibu. Era uma casa pequena, modesta e asseada, habitada por um português. Pedimos para cozinhar alguns ovos, que comemos com farinha, e compramos um pouco de farinha para o pessoal e milho para os animais. Na manhã seguinte, tivemos que pagar quase 2.000 réis por

essas miudezas e pelo pasto para 15 animais. Em vista dessa experiência, somada àquela que tive com os portugueses em São João del Rei e Sabará, abstraindo-se as regras de vida e de vivência, nunca mais devo me hospedar na casa de um português no Brasil.

13/12

Vimos aqui muitos pássaros, mas o tempo não estava bom para caça. Partimos apressadamente tão logo ele melhorou. A distância daqui até Sorocaba é de cerca de 2 léguas de caminho quase todo bom. Os campos são ricos, mas não se comparam com nenhum dos de Minas. Existem algumas matas. Em suas redondezas, os campos artificiais são irreconhecíveis. Na metade do caminho, sobe-se uma elevação. De lá se vê a cidadezinha bonita e simpática de Sorocaba, situada na encosta nordeste de uma colina, que, vista deste lado, é bastante pitoresca. Após atravessar campos com poucas variações, alcança-se finalmente, ao pé da vila, o rio Sorocaba (que desemboca no Tietê) e encontra-se uma ponte larga muito bem conservada. Ainda antes de chegarmos à cidadezinha, vimos milhares de mulas, que, nesta época do ano, são trazidas para cá de Curitiba e de outras partes do sul da província e vendidas. Trata-se de uma espécie de mercado anual de animais que nasceu espontaneamente e que agora se constitui na principal fonte de sustento e alimentação da população local. Aqui se reúnem compradores de regiões vizinhas e distantes, inclusive de Minas, e daqui se levam tropas de mulas jovens para quase todas as regiões do Brasil. O preço do dia era 2.600 réis por mula e, no atacado, era de 3.300 réis. Na verdade, essa atividade comercial requer grandes extensões de pastos, abertos e fechados. Por isso, aqui há poucas lavouras. Os proprietários de terras mantêm pastos, que eles alugam por ocasião da chegada dos animais. Sem

dúvida, a concorrência que existe aqui faz com que haja os melhores pastos e pela metade do preço que se paga em outros lugares - normalmente pagamos 20 réis para cada animal e aqui pagamos 10 réis.

14/12

Nesta cidadezinha situada entre campos, as casas são de alvenaria de terra argilosa (*pisé*), como quase todas nesta província. São casas boas, mas as ruas não são tão regulares como em Jundiaí e Itu. Por intermédio do Sr. L. de Oliveira, conseguimos uma casa vazia muito boa, na qual passamos o décimo quarto dia de viagem. Visitamos a região circunvizinha, principalmente a cachoeira (o salto), que fica a uma légua a jusante. É uma bela cachoeira: as águas do rio se precipitam, impetuosas, sobre a mata espessa, correndo sobre uma massa de rochas com cascalhos. Seu volume de água é maior do que o da cachoeira de Itu, porque aqui o rio se precipita num único curso; e é também bem mais alta. Do lado esquerdo, entretanto, só se vê a metade da cachoeira, pois há uma outra queda embaixo dela, que, por sua vez, só pode ser vista da margem direita do rio.

15/12

No dia 15, fomos à fábrica de ferro de São João de Ipanema, a 2½ léguas de distância. O caminho passa ora por campos, ora por matas espessas. Nestas, vimos grandes bandos da espécie *Pagulis Adonis Cramer*, uma borboleta de cor metálica e brilhante; abatemos apenas alguns exemplares.

O Sr. Taunay, o pintor, que não está hospedado conosco, mas com

um amigo, entre 8h e 9h, ainda não havia chegado e ninguém sabia onde ele se encontrava. Depois do recente ocorrido de 3 de dezembro, ficamos todos muito preocupados. Já estava tudo pronto para a viagem, todos os animais carregados, quando ele finalmente chegou; estava atrasado e ainda não tinha se preparado para a partida. Isso me levou a baixar uma ordem de serviço (aqui anexada), para vigorar a partir desse dia. Devo, porém, fazer uma ressalva: nesses cinco anos, o Sr. Rubtsov nunca cometeu uma insubordinação. É muito difícil ser tolerante com os jovens; é difícil saber a medida certa de amor e de exigência com que se deve tratá-los. Muitos acham que são mais inteligentes do que o chefe, e talvez sejam mesmo; acham que sabem tudo e melhor e por isso se recusam a obedecer e a se submeter às normas.

28/12

Após passar vários dias fazendo visitas importantes, tomando providências especiais para a viagem e escrevendo muitas cartas, retorno finalmente ao meu diário.

Minha permanência na fábrica de ferro não foi totalmente desinteressante, embora a chuva diária tenha colocado vários obstáculos em nosso caminho. Anteontem, mandei ao Sr. Presidente, juntamente com outros papéis e correspondências, a minha avaliação sobre o atual estado da fábrica. Espero ver, em breve, mudanças palpáveis.

Enquanto isso, minha correspondência com Freese Blanche tornou-se agressiva e muito desagradável, especialmente porque, a meu juízo, P. A. Kielchen não tem cumprido sua obrigação desde o início, mas sempre se imiscuiu em meus negócios particulares com o governo, prejudicando profundamente os meus grandes planos. Além disso, re-

cebi do Rio de Janeiro a notícia de que meu procurador foi ameaçado, pelo Sr. Vice-Cônsul P. A. Kielchen, de confisco judicial. É que a casa comercial Freese Blanche, Couchers Company, no Rio de Janeiro, me adiantou dinheiro, mas fez tantas trapalhadas que achei por bem procurar outra casa comercial.

Dois bons conselhos para viajantes abastados: nunca fazer paradas em bares e tabernas, mas sempre nas primeiras estalagens que encontrar; e nunca se fiar em casas comerciais pequenas e sem meios, pequenos comerciantes, judeus e semelhantes, mas, sim, em banqueiros oficiais, de reconhecida idoneidade. Nunca tive tantos dissabores com meus negócios financeiros como tenho tido desde que travei conhecimento com J. C. Blanche Company, de Londres. Isso tem me causado muita preocupação, pois já paguei bons juros; cheguei até a aceitar receber, em lugar de dinheiro, mercadorias de suas lojas, mercadorias superavaliadas sob todos os aspectos.

01/1826

Tomara que este seja um ano muito interessante para mim e para o mundo científico.

Tem chovido todos os dias e sem parar, mais do que o normal na região. Em função disso, temos ficado de certa forma ociosos durante dias, semanas e até meses.

12/01

Finalmente, em 12 de janeiro, o tempo melhorou.

15/01

O correio chega todo dia 5 de cada mês, vindo de São Paulo e Sorocaba. Pretendo ir hoje à tarde a Sorocaba por causa dos problemas com a Freese Blanche. Não recebi nenhuma linha do Rio de Janeiro, mas tive uma notícia que considerei como resposta do Presidente à minha reclamação: o Ouvidor da Comarca de Itu recebeu ordem expressa de investigar o assassinato de meu escravo e de mandar o criminoso para São Paulo. O Presidente mandou minha reclamação, em original, para o Ouvidor, para ser anexada ao processo, o que deve ter deixado o juiz ordinário bastante irritado.

16/01

Há alguns dias, o tempo tem estado limpo; chove somente à noite.

As peles de pássaros colecionadas que eu deixara em Itu chegaram ontem, em ótimo estado de conservação, à fábrica de ferro. Pretendo ir lá amanhã, para colocar em ordem a coleção.

Viagem de São Paulo para o Rio de Janeiro por Terra fevereiro de 1826

05/02

Partida da fábrica de Ipanema para Sorocaba.

06/02

Viagem para a Vila de Itu. Caminhos normalmente péssimos, de campos e capões. Neles havia muita cainca, da qual recebi encomendas. Fui muito bem acolhido, em Itu, pelo Dr. Engler.

07/02

Viagem para Piedade. Em Itu, há muito *Gorsalo*[7]. No início, o caminho atravessava belos campos, nos quais se via uma *Iridea*[?] fina ao longo do Tietê. Provavelmente em outra estação do ano, este caminho seja muito agradável, mas agora está péssimo, pois o rio havia transbordado em toda a sua extensão. Em alguns pontos, a travessia era extremamente perigosa. Algumas pontes haviam desmoronado, outras foram arrastadas pelas águas; com isso, as mulas tiveram que atravessar o rio a nado.

Às 2h da tarde, chegamos a um rancho miserável, onde tive que fazer uma parada, pois os animais haviam percorrido 4 léguas e estavam

exaustos. No caminho, encontrei *Orchideas*[?] e *Epidendra* belíssimos. Cainca não pude encontrar mais. Não foi possível ir hoje à Piedade, conforme havia planejado. Mandei Roberto à uma fazenda próxima, do Alferes Rafael, que possui um engenho de açúcar. Ele me recebeu com muita hospitalidade. Sua caninha e sua aguardente são as melhores das redondezas.

A proximidade com o Tietê deve tornar, as regiões próximas, mais quentes, e, por isto, aqui não existe orvalho. O caminho era ruim: tive que cruzar riachos fundos, contornar outros e atravessar vários lugares pantanosos e difíceis.

As redondezas são desertas; de vez em quando se vêem algumas cabanas de palha. Após percorrermos 2½ a 3 léguas, alcançamos a Freguesia de Piedade. De repente, foi como se tivéssemos saído de uma mata virgem e se descortinasse, diante de nós, um horizonte sem limites. O colégio do Seminário[8], um velho colégio jesuíta, confere ao lugar uma bela paisagem. É uma região variada, ora de campos, ora de matas; é uma das mais bonitas que já vi, nesta província. Os jesuítas sabiam escolher muito bem. No seu tempo, toda esta região estava cultivada e florescia. Os índios que vieram, atraídos pela promessa de salvação do cristianismo, estão agora todos mortos.

Uma igreja suntuosa, dá mostra da abastança de outrora. Todos os prédios estão desabitados, mas, ainda se vêem, na Freguesia de Piedade, uma igrejinha modesta e algumas cabanas pobres, a meia légua do colégio dos jesuítas. Da Freguesia de Piedade até a vila do Parnaíba são 3 léguas de distância. A região do antigo colégio dos jesuítas distingue-se por sua paisagem variada, onde se alternam montanhas, colinas, matas, campos e planícies.

Em Piedade, observei, mais que em outros lugares da província,

um número maior de mulheres do que de homens. Eram 10 mulheres para cada dois homens. Como estes estavam trabalhando no campo, não pude ver nenhum. Os homens são alistados como soldados, ou fogem.

08/02

Aquele local onde o Alferes reside chama-se Batribu. O Alferes já curou bouba com cainca. O caminho estava muito bom.

De manhã, fazia tempo bom e à tarde, como sempre, tempestade com chuva.

Os animais não podiam caminhar com passos firmes, pois os caminhos estavam destruídos em função do grande movimento de tropas de mulas, bois sobretudo, que são levadas para o Rio de Janeiro. As pontes haviam sido arrastadas pela correnteza, o que nos obrigou a fazer grandes desvios por locais ainda não trilhados. As outras pontes estavam muito perigosas; os animais as atravessavam arriscando a vida, quando não tinham que nadar. Além disso, havia uma chuva ininterrupta, que nos molhava até os ossos; e não se encontrava nem cabanas nem pousadas. Nas cabanas de palha miseráveis moravam negros sem posses. Não havia alimento nem para as pessoas nem para os animais. Por isso, caminhamos a esmo desde cedo até perto de 4h da tarde, até chegarmos finalmente a um local onde havia algumas cabanas, chamado Capelinha, uma légua e meia de Parnaíba. Ali encontramos, junto a um povo bom, mas muito pobre, abrigo seco e algumas galinhas, que, no entanto, nos custaram muito caro.

Chegamos a Capelinha de Nossa Senhora da Conceição na noite do dia 8. Ali há uma bela ponte sobre o Tietê.

09/02

De Capelinha, passando por Parnaíba, fomos para Coronel Anastácio. Em Parnaíba, encontramos um céu nublado terrivelmente escuro. Mandamos dar, por enquanto, milho a nossos animais famintos, mas, como, na casa[?], quiseram esperar a sua mãe, só foi possível fazê-lo por volta das 11h. Em Parnaíba, como em toda a região, há uma grande incidência de bócio. Um lugar pobre, que já foi, creio eu, uma aldeia, ou seja, habitada por índios. Partimos; foi o primeiro dia sem chuva depois de vários com tempo ruim e céu encoberto. Chegamos, por volta de 5h da tarde, a Coronel Anastácio, que fica bem às margens do Tietê. Cruzei o rio novamente, por uma ponte, e fui para a margem esquerda.

10/02

No dia 10, levantei cedo. Depois de ter tomado uma boa sopa, à noite, e o desjejum, hoje de manhã, uma hora e meia depois, cheguei à cidade de São Paulo, onde solicitei hospedagem ao Sr. Gabriel Pessoa. Mandei colocar o visto no meu passaporte, esperando, já que escrevia o diário, às 11h da manhã, pôr-me, hoje à tarde, de novo a caminho, para chegar logo à Mandioca. À tarde, para Yembara e para Fazendas Novas.

11/02

Viagem para Penha e, se Deus quiser, para Mogi das Cruzes, a dez léguas de distância. Cheguei a Gocó [...] dizem que significa pulga-do-

brejo. Ao meio-dia, foi preciso descarregar os animais na estrada principal. Fui parado pelo estafeta que trazia meu segundo animal e reencontrei a tropa.

12/02

Viagem para Mogi e Sabaúna. A partir do rancho, o caminho passa por matas e campos. Após 2 léguas, alcancei Taiaçupeba, um rio e ponte. Atravessei, com longas alpercatas[?], um caminho de terra feito sobre um brejo e cheguei ao rio Jundiaí e, três léguas adiante, à vila de Mogi das Cruzes. Uma légua e meia à frente, existem dois caminhos. A estrada principal estava quase intransitável, de modo que meu guia me aconselhou a tomar o caminho para a fazenda do Capitão-mor. Subimos um morro alto chamado Itapeti[9], onde nos desviamos dos alagados e dos rios. O caminho é muito interessante. Achei uma *Malva* magnífica. Após percorrer 5 léguas, cheguei, à noite, à fazenda do Capitão-mor. Houve uma terrível tempestade; perto dali, no meio da mata, um raio caiu sobre uma árvore, que ficou em chamas.

13/02

Viagem de Capitão-mor Francisco de Mello para Jaguari[10], três léguas, onde há uma linda ponte sobre o rio Paraíba, que aqui é bem grande. O atual Presidente atravessou[?] a ponte sozinho e eternizou o seu governo. Antigamente, todas as mercadorias tinham que ser conduzidas em pequenas canoas, onde o viajante perdia, normalmente, meio dia ou um dia. De Jaguari à vila de São José[11] são 3 léguas de caminho bom, inicialmente de mata e, depois, de belos campos, que,

no entanto, não se comparam com a riqueza da vegetação dos campos de Minas. Eles são uniformes e parecem ser artificiais.

São José é uma pequena vila, aberta, bem localizada, tem quase 2.000 habitantes, mas já deve ter tido mais de 4.000. É uma ex-aldeia fundada pelos jesuítas, que sempre escolhiam lugares bonitos. A maioria dos habitantes é descendente dos índios - portanto, certamente são mestiços. Aqui há um capitão-militar ou comandante-mor que tem a missão de ordenança. Ele me aconselhou a ir hoje só até Capão Grosso, onde eu encontraria bom alojamento, milho, pasto e todo conforto; do contrário, só a 5 léguas de distância daqui, depois da vila de Taubaté. As estradas de São José, apesar das chuvas e tempestades, são muito boas. Do período da manhã até às 4h da tarde, eu já tinha percorrido 9 léguas, apesar da parada e do almoço na casa do comandante em São José.

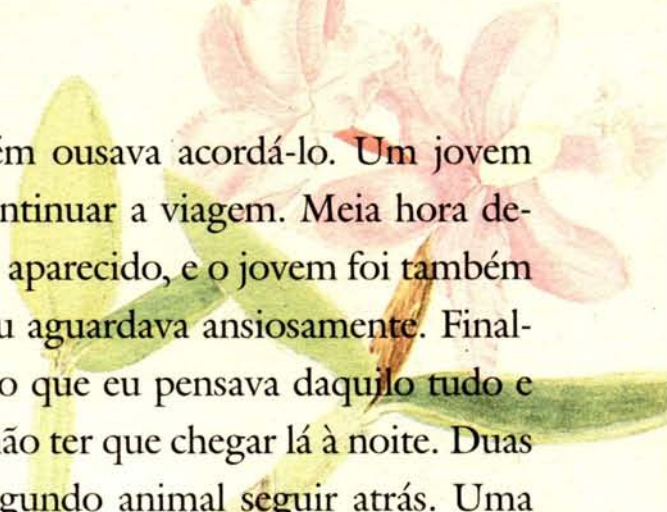
Como meu animal começou a ficar cansado, segui um conselho e fiz uma parada em Capão. Não encontrei ninguém em casa. Se eu tivesse agido com um pouco de modéstia, teria tido um péssimo pernoite. Uma negra corpulenta e forte achou por bem me proibir de hospedarme lá. Eu forcei a situação e fui dormir na entrada da casa, onde achei uma rede limpa, aberta, um local para dormir, e dela me apossei provisoriamente. De repente, vi, através de uma porta semi-aberta, um quarto pequeno e acolhedor, cujo acesso era pela entrada da casa. Nele notei uma cama limpa que, conforme me informaram, era de um padre (capelão), que, no momento, estava ausente. Comentei simplesmente que achava esse quarto ideal para me garantir uma noite de descanso, mas continuei com a minha rede. Logo depois, apareceu de novo a negra corpulenta e gorda e deu-me permissão para ocupar o quarto do padre. Quero crer que a dona da casa estava incógnita em casa e incógnita se deixou vencer pela minha teimosia. Pouco depois, apareceu um negro

dando ordens ao cabo para que providenciasse um acompanhante para mim, amanhã.

Aqui não se conhece a cainca por nenhum dos nomes que aprendi até agora. Não a encontrei em parte alguma. A região é formada de campos e capões artificiais e naturais. O rio Paraíba corre por um vale ameno e baixo. Aqui existem, no entanto, campos entre a serra do Mar e a da Mantiqueira. Sua altitude, que ainda não tive oportunidade de medir, pode ser bem considerável.

A correspondência é levada a pé em todo o Brasil. Ela saiu de São Paulo no dia 11 e já chegou, hoje cedo, três léguas mais adiante de Taubaté. Ela é despachada só durante o dia e leva certamente 14 dias para ir de São Paulo ao Rio de Janeiro.

14/02

Mal havíamos chegado em Capão, tivemos, de novo, tempestade com chuva. Ao nascer do dia 14, eu esperava o cabo que prometera acompanhar-me até São José por seis patacas. Como ele não veio, fui sozinho. São José é uma vila situada num local muito aprazível; nela chegaram a morar 500 índios, mas hoje há muito poucos. Desde que o Imperador, certamente bem intencionado, deu permissão para que qualquer um pudesse ir aonde quisesse, os índios se espalharam por todas as regiões. O comandante é um major de São Paulo, que me deu uma ordem para Capão, mas que não teve o menor sucesso: o cabo chegou depois de mim, e eu parti sem qualquer acompanhante. Como o meu animal não quisesse mais prosseguir, procurei socorro em uma cabana próxima e consegui, finalmente, um acompanhante, por duas patacas, até Pindamonhangaba.

O dia estava muito bonito. Na vila de Pindamonhangaba, dirigi-me ao Capitão-mor de Mello, que me recebeu muito bem. Ele está há 45 anos, em serviço, e acredita, ingenuamente, que o velho governo monárquico, do rei, é o melhor.

15/02

De manhã, tudo estava preparado para a partida, mas, eu mesmo tive que acordar o sargento ,de manhã, buscar meu animal no pasto, dar-lhe milho e selá-lo. Ainda esperei o estafeta encomendado tomar o café da manhã, sendo que eu próprio não o havia tomado. Finalmente, por volta das 7h, iniciou-se a viagem, lentamente. O estafeta me disse que, se eu quisesse viajar com rapidez, então o Capitão-mor deveria ter lhe dado um cavalo. Como ainda estávamos perto da vila, pedi-lhe que voltasse imediatamente e solicitasse um cavalo ao Capitão. Ele recusou-se a ir; fui obrigado a cavalgar de volta, sozinho, para reclamar junto ao Capitão-mor. Este, de imediato, deu ordens para castigarem o estafeta no tronco e providenciou para mim um outro melhor. Partimos e, viajando agora com mais rapidez, consegui chegar bem cedo a Guaratinguetá, a 7 léguas de distância, às 2h30. Os caminhos estavam bons. À esquerda, havia um vale coberto de vegetação, por onde passa o rio Paraíba; e, abaixo, uma alta cadeia de montanhas.

A paisagem fazia-me lembrar, de certo modo, a região e os caminhos do vale do Reno, como deveriam ter sido, antes do ano 100. Pindamonhangaba e Guaratinguetá são vilas muito bem localizadas. Nesta última, dizem, todo cidadão bem situado morre louco.

O Comandante, a quem me apresentei, dormia um sono profundo,

embora fossem 2h da tarde. Ninguém ousava acordá-lo. Um jovem providenciou a permissão para eu continuar a viagem. Meia hora depois, por volta das 4h, ninguém havia aparecido, e o jovem foi também se deitar no cômodo ao lado, onde eu aguardava ansiosamente. Finalmente, já impaciente, disse ao rapaz o que eu pensava daquilo tudo e dirigi-me sozinho para Lorena, para não ter que chegar lá à noite. Duas léguas e meia adiante, deixei meu segundo animal seguir atrás. Uma hora antes de chegar a Guaratinguetá, passa-se pela capela da Freguesia de Nossa Senhora Aparecida. Duas léguas antes, na encosta de um monte elevado, existem algumas casas, chamadas Garagem do Velloso, onde há uma excelente venda com vinhos, licores e roscas. É muito raro encontrar, nesta terra, estabelecimentos como esse.

Em Lorena, o Capitão, Comandante Francisco, recebeu-me muito friamente e mandou-me para uma estalagem para providenciar hospedagem para mim e para os animais. No entanto, depois de atravessar um terrível lamaçal, tive que voltar, pois encontrei todos os quartos ocupados. Reclamei junto ao Comandante, dizendo-lhe que, mesmo que encontrasse lugar na estalagem, seria inconveniente ficar lá. Pedi-lhe, então, que me mostrasse a casa do padre, o que fez com que ele decidisse me oferecer a sua hospitalidade e se desculpasse pela enfermidade de sua esposa e pela falta de espaço. De resto, fui muito bem servido e parti, na manhã seguinte, às 5h.

16/02

Hoje achei as estradas boas e avancei 11 léguas até Areias. A 3 léguas de Lorena, reside um alemão, Julian Florence Meyer, mas não o encontrei em casa. Até aqui a região é de campos, mas, em seguida, começam as montanhas e, por toda parte, vêem-se, bem próximos uns

dos outros, ranchos, cabanas de palha e plantações de café. As florestas virgens foram destruídas e ocupadas por cafezais, o que dá ao lugar um aspecto muito peculiar. Subi um longo trecho em aclive, atravessei depressões cheias de lama, passei por belos riachos de água cristalina, onde bebi água e me senti convidado para um banho. À noitinha, às 6h, cheguei à casa do Capitão, filho do Capitão-mor de Areias, que me hospedou de acordo com suas possibilidades e circunstâncias.

É uma grande fazenda, com muitos escravos, extensas plantações de café, casas excelentes e, no entanto, nenhum estrado de cama, nenhum móvel, a não ser alguns bancos compridos e uma mesa; nem mesmo conhaque ordinário havia na casa. Era uma cabana. Ele garantia ter 50.000 pés de café com 12 a 15 escravos, além de roças e um paiol cheio. A secagem do café é feita na plantação, sobre a terra.

17/02

Deixei meu hospedeiro no dia 17, às 6h da manhã, após tomar uma xícara de café, e, às 7h, cheguei à vila de Areias. O caminho daqui da fazenda do Capitão-mor até a vila foi, sem dúvida, o pior que já percorri em São Paulo, e isso às portas da vila!

Contraste: Florestas virgens espessas, em seguida, cafezais, depois arrozais nas elevações, arroz do tipo moçambique. Vi também mandioca crescendo entre os pés recém-brotados de café, o que é prejudicial.

De Areias até a fazenda do Capitão-mor, são 6½ léguas de caminho ruim, acidentado, de matas densas, muitas plantações e ranchos. Chove há dois dias, e hoje houve tempestade de novo. À tarde, chegamos à fazenda do Capitão-mor, onde pernoitamos. Muitas visitas de comerciantes ricos e incultos vindos da cidade.

18/02

No dia 18, caminhamos 3 léguas até Bananal, onde chegamos às 10h da manhã e fomos imediatamente transportados para a casa do Capitão Antônio Manoel, que fica a 3 léguas daqui. É uma bela freguesia. Várias elevações, matas densas, poucas plantações, muitos ranchos, entre eles, alguns bem grandes, construídos com luxo, com lindas balaustradas em volta. Na fazenda abastada do Capitão-mor, minhas mulas receberam o pior tratamento, pois, como eu era hóspede lá, não pude comprar milho. Por isso, hoje elas não queriam prosseguir viagem. Um dos animais estava muito fraco, o que me obrigou a parar para lhe dar de comer. À tarde, por volta das 4h, cheguei à venda de Areias, onde fui surpreendido por uma violenta tempestade com chuva forte e repentina. Em um minuto, o pequeno e insignificante riacho que corre na mata transformou-se em um rio caudaloso. Cheguei até a encontrar abrigo em um rancho nas vizinhanças, mas lá não encontrei nada nem para comer nem para beber. Eu havia decidido permanecer no rancho por medo de ser tragado pela correnteza. As águas só baixaram por volta das 6h da tarde. Pudemos atravessá-lo, embora ainda com algum risco. Meia hora mais tarde, alcancei Pouso Alto, a 3 léguas de Bananal, onde consegui boa hospedagem por um bom dinheiro.

19/02

Com a chuva forte que caiu durante toda a noite, no dia seguinte, dia 19, novamente enfrentei caminhos ruins. Mais 5 léguas, e chega-se a Piraí e São João Marcos, por um caminho ruim, cheio de subidas e incômodo. O Piraí é um rio grande, onde não há pontes, mas somente uma *becuella*[12], ou seja, uma passagem estreita que fica submersa quan-

do as águas sobem e que só é usada pelas pessoas que a conhecem. Por muito dinheiro (3 patacas) e a muito custo, consegui uma canoa. Do contrário, eu teria que dar uma volta de 1½ légua para chegar a uma ponte ruim mais abaixo.

Devido às chuvas freqüentes, os caminhos estavam péssimos. O tempo estava bom quando cheguei a um rancho perto de São João Marcos, mas, nesse exato momento, caiu um temporal, que me deteve por umas boas duas horas. Encontrei aqui um comerciante de Porto Feliz, Francisco Antônio de Souza, que me hospedou muito bem no rancho. À noite, houve uma briga entre um negro e um branco.

20/02

Dia 20/02. Parti bem cedo com o Sr. Francisco Antônio, que estava feliz por ter conseguido um companheiro, pois a mata circunvizinha, há muito tempo, tem fama de ser perigosa. Alguns meses atrás, várias pessoas foram atacadas e mortas por ladrões da estrada. Os malfeitores eram conhecidos, foram presos, mas, logo depois, declarados inocentes e postos em liberdade.

Por toda parte, há matas espessas e poucos estabelecimentos. Os caminhos eram tão ruins que não há como descrevê-los. Neles, pessoas e animais perderam a vida, e, no entanto, estão perto da Fazenda do Rei (Imperador). Tivemos que subir vários morros até chegar ao alto da serra do Tomahy[?], em cujo pico mais alto o Imperador mandou construir um pavilhão. Até lá, os caminhos são horríveis, mas, de lá em diante, são suportáveis, porque o Imperador vem, de vez em quando, passear a cavalo por aqui. À tarde, após percorrer 6 léguas, cheguei a Porto Teixeira. Um de meus animais estava cansado por causa dos ca-

minhos ruins, e tive que deixá-lo para trás.

Os rios haviam transbordado, toda a região estava debaixo d'água. Por isso, muitos viajantes atravessaram o rio nus, outros vestidos apenas da cintura para cima, o que dava uma impressão bem estranha. Aqui eu pagaria com muito prazer um pedágio de ponte para atravessar o rio. Pernoitei em Porto Teixeira.

20/02

Retomei viagem no dia 20 bem cedo. Passei pelo registro de Itaguaí, a uma légua aproximadamente, e cheguei a Santa Cruz, onde o Imperador tem um terreno e seu castelo principal. De todas as construções dos jesuítas, a de Santa Cruz é a menos bonita.

A situação da região é a seguinte: baixa, sem vegetação, sujeita a inundações e carente de água potável. Normalmente, o caminho de Santa Cruz ao Rio de Janeiro (12 léguas) é bom, mas agora, inexplicavelmente, estava ruim.

Cheguei à Mandioca na noite do dia 21 para o dia 22, após enfrentar algumas dificuldades.

05/04[13]

Deixei a Mandioca e, com ela, tudo que tenho de mais caro. Muitos dias foram gastos no Rio de Janeiro, com a preparação da grande viagem.

11/04

Embarcamos no navio *Aurora* em direção a Santos. O tempo estava bom e agradável.

12/04

Uma calmaria nos deteve no porto até o dia de hoje. Ao raiar do dia, soprou um zéfiro, que logo aliviou o enjôo que já havia começado. Durante o dia, até às 8h da noite, avançamos muito lentamente. De noite, houve novamente calmaria. O mar estava deserto e morto: não víamos nem peixes, nem pássaros, nem navios. Devido à calmaria, permanecemos toda a noite praticamente no mesmo lugar. Logo que o sol nasceu, soprou um vento Nordeste leve, que, aos poucos, foi nos fazendo avançar. Mas, infelizmente, esse vento favorável só durou algumas horas; à tardinha, tivemos calmaria total, que durou toda a noite até o entardecer do dia seguinte.

15/04

Apareceu de novo um Nordeste fraco, que se transformou logo em um Sudoeste forte, que soprou com força total, trazendo tempestade com chuva. O vento soprava cada vez mais forte, e a chuva caía com toda força. Trovejava terrivelmente, e os relâmpagos fortes iluminavam, de vez em quando, a noite escura e o céu negro, dando ao cenário um aspecto ainda mais terrível.

Por volta de 9h, a tempestade ainda piorava; as ondas estavam tão altas, tão altas, que se arremessavam contra os dois lados do nosso pe-

queno navio; e eram tão persistentes que freqüentemente inundavam a embarcação; a todo instante, pensávamos que seríamos tragados por elas. Foi uma noite terrível; nunca vou esquecê-la: foi a Providência divina que nos salvou. O capitão, os pilotos e os marinheiros trabalharam sem parar, dando tudo de si. De manhã ainda chovia forte e ventava, mas não tão violentamente como à noite.

16/04

Como medida de precaução, para não chegar muito perto da terra, o capitão deixou o leme alto. Já passava das 5h da manhã quando retomamos nosso curso normal. Olhávamos com saudade para a terra, que, por volta das 9h, já aparecia em meio à neblina como uma nuvem escura.

Colocaram-se mais velas no navio para acelerar a viagem e para se alcançar a terra, ou seja, o porto, mais depressa. Ao meio-dia, já estávamos quase em terra, mas, como o solo era muito rochoso, não se podia jogar âncora. Além disso, estávamos muito perto de um morro que bloqueava o vento, de modo que não podíamos sair do lugar. O capitão botou o barco na água com a âncora e o cordame, para procurar um bom lugar para ancorar. A certa distância, a âncora foi lançada em uma depressão, onde se fixou. O navio foi, então, levado para perto de um lugar bom e seguro. Com o coração agradecido, dirigi a Deus minha oração por Ele nos ter socorrido e salvo com a sua graça.

17/04

No dia seguinte, avançamos muito pouco e ancoramos, à noite, no Forte São João, onde fomos interrogados sobre nossa procedência, tem-

po de viagem, etc. À noite, recebemos a visita de um amigo do Capitão, chamado José Lopes, que tem uma fazenda a uma légua de distância daqui. O rio corria muito forte contra nós.

18/04

Hoje cedo, retomamos a viagem de uma forma diferente. O navio avançava até um pouco mais rápido, mas não tínhamos esperança de chegar ainda hoje em Santos. É muito desagradável ficar ocioso dentro de uma embarcação tão pequena. Encontramo-nos, agora, em um canal, cercado, dos dois lados, por montanhas elevadas. À esquerda, há uma plantação de mandioca, banana e cana-de-açúcar; à direita, na baixada, há uma vegetação palustre que aqui se chama banhado.

Embora sejamos muito numerosos, estamos todos dentro deste navio pequeno, onde se encontram passageiros de cabine[?], portugueses e brasileiros divertidos, o capitão, dois timoneiros, oito marinheiros e 70 negros, dos quais 62 chegaram recentemente da África. Ao todo, são mais de 80 pessoas, o que, de fato, não é muito agradável, pois não há espaço suficiente nem para ficar de pé. No entanto, é uma situação interessante para um europeu, na medida em que aqui há negros recém-chegados, portanto, uma boa oportunidade para fazer observações sobre algo totalmente desconhecido. A maioria dos negros vem de uma nação chamada Moçambique; quase todos têm tatuagens no rosto, nas costas, no peito, nos braços e na barriga da perna. As da testa têm a forma de uma ferradura; na fronte e nas duas faces, são vários traços bem simétricos; nos braços e na barriga da perna, normalmente são tatuagens em forma de estrela. No conjunto, o grupo tem um aspecto selvagem e belicoso, sendo os homens robustos e fortes.

NB: Devido ao vento Sudoeste, não pudemos alcançar o porto de costume. O Capitão foi obrigado a optar por outra entrada, chamada Bertioga. Mas também lá o vento nos impediu de entrar e passar pelo referido morro Paciência.

Por volta do meio-dia, chegamos à fazenda do acima citado Sr. José Lopes. O capitão e alguns de nossos passageiros fizeram-lhe uma visita e logo depois mandaram, para nós que havíamos ficado no navio, um peixe muito bom chamado robalo, que todos acharam muito saboroso.

À tarde, o capitão subiu a bordo com o Sr. José Lopes e sua família, bastante numerosa. Almoçaram aqui e, conforme o estilo português, comeram com as mãos. Eles foram muito gentis em nos convidar para passar a noite em sua casa. Todos aceitaram com muito prazer. Levaram-nos em uma canoa para o continente, onde passamos uma noite agradável. As pessoas nos trataram com extraordinária delicadeza e nos prepararam um jantar delicioso.

Lá existem plantações de cana-de-açúcar, café, mandioca, banana e outras frutas. Entre outras, existe aqui uma fruta, até então totalmente desconhecida para nós, chamada gambusi[14], ácida mas saborosa. Comemos uma boa quantidade dela e, à noite, notamos que todos, sem exceção, urinaram muito. Nosso anfitrião nos explicou que a fruta tem realmente esse efeito. Depois do jantar, jogamos baralho e, por volta das 11h, fomos dormir. Era um alojamento bom e asseado.

18/04[15]

De manhã, ainda tomamos café com nosso amável anfitrião e, em seguida, fomos para o navio. Para grande alegria de todos os passagei-

ros, tivemos vento bom, que encheu as velas e nos fez avançar bastante. Vimos algumas plantações pequenas, em sua maioria, de cana-de-açúcar e mandioca.

O vento era bastante fresco e progredíamos bem. Mas o rio estava muito raso em alguns pontos, de modo que, por volta do meio-dia, acabamos encalhando. De quanto esforço e perda de tempo se poupariam os marinheiros, se sinalizassem esses lugares rasos! Esta terra está realmente muito atrasada em relação à Europa! Com muito esforço, conseguiram puxar o barco para a frente. Passamos por outros incidentes desagradáveis até que, à noitinha, encalhamos novamente em outro ponto raso do rio que surgiu de repente. Não pudemos sair do lugar; tivemos que esperar a maré alta para poder prosseguir.

Choveu torrencialmente durante toda a noite. Os mosquitos nos atormentaram tanto, que nenhum de nós conseguiu dormir. Não eram os conhecidos pernilongos tão comuns no Rio de Janeiro, mas outro tipo, um bichinho bem pequeno, cuja picada é ainda mais dolorosa do que a dos pernilongos. À tarde, com a maré alta, conseguimos avançar um pouco.

19/04

De manhã, avistamos a vila de Santos. É uma cidadezinha bonita, situada ao pé das montanhas, o que lhe confere um aspecto pitoresco. Avançamos lentamente por algumas horas. Recebemos, então, a bordo, acompanhado de dois capitães, o cônsul anglo-americano, que havia sido informado da nossa chegada. Ele nos ofereceu hospedagem em sua casa, o que aceitamos com muita alegria. Fomos para o continente no mesmo barco e fomos muito bem recebidos pela dona da casa, que é

brasileira. Ela é uma exceção entre as mulheres brasileiras: aparenta muito mais educação do que se espera aqui de uma senhora. Tomamos um refresco e fomos, com nosso anfitrião, para Santa Guilhermina, que é o nome de sua casa de campo, que fica perto da cidade.

Aqui as ruas são muito estreitas e apertadas, calçadas apenas nos dois lados junto às casas. Na rua principal, onde estamos hospedados, espalham açúcar sobre peles de bois para secar. À noite, tivemos a visita da mãe e das irmãs da dona da casa, que são, igualmente, mais bem educadas do que as demais brasileiras.

20/04

Nossa bagagem foi desembarcada hoje e levada para a barca que as transportará para o porto de Cubatão, pois queremos começar nossa viagem com menos carga. Passamos o dia de hoje ainda na casa de Santa Guilhermina. À noite, recebemos visitas, dessa vez, só de homens.

21/04

Embarcamos hoje, por volta do meio-dia, em uma canoa para prosseguir nossa viagem até Cubatão. A região é muito semelhante à da Província do Rio de Janeiro. Montanhas abobadadas e escarpadas de diferentes alturas ofereciam ao espectador muitas vistas diferentes. Nas baixadas, a região é mais alagada. Mais da metade do caminho é ladeada por plantas halófilas, que, na maré alta, ficam totalmente submersas. Mais ou menos uma hora antes de Cubatão, a vegetação adquire, de repente, um aspecto totalmente diferente. A região fica mais alta; fetos de todos os tipos, flores e árvores altas descansam a vista. Às 3h30,

chegamos ao nosso local de destino. Ficamos bem hospedados na casa de um sueco que se estabeleceu aqui e é casado com uma brasileira.

22/04

Imediatamente, fomos procurar animais de carga e de montaria para irmos a Porto Feliz. Logo apareceu o homem com quem o Sr. Langsdorff havia se encontrado ontem à noite. Depois da refeição, apron-taram-se os animais de montaria e de carga, e nos despedimos de nosso hospitaleiro anfitrião, Sr. Eduard Schmidt.

Aconselho futuros viajantes a não comprar seus animais de carga antecipadamente em Santos, mas só depois de chegar a Cubatão, já que, durante todo o ano, para aqui vêm grandes tropas de mulas trazendo o açúcar, o café e outras mercadorias da Província de São Paulo.

Deixamos a casa por volta das 2h e subimos a montanha. Um caminho mal calçado conduz ao ponto mais alto da montanha, onde foi instalado um telégrafo. No início da noite, chegamos à fazenda de Antônio Xavier, que nos recebeu amistosamente. Aqui, já começam os campos, e a temperatura é muito diferente da de Cubatão, que fica a 4 léguas de distância. Hoje à noite, fez muito frio.

Contrariando nossas expectativas, já que não é costume nesta terra, a dona da casa, uma moça jovem e muito amável, apareceu, sentou-se à mesa e conversou conosco animada e alegre.

Todas as famílias daqui, sejam pobres ou ricas, possuem talheres de prata. O mais pobre lavrador, morando em uma cabana miserável feita de barro e coberta de palha, come ou com as mãos ou com colher e faca de prata.

23/04

Despedimo-nos hoje cedo, depois de um bom café da manhã, e chegamos, uma légua adiante, à casa de um rico fazendeiro, que recebeu muito bem os companheiros de viagem e o Sr. L.[Langsdorff], quando de sua passagem por aqui. Eles permaneceram alguns dias aqui. O caminho era razoável e, como hoje é domingo e a meia légua daqui há uma freguesia, estava bastante movimentado. Já fazia algum tempo que tínhamos chegado, quando apareceu a dona da casa com seus filhos, todos eles muito limpos. Estavam indo à missa. Montamos nossos cavalos e fomos juntos para a dita igreja. Todas as senhoras estavam cobertas com mantos, com bordas de tecido escocês forrado de seda, e chales vermelhos de lã.

Ao meio-dia, retomamos nossa viagem. O caminho era bom. Os campos e as árvores baixas dão à região um aspecto europeu. À noite, alcançamos a sede da Província de São Paulo. Contra toda a minha expectativa, encontramos uma cidade erma e desabitada. Quase não se vêem pessoas nas ruas. As construções maiores são de alvenaria de terra argilosa (*pisé*), em função da falta de madeira. Ficamos na casa de Francisco Moreira[?] Bueno. Por causa dos mosquitos que zuniram a noite toda (lua cheia), nenhum de nós pôde dormir. Os portugueses dizem que, na lua cheia, aumenta a infestação de mosquitos.

24/04

Hoje cedo, recebi carta da Mandioca, o que me fez lembrar vivamente dos meus. Fiquei o dia todo em casa e quase não vi pessoas caminhando nas ruas. Hoje à noite, saí para ver a cidade e seus atrativos: não esperava que fosse tão bonita. As ruas são largas e uniformes, as casas e

as igrejas construídas com muito bom gosto. Os prédios e igrejas mais bonitos são feitos de barro, mas quem não conhece jura que são feitos de arenito talhado.

25/04

Não pude iniciar hoje minha longa viagem por causa da chuva. Permaneci em casa e não vi quase ninguém na rua. Quem poderia acreditar que a sede de São Paulo fosse tão deserta e morta?

26/04

Depois de passarmos a noite em claro, torturados pelos mosquitos, iniciamos bem cedo nossa viagem. O caminho é acidentado e, em alguns lugares, tão ruim que preferimos descer da montaria e ir a pé puxando nossos animais pelas rédeas. Avançando muito lentamente, chegamos, por volta do meio-dia, à pequena fazenda Juquiri, às margens de um riacho bastante piscoso com o mesmo nome. Não me senti muito bem ali. Além disso, os animais estavam cansados e parecia que ia chover mais. Assim, preferimos acampar mesmo na hospedaria pobre que havia lá.

O proprietário recebeu-nos com hospitalidade; deu-nos o quarto que dava para a rua e disse-me que eu poderia também ir ao interior da casa, para conversar com as senhoras. Quando lhe perguntei se as mulheres não gostariam de vir, ele me respondeu que não, com uma expressão bem significativa: as mulheres permaneciam sempre no interior da casa. Lá existe uma pessoa surda-muda, creio que é a filha de nosso anfitrião. A casa em que ficamos, na verdade, é uma cabana bem pobre.

As paredes são de pau-a-pique, feitas de enxaimel, ou seja, estruturas de madeiras preenchidas com barro. Nos quartos, situados no andar térreo, o piso é de barro mal-socado e irregular. Os móveis consistem apenas, de uma mesa malfeita e de um estrado de cama.

Bacova[16], remédio contra vermes. É o nome local da semente de *Amomum*, que cresce por toda parte (*Cardamomum*). Dizem que, macerada e misturada com água quente, é um excelente vermífugo. Além disso, lavam-se as crianças com suas folhas e água. Uma cápsula é suficiente. Pela primeira vez, vi aqui bananeiras plantadas em fileiras, que formando um bosque assombreado. O proprietário ganha cerca de 80.000 réis por ano com a venda de bananas.

Encontramos, hoje ao meio-dia, uma tropa que está parada há dois dias, por causa de animais perdidos. O proprietário pediu-lhes que dessem um vintém ao seu Santo Antônio, garantindo que, assim, eles logo encontrariam os animais. Os tropeiros quiseram economizar a vintena. No segundo dia, ontem, o proprietário lhes disse mais uma vez: "Se derem ao meu santo um vintém, encontrarão com certeza seus animais". Eles deram o vintém e de imediato os animais foram encontrados.

27/04

Após um bom café da manhã, retomamos nossa viagem. O caminho passa por montanhas, colinas e vegetação baixa. De vez em quando, atravessamos pequenas plantações, entre as quais, as maiores, são as de cana-de-açúcar do Alferes Félix. Às 4h30, chegamos, cansados e famintos, à casa de um major. Ele e sua família receberam-nos amistosamente. Sua lavoura principal é a de cana-de-açúcar, que, no entanto, está apenas no início.

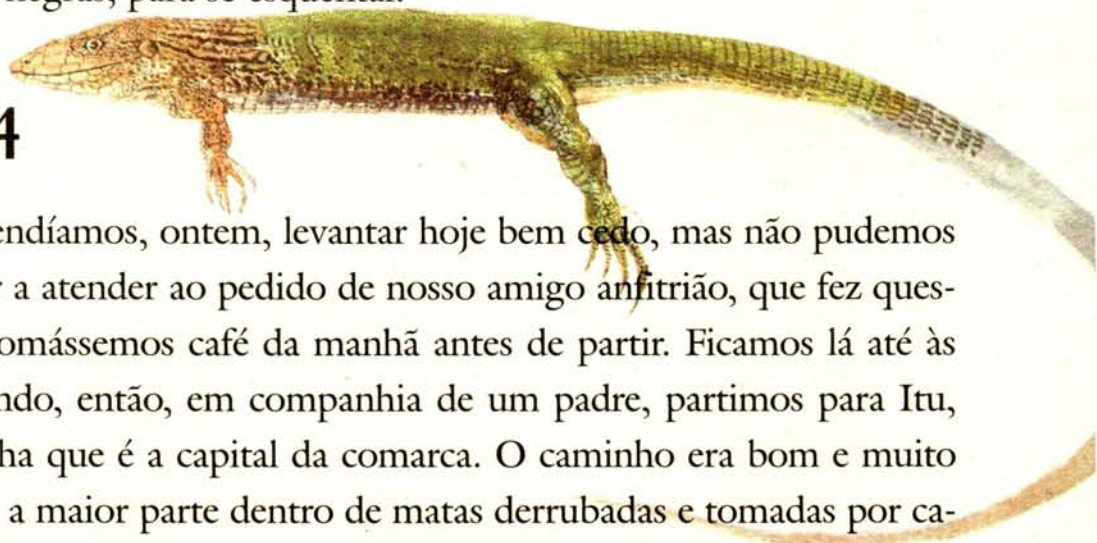
28/04

Tomamos um lauto café da manhã e nos despedimos de nosso anfitrião. Cavalgamos até a cidadezinha de Jundiaí, distante meia hora dali, onde visitamos um conhecido, o Sr. Padre Manoel. Mas não nos demoramos muito; às 9h, já estávamos novamente a caminho. A cidadezinha está situada sobre um morro, num lugar muito bonito. As ruas são largas e têm um traçado regular. Existem algumas casas grandes, feitas, como em São Paulo, de alvenaria de terra argilosa (*pisé*). Um trecho curto do caminho passa por campos, mas, a seguir, surgem capoeiras e matas, o que foi bom para nós, pois caminhamos na sombra o dia todo.

Hoje, o caminho era melhor do que nos dias anteriores. Três léguas adiante de Jundiaí, passamos por duas grandes plantações de cana-de-açúcar. Por volta de 3h, chegamos a uma pequena casa miserável em Jacareí, uma região pouco interessante e uniforme, coberta por fetos. Fizemos uma parada e pretendíamos pernoitar, mas, para nosso desgosto, soubemos que não havia nada ali, nem mesmo feijão e farinha. Preferimos, então, andar mais duas horas, para encontrar, pelo menos, alguma coisa para comer. Meia hora depois, entramos novamente na mata. O caminho era belíssimo e romântico.

Por volta das 5h, alcançamos a grande fazenda Pinhal. Mais adiante, deixamos a estrada principal e tomamos um caminho lateral à esquerda. O proprietário recebeu-nos muito bem, logo nos conduzindo ao cômodo das senhoras, onde fui igualmente bem recebido. Na propriedade existe apenas e tão-somente criação de gado. Ela está localizada sobre um vale extenso e tem, por toda parte, pastos artificiais. A residência é grande e espaçosa, com muitos cômodos, e tem uma bela localização sobre um terreno elevado, de onde se tem uma bela vista.

Como não é costume aqui as senhoras ficarem na companhia de homens, retirei-me e tive oportunidade de observar os costumes locais. O quarto da senhora e das filhas é um grande e espaçoso salão. No meio dele, construiu-se um fogão baixo, onde, no início do crepúsculo, acende-se um fogo forte; em torno dele, sentam-se mãe e filhas, criadas brancas e negras, para se esquentar.

29/04

Pretendíamos, ontem, levantar hoje bem cedo, mas não pudemos nos negar a atender ao pedido de nosso amigo anfitrião, que fez questão que tomássemos café da manhã antes de partir. Ficamos lá até às 10h, quando, então, em companhia de um padre, partimos para Itu, cidadezinha que é a capital da comarca. O caminho era bom e muito aprazível, a maior parte dentro de matas derrubadas e tomadas por capoeiras, onde quase não sentimos o calor sufocante do dia. Após percorrer umas 2 léguas, deixamos a mata e entramos numa região livre e aberta, onde se descortinou à nossa frente uma ampla paisagem, com as torres brancas das igrejas da cidade de Itu no centro. O caminho desceu, então, montanha abaixo, passando por grandes plantações de cana-de-açúcar, até o rio Tietê, onde chegamos meia hora depois. Há plantações de cana-de-açúcar em ambas as margens do rio, que aqui já tem volume considerável. Elas dão à região um aspecto bastante peculiar. Em lugar de mata deserta e escura, estávamos em uma região aberta coberta de canaviais, onde se viam as mansões dos proprietários e uma longa fileira de cabanas de palha, que serviam de moradia para numerosos negros. Uma ponte de madeira estreita e muito mal conservada, sem balaustrada, com 180 passos de comprimento, passa por cima da corrente violenta do rio Tietê. Uma hora depois, alcançamos a cidade

de Itu, onde fomos acolhidos, com muita hospitalidade, na casa de um alemão, o Dr. Engler.

Nas matas percorridas ontem e hoje, existe cainca (que aqui é chamada por alguns de caninana). Dizem que, em toda esta região, aparece, com muita freqüência, a cobra cascavel. Sua picada tem matado muitos escravos.

30/04

Por volta das 9h, deixamos, na companhia do Dr. Engler, a vila de Itu - não posso dar aqui uma descrição da cidade, porque não a vi. O caminho atravessa, alternadamente, campos e matas; é digno de ser retratado por outra pena além da minha. Passamos por um canavial e por algumas cabanas pobres. Uma légua adiante, chegamos ao ribeirão Cajueiro, que aqui forma uma cachoeira e que, dizem, em tempo de chuva, se enche tanto que torna impossível a sua travessia. Todo viajante é obrigado, então, a fazer uma parada.

Segundo nos disse o Dr. Engler, as cabanas de palha miseráveis espalhadas à beira da estrada são habitadas por pessoas deficientes mentais, entre elas, vários surdos-mudos e retardados. O lugar se chama Caiacatinga. Em vários pontos do caminho, vêem-se cruzes de madeira lembrando pessoas que ali perderam sua vida ou foram assassinadas.

Após duas horas, chegamos a Porto Feliz, onde nos hospedamos na casa da Expedição Imperial Russa. Uma hora depois, chegou o Sr. Francisco Alvares, médico da cidade, e nos convidou para jantar com ele. Foi um excelente jantar.

01/05

Fiquei em casa na manhã de hoje, cuidando dos preparativos para a próxima viagem. O Sr. Riedel foi a cavalo até a fábrica de ferro para fazer encomendas e compras. Às 2h, chegou o Sr. Francisco Alvares para buscar-nos para o almoço. Ficamos ainda algum tempo em sua casa e depois fomos juntos até o rio Tietê, para fazer uma vistoria nas canoas que serão utilizadas na próxima viagem. Dr. Engler voltou, hoje à noite, para Itu.

02/05

Os preparativos para essa importante viagem científica se intensificaram agora. Os empregados contratados vieram receber, como é costume aqui, o pagamento antecipado de 3 ou 4 meses, em dinheiro e em mercadorias. A missão de comprar os mantimentos necessários para 30 a 40 pessoas por 6 a 8 meses deixou os Srs. Francisco Alvares e Florence também muito ocupados, principalmente porque aqui é difícil encontrar provisões, além de serem caras. (Da lista anexa, pode-se deduzir o número de pessoas necessárias para a expedição, bem como o material indispensável.)

Além disso, despachamos o material de História Natural coletado até agora para seu lugar de destino, que é São Petersburgo (via Rio de Janeiro). Certo de estar prestando um serviço à humanidade, mandei colher cainca, raiz medicinal muito eficaz contra a hidropsia e que existe em grande quantidade nesta região.

Estamos hospedados em uma residência particular. Não obstante todos os gêneros alimentícios serem muito baratos, é muito difícil

encontrá-los. Carne bovina, só uma vez por semana, aos sábados. Como chegamos num domingo, fomos obrigados a matar hoje um porco, para ter carne fresca. Para conservá-la, é preciso mandar salgá-la logo. Nem por todo o dinheiro do mundo se conseguiam comprar galinhas, verduras, ovos, leite, cebola ou outros mantimentos. Só aos domingos, quando o pessoal do campo tem que vir para a missa.

03/05

Os preparativos para a viagem continuaram. As mulas vieram hoje da fábrica de ferro, trazendo os objetos lá encomendados, como foices, facões, etc. Hoje a segunda canoa ainda não tinha chegado. O tempo está sempre seco, com manhãs agradáveis e noites frias.

04/05

Hoje cedo, conseguiram recolher os animais que, há dois dias, haviam fugido do pasto. Por medida de segurança, toda a tropa foi levada para um pasto cercado, onde se pagam 20 réis, por dia, para cada animal. Um dos remadores contratados, que já havia recebido antecipadamente o salário de três meses, propôs a um colega, também contratado, fugir com ele assim que recebesse o pagamento. Este último, porém, mais honesto, dirigiu-se imediatamente à casa do Sr. Francisco Alvares, que é também juiz aqui, e contou-lhe da intenção do outro empregado. Este, então, foi levado para a prisão, onde deverá aguardar a nossa partida.

Logo após o meio-dia, chegaram de Sorocaba os Srs. Riedel e Florence. O Sr. Riedel trouxe a informação de que todo o material ne-

cessário para a expedição não encontrado em São Paulo (como, por exemplo, alcatrão, estopa, tachos de ferro e de cobre e chapas de ferro), pode ser comprado ali mesmo. Portanto, não é preciso mandar vir de São Paulo ou de Santos.

05/05

Hoje à tarde, chegou, finalmente, nossa segunda canoa, que, segundo os entendidos do assunto, ficou muito boa. Falta-nos ainda o chamado terceiro batelão, que, conforme assegurou o Sr. Francisco Alvares, deverá estar aqui em poucos dias. O correio, há muito aguardado, trouxe-nos a desagradável notícia de que está havendo agitações na Rússia.

Graças à assistência do Sr. Francisco Alvares, recebemos muitos peixes novos do rio Tietê. Muitos conhecidos e desconhecidos trouxeram-nos, de presente, frutas e açúcar.

É difícil entender a educação e modo de viver das mulheres e moças desta terra. Elas vivem sempre separadas do sexo oposto, raramente se permitem ser olhadas por algum estranho, nem mesmo por parentes próximos, e têm que passar a vida toda trancadas dentro de casa. A única oportunidade que têm de aparecer publicamente é quando vão à missa na manhã dos domingos. Nesses dias, mesmo com todo o cuidado dos pais, é que são marcados os encontros de amor.

Hoje, uma pessoa bastante confiável contou-nos uma história escabrosa que aconteceu há alguns anos, em Itu. Num domingo, um padre, caminhando depois da missa, viu sua sobrinha observando, curiosa e sem o conhecimento da mãe, através da janela de grade, as pessoas que passavam. O tio foi ter com sua irmã para repreendê-la por estar se

descuidando da educação da filha, que, segundo ele, observava furtivamente os transeuntes. À tarde, a irmã mandou chamar seu irmão, que, a essa altura, já estava de novo em casa, e mostrou-lhe o cadáver da filha, que ela havia estrangulado, garantindo-lhe que, a partir dali, ela não olharia mais as pessoas na rua.

O tropeiro foi mandado hoje cedo com a tropa a São Carlos, para apanhar as mercadorias compradas e deixadas lá pelo Sr. Florence. Hoje, escrevi cartas para a Mandioca. O Sr. Taunay desenhou várias espécies de peixes.

07/05

Muitos de nossos remadores vieram hoje para receber o adiantamento de oito meses que lhes cabia do pagamento pela viagem. Também foram despachados, hoje à tarde, sessenta alqueires de farinha, parte das provisões de viagem. Passou-se a aguardente dos barris para garrafas, pois os marinheiros furam os barris para roubar a bebida durante a viagem.

A vila estava hoje, como em todo domingo, cheia de vida, pois uma grande leva de fazendeiros das regiões vizinhas veio, com suas famílias, para a missa. Fiquei admirado ao ver moças e senhoras montando cavalos. Elas o fazem corretamente, vestindo botas e esporas, e ainda carregam uma criança na frente e outra atrás.

Hoje foi um dia chuvoso. Seguindo costume antigo, nesse tipo de viagem, determinados trabalhadores recebem antecipadamente diversos materiais. Para dar uma idéia, vou expor aqui as condições a que estava sujeita a expedição de Manoel da Costa, que partiu ainda há pouco:

Pilotos: a 40.800 para toda a viagem, como adiantamento do pagamento, em vez de 6 côvados de baeta, 21 varas de tecido de algodão, duas caixas e um chapéu;

Proeiros: pessoas que trabalham na parte da frente da canoa, a 30.000, 31.000 e 32.000, conforme o tamanho da canoa, pagamento antecipado; diferentemente dos pilotos, somente 4½ côvados de baeta e uma caixa;

Contrapilotos: a 20.000 e 22.000, com 4½ côvados de tecido de algodão, um chapéu e uma caixa; o resto, da mesma forma;

Remadores: a 20 .000, 4 côvados de baeta, o resto, como acima.

O guia foi contratado por 60.800 e duas caixas, 8 côvados de baeta, 21 varas de tecido de algodão e um bom chapéu de feltro.

08/05

Como nossa expedição tem que viajar muito mais lentamente do que uma expedição comercial, o Sr. Francisco Alvares achou conveniente esclarecer isso a cada um dos empregados e a toda a tripulação, para que ninguém pedisse acréscimo de pagamento.

Como os gastos com a preparação dessa expedição foram muito altos, alguns inclusive imprevistos, o Sr. G. v. L. deu ordens ao Sr. Florence para que vendesse as mercadorias adquiridas, em parte ou no todo, pelo preço de custo. Mal a notícia correu, afluíram para cá muitos compradores, e o Sr. Florence vendeu, de ontem para hoje, cerca de 200.000 réis, e com esse dinheiro comprou-se o material necessário.

09/05

Diariamente, havia sete pessoas pescando com anzóis no rio Tietê, mas só pegaram alguns peixes, todos, sem exceção, da família dos *Salmo*. Dizem que a estação do ano e as águas muito altas não são propícias para a pesca. Ontem à noite, porém, o Sr. Francisco mandou lançar uma rede, e aí recolheu-se grande variedade de peixes.

10/05

A primeira canoa ainda está sendo calafetada.

Hoje à noite, fomos em uma pequena canoa, com a família de Francisco Alvares, a uma ilha próxima e lá jogamos a rede de pesca, mas infelizmente, pescamos somente alguns peixes pequenos e sem valor, embora, entre eles, houvesse alguns ainda desconhecidos.

11/05

É triste ter que depender de um operário daqui; nem com muito esforço se consegue fazer algo, principalmente nas vésperas de alguns feriados como o desta semana: o próximo domingo é a Festa de Pentecostes. Nessas ocasiões, todos os fazendeiros vêm para a cidade - agora mesmo já se vêem inúmeras famílias chegando diariamente.

Ainda fico surpreso em ver as mulheres cavalgando como os homens.

Em épocas normais, abate-se o gado uma vez por semana, mas, nestes dias, é possível comer diariamente carne e pão frescos.

Diariamente, enviam-se pessoas para procurar a raiz de cainca, que dizem ser muito freqüente nessa região. Mas elas sempre voltam com apenas algumas libras.

12/05

Temos que nos preocupar não só com as provisões, mas também com a nossa segurança numa viagem tão perigosa. Fabricaram-se, hoje, balas de chumbo para nos defender dos freqüentes ataques de onças. De chumbo e pólvora já estávamos suficientemente abastecidos. Como dizem que nossa alimentação diária consistirá de peixes, preparamos, hoje, um molho forte com pimentão bem cozido com sal e suco de limão (primeiramente tritura-se bem o pimentão em um pilão). A pimenta que resulta daí é largamente consumida aqui; para algumas pessoas, chega mesmo a ser tão indispensável quanto o sal.

Hoje, uma noite fria, observamos a cidade: ela tem algumas boas praças abertas, algumas ruas calçadas com pedras em ferro e algumas casas bonitas. O me chamou a atenção foi ver, num lugar tão grande, apenas uma única igreja e bem precária (ver adiante o dia 15).

O cão *Pudel* que trouxemos da Europa parece ser muito raro aqui, pois ele chama a atenção de todos os moradores. Na rua, os meninos o chamam normalmente de "cachorro-de-carneiro".

13/05

Foram comprados no Rio de Janeiro mais 1.000 anzóis ingleses para a viagem, alguns para nosso uso próprio, outros, para troca. As pessoas daqui, no entanto, disseram que eram muito fracos para os pei-

xes de água doce e que, com eles, não iríamos pescar nada: ou iriam se quebrar com a força dos peixes, ou estes arrebentariam o arame dos anzóis e fugiriam com eles. Aqui não é raro se pescarem peixes, sobretudo dourados, com 3 ou 4 anzóis presos na boca. Dizem que os índios preferem pescar os peixes grandes com anzóis; eles os preparam com grandes pregos de ferro.

14/05

Hoje, as ruas ficaram permanentemente repletas de gente, a maioria vinda do campo. Para um europeu, é muito interessante assistir à chegada de famílias vestidas das formas mais variadas, com seu séquito de escravos, carregando toda espécie de provisões, galinhas, patos, inclusive liteiras carregadas de camas, roupas, panelas e outras coisas.

No Domingo de Pentecostes, fomos à igreja, onde houve uma longa missa acompanhada de música e sermão. A igreja estava repleta de gente; todas as senhoras e moças estavam vestidas de modo muito simples. Elas traziam um longo véu preto de algodão rústico que cobria os ombros e os braços, a cabeça e a maior parte do corpo (vide figura). Era um manto sem corpo ou camisa. Durante a missa, chegavam pessoas de todos os tipos,. trazendo cera, lâmpadas e dinheiro, que depositavam sobre um altar. Perto dele, estava sentada uma pessoa que, nesse dia, respondia pelo nome do Imperador (não preciso explicar a origem disso, que é comum a Portugal e ao Brasil).

Hoje à noite, Roberto retornou de Campinas trazendo a tropa e as mercadorias que haviam sido deixadas lá. Grande parte do pessoal contratado para a expedição recebeu hoje o adiantamento que lhes era devido em tecido de algodão, baeta e dinheiro.

15/05

A cidade está situada numa elevação bem próxima ao rio Tietê. Seu antigo nome era Araraitagüera, que significa arara que come pedra. De fato, bem próximo à cidade, na margem do rio Tietê, existe uma rocha escarpada onde brota uma substância salgada que as aves gostam de lamber. A cidade e suas redondezas não são consideradas, em geral, muito saudáveis; em determinadas estações do ano, tanto aqui como nas margens do rio para baixo, há muitos casos de malária, embora não perigosos. Provavelmente ela provém do consumo da água do rio. A região onde este rio desemboca no Paraná é extremamente insalubre; muitas pessoas morrem todos os anos.

Na tarde do sábado anterior a Pentecostes, chamou-nos a atenção ver, caminhando nas ruas, várias mulheres bem vestidas, com sapato e meia (o que não é costume aqui), acompanhadas de uma escrava que trazia um jarro cheio de água sobre a cabeça. Fomos nos informar e ficamos sabendo que, para cumprir um voto, como é costume aqui, as pessoas levam essa oferenda ao chamado Imperador de Pentecostes.

16 e 17/05

Hoje, hospedamos o Sr. Francisco Alvares Machado e Vasconcellos com sua família. É a pessoa que mais colaborou com a nossa expedição.

As duas canoas pequenas chegaram hoje. Desse modo, fazemos progressos diários para partirmos logo. Cada uma dessas duas canoas de caça custa 5.000 réis. Hoje enviamos, pelo correio que saía, cartas para Kielchen e para a Mandioca.

18/05

Hoje, ao meio-dia, chegaram notícias de Itu, que, na verdade, deveriam ter vindo com o último correio do Rio. O vice-cônsul russo, Sr. Peter Kielchen, enviou um expresso para cá; muito provavelmente, ele trará telegramas importantes sobre a morte do Imperador Alexandre e sobre nossa situação econômica. Se tivessem sido mandadas pelo correio regular, já teriam chegado há três dias. O mensageiro deve ter partido do Rio no dia 28 de abril, portanto, já está a caminho há vinte dias.

Após a refeição, fomos ver as canoas pequenas e fizemos um pequeno passeio pelo rio Tietê, onde abatemos alguns pássaros.

Os cômodos das casas dos habitantes mais ricos raramente são assoalhados. Numa casa grande como aquela em que estamos morando, não há um único cômodo assoalhado, mas o chão de terra vermelha batida era bem nivelado. Havia alguns buracos, e a poeira vermelha era tanta, que precisávamos trocar de roupa diariamente. Os insetos, sobretudo pulgas e bichos-do-pé, com certeza, proliferam muito no verão.

19/05

O Sr. Riedel foi hoje com o Sr. Krélé visitar sua propriedade. Trata-se de um francês que se instalou aqui na região e tem uma plantação de cana-de-açúcar em Capivari. Ali se tomaram todas as providências para a viagem iminente.

O Sr. Hasse deu-nos hoje a receita de uma tinta indelével para marcar roupa branca. É a seguinte: em primeiro lugar, umedecer a roupa numa solução de goma arábica com um pouquinho de potássio. Torcer e, em seguida, secar a parte onde se quer escrever, deixando-a

bem lisa; sobre ela se escreve com uma solução de pedra-infernal com goma arábica e um pouco de pó de carvão. Quando a escrita tiver penetrado bem, lava-se tudo com água, e a tinta se conserva para sempre.

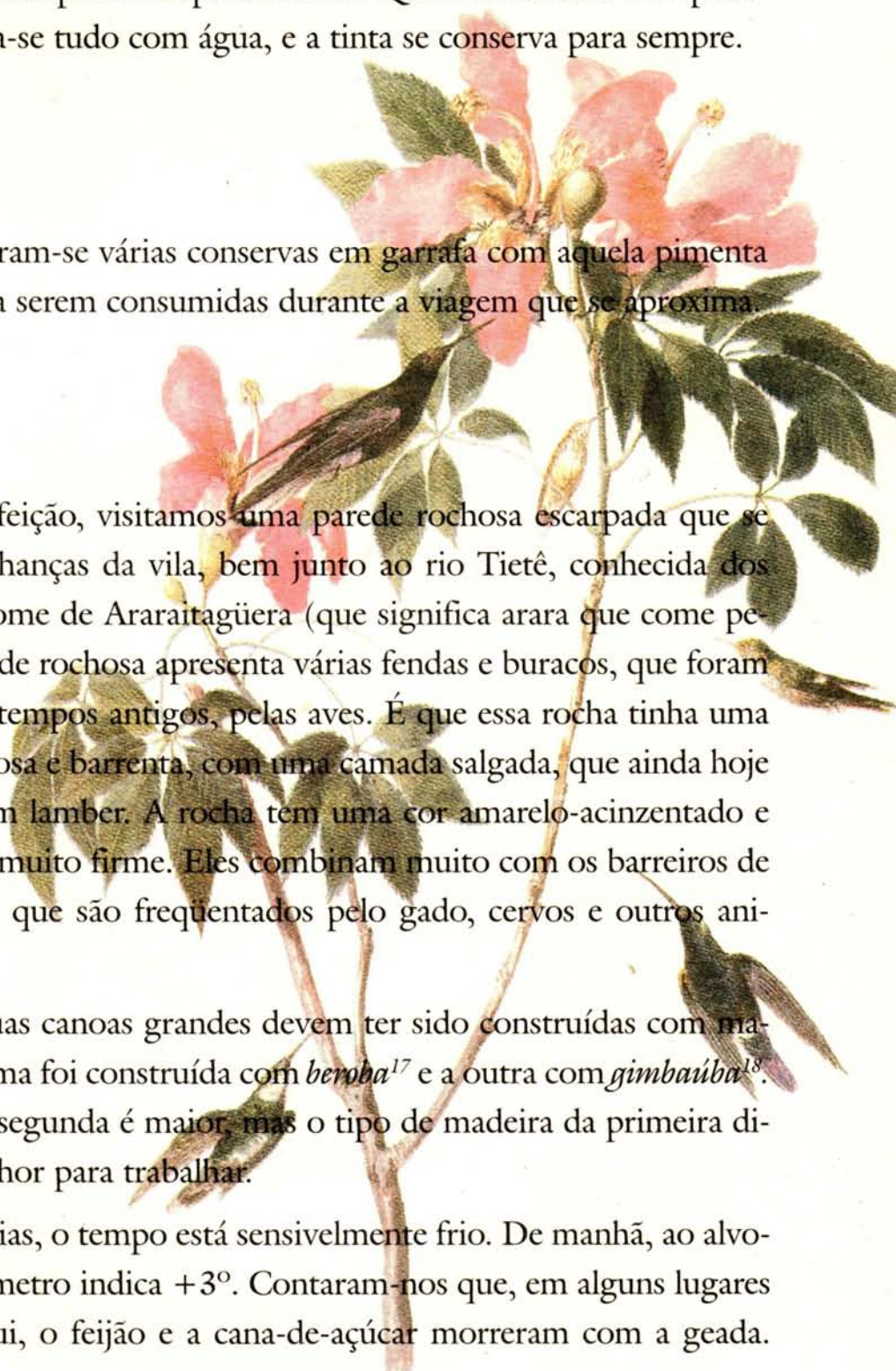
20/05

Hoje, fizeram-se várias conservas em garrafa com aquela pimenta preparada, para serem consumidas durante a viagem que se aproxima.

21/05

Após a refeição, visitamos uma parede rochosa escarpada que se eleva nas vizinhanças da vila, bem junto ao rio Tietê, conhecida dos nativos pelo nome de Araraitagüera (que significa arara que come pedra). Essa parede rochosa apresenta várias fendas e buracos, que foram formados, em tempos antigos, pelas aves. É que essa rocha tinha uma cobertura arenosa e barrenta, com uma camada salgada, que ainda hoje os pássaros vêm lamber. A rocha tem uma cor amarelo-acinzentado e não parece ser muito firme. Eles combinam muito com os barreiros de outras regiões, que são freqüentados pelo gado, cervos e outros animais.

Nossas duas canoas grandes devem ter sido construídas com madeiras boas. Uma foi construída com *beroba*[17] e a outra com *gimbaúba*[18]. Na verdade, a segunda é maior, mas o tipo de madeira da primeira dizem que é melhor para trabalhar.

Há dois dias, o tempo está sensivelmente frio. De manhã, ao alvorecer, o termômetro indica +3°. Contaram-nos que, em alguns lugares próximos daqui, o feijão e a cana-de-açúcar morreram com a geada.

Com isso, os preços dos mantimentos subirão muito. Estamos contentes por já ter comprado, e bem barato, a maior parte das provisões para a expedição.

Hoje à tarde, o Sr Riedel voltou não muito satisfeito da propriedade do Sr. Krélé: lá ele só encontrou quatro plantas em florescência e ele já as conhecia.

22/05

Hoje, finalmente, chegou a primeira encomenda de 13 alqueires de feijão seco. Ontem trouxeram toda a aguardente (restilo) encomendada para a expedição (Ver conta da aguardente). Nossos negros ficaram a maior parte do dia no depósito, ocupados em acondicionar o vinho e a aguardente nas caixas. Fez-se calda de suco de limão, uma parte com açúcar e outra com sal, e prepararam-se várias garrafas com gim[?] e *Quassia*. Além do sabão inglês adquirido no Rio, compraram-se mais 4 arrobas de sabão líquido daqui.

Os preparativos desta viagem incluíam também encomendar uma bandeira imperial russa para cada canoa, não uma dessas bandeiras que se compram no comércio, mas uma daquelas que as embarcações reais do Império Russo carregam em seu mastro. Num empreendimento como este, essa é uma medida da maior importância, pois a bandeira mostra às várias nações indígenas que têm relações de amizade com os portugueses que não se trata de uma expedição portuguesa com fins de especulação comercial, ao mesmo tempo em que lhes anuncia que outras nações têm acesso às suas terras e que são amigáveis. A bandeira imperial russa é a primeira, de todas as bandeiras nacionais européias, a aparecer nos rios do interior da América do Sul.

23/05

Nosso futuro guia chegou hoje finalmente, garantindo-nos que amanhã chegará a terceira canoa, o chamado batelão. Ele se atrasou porque um de seus filhos ficou gravemente doente. Hoje trouxeram muitos alqueires de feijão como provisão de reserva. Os preparativos progridem agora rapidamente. A título de informação, segue aqui, juntamente com outras, a lista das despesas mensais correspondentes a cada pessoa contratada.

24/05

Para nossa alegria, Antônio Vieira Lisboa providenciou a maior parte dos mantimentos que ainda faltavam - feijão e farinha, que foram trazidos hoje para o armazém. Pelo cálculo estimativo feito, de que uma pessoa consome um alqueire por mês, parece pouca a quantidade acima citada de farinha (100 alqueires). Mas o cálculo não é para a viagem toda: só até Camapuã. As pessoas experientes no assunto garantem que qualquer mantimento essencial, como feijão, farinha e toucinho, pode ser adquirido em troca de sal, pólvora, chumbo, ferro bruto e diversas mercadorias manufaturadas. Se fôssemos levar provisões para 8 meses, ou seja, até Cuiabá, não haveria lugar nas canoas para praticamente mais nada.

25/05

Apesar de ser dia de *Corpus Christi*, que aqui é bastante festejado, ainda conseguimos receber uma parte das provisões. Aproveitamos o

feriado para fazer um passeio nas redondezas e colher uma erva amarga (*Conyza*), que substitui a quinina verdadeira e que, segundo dizem, serve para curar a malária, que poderá ocorrer durante a futura viagem.

Pegamos hoje uma presa rara, o gambá (*Didelphysmirina Linne*), que dizem ser muito encontradiço nesta região.

26/05

A tropa foi enviada hoje a Sorocaba para comprar sal para a viagem, pois me disseram que, em Cuiabá, ele custa o dobro. Festejou-se hoje o batizado do filho do Sr. Krélé, e todos nós fomos convidados.

27/05

Ontem, chegou aqui a canoa menor, que chamam de batelão. Ela é usada, geralmente, para carregar a bagagem e as provisões mais pesadas, porque, devido ao seu tamanho, ela afunda menos na água e, por isso, pode atravessar todos os pontos rasos do rio, onde os barcos grandes não podem passar. Embora ela nos parecesse muito pequena, o nosso guia Antônio Lopes garantiu-nos que ela pode comportar todo o vinho, a aguardente, grande parte do sal e outros mantimentos.

28/05

Chegou hoje a última leva do feijão encomendado para a viagem. Em breve poderemos iniciá-la. Já temos todas as provisões. O que ainda vai nos deter aqui mais alguns dias são certos trabalhos que precisam

ser feitos para a comodidade dos passageiros: por exemplo, uma cobertura para uma parte da canoa, onde os viajantes possam se abrigar da chuva e do sol.

O Sr. Riedel foi hoje, com o Sr. Hasse, a Itu, para visitar lá o Dr. Engler.

Parece que o clima daqui é ainda mais prejudicial para a conservação dos dentes do que no Rio de Janeiro. Rapazes e moças ainda na flor da idade aparentam ser muito mais velhos do que realmente são por causa da falta de dentes ou do seu péssimo estado. Até mesmo os negros, que, por natureza, têm dentes muito bons e bonitos, exibem falhas nos dentes. É muito raro aqui ver jovens com dentes bem conservados.

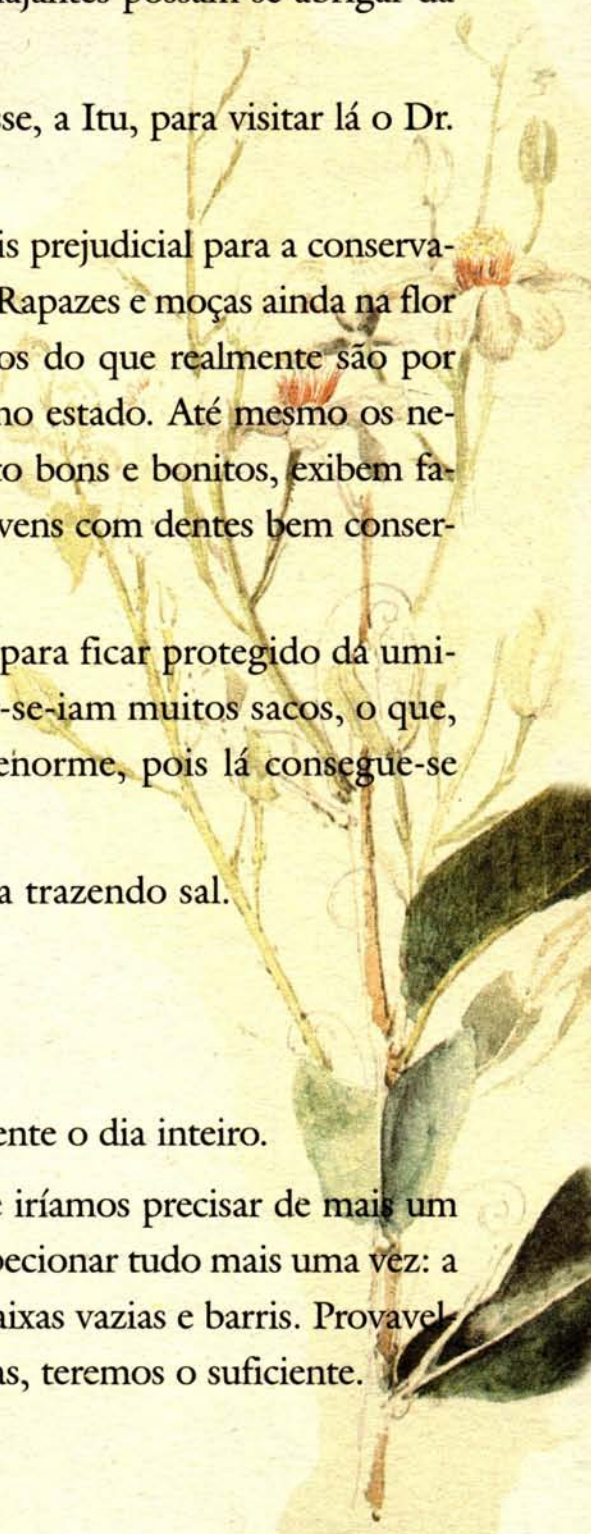
O sal foi embalado hoje em barris, para ficar protegido da umidade do rio. Sem essa precaução, perder-se-iam muitos sacos, o que, em Cuiabá, representaria um prejuízo enorme, pois lá consegue-se vender 100% do sal.

Hoje, a tropa retornou de Sorocaba trazendo sal.

29/05

Até agora, tem chovido torrencialmente o dia inteiro.

Quando ouvimos de nosso guia que iríamos precisar de mais um batelão para a nossa bagagem, fomos inspecionar tudo mais uma vez: a bagagem pequena, como pólvora e sal; caixas vazias e barris. Provavelmente, com as canoas que já estão prontas, teremos o suficiente.

O Sr. Riedel retornou hoje de Itu.

30/05

Choveu o dia todo, o que, sob certo ponto de vista, é bom para nós, pois, com isso, o rio Tietê fica mais cheio e nossa viagem, que deve se iniciar logo, ficará menos cansativa.

Os gatos e os ratos atacaram, nesses dias, nossas provisões guardadas no depósito. Por isso, toda a manhã de hoje foi empregada para esvaziar os sacos e remendá-los, prevenindo, assim, futuros danos. Aconselharam-nos colocar, no depósito, milho assado no toucinho, para poupar o resto das provisões.

Nos últimos 10 ou 14 dias, nesta estação fria do ano e com o rio cada vez mais baixo, apesar de todas as tentativas, não apareceram mais peixes. Mesmo assim, todos os anzóis foram preparados para a viagem.

01/06

Choveu muito hoje; só se viu o sol de vez em quando. Hoje à noite, fui, com alguns pescadores, até uma ilha próxima daqui que fica no meio do rio Tietê, para jogar a rede de pesca. Algumas horas mais tarde, voltamos para casa, já com noite escura, contentíssimos por ter conseguido cinco espécies de peixes, algumas muito interessantes. Hoje à noite, houve uma tempestade muito forte. O telhado da casa onde estávamos era tão precário que choveu dentro dela em vários pontos.

02/06

Fizeram-se desenhos e pinturas com alguns peixes pescados ontem. G. v. L. descreveu todos, e, pela primeira vez, comecei a empalhá-

los, e estava muito feliz em fazê-lo. Mandei cozinhar duas garrafas de suco de limão para a viagem. De manhã, tivemos um pouco de chuva, mas, à noite, o céu limpou novamente.

03/06

Hoje, ao meio-dia, chegou finalmente, com o dinheiro, o mensageiro que fora despachado daqui para São Paulo. Agora nada mais nos detém, a não ser o carpinteiro, que ainda não acabou de fazer as barracas. Para agilizar o trabalho, contrataram-se mais dois trabalhadores, que começarão na segunda-feira.

Hoje à noite, o Sr. Francisco Alvares mandou-nos um cesto de peixes, alguns muito interessantes.

04/06

O Sr. Riedel foi, hoje cedo, para Sorocaba, para buscar uma encomenda de material para a viagem.

05/06

Todo esforço e dinheiro empregados para manter os empregados trabalhando são inúteis. O carpinteiro, por exemplo, já faz meses que está trabalhando nas canoas e até agora não terminou o serviço. Deve-se atribuir a negligência dos brasileiros não só ao clima, mas também à abundância de alimentos e ao prazer que têm pela bebida. Nova ordem foi dada hoje para contratar mais trabalhadores, para ver se conseguem aprontar as canoas ainda esta semana.

06/06

A tropa chegou hoje, trazendo, na carga, grande volume de material encomendado para a viagem. Choveu muito hoje à tarde, e, à noite, ventou forte.

07/06

Já passava das 10h quando iniciamos a viagem para Ipanema (fábrica de ferro), juntamente com a tropa, para buscar lá mercadorias que haviam sido encomendadas. O caminho estava relativamente bom. Após deixarmos a vila, passamos por várias matas e por alguns estabelecimentos pequenos ou vendas, onde não se vende outra coisa além de cachaça. Depois de 3 horas de caminhada, passa-se por uma ponte muito bem conservada, que atravessa o rio Sorocaba, um rio de tamanho considerável que desemboca no rio Tietê. Essa ponte foi construída por iniciativa de um vizinho dessa região, com a condição de se cobrar, de todo viajante que por ela passasse, um determinado imposto, até cobrir todos os gastos. Qualquer pessoa que viaje no Brasil certamente aplaude essa boa ação e paga, com prazer, o imposto da ponte, que é insignificante. Há 14 dias, a passagem foi liberada, o que significa que os custos da ponte já foram pagos.

Uma hora antes de chegar à fábrica, passa-se por matas fechadas, depois por campos e, em seguida, quinze minutos antes de chegar, por pequenos bosques.

Chegamos por volta das 5h. Apeamos na casa de um sueco que se estabeleceu aqui e se casou com um portuguesa, e encontramos o Sr. Riedel esperando por nós.

08/06

A fábrica está situada em um local muito bonito. Tem várias construções grandes e um grande lago represado, que fornece a água necessária para fazer funcionar uma serraria e uma ferraria. Todavia, essa obra tão grande e tão bem construída está mal administrada. Contrataram-se operários, a maioria como ferreiros e serralheiros, mas, durante dois anos, estes não foram pagos e, por isso, tiveram que se endividar para comprar comida - pode-se facilmente imaginar como eles trabalharam durante esse tempo. Além disso, eles tinham que pagar o dobro do preço pelos alimentos que compravam. Em pouco tempo, todos acabaram se entregando à bebida. Finalmente, há dois meses, todos receberam o seu pagamento; os viciados em bebida foram imediatamente despedidos.

As barras de ferro são trazidas de um local distante mais ou menos uma hora da fábrica. Neste momento, o ferro não pode ser fundido, porque não há carvão. Foram contratados dois negros que pertencem à Coroa.

Ao meio-dia mais ou menos, iniciamos a caminhada de volta e chegamos às 5h. Para nossa alegria, soubemos que as canoas grandes estavam prontas para a viagem. Agora, só falta a canoa pequena, que chamam de batelão, que deve ficar pronta nesta semana.

09/06

Hoje, ao meio-dia, colocaram as canoas grandes, puxadas por seis bois, no rio Tietê. Disseram que elas deverão ficar lá alguns dias para ver se não entra água. Houve várias tentativas de fuga de remadores

que já haviam recebido, por antecipação, quatro ou cinco meses de seu ordenado. O Sr. Francisco Alvares, que é juiz, adotou todas as medidas possíveis para resgatá-los e conseguiu, realmente, recuperar quase todos.

10/06

O batelão, embora tenha sido comprado há pouco, está bastante avariado; o carpinteiro está tendo muito trabalho para deixá-lo em condições de viajar. Em função disso, vamos ter que esperar ainda alguns dias para iniciar a viagem. O Dr. Engler chegou hoje à noite.

11/06

Dia após dia, vão surgindo gastos não previstos, de modo que não se sabe se o dinheiro destinado à viagem será suficiente. O orçamento inicial era de 800.000 réis, que não serão suficientes nem para a metade da viagem.

12/06

O batelão está pior do que se pensava; por isso, não poderemos embarcar nesta semana.

13/06

Como a data prevista para a partida se aproxima, resolvemos, então, vender nossos animais de montaria e de carga pelo melhor preço possível. Nós os compramos há alguns meses, quando nossos planos

eram de viajar por terra para Goiás e Mato Grosso; e pagamos muito caro por eles: entre 40.000 e 50.000 réis por cabeça. Todos os dias aparecem muitos compradores, mas eles não oferecem mais do que a metade do valor que pagamos. Vamos ter que nos contentar em receber 22.000 réis por animal.

14/06

O Dr. Engler despediu-se hoje de nós e voltou para Itu.

Finalmente, depois de muita preocupação e trabalho, o terceiro barco, o batelão, ficou no ponto de podermos enchê-lo de água, juntamente com as outras duas embarcações. É um procedimento que sempre se faz antes de uma viagem como essa, para deixar a madeira mais espessa e impermeável. Após dois ou três dias, elas são esvaziadas; verifica-se se elas estão bem vedadas para, então, carregá-las. Esperamos poder iniciar o carregamento na próxima sexta-feira. Cada vez mais remadores das redondezas vêm se empregar aqui. Eles têm que ser alimentados como se já estivessem em serviço, embora o pagamento só comece a ser feito no dia da partida.

Nos últimos oito dias, tivemos sempre tempo bom. Até às 10h, havia névoa espessa e úmida. O higrômetro indicava 80° a 95°, e o termômetro, entre +4° e +9°R. O sol se levantou por volta das 10h e dissipou toda a umidade.

15/06

Aprontou-se e embalou-se tudo para poder iniciar o carregamento amanhã, quando as canoas ainda cheias de água serão esvaziadas.

16/06

Após o café da manhã, um grupo grande de remadores foi, com vasilhas, até o porto, para tirar a água das embarcações, e, ao meio-dia, o serviço já estava terminado. Ficamos contentes quando vimos que a canoa havia deixado vazar muito pouca água e que, portanto, não seria necessário mais consertos. Quando tudo estava pronto para começar o carregamento, verificou-se, para nosso infortúnio, que faltava o primeiro guia, e sem ele não se poderia fazer nada. Ele dera a palavra de que viria hoje, mas só apareceu às 17h.

17/06

Hoje bem cedo, despachamos para o porto a carroça com os nossos papéis e documentos. A chuva que caiu não era tão forte que deixasse as ruas intransitáveis por causa da lama, mas não quisemos correr o risco de molhar os mantimentos. Só quando vimos todos os caixotes e caixas juntos, um ao lado do outro, foi que nos ocorreu que não haveria espaço suficiente nas três canoas. Amanhã, se o tempo estiver melhor, as mercadorias que estão num barracão coberto perto do rio serão trazidas para as canoas; assim, saberemos se é necessário comprar outra. Três pessoas: dois contrapilotos e um remador, precisaram ficar vigiando as mercadorias à noite.

Depois de passar meses nos preparando para o embarque, parece que hoje esse dia finalmente chegou. Todos os dias, o pessoal contratado para a expedição vinha nos importunar, ora exigindo dinheiro, ora mercadorias, ora adiantamento, alguns justamente, outros injustamente. Hoje, porém, que chegou o dia de começar a trabalhar, não apareceu quase ninguém. Foi com muito trabalho e graças a uma ordem judicial

do Sr. Francisco Alvares que conseguimos reunir, finalmente, algumas pessoas. Por volta do meio-dia, na primeira hora, apareceram todos, mas, ao mesmo tempo, veio também um temporal, que obrigou os trabalhadores a ir para o depósito.

Há oito dias, anunciou-se, nas redondezas, que todos os remadores contratados para a expedição deveriam se apresentar para o serviço. De ontem para cá, a maioria apareceu, com exceção de poucos.

O Presidente e o Governador precisam ser informados sempre que houver expedições como esta, a fim de que todos os cidadãos que servem na milícia recebam permissão especial para deixar Porto Feliz. O organizador de expedições como esta deve também mostrar, toda vez, ao Magistrado (da Câmara) ou ao Capitão-mor, seus planos e a autorização do governo. Tudo isso já foi feito, uma vez que Sua Majestade o Imperador já enviou, há alguns dias, a portaria ao Capitão-mor.

Com muito esforço, conseguiu-se reunir camaradas para levar as carroças e carretas cheias até o porto. Perto do meio-dia, mais ou menos dois terços do total já havia chegado. Verificou-se, então, que a bagagem dificilmente caberia nas três canoas que haviam sido aprontadas. Mesmo com todo o planejamento e cuidado, na última hora, sempre surgem centenas de pequenas providências a serem tomadas.

Aproveitamos o correio que partiu hoje para o Rio de Janeiro para mandar notícias ao Sr. Kielchen e aos moradores da Mandioca a respeito da nossa prontidão para a partida. A grande diferença entre a nossa expedição e as do Governo ou de comerciantes é que levamos menos mercadorias para fins comerciais e mais provisões; além disso, a maioria dos trabalhadores que vão conosco já recebeu, por antecipação, o pagamento de, no mínimo, cinco ou seis meses, ou seja, de quase toda a viagem.

Em geral, todos os brasileiros são comerciantes. Basta alguém querer comprar alguma coisa que eles vendem, mas cobrando caro e, como eles dizem, só com muito favor. Foi assim que fui obrigado a comprar em São Paulo, há alguns meses, uma mula por 40 táleres. No entanto, quando se quer vender, não aparece um comprador. Todos sabiam que eu precisava vender meus animais e pareciam ter combinado entre si que só me pagariam a metade do valor. Os três mais baratos, por exemplo, que me custaram 120.000 réis, precisei me desfazer deles por apenas 66.000 réis. As mercadorias, tive que vendê-las pelo preço de custo e, com isso, perdi o que paguei pelo transporte.

18/06

Hoje foi um dia de muito trabalho, embora fosse domingo.

Logo cedo, o Sr. Francisco Alvares veio ter conosco para nos orientar na compra de outro barco o mais rápido possível, para poupar-nos do contratempo que lhe ocorreu no início do período de chuvas do ano passado, quando um de seus barcos afundou. Todo o pessoal foi convocado para tirar o barco da água, levá-lo para a margem e, em seguida, esvaziá-lo; depois que se verificou que o barco estava em boas condições, levaram-no para o porto, para que o carpinteiro pudesse trabalhar nele. Com a aquisição da quarta canoa, fomos forçados a contratar mais alguns camaradas (remadores). Estes foram logo encontrados e ficaram muito felizes em poder participar da viagem.

Pela manhã, levaram todos os mantimentos para o porto; ficaram no depósito apenas algumas caixas de vinho e de aguardente.

19/06

Hoje iniciou-se para valer o carregamento das canoas, começando pela canoa *Jimbo*, pois havia uma esperança de que ela comportaria a maior parte da carga. Os camarotes ou barracas, que deverão nos servir de alojamento durante muitos meses, primeiramente foram ocupados, para nosso pesar, com caixas que não serviam para carga de canoas: eram caixas de papel vegetal e outras coisas. Perto do anoitecer, a canoa estava cheia, mas não se pôde organizar a distribuição da carga, na medida em que não era possível ainda calcular a quantidade de mantimentos em sacos que a canoa poderia comportar.

Jimbo[?] é uma madeira leve e macia, que flutua sobre a água. O barco tinha mais de cinco palmos de largura e 4 palmos de altura. Mesmo com a grande quantidade de caixas e alguns barris, chumbo, ferro, ele afundou muito pouco na água.

20/06

Hoje cedo, iniciou-se o carregamento do barco *Beroba*. Uma vez terminado, constatamos, para nosso pesar, que não seria possível abrigar a nossa bagagem nas canoas disponíveis. Por isso, mandamos buscar outro batelão num lugar distante algumas horas daqui. Nesse ínterim, carregou-se a terceira canoa, que é o batelão em que o astrônomo e o pintor deverão viajar. À noite, terminado o trabalho, perdemos a esperança de poder levar os mantimentos e material de primeira necessidade nas canoas grandes e pequenas, incluindo o batelão a mais com que o Sr. Francisco Alvares contava. Ele estava tentando achar uma forma de acomodar mais provisões. Descarregaram-se as canoas mais uma vez, para poder colocar, no compartimento inferior, mais gêneros

alimentícios acondicionados em sacas compridas. Isso foi feito logo de manhã cedo. Levaram para dentro do barco grande quantidade de provisões, colocando-se, em seguida, sobre elas as caixas grandes e caixotes de menor utilidade: papéis e outras mercadorias. O nível da carga ficou mais ou menos um palmo acima da borda da canoa.

21/06

O batelão que foi comprado chegou ontem, tarde da noite; ele precisava apenas de pequenos reparos. Uma vez carregadas as duas canoas grandes, a *Jimbo* e a *Beroba*, o batelão antigo e o novo, ainda faltava lugar para muitas coisas. Decidimos, então, unanimemente - na verdade, já estava decidido desde ontem -, vender imediatamente todo o vinho em barris, de forma a aliviar o peso do batelão do Sr. Rubtsov e liberar mais espaço.

As duas pequenas canoas (que prefiro chamar de barcos de caça) deveriam receber algumas galinhas e outras provisões. Como isso não era mais possível, o galinheiro e as galinhas ficaram como prêmio[?], e os barcos de caça acabaram recebendo provisões e outras miudezas.

22/06

Nessas circunstâncias, chegou, finalmente, o grande dia da partida de Porto Feliz.

Uma vez já tendo levado toda a carga para as canoas, que oscilavam com uma boa parte de seu casco imerso na água, começamos, finalmente, a arrumar o compartimento onde ficaríamos alojados: enviamos para o porto os apetrechos de cozinha, camas, sobretudos, sacos de

viagem, alguns instrumentos de física e garrafas. Ficamos impressionados quando vimos seis barcos supercarregados em lugar de três. Não sabíamos o que fazer; quando já estava tudo determinado e preparado para a viagem, ainda tivemos que tentar distribuir os utensílios nos barcos, canoas e barcos de caça. Mas foi necessário deixar para trás, por falta de lugar, mantimentos frescos (um porco gordo), estoque de toucinho para alguns dias, um barril cheio de vinho e outro de aguardente.

Devo observar aqui que toda a perda de tempo e dinheiro se deveu à decisão de levar conosco mercadorias, bens comerciais. Se eu tivesse, ao invés de mercadorias, levado dinheiro vivo, provavelmente já teria partido no mês de abril; teria também evitado tantos gastos inúteis com o transporte de Santos a Jundiaí e Campinas e de lá para Itu e Porto Feliz, um tempo precioso. Além disso, tive grandes prejuízos com a má escolha de mercadorias: elas foram calculadas para o mercado de Cuiabá e não para a Província de São Paulo. O vinho do Porto que adquiri, por um bom dinheiro, do Sr. Whitaker em Santos era um bom vinho de Lisboa, bem de acordo com o nosso gosto, mas não servia para vender, pois, no interior deste país, as boas mercadorias são vendidas por preços muito baixos; o transporte do vinho de má qualidade custa tanto quanto o de boa qualidade. Aliás, diga-se de passagem, tive que vender as mercadorias praticamente pelo preço de custo; na venda do vinho, tive 50 de prejuízo.

Outro fator que concorreu para o nosso prejuízo foi a necessidade de vender as mercadorias, como mulas, vinho e outras, por dinheiro vivo, o que não é comum por aqui; como eu já disse antes, normalmente o comércio aqui se faz por meio de trocas e de crédito. Os fazendeiros vendem a crédito os seus produtos: bois, cavalos, mulas, açúcar, feijão, milho; ou então os vendem nas cidades e vilas a comerciantes ambulan-

tes em troca de mercadorias. Como eu levei mercadorias ao invés de dinheiro vivo, tive, então, um prejuízo considerável.

23/06

Vou abordar, agora, um assunto que exige uma outra pena que não a minha. Aqui há sempre muitas coisas que ensejam a reflexão de pensadores, filósofos, eruditos e não-eruditos, patrões e empregados. Estamos às voltas com muitas dificuldades e despesas, prestes a iniciar uma viagem de pesquisa de grande porte e perigosa. Vamos percorrer um caminho nunca dantes percorrido. É como se estivéssemos diante de um véu escuro: vamos abandonar o mundo civilizado para viver no meio de índios, tigres, onças, tapires, macacos e outros animais.

Já estava tudo pronto a bordo. O Sr. Francisco Alvares nos recebeu para o último café da manhã em sua companhia, pelo menos nesta vila que vamos deixar agora. Conviver com essa família, com quem desfrutei momentos tão bons; pensar em tudo que nos esperava e em tudo que havíamos passado, tudo isso causou em mim uma impressão muito mais forte do que quando deixei a Europa pela primeira vez. Involuntariamente veio-me à mente, depois de tanta preparação para a viagem, o pensamento de que essa talvez fosse a última refeição de um condenado. Quando lemos, então, a história dos primeiros descobridores, dos paulistas, dos patriotas e outros, é aí que percebemos o perigo que está diante de nós.

À mesa, reinava um profundo silêncio e inapetência geral. As senhoras, jovens e idosas, entre elas, Dª Cândida, Dª Maria Angélica, a noiva do Dr. Hasse (o único que ficou de outro grupo), enxugavam as lágrimas que lhes rolavam nas faces. Eu olhava o Sr. Hasse e me per-

guntava se ele não seria o Lesseps da nossa viagem (Lesseps foi o único que sobrou da viagem russa à Lapônia[?]). De vez em quando, ouve-se o estrondo da troca de salvas entre as pessoas de uma expedição que parte e as que ficam aqui.

Chegara a hora da partida. Deviam ser mais ou menos 9h. Levantamo-nos da mesa, todos tomados de profunda emoção. O capitão e três oficiais de Justiça estavam uniformizados. Estávamos iniciando a nossa viagem. Toda a vila estava reunida na saída do porto. Para muitos, tratava-se de uma festa pública, mas outros se desmanchavam em lágrimas. De um lado, as jovens esposas de homens que partiam em nossa expedição; de outro, crianças pequenas que vinham dar o último adeus a seus pais. Aqui, um devedor, ali, um agiota que ainda quer receber seu dinheiro, e muitas cenas engraçadas. Uma mulher grita para seu marido: "Lá se vai ele, mas bem que poderia ter me deixado uma casa". Finalmente, depois de muito trabalho, fizeram-se ao largo as seis embarcações perigosamente carregadas.

Esqueci-me de comentar que o Capitão-mor dirigiu a todos uma advertência: que todos se comportassem bem e que, saindo de Cuiabá, não abandonassem suas famílias, mas voltassem para suas casas. O padre deu a bênção e aspergiu água benta sobre os barcos. Havia um clima festivo, mas também de aparente seriedade. Algumas mulheres quiseram acompanhar seus maridos até dentro dos barcos, mas foram retiradas do local, devido ao excesso de peso. A partida incluía algumas cerimônias: primeiramente, as embarcações, uma após a outra, seguiram rio acima; depois, fizeram uma curva e foram para trás de uma pequena ilha que havia na frente da cidade. O Sr. Francisco Alvares preparou-nos uma surpresa numa espécie de forte: respondeu à nossa última salva de adeus nos jardins próximos ao rio. Ele ainda nos acompanhou, para nos ajudar em qualquer dificuldade que surgisse. A parti-

da foi perigosa, porque as embarcações estavam muito carregadas e balançavam tanto, que, ao menor movimento, ameaçavam fazer água. Vendo isso, meia légua adiante, o Sr. Francisco Alvares mandou desembarcarem, enviou outro batelão e mandou deixarem na margem, pouco antes da primeira queda d'água, a bagagem supérflua. Com essa providência e a compra de outro batelão, nossa viagem ficou agora em ordem. O batelão, que foi alugado ou emprestado, aumentou o número de barcos para sete. Pela primeira vez, se desfraldava a bandeira do Império russo no interior do Brasil. Graças aos cuidados e à amizade do Sr. Francisco Alvares Machado e Vasconcellos, conseguimos vencer as dificuldades maiores. Agora, estávamos entregues à Providência divina.

Nessa primeira parada, depois de colher as primeiras impressões de todos, fizemos uma promessa: se Deus Todo-Poderoso nos conduzir, com saúde, de volta ao Rio de Janeiro, voltaremos a Porto Feliz ou aonde quer que se encontre o Sr. Francisco Alvares, para reiterar-lhe os nossos agradecimentos mais sinceros. Selamos a promessa com um aperto de mão, todos com exceção do Sr. Taunay.

Passamos ainda por diversas cachoeiras pequenas e alcançamos, por volta de 4h, o lugar escolhido (por necessidade) para acamparmos. Há várias cachoeiras. Preciso falar mais sobre a travessia destas. O primeiro acampamento foi na vizinhança do engenho de Avaremanduava, local onde um padre se afogou, a 1½ légua de Porto Feliz. Ali, nossos barcos tiveram que passar pela queda com a metade da bagagem. Na pressa da partida, esquecemos ou deixamos para trás vários objetos, alguns importantes, como, por exemplo, um [...] muito bom, algumas chaves e uma rede de pescar que foi presente do Sr. Francisco Alvares. Muitos companheiros de viagem aproveitaram, então, essa oportunidade de voltar à cidade, para apanhar essas coisas, mas deverão estar de volta amanhã cedo. Somente o Sr. Rubtsov e eu permanecemos; dor-

mimos na canoa, procurando nos ajeitar apesar do pouco conforto.

Não me informaram que é costume despedir-se aqui com muitas salvas ou tiros. Os comandantes da tripulação, lamentando profundamente a falha, vieram, contudo, nos pedir insistentemente pólvora. De início, recusei-me a fazê-lo, pois eu só tinha pólvora inglesa da melhor qualidade para a caça, mas, a certa altura, não pude mais me negar a atendê-los. Até anoitecer, eles já haviam queimado cerca de 1½ libras de pólvora. Vieram me pedir novamente. Passei a noite procurando, no escuro, o barril que continha pólvora comum. Doía-me o coração ver minha pólvora boa de caça ser consumida daquela maneira. Encontraram a pólvora logo que amanheceu. Distribuíram-na às outras embarcações, pois queriam responder a todas as muitas saudações que partiam das casas situadas nas margens do rio.

Às 8h, os barcos já tinham sido carregados novamente. Todos os integrantes da expedição já haviam retornado da cidade, de forma que, logo em seguida, recomeçamos a viagem. Estive tão ocupado ontem que não pude registrar nenhum momento da viagem. Só pude retomar o diário hoje de manhã e espero escrevê-lo regularmente daqui por diante.

Agora são 11h da manhã. Estamos junto à cachoeira do Machado. As margens, principalmente do lado esquerdo, são planas e abertas; a um quarto de légua de distância, vêem-se, por toda parte, grandes e pequenos estabelecimentos. A região é mais aprazível e aberta. A cada fazenda por onde passamos, somos saudados com tiros. Se eu tivesse sabido disso antes, teria trazido meu pequeno canhão que deixei na Mandioca; além do mais, ele poderia ser utilizado para nos proteger contra os ataques dos índios.

Eram mais ou menos 6h quando chegamos a uma fazenda, situada

na margem direita do rio, que pertenceu ao falecido Sr. Coronel Antônio Caetano e que está sendo administrada. O local é agradável e bem escolhido. As casas estão em bom estado. Parece que aqui trabalhavam muitos escravos. Todas as usinas de açúcar funcionam movidas por bois, embora estejam bem próximas do rio. É que este é muito perigoso: na época das chuvas, seu nível fica de 15 a 20 pés mais alto do que na época seca. Um mestre de obras poderia construir aqui um belo moinho de cana-de-açúcar, onde se utilizasse a força da corrente do rio e bombas para elevar o caldo da cana a qualquer altura ou, pelo menos, a uma altura média. No tempo de chuvas e de grandes enchentes, que acontecem todo ano, não se fabrica açúcar aqui. Bem perto da fazenda, dentro dos seus domínios, está a cachoeira Itagassava[19], onde há um muro de pedra limitando o rio, uma defesa natural.

Fomos muito bem recebidos na casa do Sr. Francisco Alvares. Ele nos ofereceu um bom almoço com vinho e pão, o que é um luxo nesta região. Eles já esperavam, há dias, a nossa chegada. Há um bosque de laranjeiras bem perto da casa. Não se vêem nele ervas daninhas. São árvores com uma circunferência de 5 a 6 palmos, carregadas de frutas, e ninguém as consome. Aqui se desconhece a fabricação de vinho de laranja; nem os porcos as comem, pois preferem o milho.

24/06

Ontem, passamos por vários locais interessantes, entre eles, na margem esquerda do rio, um paredão de rocha elevado formado por jazidas de arenito. Disseram-nos que, antigamente, ela produzia um eco de 14 sílabas. Com o passar do tempo, contudo, uma parte dessa rocha caiu, e o eco se perdeu. Os índios a chamavam de Itanhaém, a pedra que fala.

Ontem, tão logo chegamos ao nosso alojamento, o Sr. Francisco Alvares nos deixou para ir verificar um batelão que estavam vendendo nas vizinhanças e que, segundo nos informaram, era novo. Ele só voltou hoje à noite, contando que estivera o dia inteiro ocupado com a reforma da dita canoa, mas que ela ainda fazia água.

25/06

Na manhã seguinte, bem cedo, fui depressa ao lugar onde estava a canoa e mandei trazê-la para a fazenda. Vou tentar fazer o possível para deixá-la em condições de uso. Um escravo, que trabalha como carpinteiro, ajudou-me a fazer o trabalho grosso. Fiz um encaixe do tipo rabo-de-andorinha para que a madeira rachada não se rasgasse mais ainda. À noite, já havíamos terminado todo o trabalho. Emborcamos o barco no chão e o calafetamos de novo com estopa besuntada de alcatrão. Tudo parecia em ordem agora. Na manhã seguinte, corremos, ansiosos, até a margem, para ver a canoa na água. Vimos, com alegria, que ela estava em condições de ser usada, embora ainda precisasse de um conserto importante.

Às 11h, com tudo pronto para a partida, despedimo-nos do nosso bondoso hospedeiro. Passamos pela grande cachoeira de Itagassava-açu, que, às vezes, é muito perigosa. Cinco minutos depois, passamos por outra com o mesmo nome Itagassava e ainda por uma terceira, logo abaixo da segunda, pelo lado direito. Como as margens são cobertas de árvores e raízes, elas sofreram pouca erosão com o passar do tempo. A terceira cachoeira, que é a menor, chama-se Itagassava-mirim. O rio se torna, então, mais largo, de novo mais plano, e passa por várias cabanas e estabelecimentos. As terras aqui são muito procuradas, caras e povoadas. As maiores plantações de cana-de-açúcar raramente têm mais do

que 500 de testada, o que representa uma largura acima de 1 légua e um comprimento de 1½ légua. A cana-de-açúcar se desenvolve muito bem nas vizinhanças do rio e nunca recebem geada, pois as constantes neblinas da manhã impedem a ação rápida do sol e o congelamento. Nas redondezas, entretanto, onde não há neblina, freqüentemente a geada e o gelo estragam as plantações de cana-de-açúcar. Temos tido temperaturas de +5° pela manhã e de +6° à noite, por volta das 7h. É um frio insuportável para nós. Estamos usando as roupas de inverno que trouxemos, e que serviriam para o frio da Sibéria: camisas de flanela, paletós, meias de lã, gorros, casacos com forro duplo e luvas para nos proteger dos mosquitos, mas até agora não vimos nenhum.

Era quase meio-dia quando chegou, de Porto Feliz, para nossa alegria, toda a família do Sr. Francisco Alvares: D. Cândida, D. Maria Angélica e seu noivo, o Dr. Hasse; o Sr. Krélé com o Sr. Taunay. Este último tinha ido até lá a cavalo, para enviar um expresso a Itu para perguntar se havia cartas para mim. Não havia, e, assim, inicio uma grande viagem sem estar a par dos últimos acontecimentos políticos da Rússia. Enquanto isso, a bandeira imperial russa balança em oito embarcações no rio Tietê, que são:

1- a canoa maior, *Jimbo*. Por ser maior, daqui por diante ela será chamada de barco;

2- a canoa um pouco menor, *Beroba*;

3- o primeiro batelão, canoa grande;

4- o segundo batelão - presente do Sr. Francisco Alvares ao Sr. Riedel;

5- o terceiro batelão, comprado às pressas;

6- o quarto batelão, comprado por necessidade, ontem;

7 e 8- duas canoas de caça, mas que estão bastante carregadas.

Bem que o Imperador Alexandre I poderia tomar conhecimento desta viagem fluvial que pretendo fazer, idéia que se formou a partir de uma pequena viagem.

Freqüentemente, os barcos grandes e os pequenos dão tiros, a que os habitantes das margens do rio respondem imediatamente - muitos são parentes dos pilotos ou dos remadores. Inclusive, a frota foi aumentada por outras canoas, dirigidas por senhoras e moças que acompanhavam seus maridos, pais ou amigos. Por toda parte, ouvem-se vozes dizendo adeus, ou desejando boa viagem ou feliz regresso. O nosso piloto-mor, o guia Antônio Lopes, que já fez esta viagem 26 vezes, responde a todas essas saudações com um amém. Isso me causou forte impressão, pois, para mim, era como se, a cada amém, amém, ele dissesse: sim, sim, tomara que sim.

Por volta das 4h da tarde, chegamos a uma cachoeira, a maior e mais perigosa que vimos até agora. Desembarcamos na margem direita, perto de um riacho que forma a cachoeira Pirapora. À tarde, depois de um cuidadoso desembarque, conseguimos atravessar uma passagem muito difícil e perigosa, em águas não menos perigosas, feita sobre dois troncos de árvore que estão fincados ali há séculos. Essa passagem se chama o "caverna do Capitão Salvador". Ela já deve ter feito desaparecer muito dinheiro[?]. Antes da cachoeira Pirapora, na parte superior, o rio é muito raso. Por isso, esvaziaram-se os barcos grandes para aliviar o peso e para melhor dirigi-los. Nesse momento, a tripulação teve que carregar a bagagem de um trecho navegável a outro. Para apressar essa operação, o Sr. Francisco Alvares, que é muito querido em todo o distrito, pediu aos moradores das localidades próximas que nos emprestassem carretas e bois. Com essa ajuda, em pouco tempo, a bagagem já se

encontrava na parte debaixo da cachoeira. Os dois barcos e o quarto batelão foram trazidos ainda hoje da parte de cima da cachoeira. Os barcos grandes devem seguir sempre a corrente principal, mesmo quando ela é impetuosa em função da profundidade. As canoas procuram, normalmente, águas mais rasas, de preferência, pequenas passagens ou travessias, onde elas são empurradas sobre os cascalhos de pedras. Quando necessário, os ocupantes pulam para fora delas para deixá-las mais leves ou para ajudar a empurrá-las. Quando um barco grande está suficientemente vazio, total ou parcialmente, sua tripulação é reforçada com os melhores comandantes: guia, contra-guia e piloto, todos muito experientes, equipados com remos duplos, varas e leme, prontos para enfrentar o perigo. Em primeiro lugar, rema-se de novo para trás 30 ou 40 passos, para ganhar a corrente principal ou aquela que leva à cachoeira. O barco entra em uma dessas corredeiras, onde, graças à destreza e à força das varas e remos que o conduzem, ele é desviado rapidamente das rochas e entra na cachoeira justamente no ponto onde as águas são mais profundas. São poucos segundos, mas decisivos para os destinos da viagem.

Antes mesmo de anoitecer, para nosso alívio, os dois barcos e os quatro batelões já haviam superado a perigosa travessia da cachoeira. Amanhã de manhã, agora em águas calmas, eles deverão ser recarregados.

Há alguns dias, estamos hospedados numa grande e rica fazenda, situada na margem esquerda do rio, abaixo da cachoeira. Já era noite fechada quando uma canoa da própria fazenda veio nos buscar. O Sr. Francisco Alvares já havia avisado a família da nossa chegada. Uma senhora culta (viúva) recebeu-nos, com salvas e foguetes, muito hospitaleira e sem cerimônia, em sua residência de muitos cômodos. Logo na chegada, serviram-nos chá e, por volta de 9h, um jantar comparável aos grandes banquetes de cidade grande: sopa com carne de galinha (como

é costume aqui), pastéis de carne com azeitona, legumes variados, arroz com temperos e um pouco de vinagre, muito saboroso; carne de vitela, frango assado e peru, o maior que já vi. Além disso, foi servido à mesa um vinho primoroso. As senhoras da casa e mesmo o filho mais velho, um padre, que herdará a propriedade depois da morte do pai e da mãe, não se sentavam à mesa. Nós, homens, não pudemos ver também as outras moças da casa, mas a senhora que nos recebeu entrava no interior da casa, onde a família, sentada sobre bancos baixos e esteiras, estava reunida num cômodo, em torno de uma grande fogueira. No pátio, havia, igualmente, uma grande fogueira, onde os homens se esquentavam. A temperatura era de +7°.

26/06

Passamos a noite num alojamento bom e quente. De manhã, ordenou-se que a viagem seguisse para a freguesia. A distância da Freguesia de Pirapora é de meia légua por terra e de três quartos de légua pelo rio.

Nas vizinhanças dessa cachoeira, encontra-se, com mais freqüência do que em outros lugares, uma espécie de *Salmo* chamada pirapitinga, muito semelhante à piaba. Devido à distância do local de desembarque (pouso), pois pernoitamos na margem esquerda do rio, não foi possível jogar a rede de pesca à noite. Assim, mandei fazê-lo de dia. Eu mesmo já havia tentado duas vezes, mas só com noite escura. A explicação que dou para isso é que esse tipo de *Salmo* normalmente só sai para caçar durante a noite.

À noitinha, por volta das 5h, chegamos à primeira das dez cachoeiras[?] constatadas na Freguesia de Pirapora, que é a última freguesia entre São Paulo e Cuiabá. Mais dois dias de viagem, e deixaremos tam-

bém os últimos pontos e residências. O lugar é pequeno e tem poucas casas, algumas, porém, são muito bonitas. Ele surgiu como todas as povoações do Brasil. Primeiro, construiu-se uma capela onde já estavam instalados alguns habitantes. Os fazendeiros da região começaram a vir para assistir à missa e, para sua comodidade, construíram casas para terem onde pousar. Com o tempo, algumas pessoas mudaram-se para lá, e surgiu uma freguesia nesta região muito fértil. Os habitantes dizem que, depois de alguns anos, ela poderá tornar-se uma região de grande importância, pois toda a área é muito produtiva. Seus pro-prietários são ricos e têm grandes plantações de cana-de-açúcar, que produzem, por ano, de 2.000 a 3.000 arrobas de açúcar.

Tivemos que fazer mais uma parada aqui, para fazer algumas compras e para receber um material que o Sr. Francisco Alvares encomendara, ou seja, uma corda grande para puxar os barcos em terra e toucinho, que aqui é mais barato do que em Porto Feliz. De cinco dias para cá, em função dos inúmeros obstáculos, percorremos somente 4½ léguas. Isso acontece normalmente quando se parte de Porto Feliz sem estar totalmente preparado para viajar em época de rio alto, o que pouparia tanto esforço para atravessar as cachoeiras. O rio é impetuoso, o que dificulta muito o desembarque. O Capitão-comandante da freguesia recebeu-nos com amizade e providenciou-nos uma casa grande e espaçosa.

27/06

Desde que chegamos e hoje cedo, tenho sido constantemente abordado por remadores e pilotos que vêm me pedir adiantamento de dinheiro. É um eterno mendigar de dinheiro, ora para comprar sabão e fumo, ora para deixar alguma coisa para mulheres e filhos, ora para comprar redes de dormir. Mas, tão logo recebem um pouco de dinhei-

ro, vão para as bodegas se embebedar e acabam se esquecendo de providenciar aquilo que precisam. A compra da quarta canoa exigiu que contratássemos, impreterivelmente, mais proeiros, ou seja, mais um piloto e um remador. Ontem mesmo, conseguimos encontrá-los, e eles já se apresentaram para receber o indefectível adiantamento de três meses.

Normalmente, não é difícil conseguir pessoal para trabalhar em expedições, mas, neste momento, havia poucos proeiros, pois a maior parte dos jovens fugiu para não ser recrutada. Além disso, duas expedições de Porto Feliz para Cuiabá já partiram antes de nós. Todos me garantiram que nem o próprio Governo consegue reunir pessoal para trabalhar em suas expedições. Além do mais, aqui é muito comum se falar em viajar para Cuiabá. Falam como se fosse uma viagem de Berlim a Potsdam. É difícil ver um homem de idade que já não tenha feito essa viagem.

Por volta de 11h, deixamos a freguesia, passamos por algumas propriedades (que vão se tornando cada vez mais raras) e só no início da noite alcançamos o alvo de nossa viagem de hoje, onde o Sr. Francisco Alvares já havia preparado para nós uma boa recepção na margem direita do rio. A família do Sr. Francisco Alvares despediu-se de nós na freguesia, e isso provocou tristeza em nossos corações.

O caminho de nossa viagem de hoje era muito uniforme; quase não oferecia material para observação na mata escura à direita e à esquerda. As águas vagarosas e mansas fizeram navegar, em nossas mentes, já desgostosas, pensamentos bem melancólicos. O Sr. Francisco Alvares esteve hoje em nosso barco e conversou conosco sobre coisas muito interessantes que aconteceram no Brasil. Contou, por exemplo, que há muitos anos, um comerciante viajava para Cuiabá com nove negros, quando uma onça veio ao acampamento e atacou um negro,

justamente aquele que mais exalava o odor característico dos negros (catinga). Todos que estavam por perto correram atrás da fera, tirando-lhe sua presa. Por isso, a onça seguiu a expedição semanas a fio, e, finalmente no rio Pardo, atacou o mesmo negro à noite, enquanto ele dormia, fugiu com sua presa, sem que os outros percebessem, e comeu o pobre negro. O povo afirma que, quando alguém é atacado uma vez por uma onça, é difícil escapar dela. Contam-se histórias de expedições que foram perseguidas durante meses. Também dizem que elas gostam muito mais dos negros do que dos brancos. Muitas vezes, com seu andar furtivo noturno, elas entram debaixo dos mosquiteiros e roubam os cachorros. Uma outra história: um jovem, cujo nome não me ocorre agora, raptou a filha de um fazendeiro. Eles passaram a primeira noite em uma floresta. De manhã cedo, ao acordar, a amada havia desaparecido; ele a chamou várias vezes, mas em vão. Suas roupas estavam ao lado do acampamento, portanto, ela não poderia estar longe; mas ela não voltava. Aterrorizado, ele esperou o dia nascer, encontrou sinais de sangue e os rastros de uma onça. Ele se pôs atrás dela imediatamente e, não muito longe, encontrou sua amada morta, entre as patas da onça e já parcialmente devorada. Ele juntou os restos da moça e correu para a casa do pai dela, para confessar sua culpa. Mas, tão logo deixou a floresta, deparou-se com o pai e o irmão da moça. Eles se postaram na frente do jovem sedutor e fugitivo. O pai atirou nele. A bala o feriu mortalmente, mas o moribundo ainda teve tempo de contar a desgraça que o atingira.

História do rapaz que vingou seu irmão e cometeu sete assassinatos: um jovem visitava uma jovem à noite; o irmão dela, sentindo-se ofendido, arquitetou, junto com seis amigos, um plano para o vigiarem. Eles o encontraram conversando, à janela, com a jovem. Bateram nele, o esfolaram vivo e mandaram entregar o corpo à jovem e à mãe. Esta, revoltada com tanta crueldade, mandou chamar um de seus filhos

e mandou-o vingar a morte do irmão. Deu-lhe alguma coisa e trancou a casa. Todos os assassinos, que o jovem conhecia, tinham fugido. Garcia partiu, viajou por quase todo o Brasil e, depois de muitos anos, após haver executado a sua missão, voltou e entregou à mãe as 14 orelhas dos assassinos de seu irmão.

28/06

Depois de uma boa noite de sono no acampamento, retomamos o nosso trabalho. O toucinho que restara e que ainda era necessário foi empacotado e levado para a canoa. Chegaram do sertão dois caipiras, com cinco cães, em uma canoa carregada de mantimentos. Eles haviam saído para caçar há aproximadamente um mês, levando sal em sua bagagem, e agora voltavam com o barco abarrotado de alimentos de todo tipo: jacus, jacutingas, araras, carne de tapir e peles, peixes salgados: mandis, pintados, jaús e muitos dourados, que, nesta época do ano, com rios baixos e tempo frio, não mordem o anzol. Só existe uma espécie dele que pode ser apanhada com redes. O tempo não nos permitiu ainda ocuparmo-nos com assuntos científicos.

Eram quase 11h quando deixamos nosso anfitrião hospitaleiro e iniciamos a viagem nas últimas terras cultivadas desta província. Pouco depois, vimos desembocar no Tietê os pequenos riachos Capivari-açu e Capivari-mirim, do lado direito, e o Sorocaba, que é um pouco mais profundo, pela margem esquerda. Este último me pareceu pequeno em relação ao rio que passa na vila do mesmo nome. (NB: naquela ocasião, eu o vi em época de muita chuva e agora o vejo na estação seca).

Por volta de 1h, alcançamos a última lavoura de cana-de-açúcar na margem direita do Tietê. O proprietário plantou-a há quatro anos, com

a ajuda de cinco escravos. Ele agora tem 19 e consegue produzir 2.500 arrobas de açúcar por ano. Só se pode atribuir a indescritível produtividade dessa lavoura ao fato de ter sido plantada em terras virgens e férteis.

Na viagem de hoje e de ontem, em alguns pontos, as margens do rio pareciam paredes de arenito fino, que poderia servir tanto como pedra de amolar quanto como bem comercializável.

Perto do nosso acampamento de hoje, encontram-se pedras para construção e pedras-de-fogo, de onde vem o nome do lugar: Pederneiras.

Dizem que já encontraram adiante, rio abaixo, pedaços de madeira petrificados, metade madeira, metade pederneira. Dizem que essa madeira petrificada em pederneira é muito encontradiça em alguns rios no caminho para Curitiba.

Depois da refeição, tivemos uma grata surpresa: um tapir que estava sendo perseguido por um caçador pulou no rio próximo ao local onde estávamos. Todos gritaram: "Uma anta!"[20] e correram para o rio, entraram nas canoas e foram atrás dela. A princípio, ela tentou nadar para a terra para fugir pela margem oposta, mas voltou quando viu que as canoas estavam muito perto. Mergulhou e reapareceu, dois minutos depois, a uns 6 ou 7 pés de distância do lugar onde mergulhara. Todos correram atrás dela. Ela ainda tentou fugir duas vezes mergulhando, até que, finalmente, atingida na cabeça por um tiro do nosso segundo proeiro, o contra-guia, morreu instantaneamente e afundou. Um dos nossos camaradas mergulhou, trouxe-a à tona, para nossa alegria, colocou-a na canoa e a levou para a margem (*Tapirus americanus*).

29/06

Como o nosso amigo Sr. Francisco Alvares ainda se encontrava aqui em Pederneiras, decidimos passar o último dia em sua companhia e aproveitamos o dia para preparativos de toda espécie. A canoa grande, *Jimbo*, estava com a carga mal distribuída e muito alta - por isso ela balançava tanto. Redistribuíram toda a carga e, com isso, não só sobrou mais espaço dentro dela, como também ela parou de balançar. Deu-se descanso às foices, uma espécie de faca bem curva, enxadas e machados, pois amanhã, quando entrarmos nos cortes, eles deverão estar preparados para derrubar a mata fechada, a fim de que possamos instalar nosso acampamento. A relação dos nomes de todos os integrantes da expedição foi copiada em duas vias, para ser enviada ao Capitão-mor, pois é norma antiga aqui mandar uma via ao Presidente de São Paulo e outra ao Ministério no Rio de Janeiro. Enviou-se também, antes do início da viagem, um relatório para São Petersburgo.

Não é raro ver aqui senhoras jovens e mais velhas darem à luz todos os anos, embora ainda estejam amamentando. Em Santos, vi uma moça que, em seis anos, teve sete filhos, sem ter gêmeos.

O tapir foi escalpelado; o seu desenho e perfil ficaram razoáveis. Como estávamos na fazenda na margem direita, e todas as canoas nà margem esquerda, não pude fazer nenhuma medição. As margens direitas são muito inseguras por causa do grande número de árvores e raízes submersas.

O açúcar desta região é de excelente qualidade. Nosso bom anfitrião presenteou-nos ainda com 4 arrobas, e, por isso, dei de presente à sua esposa um lindo vestido. Aqui as pessoas não costumam agradecer os presentes. Já tentei agradar algumas pessoas com presentes, mas nunca recebi delas uma resposta.

30/06

Chegou o dia de nos despedirmos do mundo civilizado. Certamente, no íntimo, alguns companheiros de viagem estão sentindo forte emoção. Um deles mandou tirar sua mala do barco, veio até mim e me pediu seriamente que o deixasse aqui, pois ele não tinha mais condições de viajar. Por outro lado, pouco depois, veio o Sr. Riedel para perguntar quando partiríamos; ele estava receoso de que a viagem fosse suspensa. O Sr. Taunay, o pintor da expedição, queria nos abandonar.

Deixamos os canaviais por volta de 11h e alcançamos, pouco depois, a cachoeira da Pederneira (pedra-de-fogo), assim chamada por causa do tipo de pedra que existe aqui. Penso nem ser preciso falar do pesar e da tristeza com que nos despedimos de nosso amigo Francisco Alvares. Ele nos acompanhou até às canoas e, ao nos abraçar, não pôde esconder sua dor. Todos os olhos estavam marejados de lágrimas. Ele só deu vazão à sua emoção quando já estávamos a uma certa distância e nos deixou entregues ao nosso destino.

O Tietê fica manso depois que recebe o rio Sorocaba. De vez em quando, vemos algumas cabanas de palha, principalmente na margem esquerda, cujos moradores vivem em grande pobreza. A riqueza da terra e a insipiência de seus habitantes impedem que aqui haja produtividade agrícola. Onde as pessoas se vangloriam de levar uma vida sem muito esforço e trabalho e se satisfazem com pouco, por que deveriam trabalhar? A opção por uma vida sem compromissos e enganosa, a paixão pela caça e pela pesca, tudo isso é incompatível com produtividade e desenvolvimento. Para aqui vêm os jovens fugindo do recrutamento e se estabelecem na região, que é a mais distante da província, última fronteira entre o mundo civilizado e o mundo selvagem. Quando amigos e parentes seus descobrem, na vila de Porto Feliz, que há um oficial

procurando recrutas, os jovens são informados imediatamente. Pegam, então, suas canoas, levando pólvora, chumbo, espingarda e anzóis, partem para a caça e a pesca e só retornam quando o perigo já passou. Trazem, então, mantimentos para vários meses; o que é supérfluo, eles vendem e, com o dinheiro, compram roupas, pólvora e chumbo.

Paramos para almoçar mais ou menos às 12h30. Aqui se costuma cozinhar o feijão já de manhã cedo ou, às vezes, na noite anterior, e levá-lo em uma caldeira. Nos locais de desembarque, acende-se rapidamente o fogo e se esquenta a comida. Já eram 2h30 quando retomamos a viagem. Como tudo era novo para nós e não estávamos acostumados com esse tipo de viagem, perdemos pelo menos uma hora com a arrumação das coisas pequenas. Mas podemos evitar esse atraso no futuro: por exemplo, a carga de algumas canoas foi redistribuída para nos dar mais comodidade; distribuí melhor a pólvora, o chumbo e as pedras-de-fogo. Lavaram-se as espingardas que estavam sujas por causa das freqüentes salvas. Esquentou-se o feijão e serviu-se uma refeição campestre. A tripulação - guia, piloto, contra-piloto e remadores - recebeu pratos de madeira. Como havia aumentado o número de canoas, tivemos que aumentar também a tripulação nos últimos dias, e, com isso, faltaram pratos; precisamos providenciá-los. Parece que todos os itens da relação de materiais necessários já foram providenciados. Eu ainda acrescentei a ela serras, martelos e cinzéis.

A natureza em ambas as margens é extremamente uniforme. Raramente víamos pássaros; só de vez em quando ouvíamos a gritaria dos papagaios que vivem em bandos. Freqüentemente, notamos uma andorinha aquática[21], com penas rêmiges nas asas e uropígio branco. O contra-guia tentou pescar com anzol logo que desembarcamos; antes mesmo que o feijão estivesse quente, ele já havia pescado seis bagres (*Silurus*), mas não houve tempo de prepará-los.

Hoje de manhã, tomamos um café da manhã tão farto que ninguém teve fome [na hora do almoço]. Taunay, o francês, foi o que ficou mais abatido por ter que deixar a terra firme. Hoje de manhã, as bandeiras foram retiradas - para mim era como se as embarcações estivessem mortas. Por volta das 3h30, alcançamos uma pequena ilha, ilha Rotada[22], que antigamente era coberta de árvores, mas que agora, em função das grandes enchentes, está quase totalmente desmatada. Nossos barcos de caça atracaram nela, para procurar ovos de tartarugas. Dizem que, no inverno (maio, junho e julho), elas põem seus ovos nas areias das margens baixas da ilha. No verão, eles são levados pelas enchentes. Mais ou menos às 5h, alcançamos uma pequena ilha chamada das Flores - embora não se visse nela nenhuma flor. Logo depois, perto dali, vimos, na margem direita, uma pequena cabana de palha. De resto, as margens eram totalmente uniformes. Às 5h30, passamos pela ilha do Gato, à nossa direita, e, às 5h45, chegamos ao primeiro pouso, pouco acima da última cabana na margem esquerda.

01/07

A maioria de nossos companheiros de viagem e a tripulação montaram acampamento na margem esquerda na mata; ali, perto de uma fogueira, amarraram, de uma árvore a outra, as redes de dormir. Os mosquiteiros não foram necessários, pois, nesta estação fria, não há quase mosquitos. De manhã cedo, ouvimos apenas alguns pássaros. As aves canoras são mais encontradas perto das plantações. Os pássaros grandes e animais, como aves de rapina, anhumas, tapires, cervos, capivaras e onças, afastaram-se, como os índios, das áreas cultivadas. Em compensação, surgiram muitos outros pássaros, vindos dos campos naturais para as áreas cultivadas e abertas que substituí-

ram a mata densa. Eram *Muscicapa*, *Oriolus*, *Orygyphorus*[?], *Cuculus*, *Guira*, *Tinamus Coturnix*; até mesmo bandos de colibris onde antes não havia nenhum deles.

Às 7h30, deixamos o acampamento e atracamos, logo depois, às 8h, perto de uma cabana pobre coberta com folhas de palmeira ao invés de palha, para comprar os pratos de madeira que nos faltavam. Pude comprar também um arpão, pois havíamos esquecido o nosso. O morador dessa cabana chama-se Salvador Pires. Ele nos alertou para o fato de que essa talvez fosse a última cabana habitada até Camapuã. Compramos ainda fibras de imbira, para trançar cordas, e uma linha de anzol. Em frente a essa casa, na margem totalmente desabitada, vimos, pela primeira vez, uma palmeira chamada guacuri. De vez em quando, ouve-se o grito das baitacas (espécie de papagaio) nestas matas escuras. Às 9h15, passamos pela pequena cachoeira de Jataí. Imaginei que fosse encontrar um grande número de martins-pescadores (*Alcedo*) nas margens dos rios do interior, mas, até agora, só ouvi os gritos de uma única espécie pequena. No rio, a animar a paisagem, só havia uma única andorinha aquática.

No café da manhã, a tripulação costuma comer farinha acompanhando o que cada um conseguiu capturar, seja com pólvora, chumbo ou anzol. Muitos partiram sem café da manhã, e por isso o guia quis parar às 10h. Pedi-lhe que seguisse por mais uma hora, quando, então, faríamos a parada do almoço. Nessa oportunidade, o Sr. Rubtsov poderia também calcular o meridiano. Neste ponto, o desembarque é muito cansativo, pois ambas as margens são íngremes, arenosas, com algumas rochas e cobertas de árvores. Assim que escrevi isso, apareceram dois grandes *Alcedines*. Os pequenos chamam aqui de martim-pescador, e os grandes, de biguatingas. Dizem que estes últimos são excelentes mergulhadores e apanham sua presa no fundo do rio.

Às 10h15, alcançamos a ilha Bauari, a maior até agora. Um quarto de hora abaixo, onde o rio faz uma curva, dizem haver um bom lugar para pescar e atracar. Embora ainda faltasse muito para o meio-dia, mandei pararem nesse ponto, porque o pessoal já estava remando desde as 7h30. O lugar de desembarque era próximo a uma outra ilha do mesmo nome (Bauari), um bom lugar. Chegamos lá pouco antes de 11h. O Sr. Riedel navegou até a margem rochosa oposta, para observar mais de perto uma espécie de feto que já havíamos visto rapidamente há alguns dias e que nos pareceu familiar. Constatou-se, então, se tratar de uma *Onoclea*, que ainda não tínhamos visto.

Pouco antes de 1h, deixamos o local de descanso, onde tomamos o café da manhã e almoçamos fartamente. O Sr. Rubtsov ficou ainda mais uns 15 ou 20 minutos para terminar suas observações.

Abateu-se um *Ibis*; um pato selvagem passou a grande distância do rio - ele já conhecia a perseguição dos homens.

Antes das 3h, passamos pela pequena ilha do Coacaxi[?] e, quinze minutos depois, pelo local onde um pequeno riacho com o mesmo nome deságua no Tietê. A margem esquerda é alta. A ponta de terra à direita desse riacho fica em capoeira.

Às 5h, procurou-se um local para acampar; o guia atracou na mata da margem esquerda, que é um pouco mais elevada. Em pouco tempo, desmatou-se o pequeno bosque, acendeu-se o fogo e preparou-se o jantar, que consistiu de peixes, chá e biscoitos. Toda a tripulação estava contente e satisfeita. Todos trabalhavam, com exceção de Taunay, que foi o que mais sentiu o afastamento do mundo civilizado.

Achei mais confortável dormir na canoa do que em terra, em redes.

02/07

Às 8h da manhã, deixamos o acampamento. O local não foi bem escolhido, pois não era bom nem para a pesca nem para a caça. O rio é impetuoso, tem correnteza forte, e isso faz com que os peixes que vivem no fundo, os chamados peixes de lama ou peixes de couro (peixes sem escamas), como bagres e mandis, não parem e não mordam a isca. Às 8h30, chegamos à ilha do Chapéu[23], o nome de uma árvore que não existe mais. É uma ilha pequena, descoberta e ligeiramente elevada. Lá encontramos algumas cabanas de caçadores. Logo depois das 9h, passamos por uma bela ilha arenosa e baixa, situada no meio do rio, chamada João Gonçalves. Às 9h40, passamos pela ilha do Descalvado. Um pouco mais abaixo, onde a ilha faz uma curva, existe um poço com o mesmo nome, onde há muito peixe (águas profundas e calmas).

Ontem e hoje cedo, foram abatidos os primeiros tapicurus (espécie de *Ibis* ou *Tantalus*). Às 10h40, passamos pela ilha de Tapotinguapa. Às 11h, chegamos a uma ilha relativamente grande, a primeira de um conjunto de ilhas com o mesmo nome. Paramos para almoçar ali e distraímo-nos procurando, na margem mais baixa do rio, seixos rolados. Encontramos alguns até muito bonitos, entre eles, arenito, pederneira, pedras e seixos ferrosos, que, após séculos rolando, assumiram formas variadas.

À 1h30, deixamos essa agradável parada e só por ocasião da partida que ficamos sabendo que hoje de manhã dois cães de caça foram deixados para trás. Para evitar que tivéssemos um transtorno maior, um guia aconselhou-nos a distribuir os cães que ficaram e a mandar trazer de volta alguns homens, que só amanhã poderiam se juntar a nós. Com isso, tive que deixar aqueles cães entregues à própria sorte. Tínhamos esperança de encontrar aqui mais alguns caçadores a quem recomenda-

ríamos os cachorros.

Já eram 3h30, quando dei ordens para que se procurasse um acampamento. O guia me garantiu que o de hoje ainda é ruim, e que os locais seguintes poderão ser melhores. Sempre ficamos na margem esquerda, porque à direita o rio é raso e as margens são sempre íngremes, de terras ácidas e cobertas com mata densa. À tarde quase não vimos pássaros ou animais selvagens; além disso, hoje à noite não teremos peixe, porque o rio corre muito veloz em toda a sua extensão.

Por volta das 5h, chegamos à ilha Morta, onde não havia um bom lugar para desembarque. Se houvesse, teríamos montado aqui nosso acampamento. Um pouco adiante, vimos na margem esquerda couros de cervos esticados e pendurados em árvores para secar. Isso é uma prova de que caçadores estiveram por aqui e que quando voltarem, apanharão essas peles, se estiverem secas.

Acampamos pouco depois das 5h.

Os caçadores abateram hoje um macaco de braços longos, com filhotes. Dele só aproveitei a cabeça, pois tinha a intenção de escalpelá-lo, já que não estávamos organizados para fazer mais do que isso, além do que eu já mandara vários exemplares desse animal para São Petersburgo. No caminho foi pescado um único peixe, uma espécie de *Salmo*, tabarana ou tubarana, em muito semelhante à piaba, também chamada de siaba, ou confundida com esse peixe.

Deve-se observar, em especial, que nas capoeiras daqui se encontram espécies de cobras não conhecidas em outras regiões e províncias.

Nossos marinheiros estavam muito satisfeitos em poder acampar na mata: eles cantavam despreocupadamente, conversavam, contavam histórias e tocavam viola; a maioria estava satisfeita com seu trabalho.

03/07

O local do acampamento é muito bom, no meio da floresta virgem alta, onde todos encontraram palmeiras para pendurar suas redes[?]. Por outro lado, eu estava muito infeliz. Ontem, ao desembarcar, meus talheres (uma faca, um garfo e uma colher) caíram do bolso no rio com mais de 7 pés de profundidade. Meu guia Antônio mergulhou três vezes, sem resultado. Os talheres haviam ido embora, e eu fiquei desanimado com isso, porque eles me acompanharam em todas as minhas viagens, desde Laybach. À noite, caiu na água nossa melhor lanterna, o que para todos nós foi uma grande perda. É norma geral de todo viajante amarrar bem tudo o que ele tem dentro dessas tendas estreitas e improvisadas das canoas, onde só há espaço para ficar deitado ou sentado. Durante o dia, freqüentemente é necessário retirar da água chapéus, lenços e outras miudezas; mas o que cai no rio à tardinha ou à noite, quer se perceba ou não, está irreparavelmente perdido.

Quando raia o dia na floresta, normalmente a neblina não é muito forte; mas, depois das 8h, quando prosseguimos viagem, o rio se enche de densos vapores, que duram normalmente até mais ou menos 9h, muitas vezes até às 10h, quando, de repente, fica muito quente.

Às 8h30, encontramos uma ilha chamada ilha Grande. Abaixo dela e ao seu lado, há muitas ilhas pequenas que, por isso, são chamadas ilhas Filhas. Às 9h30, chegamos acima da cachoeira de Baiaru ou de Baiaru-açu[?], onde fizemos uma parada. O guia e o contra-guia foram à frente com uma canoa (um batelão) para verificar as condições da cachoeira, pois, quando o nível da água está alto, vai-se pela parte maior do rio; quando a água está baixa, vai-se pela faixa entre a margem esquerda e uma ilha elevada que separa a cachoeira. Desta vez foi escolhida a travessia pequena, que, no entanto, teve que ser preparada, pois,

no ponto mais fundo, havia um grande tronco de árvore atravessado no rio.

O Sr. Riedel, o guia Antônio e eu preferimos contornar a cachoeira por terra, embora tivéssemos que abrir uma picada. Encontramos rastros muito recentes de onças e tapires. Uma boa meia légua adiante, por volta das 11h, chegamos à margem onde estavam atracadas as nossas embarcações (margem direita). Fomos apanhados em uma pequena canoa e recomeçamos a viagem pouco depois das 11h. Abaixo da cachoeira há duas ilhotas que não possuem um nome especial. Nas imediações delas, as águas calmas são muito boas para pescar. O Sr. Taunay não desenhou até agora, por sua própria iniciativa, nada mais do que um pequeno croqui insignificante de Pirapora, e, mesmo assim, porque eu lhe pedi que o fizesse.

Às 11h45, alcançamos uma grande capoeira na qual se encontra uma casa de tijolos (casa de sobrado), abandonada há vinte anos. Um certo Francisco Peixoto estabeleceu-se aqui com poucos escravos, principalmente por causa da vantagem da terra fértil. A um bom quarto de légua da margem, encontram-se grandes campos naturais, nos quais o referido Peixoto queria criar gado. Sua propriedade limita-se com um grande ribeirão, ribeirão da Capivara, que deságua aqui, na margem esquerda do Tietê. Em pouco tempo, a propriedade foi abandonada, porque os selvagens índios xavantes, que se encontravam então nessas vizinhanças, pretendiam assassinar e expulsar todos os moradores.

Existe, nas redondezas, uma ilha chamada ilha da Fazenda. Nesse ponto, a margem torna-se íngreme, alta e rochosa. A margem direita é mais baixa, coberta de vegetação e se presta bem para desembarque. Às 12h15, atracamos na ilha dos Cágados para almoçar e embarcamos de novo às 2h15. Não encontramos nem tartarugas, nem seus ovos. Mui-

tos caçadores que vão para o sertão caçar procuram os ovos de tartaruga para comer como petiscos. Tivemos hoje um almoço muito simples, mas razoável, se se considerarem as circunstâncias. Consistiu de arroz com carne de porco salgada, feijão, tangerinas e bananas. Ninguém quis carne de tapir ou de macaco, por isso elas sobraram. O resultado da pescaria foi um único peixe pequeno. Muitas provisões ainda não foram encontradas por causa da confusão na hora do carregamento, de modo que todos temos que ter paciência e esperar tempos melhores.

04/07

Às 8h da manhã, já estava tudo dentro dos barcos e pronto para a viagem. Todavia, não posso sair daqui sem fazer algumas observações que, na verdade, fazem parte do dia de ontem. Passamos ontem, às 4h, pela foz do rio Piracicaba, que aqui se junta ao Tietê, aumentando o volume deste último em cerca de um terço. A margem direita da foz do rio Piracicaba, uma légua ao longo do Tietê e mais o mesmo tanto do rio Piracicaba pertencem ao nosso amigo Francisco Alvares; é uma grande sesmaria que ele pleiteou para si há alguns anos. A vila de Piracicaba está a 8 léguas daqui, às margens do rio com o mesmo nome. É uma das vilas mais novas, mas que cresceu muito em poucos anos. Toda região é muito propícia à lavoura de cana-de-açúcar e não faltam florestas. Todos os gêneros alimentícios são baratos; madeiras para construção existem em abundância.

Atualmente, é mais conveniente iniciar uma expedição desse tipo partindo de Piracicaba do que de Porto Feliz. O rio começa a ficar navegável exatamente na vila; os barcos não têm que atravessar cachoeiras perigosas. Há farta quantidade de madeiras grandes, próprias para canoas de grande porte. Além disso, as canoas têm que ser levadas, já a

partir daqui, até Porto Feliz. Nosso barco *Beroba* foi feito no rio Piracicaba, e a *Jimbo*, no Capivara. Numa expedição desta natureza, a viagem se alongaria mais se se fosse por terra de Santos a Piracicaba; é verdade que, pelo rio, ela seria abreviada em muitos dias, mas, por terra, ela seria muito menos perigosa. Muitos milhares de cruzados e centenas de homens já foram tragados pelas cachoeiras existentes no percurso fluvial entre Porto Feliz e Piracicaba.

Pouco abaixo de nosso acampamento, há uma ilha grande e bonita chamada Ilha da Barra (a foz). Aqui a água corre lentamente e é própria para pescar. Por isso, ontem, tão logo chegamos, os anzóis foram imediatamente lançados em toda parte, proporcionando a todos nós e à tripulação um farto jantar. Nossos caçadores conseguiram capturar um mico ou macaco (com um boné preto) e um filhote de coati.

Hoje de manhã e à noite, a neblina estava mais forte do que nos dias anteriores. Nossos barcos e suas coberturas estavam totalmente molhados, como se tivesse chovido forte. Os mosquiteiros dos que ficaram na mata, ao contrário, estavam totalmente secos. É que a neblina úmida acumula-se nas folhas das árvores, é por estas absorvida, e só algumas gotas caem sobre a terra. Além disso, as várias fogueiras dos bivaques devem ter dissipado o vapor d'água existente no ar.

Às 10h30, encontrávamo-nos perto da ilha Araraquara; do outro lado, na margem esquerda, um pequeno ribeirão do mesmo nome deságua no Tietê. Toda a região vizinha, montanhas, serras e campos, em ambas as margens, têm o mesmo nome. Dizem que os campos de Araraquara, na margem direita, estendem-se de Piracicaba até Goiás e se destacam por sua fertilidade. Por volta das 11h, deixamos as vizinhanças da propriedade do Sr. Francisco Alvares. O rio aumentou muito de tamanho desde que recebeu as águas do Piracicaba, principalmen-

te em alguns lugares rasos.

Ao meio-dia, paramos no Poço do Banharão; logo abaixo dele fica a cachoeira de Banharão-mirim, que, quando está muito baixa, é perigosa para as embarcações. No lugar onde desembarcamos há uma cruz, que puseram lá há muitos anos, pela morte de um remador. Já eram 2h quando embarcamos novamente. Ainda não estamos muito acostumados a esse modo de vida desorganizado; todos os dias, paramos em dois ou três bivaques. Perde-se muito tempo com isso, principalmente agora que os dias são muito curtos. Os remadores terminam seu trabalho muito antes de nós; quando chega a hora de embarcar, meus empregados e escravos ainda estão lavando pratos e travessas. Meus caçadores pegaram hoje uma jacutinga, um grande pato selvagem, uma arara e dois papagaios de rabo comprido.

O volume de água na cachoeira do Banharão está tão alto que quase não a distinguimos do rio. A vegetação nas vizinhanças e na propriedade do Sr. Francisco Alvares é baixa. As terras do seu vizinho, um certo Sr. Barbosa, situadas mais abaixo do rio, têm belos bosques de árvores de tronco largo e são muito férteis e promissoras, conforme dizem os habitantes locais.

Às 5h da tarde, atracamos na margem direita, em frente ao ligeiro e impetuoso ribeirão dos Pinhões[?], um local onde a mata é aberta e transitável, o que indica que caçadores ou viajantes já acamparam anteriormente por aqui.

05/07

Às 8h da manhã, deixamos o acampamento. Ontem à noite, os caçadores nos trouxeram vários jacus, jacutingas e um pato selvagem

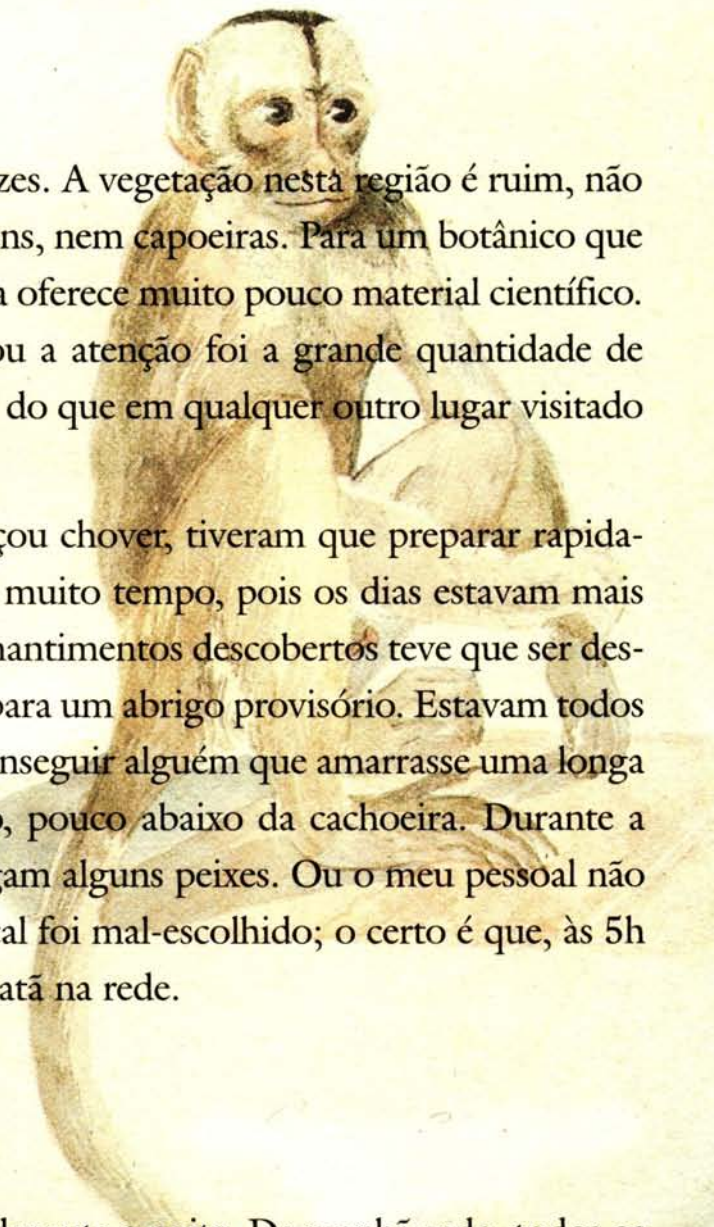
com bico claro[?], uma arara vermelha e muitos peixes. Vários companheiros de viagem, inclusive Riedel, Taunay e Florence, foram acometidos de sarna, uma doença eruptiva que piora a cada dia, provocando feridas terríveis e dores insuportáveis. Com essa umidade constante e sem telégrafo, não se pode pensar em uma cura rápida.

Às 9h30, sob a névoa densa que ainda pairava sobre o rio, alcançamos um grupo grande de caçadores de Porto Feliz na margem esquerda (o lugar se chama poço do Inhaperobal[24]). Antes, porém, logo depois da partida, passamos pelo poço de Pirataruca, na margem direita. Nela há grande quantidade de carne de tapir e de tatu[?], pele de cervo e alguns peixes. Dizem que, nesta época, eles não mordem a isca. Entre outros animais, ontem abateu-se uma *Anhuma*. Neste momento, encontramo-nos em regiões totalmente incultas, que não pertencem a ninguém. As matas de troncos altos têm solo fertilíssimo; um dia ele ainda produzirá colheitas fartas para milhares de pessoas.

À 1h45, deixamos o local de parada, onde havíamos preparado as canoinhas para serem esvaziadas abaixo da capoeira (cabeceira do Potunduva). Elas só voltaram muito mais tarde, o que nos deixou preocupados, pois soubemos que aqui há gentios, bugres, índios, caboclos e xavantes. Imediatamente distribuíram-se os mantimentos e demais cargas nas canoinhas e no batelão que haviam sido trazidos de volta. E, assim, deixamos esse lugar sem atrativos, onde só permanecemos mais tempo por conta das circunstâncias. Acabamos almoçando também aqui. O rio aqui é largo, raso e perigoso, assim como em outros lugares. Neste exato momento em que escrevo, estamos encalhados. Nossa viagem hoje foi curta e monótona, pois a região não oferece muito material de observação. Hoje, mais uma vez, não se usou a rede de pesca, pois não houve tempo: a maioria do pessoal estava muito ocupada com outras tarefas, e os que estavam ociosos não sabiam manejar a rede.

06/07

Partimos às 8h30. O guia mandou que vigiassem as canoas à noite por causa dos índios. Os vigias receberam pólvora e chumbo. Já era tarde da noite quando terminaram de desbastar o mato no local onde deveriam ficar. Era uma simples medida de precaução, mas impressionou tanto um de nossos acompanhantes que ele não ousou deixar a canoa e armou-se; chegou até a suspeitar que o pessoal conspirava contra nós. Trêmulo, chegou a pedir-me permissão para abandonar a expedição e voltar. O Sr. Taunay, por causa de uma forte erupção cutânea, pediu-me também permissão para voltar ao Rio de Janeiro.

Pouco antes de deixarmos o acampamento, entramos no largo de Potunduva. Nesse ponto, o rio é bastante largo e de águas mansas; dá a impressão de ter uma légua de superfície, como se fosse um lago. Às 10h30, chegamos a uma bacia[25] perigosa, "Gente Dobrada do Cemitério", que parece uma cachoeira. Dizem que, outrora, havia aqui uma grande ilha, no meio do rio, mas que desapareceu com as inundações. Por volta das 11h, fizemos a parada do meio-dia, porque, mais adiante, o rio é muito baixo e, por isso, os barcos precisam ser esvaziados. Nessa parada, preparou-se o almoço.

Às 2h30, já estávamos novamente a caminho. Os guias e remadores voltaram com as canoas vazias e os barcos mais leves, e, assim, pudemos seguir viagem. Nessa parada, conseguimos alguns moluscos e um peixe da espécie *Salmo*. Passamos pelo baixio e atracamos em seguida. As mercadorias e a carga foram transportadas como sempre. Às 2h, prosseguimos viagem, mas, em função do nível baixo da água, tivemos que ir devagar. As canoas pequenas foram enviadas à frente; o guia as acompanhou, supervisionou a travessia e voltou uma hora depois, para nos buscar no mato onde permanecemos enquanto isso, e nos conduzir

em segurança à nossa parada. Um proeiro ficou todo o tempo no rio para orientar o nosso percurso.

07/07

Às 9h, voltamos ao rio, que hoje, segundo nosso guia, nos oferecerá de novo muitas dificuldades. Na margem do Tietê, vi muitos moluscos bivalves. Dizem que o lugar onde montamos acampamento já foi habitado. Alcançamos logo um lugar mais seguro do rio, que se chama Itapuany (pedra redonda) e paramos ali. As canoas pequenas foram mandadas à frente para serem descarregadas abaixo desse baixio e voltaram vazias para aliviar o peso de nossos barcos, que então iriam nos transportar. Nessas ocasiões, alguém sempre fica no meio do curso do rio para ir indicando o caminho aos barcos. O próprio guia viajava em uma das canoas menores do lado esquerdo, e nós tínhamos que passar entre as duas.

Essas dificuldades não existem quando se faz essa viagem no começo do ano, com o rio cheio. Por volta do meio-dia, alcançamos a margem direita da cachoeira de Bauru, onde paramos para almoçar e acampar. Do lado oposto, há uma ilha do mesmo nome num ponto do rio que atualmente tem pouca água, o que torna perigosa a sua travessia. Adotou-se o sistema da meia carga (como aqui se costuma dizer), que consiste em retirar mais ou menos a metade da carga das canoas grandes e depois recolocá-la. Nosso guia nos disse que isso acontecerá algumas vezes nos próximos dias, portanto, temos ainda alguns transtornos pela frente. A operação de levar a carga de um lugar para outro ocupou tanto os caçadores como os pescadores, de forma que eles não puderam se dedicar muito ao trabalho científico. A cachoeira não é profunda e, por isso mesmo, é perigosa. As embarcações parcialmente es-

vaziadas atravessaram duas vezes. A vegetação nesta região é ruim, não há nem grandes florestas virgens, nem capoeiras. Para um botânico que já visitou outras províncias, ela oferece muito pouco material científico. A única coisa que nos chamou a atenção foi a grande quantidade de *Vanilla* que vimos aqui, maior do que em qualquer outro lugar visitado no Brasil.

Como, à noitinha, ameaçou chover, tiveram que preparar rapidamente as barracas. Não havia muito tempo, pois os dias estavam mais curtos. O grande volume de mantimentos descobertos teve que ser descarregado às pressas e levado para um abrigo provisório. Estavam todos tão ocupados que foi difícil conseguir alguém que amarrasse uma longa rede de ponta a ponta no rio, pouco abaixo da cachoeira. Durante a noite, é possível que se consigam alguns peixes. Ou o meu pessoal não soube colocar a rede, ou o local foi mal-escolhido; o certo é que, às 5h da manhã, só havia um curimatã na rede.

08/07

Felizmente, não choveu durante a noite. De manhã cedo, todos os mantimentos foram levados de novo para o batelão descoberto, pois as embarcações pequenas seguiram na frente com pouca carga. As duas grandes canoas ou barcos, *Jimbo* e *Beroba*, ficaram para trás, e tivemos que aguardar, impacientes, o seu regresso, pois, nessas ocasiões em que o tempo fica indefinido, a gente trabalha com medo. Não se fazem excursões, pois pode haver índios e onças nas matas. Ontem à noite, uma de nossas barracas ficou totalmente desmontada. Eu aconselharia a todos os viajantes que prestassem atenção especial à qualidade das barracas. Embora as minhas fossem muito boas no início, tive que mandar encurtá-las por causa das dificuldades das viagens por terra; agora, eu

bem que gostaria que elas fossem mais espaçosas.

O guia só voltou às 12h, com uma canoa, e com ela se dividiu o peso das duas canoas maiores. Nesse ínterim, aproveitamos o nosso tempo para desenhar e escrever. Passamos pela ilha Bauru e encontramos uma linda passagem entre as rochas e os baixios. Tivemos que atravessar, pela parte larga, da margem direita para a margem esquerda. Nosso guia nos disse que o rio está agora bastante alto; isso quer dizer que devemos viajar com barcos mais leves, embora não haja necessidade de reduzir a carga à metade. Não preciso mencionar toda hora onde o rio é baixo e onde é raso; normalmente ele é muito largo. À 1h15, passamos diante da cachoeira de Bariri-mirim, onde também há uma ilha. Atracamos na margem esquerda, onde almoçamos.

09/07

Na manhã do dia 9, levou-se tudo novamente para as embarcações. Nessa parada, conseguimos um porco selvagem (*Tayassu*), muitas jacutingas e, principalmente, muitos peixes na rede que foi colocada à noite. Além das espécies já conhecidas, havia um pacupeba e um espada, ou seja, *Salmo P.* e *Loricaria*, que me deram muita satisfação. Por causa das águas baixas e das dificuldades daí resultantes, tivemos que levar os barcos grandes pelos baixios até a cachoeira de Bariri-guaçu, o que atrasou a viagem. Mas fizemos ali um acampamento bastante confortável. Nos últimos dias, temos nos demorado muito, e essas dificuldades parecem não ter fim. O tempo é ameno; ao nascer do sol, normalmente faz +13°R. A atmosfera e a água do rio têm aproximadamente a mesma temperatura. Durante a noite, cai sempre muito orvalho, que, de manhã, deixa tudo molhado. Mas, nos últimos dias, não tivemos manhãs com névoa densa e úmida.

10/07

Já eram 9h quando deixamos o nosso acampamento na mata. Ali não encontramos nada de especial além de um grande pato preto com tégminas brancas. Há cerca de 10 anos, no local do nosso acampamento, um remador que vigiava sozinho uma canoa foi morto a flechada pelos índios. Ele foi ferido por volta do meio-dia e faleceu à noite. Atualmente, os índios se afastaram, aparecem só de vez em quando, nunca, porém, muito abaixo da cachoeira grande (Salto do Avanhandava).

Logo depois do café da manhã, alcançamos a cachoeira do Sapé-mirim e, depois do almoço, com meia carga, a do Sapé-açu. As dificuldades eram as mesmas dos últimos dias. Montamos acampamento depois que carregaram as canoas. À noite, pegamos um peixe *Salmo*, chamado ferrador. Temos ouvido, durante todos esses dias, o piado de um pássaro chamado anhuma, uma raridade nos museus europeus. Ele conseguiu escapar a todas as nossas tentativas de capturá-lo. Nosso guia nos contou que essa ave se alimenta principalmente de ervas (*Urtica*). Vêem-se por aqui muitos patos selvagens e grandes que parecem ser da espécie *A. Moschata*. Abatemos vários deles. Há também grande número de araras vermelhas. Elas têm uma carne dura e resistente, mas, quando bem cozida, dá uma sopa forte e saborosa.

11/07

O contra-guia foi caçar à noite e, na manhã do dia 11, trouxe um tapir grande, que, como muitos outros animais e aves, procura os barreiros. Sabendo disso, os caçadores vão para as redondezas e ficam à espreita. Basta conhecer bem a região e chegar primeiro a esses lugares onde há argila salgada e calcárea. Nosso guia, que está fazendo essa

viagem pela 23ª vez, ia indicando aos nossos caçadores os locais onde há barreiros. Ontem à noite, pescou-se um grande dourado (*Salmo*) e um pequeno peixe (ferreiro), que também é uma espécie de *Salmo*. Parece ser um peixe raro, pois foi o primeiro da espécie que vi. Ele apresenta matizes variados, é um dos peixes mais belos que já vi.

Retomamos a viagem às 8h e, meia hora depois, paramos de novo para mandar uma canoa à frente para colher informações sobre o caminho e as águas e, em seguida, com gente dobrada, atravessar um local raso e de forte correnteza do rio. Assim que partimos, ouvimos o grito de uma lontra brasileira que se movimentava despreocupadamente no meio do rio; antes que o nosso caçador pudesse atirar, ela mergulhou e desapareceu da vista.

Nossa parada do meio-dia foi feita na ilha Congonha, onde colhemos um grande número de ovos de tartaruga: entre 30 e 40 dúzias. Eles são uma boa alternativa de alimento; embora a gema seja um pouco granulada, dizem que, ao cozinhar, ela fica dura. À tarde, tivemos uma viagem calma e agradável. Podíamos ver, à nossa frente, uma légua de águas tranqüilas. Chegamos a uma ilha, a ilha Morta, assim chamada porque está assentada em águas paradas.

Para minha alegria, Roberto trouxe hoje cedo dois *Vultur* que havia abatido, provavelmente *Papa*, aqui chamados de corvo-branco, que apresenta um jogo de cores na cabeça. O Sr. Florence o retratou para a ciência. Às 5h, chegamos à margem esquerda, um lugar muito bonito onde passamos a noite. O rio corre bem vagarosamente e por isso é chamado rio morto, assim como a sua ilha. É um local tão agradável que despertou alegria em todos, de modo que, pouco depois que jantamos e bebemos o chá, muitos começaram a cantar, a tocar viola e a dançar. Um dos remadores tocava um instrumento tão pequeno que eu

bem poderia chamá-lo de tamborim de bolso, cuja moldura é feita com lâmina de cobre[?]. Mandei distribuir algumas garrafas de aguardente, o que contribuiu para aumentar mais ainda a alegria.

Em nosso acampamento, há uma figueira de tamanho descomunal e com o tronco todo irregular; as raízes do tronco principal se estendem desordenadamente, ocupando uma área com mais de três braças ou 21 pés de circunferência. Teria valido a pena fazer um croqui desse bivaque, mas, como o Sr. Taunay ainda está doente, vai ficar uma grande lacuna.

12/07

Deixamos o nosso pouso por volta de 9h da manhã, sob forte neblina, e só chegamos à foz do rio Jacaré-mirim ao meio-dia.

Há algum tempo, temos tido, todos os dias, inclusive hoje, fartos almoços.

Hoje a caça rendeu: um macaco, araras, jacutingas (um *Plotus Melanogatus*?) e uma *Anhinga*. Esta última é valiosa para mim, mas não para ser exposta num gabinete[26], porque ela está muito gorda e já tinha perdido todos as penas do rabo, com exceção de uma única.

Depois do almoço (2h), embarcamos e seguimos o rio largo, cujas margens correm quase paralelas e oferecem uma vista de mais de meia légua. Alcançamos, então, a foz do Jacaré-açu, na margem direita. Ele tem o dobro do volume do Jacaré-mirim, tem entre 12 e 14 braças de largura e deságua no Tietê com águas calmas.

Tivemos hoje um dia de viagem excelente.

13/07

Ao chegarmos ao acampamento, pouco antes do anoitecer, nosso caçador Roberto trouxe um *Plotus Melanogaster*. (*var.* ?), *Oper Distinct*, uma *Ardea* (socó-boi, porque dizem que sua voz é muito semelhante ao mugido de um boi); e uma lontra brasileira, cuja pele é muito valorizada aqui. Pegaram também uma *Cavia* (capivara), mas que afundou perto da margem do rio. As margens do rio acima dos baixios de Guamicanga (abaixo do nível do rio) são baixas e sujeitas a inundações quando o rio sobe. Por isso, esta região, depois das enchentes, fica muito exposta à malária e é conhecida como insalubre. O rio é bem largo e corre calmo e em linha reta, oferecendo um panorama de pelo menos meia légua rio abaixo.

Por volta do meio-dia, alcançamos, com gente dobrada, a ilha de Guamicanga (cabeça de mulher velha), onde almoçamos e onde recarregaram as canoas leves. O baixio ou cachoeira de Guamicanga tem forte correnteza; as águas correm com tanta força que chegam a formar ondas altas, algumas até se dobram. A travessia aqui exige muita perícia do guia e dos remadores; havendo isso, não há muito perigo. Hoje obtive uma pequena capivara fêmea e preparei a pele da lontra com sal e pó de alume. Uma hora depois, aproximamo-nos de outras ilhas, num ponto de forte correnteza, em função do estreitamento do leito do rio. E quando, além disso, há rochas, pedras e bancos de areia, é preciso mandar à frente uma ou mais canoas pequenas para verificar as condições e a altura das águas do rio. Dependendo das circunstâncias, as canoas menores ou batelões são esvaziados num local abaixo da parte caudalosa do rio, e ali se deixa uma ou duas pessoas vigiando a carga. Toda a tripulação retorna, então, com as embarcações vazias, para apanhar o resto do pessoal e da carga. Eles têm que conduzir os barcos

grandes com varas longas e remos, de modo a mantê-los firmes no sentido longitudinal, impedindo que eles se desviem para os lados. O guia e a tripulação só chegaram às 4h15 para nos apanhar. Essa espera é muito desagradável.

A cachoeira aonde chegamos hoje chama-se Tambaruçu, onde há uma ilha com o mesmo nome. Paramos na margem esquerda em frente à ponta da ilha. Às 4h30, alcançamos de novo as canoas pequenas e prosseguimos a viagem até o acampamento próximo, na margem direita.

14/07

Tivemos que permanecer ainda um pouco no pouso, até que a névoa se dissipasse e o tempo se abrisse. Comparo essa situação à de uma calmaria no mar. Esperamos até depois das 10h, quando, então, retomamos nossa viagem uniforme e monótona e, um quarto de hora depois, já estávamos nas cabeceiras dos baixios de Tambatiririca. Hoje, batemos com força em uma pedra no meio da passagem. Vimos pela primeira vez um tuiuiú, uma espécie de cegonha, voar sobre nós. Fizemos nossa parada em boa hora, pois aqui podemos encontrar um bom lugar de desembarque antes dos baixios que teremos que atravessar amanhã. Acampamos na margem direita do rio.

15/07

Hoje, teremos que passar novamente por baixios. O primeiro, Escaramuça do Gato; o segundo, Tambaú; o terceiro, Cambaiuvoca (taquara para flecha dos selvagens). Por causa da névoa densa e úmida e da proximidade de baixios, não pudemos sair e tivemos que permane-

cer algumas horas aqui. Nesta época de seca, a névoa noturna substitui inteiramente a chuva diária. Como não pudemos sair antes das 11h, só à 1h alcançamos o fim do segundo baixio na ilha do mesmo nome que se estende como uma bela ponta de terra arenosa sobre o rio. Pouco abaixo da ilha, na margem esquerda do rio, está a foz de um pequeno ribeirão, o ribeirão Tambaú, que dá nome à ilha e ao baixio.

Neste ponto, é necessário fazer um registro histórico. Subindo-se o ribeirão, a dois dias de viagem daqui, há cerca de 40 dias[?], descobriu-se um quilombo (moradia de negros fugitivos), que, por ordem do Governo, foi extinto e destruído. Foram presos lá mais de 100 negros, e o mesmo tanto conseguiu fugir. Eles plantavam para a sua própria subsistência e, segundo eles mesmos diziam, viviam com fartura. Eles tinham milho, galinhas, porcos e até mulheres. Já tinham filhos e netos. Os fundadores já não vivem mais.

A partir daqui, a região fica mais acolhedora e animada. Aparece maior variedade de animais e aves. Observamos um tabuiaiá ou cauana, uma ave do gênero *Ardea* e uma sucuri, ou seja, uma cobra do gênero *Boa*, que tomava sol entre os galhos de uma árvore seca. Chamaram rapidamente o caçador que estava mais perto, em sua canoinha, ele veio correndo e a abateu. Essa agitação animou o ambiente e quebrou, de certa forma, a nossa rotina.

O velho guia contou-nos várias histórias de suas viagens anteriores, inclusive a respeito do tamanho de cobras daquela espécie, que chegam a engolir tapires, capivaras e outros animais de grande porte. Após comer sua refeição, ela cai numa espécie de catalepsia, e aí fica mais fácil aproximar-se dela e matá-la com uma faca. Dizem que, para apoderar-se de uma presa grande, ela a prende com o rabo e com ambas as farpas ou garras que ficam perto do ânus e que se assemelham a uma unha de

gato, contra um tronco de árvore, uma raiz ou outra coisa, lança-se sobre a presa, estrangula-a e a vai apertando até quebrar todos as vértebras e ossos do corpo; por fim, a engole.

O guia garantiu-nos, por experiência própria, que a carne dessa cobra é o melhor remédio para doenças venéreas e de pele, como a sarna. Ele tinha uma sarna renitente que já durava quatro anos: comeu da carne da cobra uma vez só e ficou curado. Realmente, chegando ao acampamento na margem esquerda, mal comecei a medir a cobra e esfolá-la, apareceram logo vários camaradas (remadores) e me pediram insistentemente que lhes desse um pedacinho da carne para tomarem como remédio para os seus problemas de saúde. A cobra era pequena para a sua espécie, ainda um filhote: media quase 11 pés e pesava entre 30 e 35. No lugar onde o caçador atirou nela, havia outra do mesmo tamanho, no chão, embaixo da árvore. Na margem, havia uma bem grande, que o caçador só viu quando foi apanhar a que ele abatera. Mas ela logo desapareceu no rio. Aqui essa cobra é chamada de sucuri; em Minas, ela é conhecida como sucuriú.

16/07

Por curiosidade, mas também como remédio, fez-se hoje cedo uma sopa de cobra, que, a princípio, experimentaram muito a contragosto. Mas, logo na primeira colherada, viram que ela era gostosa, e começaram os elogios: "Muito boa!" "Bem forte!" "Muito saborosa!" "Melhor do que sopa de frango!" Outro acrescentou ainda: "Melhor do que caldo de carne!" No fim, todos acabaram experimentando da sopa; cada um tomou com satisfação um prato cheio; e, como a carne ainda estava dura e parecia não muito cozida, mandou-se guardar cuidadosamente o que restou dela para uma segunda rodada de sopa no almoço.

Ontem à noite, seguindo um costume da terra, cantaram uma Ave-Maria. Colocaram a imagem da Mãe de Deus ao lado de uma barraca (mosquiteiro), toda a tripulação se ajoelhou em volta e prestou, com muita devoção, um culto a Deus, em que um rezava primeiro e os outros respondiam.

Bem perto da barraca, um dos remadores acendera seu fogo e, junto a ele, enfiou na terra uma vara ou um espeto de madeira para assar um pedaço da cobra. Durante a oração, ele vinha de vez em quando virar a carne. Para aquela gente, essa cena era, sem dúvida, bem comum, pois estava acostumada a isso; mas, para nós, que nunca tínhamos visto um animal como aquele, foi uma cena bastante incomum.

Hoje às 8h da manhã, nadamos no rio morto, perto do Salto de Avanhandava, que deveremos alcançar amanhã, se Deus quiser. Nesse momento, fazia +8°; um pouco antes, fazia 5°; a água do rio estava a 13° e 12,5°R. Pela manhã, o higrômetro registrava, sob a névoa densa que já se dissipava, entre 100 a 105; ao meio-dia, com sol, a umidade normalmente ficava entre 70 a 80 *Dalur*.

À tardinha, pouco antes das 5h, chegamos à acolhedora e convidativa ilha Morta, que nos ofereceu uma cena completamente nova: um banco de areia plano que começava bem acima do rio. Centenas de patos grandes nadavam na correnteza. Garças de diferentes espécies, gaivotas as mais variadas voavam sobre nossas cabeças. Embora ainda fosse cedo, preferi montar acampamento aqui mesmo, nesta região aberta e acolhedora.

A areia fina se acumulava na parte de cima à medida que a água do rio escoava; era como se ela estivesse coberta por uma crosta. Ao caminharmos, tínhamos a impressão de estar pisando em neve levemente congelada; o ranger rápido de nossos pés ao afundarem na areia macia

que estava embaixo dessa camada nos fez lembrar, de repente, os campos de neve europeus. Entre as centenas de marcas de passos que se estendiam por quase todo o banco de areia, encontramos rastros, passos ou impressões de milhares de pássaros e animais: aqui, de um jabiru; lá, de patos; acolá, de enormes capivaras e tapires; encontramos, então, as penas rosa-avermelhadas de um colhereiro, e logo vimos passar em bando deles acima de nós; quatro deles foram abatidos na noite de hoje.

17/07

Bem cedo, numa manhã fria, deixamos o acampamento sob névoa espessa e úmida, que aqui produz orvalho. A viagem é mais segura aqui, porque estamos num trecho parado e morto do rio (rio morto) e com águas profundas. O segundo guia, o contra-guia Pereira, grande amante da caça, antecipou-se a nós e saiu ontem mesmo para caçar. Nós o reencontramos hoje de manhã, por volta das 10h. Ele tinha abatido um *Plotus* e um tabuiaiá (uma *Ardea* grande), o que me deu grande alegria.

Às 10h30, chegamos a um pequeno ribeirão chamado ribeirão do Quilombo, na margem direita. Depois, à esquerda, há um outro ribeirão, sem nome; à direita, ribeirão do Campo; e à noite, chegamos ao ribeirão do Pato, que fica à direita. Na margem esquerda, visitamos um laranjal. Paramos ao meio-dia, abaixo do ribeirão do Campo, e lançamos um rápido olhar sobre essa curiosidade natural que já vínhamos percebendo há alguns dias. Não conseguíamos compreender nem dar crédito ao nosso guia quando ele afirmava que esses campos são naturais.

Por volta do meio-dia, fizemos uma parada na margem direita e baixa do rio, onde avistamos uma grande área baixa quase totalmente coberta por várias espécies de capim alto, plantas palustres (fetos *Sciepus*

Carex) e algumas plantas de campo. A vegetação de campo parece ter se imposto, como, por exemplo, alguns *Rhexius*, *Bignonius* e relvas do campo. A questão é como se podem classificar esses campos pelados que devem ter aproximadamente três quartos de légua de largura e mais de uma légua de comprimento? Como, pergunto, surgiram esses campos nessa região atualmente deserta e desabitada? As enchentes anuais não podem ser usadas para explicar esse acontecimento, pois já estamos viajando há vários dias pelas margens baixas do Tietê, que transborda todo ano. De vez em quando vemos um alagado ou uma lagoa, mas nenhum indício de que a margem e as árvores que ainda estão de pé (em sua maioria, *Myrtaceae*) ainda estejam submersas na água, às vezes até vários pés de altura. Estou inclinado a acreditar que esses campos surgiram antes do descobrimento desta província, já que essa região de pesca e caça ricas, com certeza, foi habitada por numerosas nações indígenas. Por um acaso qualquer, em uma estação seca, eles devem ter queimado as matas, e, em seu lugar, surgiu, de início, uma pequena extensão de campos. Nele, logo prosperaram novas espécies de gramíneas, que acabaram se espalhando e aumentando essa área de campos. Os paulistas, os viajantes a caminho de Cuiabá e mesmo os habitantes de Porto Feliz que vinham para cá, todos os anos, por ignorância e seguindo um costume brasileiro, queimavam essa relva, para que a grama nova atraísse bois e vacas. De fato, mal havíamos lançado um olhar rápido sobre esses campos, cercados por uma cadeia de montanhas de vegetação baixa, nossos remadores já haviam ateado fogo; as chamas subiram alto e se alastraram rapidamente para todo os lados.

Para um homem empreendedor corajoso e determinado, estava aberto aqui um belo campo e uma fonte de riqueza e prosperidade. A distância entre os locais habitados da Província de São Paulo e de Minas não é muito grande; bastaria que o Governo se comprometesse a abrir

aqui uma estrada. As elevações cobertas de matas localizadas nos limites desses campos poderiam ser totalmente aproveitadas para todo tipo de lavoura, assim como os campos e pastos seriam utilizados para a criação de gado. Quando é que o Governo vai dirigir sua atenção para projetos dessa natureza?

Ao anoitecer, fizemos nossa habitual parada por volta das 5h, mais ou menos 2 léguas acima do salto e bem próximo a dois baixios que recebem seu nome do salto de Avanhandava.

18/07

Nós nos aprontamos cedo, e como o tempo estava claro, sem névoa sobre o rio, pudemos partir em bom tempo. As embarcações foram levadas, com gente dobrada, por sobre os baixios. Pereira, nosso amante da caça, abateu, durante a noite, quatro grandes tapires.

Às 11h, já podíamos ouvir o estrondo do salto nessa parte morta e rasa do rio, quando começou a chover, pela primeira vez, desde o início da nossa viagem. Foi apenas uma nuvem de tempestade passageira. Por volta das 11h, chegamos ao salto tão aguardado por todos há semanas. Estávamos tão ansiosos como se fôssemos conhecer uma grande cidade. Tão logo desembarcamos, corremos para a cachoeira para satisfazer nossa curiosidade.

Descrição geral:

O rio Tietê é bastante largo acima da cachoeira de Avanhandava, talvez umas 200 braças, e plano. As margens são também pouco elevadas e ocupadas por matas. A água começa a espumar sobre as pedras, divide-se entre as várias ilhas de rochas (algumas cobertas com árvores) e cai de vários pontos, às vezes perpendicularmente, às vezes em cama-

das, com grande fúria, estrondo e vapor, espalhando para todos os lados poeira de água, que se dissipa ao chegar à margem baixa espremida entre rochas estreitas. O nosso barômetro indicou que a altura do espelho d'água de cima até a corrente principal do rio embaixo é de 50° a 60°.

É difícil descrever essa maravilha da natureza, a rapidez com que aquela massa de água se transforma em espuma branca e poeira. Junto às rochas, a terra treme. O estrondo é semelhante ao de um trovão que não pára de troar. A água parece um rio de leite. Nossos artistas, o Sr. Taunay e o Sr. Florence, fizeram alguns croquis. Mas a cena é muito grande e extensa; seriam necessárias várias semanas de estudo para representar todo o espetáculo num único retrato. Não há só um salto, mas quatro ou cinco, que não podem ser vistos todos de uma vez, pois, ao se contemplar um, os outros se perdem atrás das ilhas.

Já mencionei acima que agora não é tempo de pesca, o que tirou muito da animação do espetáculo que se descortinava à nossa frente. Segundo nos disseram os guias e muitos que já fizeram essa viagem várias vezes, em setembro, outubro e novembro, ou seja, no período das chuvas, os peixes nadam rio acima, atraindo para o rio e para o céu milhares de pássaros de toda espécie: corvos, águias, cegonhas, garças, patos e colhereiros, que, formando verdadeiras nuvens, vêm caçar os peixes.

Em outra oportunidade, preciso falar sobre esta sábia criação de Deus: por que os peixes nadam rio acima e como eles conseguem galgar e ultrapassar essa cachoeira. Uns descansam nas rochas cobertas de árvores para, então, prosseguir sua viagem (*Siluroidea*); outros esperam que o nível da água suba.

É evidente que, nesse ponto, as embarcações têm que ser descarregadas, pois essa cachoeira não é navegável. Por isso, aqui é obrigatoriamente

um local de pouso. É necessário retirar as mercadorias e transportá-las por terra, juntamente com as embarcações, para abaixo da cachoeira. A essa operação de descarregar e transportar por terra chamam varação, varadouro ou varadoiro.

Diga-se de passagem, essa viagem fluvial é muito estranha. Freqüentemente, precisa-se retirar a metade da carga, porque o rio é muito raso (baixios), ou porque o rio é impetuoso e, por isso, as ondas espumantes do rio que rolam sobre as pedras poderiam bater contra a embarcação bastante carregada. Em outras ocasiões, principalmente quando há forte correnteza, a tripulação, quando os barcos estão com meia carga, é redobrada para poder dirigir a embarcação com mais segurança. Nessa grande cachoeira (salto), que é bem diferente daquelas quedas d'água de poucos pés de profundidade, é necessário simplesmente retirar toda a carga e transportar as embarcações por terra, arrastando-as.

Tão logo chegamos à margem direita, montaram-se as barracas e iniciou-se o descarregamento do barco grande (*Beroba*). Do local de desembarque até o pé da cachoeira, onde os barcos deverão ser recarregados, leva-se um bom quarto de hora. O local de desembarque é aberto, o caminho de descida é largo e está em boas condições. Os puxadores[?] e rodas que o comerciante da Costa colocou ainda estavam em condições de uso e facilitaram muito o trabalho.

19, 20, 21, 22, 23/07

Nos dias 19 e 20, o acampamento principal estava perto da cachoeira, embora uma barraca completa tenha sido montada mais abaixo para guardar os mantimentos, que foram vigiados. Todos estavam ocu-

pados, sendo que as suas tarefas seguiam uma determinada orientação, ditada por costumes e leis antigos, mas suficiente para evitar toda e qualquer desorganização. Por exemplo, só os remadores devem levar a carga ou o lastro. O proeiro e o piloto (os oficiais) de cada uma das embarcações devem trabalhar com cuidado e prestar contas de tudo que recebem. Um joga de cima e o outro recebe embaixo. Depois que uma embarcação foi totalmente descarregada, ela é levada algumas centenas de metros[?] para baixo, através da parte inicial superior da cachoeira (os baixios), uma operação que envolve um certo risco; depois ela é trazida para a margem para ser arrastada por terra. Amarra-se, então, uma corda forte na proa do barco, e todos, dos oficiais mais graduados aos trabalhadores comuns, põem mãos à obra para empurrar a embarcação por terra. Preciso reconhecer que imaginei que isso seria mais difícil do que realmente é. Quase toda a tripulação fica segurando a corda, alguns, de pé, vão da direita para esquerda, manejando grandes e fortes barras de ferro; e outros ajudam a levar o barco para a frente, empurrando-o pela parte de trás. É costume distribuir para a tripulação, durante esse trabalho difícil, um cálice de aguardente, o que lhes renova a força e a coragem.

No dia 19, bem cedo, o *Beroba* foi assim arrastado e, cerca de meia hora depois, já abaixo da cachoeira, foi empurrado para o rio, que aqui é impetuoso; algumas centenas de passos adiante, agora em águas tranqüilas, foi levado para uma margem arenosa. Enquanto trabalhadores e tripulação estavam ocupados com essa operação, o trabalho científico não ficou parado: o Sr. Riedel colecionava plantas, os Srs. Taunay e Florence tentavam transportar para o papel as cenas da natureza, o Sr. Rubtsov fazia observações astronômicas e relacionadas com a Física; e eu me dedicava a esfolar e empalhar um belo e grande tapir. Tentei preparar sua pele com alume e sal, e hoje, dia 23, dia em que escrevo,

essa experiência parece ter sido bem-sucedida.

Nos dias 19 e 20, infelizmente tivemos tempo chuvoso, o que prejudicou nosso trabalho e nos deixou abatidos. Posso dizer que não estávamos preparados para essa chuva inesperada. Nos dias que se seguiram, cada um apresentou uma reação diferente: um teve dor de garganta; outro, gripe com febre e reumatismo; um terceiro, dor de cabeça, tremores em todos os membros, provocados pela malária; outro, dor de dente.

Estivéssemos em outra estação do ano, teríamos conseguido material mais farto e variado de História Natural, especialmente para a Ornitologia e a Ictiologia. Mas agora, estou tendo a triste experiência de, apesar de todos os nossos esforços, só conseguir alguns espécimes novos, entre os quais os mais bem-vindos foram duas espécies de *Siluroidea* (Ver observação ictiológica).

Transtornos os mais diversos acontecem em tais oportunidades. À noite, alguns roubaram vinho, outros, açúcar. Foram descobertos e declarados culpados, e terão, em conseqüência, que pagar o prejuízo (aproximadamente 14 garrafas). Nos últimos 3 ou 4 meses, não vi praticamente nenhum inseto interessante ou raro. Mas, desde a última tempestade (dias 19 e 20 deste mês), apareceram, de repente, insetos e borboletas; as vermelhas são mais numerosas, a 88°; uma outra espécie, também numerosa, a 80° apresenta na asa inferior, o que em outras é raro .

24/07

Partida do Salto de Avanhandava.

De manhã cedo, por volta de 8h, tudo estava preparado para a partida. O grande rio é, principalmente na atual estação seca do ano,

abaixo da cachoeira e do local de desembarque, bastante estreito; é difícil entender como um espelho d'água de cerca de 200 braças pode se reduzir, de repente, a cerca de 7 a 8 braças entre duas margens rochosas. Nesse ponto, o rio é profundo e impetuoso.

Só quando partimos é que notamos que a cachoeira situada na margem esquerda, atrás de uma ilha rochosa e pouco visível do local onde desembarcamos, é a maior das cinco cachoeiras. Cabe a um artista, no futuro, fazer um croqui ou estudo dessa cachoeira. Depois de uma hora, alcançamos os baixios e a ilha dos Escaramuxos, onde atracamos hoje duas vezes, aliviamos o peso dos barcos e, com gente dobrada, mandamos levá-los sobre os baixios, na parte funda e com correnteza mais forte. No banco de areia mais abaixo, onde um pequeno riacho sem nome desemboca na margem direita do Tietê, fizemos uma longa parada, onde a tripulação almoçou. Transportou-se grande parte da carga dos barcos, especialmente as provisões, por terra, até a parte de baixo do banco de areia. Com isso, perdeu-se a outra metade do dia, e fomos obrigados a montar acampamento, embora só tivéssemos percorrido duas léguas.

Hoje, Roberto enriqueceu a minha coleção com uma nova espécie de *Lutra*, até então desconhecida para mim. Tratei imediatamente da sua conservação para a ciência.

25/07

Depois de um acampamento tranqüilo, deixamos a ilha e o baixio dos Escaramuxos bem cedo, em direção a outra cachoeira, Itupanema ou Itupanama, onde novamente se retirou meia carga. Após curta viagem, vimos, na margem direita, um grande desmatamento. Em uma

extensa faixa, as árvores estavam caídas em várias direções, tanto na margem como no interior, como se tivessem feito um roçado. Dizem que isso é causado pelos ventos, que aqui às vezes são muito perigosos.

Três quartos de hora mais tarde, navegávamos de novo sobre águas tranqüilas, o chamado rio morto, que forma a cachoeira de Caxopira. De manhã, às 8h, a temperatura da água era de 14°R; da atmosfera, 13°. De manhã e à noite, sem neblina e céu nublado. Por volta das 10h30, alcançamos a cachoeira, cujo barulho já se podia ouvir a grande distância, e atracamos na margem esquerda para descarregar os barcos. Logo em seguida, levaram a carga para a margem. Fizemos aqui a parada do meio-dia.

O dia estava quente, e pudemos ver bandos de insetos e borboletas, embora apresentassem pouca variedade. Depois do almoço, cada um estava ocupado com suas próprias tarefas, quando tivemos todos uma surpresa muito agradável: ouviram-se muito tiros, que pensei serem de nossos caçadores; mas logo fiquei sabendo que se tratava de uma monção (como aqui é chamada) vinda de Cuiabá que havia chegado. Era o Capitão Sabino com alguns funcionários da Coroa que voltavam de uma missão. A expedição consistia de duas canoas grandes, dois batelões e uma canoinha. As embarcações eram tripuladas por pedestres [?] e voltavam de uma viagem de trabalho a serviço da Coroa, para levar *amonnatios* [?], ferro, pólvora e sal para a Província de Mato Grosso.

A melhor notícia que recebi nessa ocasião foi que o meu amigo Natterer ainda está vivo, que havia viajado para o Mato Grosso e que ainda não havia decidido se viajaria pelo rio, como nós, para o Rio ou se iria para o Grão-Pará. Natterer é um cientista modesto e muito honrado. Eu ficaria muito feliz se pudesse reencontrá-lo.

Conversou-se durante toda a tarde e toda a noite, enquanto a tri-

pulação de uma e de outra expedição levava a carga para cima e para baixo.

26/07

Aproveitamos a manhã do dia 26/07 para escrever cartas e mandar notícias para Porto Feliz e Rio de Janeiro. Com isso, quando chegou o meio-dia, aquela expedição já estava pronta para viajar, e nós ainda não. Por fim, ainda tivemos que permanecer aqui. Cada dia que passa, aparecem mais borboletas. Hoje ao meio-dia, o termômetro registrava 21°R à sombra; hoje à noite, às 8h, 17,25°. A temperatura da água era de 16°.

27/07

Eu me propus firmemente a nunca ir para a cama sem, pelo menos, anotar as coisas mais importantes que aconteceram no dia. Mas, ontem à noite, eu estava tão cansado, que tive que fazer um esforço enorme para conseguir terminar de escrever.

Nossa permanência ao pé da cachoeira de Itupanema foi agradável. A região é um pouco mais aberta, as margens arenosas e em declive. Duas ilhas que dividem o rio em três braços emprestam à paisagem um aspecto agradável e pitoresco. Mas a região em si oferece pouca fauna: só vimos alguns curimatás, dourados e douradinhos; de pássaros, algumas gaivotas, embora, à noite, tenhamos ouvido muitos *Caprimulgi*. Eles bem que estavam ao nosso alcance, mas a única presa foi uma pequena *Tringa*.

Retomamos viagem às 7h30 da manhã. Logo depois, o rio torna-se novamente largo e raso, com águas tranqüilas, quase paradas. Alcan-

çamos hoje a cachoeira da Ilha, do Mato Seco e das Ondas Grandes, onde nossos batelões tiveram que ser descarregados, pois, nesse ponto, o rio forma ondas tão altas que chegam a cobrir os barcos, já parcialmente afundados na água sob o peso da carga. Por isso, eles foram levados inicialmente para a margem esquerda e descarregados; depois, a carga foi transportada para a parte de baixo da cachoeira das Ondas Grandes.

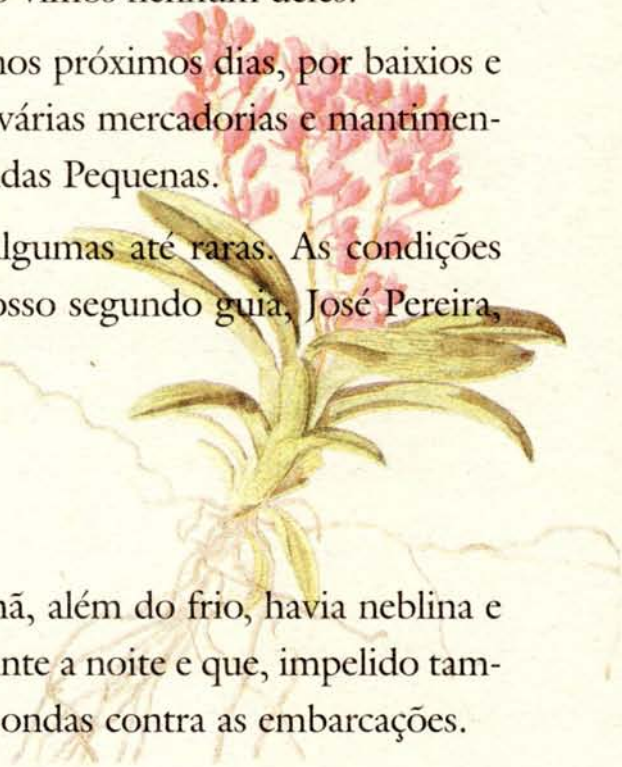
Todos preferimos caminhar por terra - quase um quarto de hora. Vimos outra bela e grande figueira numa margem baixa e arenosa. Essa parada e principalmente as condições do rio retardaram muito a viagem, de forma que fomos obrigados a permanecer aqui hoje e montar acampamento.

Nessa margem, vimos rastros recentes de uma grande sucuri e, ao segui-los, encontramos a cabeça e o pescoço de um avestruz. Vimos também rastros recentes provavelmente de índios (xavantes); certamente estiveram aqui há poucos dias, mas não vimos nenhum deles.

Como ainda teremos que passar, nos próximos dias, por baixios e cachoeiras, o guia levou, logo à tarde, várias mercadorias e mantimentos para a próxima cachoeira, a das Ondas Pequenas.

Conseguimos pegar borboletas, algumas até raras. As condições do rio e uma oftalmia que atacou o nosso segundo guia, José Pereira, forçaram-nos a permanecer aqui hoje.

28/07

Fez frio durante a noite. De manhã, além do frio, havia neblina e vento, que começou a soprar forte durante a noite e que, impelido também pela força da cachoeira, jogava as ondas contra as embarcações.

À meia-noite, nosso guia Antônio Lopes, muito atento, já havia mandado buscar todas as mercadorias das canoinhas; só que, para meu grande pesar, fiquei sabendo, hoje cedo, que várias caixas com ferragens tinham molhado durante a noite. Com isso, nossa primeira providência foi deixá-las abertas, enquanto as demais embarcações foram levadas para baixo da cachoeira das Ondas Pequenas. Pistolas, navalhas de barba, espetos, tesouras e várias ferramentas estavam molhadas e tiveram que ser secadas, o que ocupou várias pessoas.

Nosso guia só voltou perto das 12h, para nos levar para a margem direita, onde se fez o almoço. Ficamos pouco tempo nessa margem, que é ligeiramente mais elevada e sem muitos atrativos. Logo retomamos viagem até a parte de cima do funil grande, na margem esquerda, após termos percorrido pouco mais de 1½ légua.

Uma coisa deixa os viajantes filósofos muito intrigados: por que, de repente, toda a natureza parece ter morrido, como vem acontecendo desde anteontem? Não se vêem pássaros, nem peixes, nem tapires, nem lontras; o único sinal de vida foi o rastro de uma cobra *Boa* e algumas borboletas que surgiram hoje, embora em menor quantidade do que nos últimos dias.

Da observação feita ontem, dos restos de um avestruz e dos rastros indiscutíveis de índios, acho que posso concluir que há campos não muito longe da margem esquerda.

NB: a região é totalmente desconhecida; os portugueses têm tanto medo dos índios quanto provavelmente estes dos portugueses.

À tarde, quando deixamos nosso acampamento abaixo da cachoeira das Ondas Pequenas, fiquei sabendo que meu caçador Roberto havia visto rastros evidentes de índios, talvez de ontem; ele retornou imediatamente e não quis arriscar participar-me o que tinha visto, com medo

que eu quisesse ir procurá-los [?].

Parece que há sempre peixes nas proximidades de cachoeiras durante o ano todo; por isso, por onde passamos, mandei pescarem ou jogarem a rede durante a noite. Hoje cedo, finalmente, consegui um belo e grande cascudo (*Loricaria*) e aproveitei o tempo para empalhar um dourado e um outro tipo de *Salmo*.

29/07

A uniformidade e monotonia da nossa viagem fluvial persiste. À tarde, alguns batelões já foram carregados e levados para baixo do funil grande; da mesma forma, de manhã cedo, as canoas grandes foram liberadas da carga mais pesada e, mais tarde, transportadas para uma ilha do mesmo nome, quando os batelões voltaram. Essa é uma passagem estreita e muito perigosa, com ondas altas cobrindo as rochas, que quase não se vêem; são águas rasas, mas tão impetuosas que, apesar de toda a cautela do guia, os barcos bateram várias vezes, e corremos o risco de ficar encalhados. A canoa *Jimbo* chegou a ficar encalhada por alguns minutos.

Hoje cedo estava muito frio: +8°; a água do rio, +14°.

O guia me trouxe hoje dois grandes *Loricaria* que ele pegou na rede estendida ontem. Um dourado enorme devorou muitos peixes da rede e rasgou-a. São peixes muito vorazes, que comem até os da própria espécie. Na rede ficaram curimatãs de pelo menos um pé de comprimento.

À tarde, depois que os batelões fizeram várias travessias para levar uma parte do carregamento mais adiante (abaixo do funil pequeno), deixamos nossa parada na margem esquerda, passamos pelo perigoso

funil pequeno cheio de pedras e alcançamos a margem direita da ponta externa baixa da ilha do Funil Pequeno, em frente a uma outra grande ilha do mesmo nome, que poderia comportar uma plantação de pelo menos 30 alqueires de milho.

A vegetação fornece ao observador pouca variedade. Figueiras, perobas, *Amecegu*, *Myrta* e palmeiras crescem aqui misturadas umas às outras, assim como nas redondezas de Porto Feliz. O que chama a atenção é o fato de que, nas proximidades dessas cachoeiras, é bem mais frio e que as árvores aqui nestas baixadas perderam mais folhas (estão hibernando) do que em regiões bem mais altas. Toda a vegetação do lugar está coberta por uma grossa camada de folhas secas, o que não vi praticamente em nenhum lugar no Brasil; em outros lugares, as folhas logo apodrecem e formam uma crosta úmida de terra vegetal.

30/07

Cedo, às 7h30, o termômetro indicava +10° ao ar livre; na água, +14°. Deixamos a grande ilha do Funil Pequeno em bom tempo e remamos até acima da cachoeira de Guacuratuguaçu, não muito longe de nosso acampamento. Ali fez-se nova parada e se retirou a metade da carga (meia carga); há bem menos água (baixios) e ondas altas.

Na cachoeira de ontem, onde ficamos acampados, havia mais peixes que de costume. O pessoal, todavia, ficou tão ocupado até tarde da noite que não pude mandar ninguém jogar a rede. Nesse ínterim, pescaram uma piracanjuba[27] de três palmos ou mais de comprimento, que eu empalhei.

Descarregamos em frente à cachoeira, na margem esquerda. Primeiramente, levou-se grande parte do carregamento para terra firme,

abaixo da cachoeira, e lá se preparou o almoço; a outra metade do carregamento foi levada para baixo de outra cachoeira, da Água Baixa, na margem direita. É difícil trabalhar numa viagem de barco nessas circunstâncias, com tantos transtornos e interrupções; mal se colocam os livros e papéis num lugar, logo é preciso mandar levá-los para outro. No final do dia, só se percorreu 1½ légua e não se trabalhou nem uma hora.

A cada dia se vêem insetos bem diversos e borboletas de espécies raras. Os mosquitos nos atormentam cada dia mais, além dos milhares de carrapatos que temos que catar em nossas roupas e corpos.

31/07

Pela manhã, por volta das 7h, fazia +9°, sem neblina; +15° no rio; horizonte claro.

No início, o rio é calmo (rio morto). Nosso acampamento está na margem direita, pouco abaixo das bacias e de várias ilhas e cercado de mata densa. Por volta das 7h30, partimos em direção ao córrego Aracanguá-mirim, descarregados, onde se fez a travessia[?]. O rio é largo e, como em todas as águas calmas ou mortas, profundo. Poucas aves, tanto na mata como no rio. As tartarugas *Exer* não aparecem há 5 ou 6 dias. Provavelmente as tartarugas ponham seus ovos nesta estação do ano seca (fria) para não expô-los a enchentes. Elas só põem ovos quando o rio escoa, quando, então, elas cavam um buraco de cerca de 8 palmos de profundidade em areias soltas e secas e põem normalmente sete ovos em cada camada. Em um ninho há geralmente 21 ovos. Esses ovos são quase esféricos; sua clara é mais aguada e a gema, seca e granulada; eles são bons, mas não servem como alimento. Dizem que as tar-

tarugas ficam habitualmente perto dos ninhos, em volta das ilhas; às vezes são capturadas com anzóis, mas até agora não vimos nem conseguimos capturar nenhuma (desenho).

Após meia hora de viagem, ouviu-se o esturro de uma onça vindo da margem direita próxima. Por volta das 10h15, alcançamos o início de uma cachoeira, desembarcamos, liberamos primeiro os batelões que haviam sido trazidos na frente (pelo guia, como de costume) para explorar o caminho ou as partes navegáveis. Todos preferimos ficar trabalhando no barco a descer, entrar na mata e ficar cobertos de carrapatos. Depois de uma boa meia hora, o guia voltou e nos levou para uma ilha de areia pequena e baixa, onde havia poucas árvores e lugar suficiente para preparar o almoço. Às 3h30 da tarde, felizmente já haviam transposto e recolocado todo o carregamento. Navegamos em rio morto (águas calmas); à nossa esquerda estava a grande ilha Aracanguá-mirim. Segundo informação de nosso guia, é a maior ilha do rio Tietê, com meia légua de comprimento.

O braço direito do rio que ora navegamos não é muito largo (30 a 40 braças), mas é fundo, sem baixios ou cachoeiras. O sol estava quente. Conseguimos novos ovos de tartaruga e um casco de tartaruga. Às 4h, tivemos que ir para a ponta baixa da ilha. O braço esquerdo do rio pareceu-me um pouco maior. Às 5h30, paramos para montar acampamento na margem direita, que, como as outras, tinha de 8 a 10 pés de altura e era coberta de vegetação baixa, onde as figueiras são as árvores maiores. As palmeiras ora apareciam em grande quantidade, ora eram raras. Elas são de grande interesse para o viajante, pois, nessas matas inóspitas e sem vida, onde não há verduras nem legumes, o que se tem para comer são palmitos de todo tipo. Por isso não lamentamos muito hoje que no acampamento não houvesse palmeiras.

Desde que nos encontramos novamente no rio calmo e largo, temos visto muito mais patos e outras aves na margem. Não longe, à direita da margem onde pernoitamos, dizem que há uma grande lagoa, em cujos arredores há muitos cervos. Por isso é muito provável que sejam campos.

Considerando que teremos que navegar algumas léguas de águas calmas e profundas e que, amanhã, poderemos chegar a tempo na cachoeira de Aracanguá-açu, o guia sugeriu prosseguir viagem amanhã de madrugada antes do raiar do sol, e a aceitação foi unânime.

01/08

Todavia, quando ele acordou o grupo, às 5h30, chamando-o para partir, alguns companheiros acharam melhor esperar a alvorada, alegando que, como estava escuro, eles poderiam esquecer alguma coisa. Além disso, se partíssemos cedo, poderíamos ter que fazer outra parada. Mas acabamos realizando o primeiro plano. Partimos às 6h15, pois queríamos pelo menos tentar passar hoje pela Aracanguá-açu, onde todas as embarcações seriam descarregadas, e o carregamento seria levado para a margem. Poderemos pernoitar na parte de baixo, porque cachoeiras desse tipo nos custam normalmente um dia e meio.

Ao nascer do sol, 6h30, +8°; água do rio, +14,5°. Só a superfície da água está coberta por uma fina névoa.

Abatemos hoje alguns macacos (com gorros chineses), que nos proporcionaram um belo espetáculo: eles pulam de galho em galho no cume das árvores e conseguem se agarrar, com muita habilidade, com seu rabo e seus pés, nos galhos mais distantes.

Normalmente, de manhã, tomamos café ou chá com torradas.

Quem quer pode comer feijão, farinha, às vezes, também, peixe ou carne assada fria do dia anterior. Toda manhã, eu tomo uma sopa, ligeiramente amarga, de um tipo de pato (jacu) ou de outra ave. Na falta de vinho, toma-se caldo de peixe, onde geralmente desmancho um pouco de tablete de caldo de carne; come-se, então, feijão com carne salgada de porco, aqui chamada lombo; uma ave assada ou peixe; um pouco de arroz com ave cozida. Sempre coloco no feijão a pimenta preparada - já estamos tão acostumados a fazer isso que não conseguimos mais apreciar nenhuma comida sem essa pimenta. Ao invés de pão, farinha de milho ou de mandioca. Depois, vem a sobremesa, que consiste de queijo (inglês ou de minas) e marmelada. Oito pessoas (contando com os guias, que normalmente comem conosco) bebem no almoço duas garrafas de vinho. Ao invés de queijo, às vezes comemos palmitos, quando conseguimos algum. Dizem que a carne do macaco é muito gostosa, mas ninguém quer comê-la, pois, assada, ela tem um aspecto humano. À noite, chá e um pouco de aguardente ou ponche, às vezes com calda de limão, às vezes com limão, quando se consegue alguns nas margens do rio. Em vez de chá, freqüentemente bebemos também mate ou congonha, ou seja, chá do Paraguai, que aprendemos a apreciar e passamos a beber sempre, com torradas, desde que chegamos à Província de São Paulo. Dizem que ele é muito saudável. Há, para quem quiser, feijão e peixe assado frio; às vezes temos também palmito ou peixes.

Às 6h30, chegamos ao local de desembarque na parte de cima da cachoeira, na margem esquerda. Lá foi necessário levar a carga para baixo em pequenas embarcações e depois para terra firme até a parte de baixo da cachoeira. Isso levou 24 horas.

Uma ilha e várias rochas planas e escarpadas dividem as águas do rio, que, em um ponto, fica tão espremido que forma uma queda de cerca de dois pés de altura.

Depois de se levarem todas as embarcações com o carregamento para a parte de baixo, todo o pessoal voltou com os barcos vazios pela cachoeira, que é cheia de rochas perigosas e estreitas. Nessa operação, amarra-se um longo cabo à proa [?] da embarcação, e os três remadores mais habilidosos ficam no barco. No momento em que este entra na queda d'água, o cabo é desatado, e os remadores descem por ela, desviando, com destreza, o barco das rochas.

Essa operação demorou o dia inteiro; à noite, felizmente todas as embarcações já estavam abaixo da cachoeira. Essa foi a ocupação da expedição. A minha foi muito agradável, pois, no curto trecho do nosso acampamento até aqui, o caçador conseguiu abater, na margem direita, nas redondezas de uma lagoa, um *Anhuma-Palamedea cornuta*, um pássaro cornígero bastante curioso; um *Plotus* , um novo *Tinamus* e, logo na nossa chegada, perto da cachoeira, três cobras *Boa*, das quais apenas uma pôde ser aproveitada, já que as demais ficaram muito feridas com o tiro.

02/08

Pela manhã, +9°; a cachoeira, +15°. Tempo claro, com um pouco de névoa sobre a água. Os barcos, canoas e canoinhas foram carregados bem cedo, e, assim que tudo ficou pronto, deixamos essa agradável estada, que nos proporcionou também uma nova espécie de borboleta, da família dos 88°. Remamos, então, para uma outra cachoeira localizada bem perto daqui, o Canal do Inferno, onde chegamos uma hora depois. A cachoeira chama-se, na verdade, Itupeva (água rasa) e é tida como muito perigosa.

Nossa tropa e os guias das embarcações ficaram ocupados o dia

inteiro levando o carregamento para a margem direita abaixo da cachoeira. Mas terminaram tão tarde que tivemos que montar acampamento aqui mesmo. Aliás, não houve nada importante durante todo o dia. O caçador retirou algumas colméias de um ou dois troncos de árvores grandes e ocos. O mel tinha um sabor agridoce agradável, e a cera era de boa qualidade, embora um pouco resinosa. Nesse ponto, o rio não é muito piscoso.

03/08

Às 7h30 da manhã, +10°; a água do rio +14,5°. Pouquíssima neblina; atmosfera quente.

Hoje cedo, os melhores membros da tripulação conduziram os batelões pelos baixios próximos e os trouxeram de volta vazios, com todo o pessoal, para aliviar o peso das duas canoas grandes e levá-las sobre os baixios.

Nosso acampamento na margem direita era bastante aberto. Há uma figueira bem vistosa e o *sabotier* (dos franceses), aqui chamado cibutão[?]. Dizem que a fruta, que vimos aqui pela primeira vez, é muito boa. Essas árvores dão ao lugar um aspecto simpático. À nossa frente no rio, havia vários tipos de insetos, pequenos e grandes, dos quais se distinguiam três.

Remamos, sem dificuldades, até o meio-dia, quando chegamos aos baixios de Guacuriti-mirim, na margem esquerda, onde paramos. Os batelões foram mandados na frente; aguardamos novamente a tripulação, que, muito experiente, nos conduziu por essas águas perigosas e impetuosas. Aqui também há, na margem esquerda, um tipo de campo, na verdade, alagados que agora estão secos em função da estação do

ano. Uma parte da tripulação que ficou aqui para o trabalho de descarregar e recarregar, ateou fogo nos campos, e, em pouco tempo, ouvimos o crepitar das chamas que se elevavam no céu.

Nessa região, é muito comum um tipo de palmeira chamada guacuri, de onde vem o nome do rio e das ilhas nas redondezas. Durante o curto percurso de hoje, não longe da parte de cima dos baixios, vimos e ouvimos novamente algumas *Palamedea cornuta*. O caçador jovem que se ofereceu para trabalhar para mim tem medo de índios, onças, cobras e carrapatos e, por isso, não ousou dar alguns passos dentro do mato para perseguir o pássaro. Em outro barco pequeno, abateram hoje um jacaré, ou seja, um *Caiman* ou provavelmente um *Crocodilus palpebrasus Cuvis* , que foi arrastado ainda vivo atrás da canoa.

Depois da refeição, entramos no rio morto de Guacurituba, onde vimos novamente, num barreiro da margem, muitos patos, araras e um grande tapir. Por volta das 5h30, montamos acampamento na margem direita do rio, perto de figueiras frondosas.

04/08

Ainda era madrugada (4h) quando retomamos viagem, pois queríamos chegar mais cedo ao grande salto de Itapura[28]. A viagem nas águas calmas do rio morto não oferece qualquer perigo; era, portanto, uma oportunidade excelente para caçarmos *Caprimulgi*, saracuras (*Rallus*) e outras aves, que se fizeram ouvir durante toda a noite e que, de certa forma, roubaram nosso sono. Ao nascer do dia, +9°, pouca neblina; água do rio, +15°.

As margens aqui são sempre muito planas e baixas. Na margem direita, há alagados e poços. Vimos um tapir, ouvimos os sons abafados

de uma *Palamedea cornuta* e notamos, pela primeira vez, desde ontem, as belas araras azuis e amarelas. Remamos agora no Itapuri-mirim, na direção dos baixios, onde chegamos por volta do meio-dia e mandamos preparar nossa refeição campestre. Os batelões seguiram na frente, aliviaram o peso das canoas e voltaram uma hora depois; levaram o segundo carregamento e, na volta, recarregaram pela terceira vez, quando, então, os seguimos com as canoas grandes.

Tão logo chegamos aos baixios da direita, enfrentamos um grande perigo: a força da correnteza, somada à imperícia do timoneiro, arremessaram a canoa, deixando-a atravessada no rio. O guia que estava em pé no meio do barco segurando uma vara pulou apressadamente dentro do rio, onde ficou com água até os ombros, e mandou os outros trabalhadores fazer o mesmo. Felizmente, conseguiram segurar a tempo a embarcação, mas ela ficou com a parte traseira presa em uma rocha, Então, com a ajuda de alavancas de ferro, conseguiram retirá-la de lá. Tenho a impressão de que esse rio de correnteza forte, que passa por entre oito ilhas, é mais perigoso do que todos os outros anteriores.

Enquanto escrevo isso, a catástrofe felizmente passou, mas estamos novamente numa parte do rio de correnteza forte. Toda a tripulação, inclusive o guia, está com água até a cintura, para trazer as canoas pequenas. Já tinham montado acampamento numa ilha próxima, no meio das águas rasas do rio. Balançando de um lado para o outro, passamos por duas rochas salientes na superfície da água e alcançamos o acampamento pouco antes do entardecer.

Hoje capturamos a *Mycteria americana*, aqui chamada de tuiuiú, e vários outros pequenos pássaros, várias *Tanagras*, *Motacilla*. Nota-se uma grande variedade de pássaros perto do Paranã -não é o Paraná-, que deve ficar, em linha reta, a 3 ou 4 léguas daqui.

05/08

O sol apareceu no acampamento de manhã cedo. Os guias, bem dispostos, mandaram trazer logo as nossas canoas, depois que trouxeram os batelões com as mercadorias para a ilha onde nos encontrávamos.

Eu e um caçador estávamos muito ocupados em fazer a conservação de algumas espécies científicas abatidas ontem. Esfolamos a *Coluber caninana* e vários pássaros pequenos: *Psittacus*, araraúna (arara-preta, que, aliás, é azul e amarela e tem bico preto). Os espécimes recém-empalhados ficaram secando ao sol da manhã. Enquanto uma parte da carga e as canoas grandes eram levadas para baixo, uma outra parte era trazida para a terra passando pela ilha.

Entardeceu, e ainda não tínhamos acabado de empacotar e transportar as coisas. Fomos, então, forçados a montar acampamento, embora só tivéssemos percorrido apenas um quarto de légua na mesma ilha. Não são só os obstáculos que o rio apresenta, mas também a indolência e indiferença de grande parte dos empregados (remadores) que nos detêm. Com tantas embarcações (8), temos muitos oficiais, proeiros e pilotos, e estes, seguindo uma antiga norma da terra, se ocupam apenas da carga que pertence à sua canoa e aos seus remadores. Enquanto os guias (guia e contra-guia correspondem ao almirante e contra-almirante) pegam eles próprios os sacos de provisões e outras coisas nas costas para apressar a viagem, os oficiais e suboficiais vão passear. Na verdade, dos 30 homens, só 12 (acredito eu) são remadores e trabalhadores ciosos do seu dever. Mesmo com toda a boa vontade e esforço de nossos guias, só metade de nosso efetivo chegou mais cedo ao local determinado. Com isso, pouco antes do pôr-do-sol, frustrados em nossa confiança nas promessas do guia, fomos forçados a montar acampa-

mento na mesma ilhota onde estávamos (uma das 8 ou 9 das redondezas). Só conseguimos abater um *Caprimulgus.*

06/08

Depois de uma noite quente, e cobertos mais do que nunca de carrapatos, retomamos a tempo o nosso caminho, deixamos a maldita ilha e a cachoeira de Itapiru e remamos em direção a outros baixios e cachoeiras, das quais a maior e mais perigosa é a chamada Três Irmãos. Nosso contra-guia ouviu hoje cedo uma anhuma e perseguiu-a, mas não conseguiu capturá-la. A presença de anhumas indica sempre a proximidade de alagados (lagoas). Nem meia hora depois do local do acampamento, alcançamos, na margem direita, o ponto onde deveríamos ter chegado ontem e para onde já haviam levado grande parte da bagagem, que foi vigiada por vários homens durante a noite. Pegamos tudo e seguimos viagem.

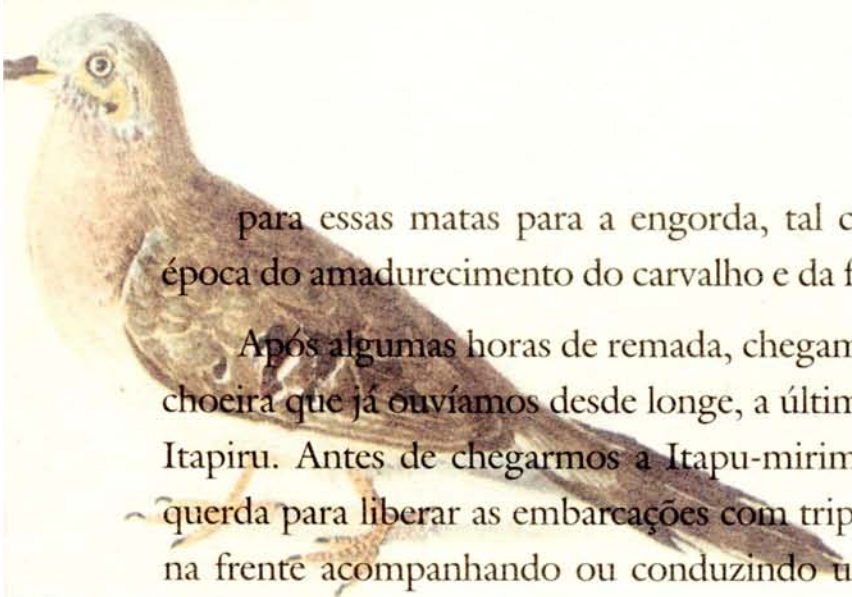
O rio é bastante largo e de águas mortas. Um grande banco de areia no meio do rio chamou-me a atenção principalmente por causa do *Rhynchops bec en ciseaux (Tagama)* e várias gaivotas que ficavam ali. Pouco depois chegamos à primeira cachoeira ou baixio dos Três Irmãos, a menos importante, que transpusemos sem dificuldades. Logo adiante, paramos na margem esquerda, mandamos um batelão à frente para explorar o caminho e o seguimos por entre baixios, ondas e cascatas, ora à direita, ora à esquerda, ora à frente, ora abaixo, ora ao lado. Apesar de já ter estado várias vezes no mar e de ter inclusive pilotado canoas (em Sitoba), as manobras de agora eram para mim totalmente desconhecidas, até mesmo incompreensíveis, pois, para ir para o lado (de través), os remadores remavam para trás, e os guias direcionavam a canoa para o lado, impedindo que ela fosse impelida para a frente pela força da correnteza.

Eram vários "Irmãos" seguidos: o primeiro, de forte correnteza, era pequeno; o segundo, grande e perigoso; e o terceiro, insignificante.

Por volta das 12h, paramos abaixo da cachoeira do terceiro "Irmão" na margem direita, onde tivemos o prazer de ver vários limoeiros. Todo o pessoal caiu em cima deles, e, em pouco tempo, juntamos pelo menos um saco cheio de limões maduros. Como foi agradável poder saborear um suco fresco de fruta depois de tanto tempo privados de vegetais. É uma sensação indescritível.

Gostaria de aproveitar esta oportunidade para dirigir-me ao amável Ministro do Interior para perguntar-lhe por que ainda não se pensou em facilitar de alguma forma a realização de expedições mantidas por subvenções anuais do governo. Uma providência simples seria obrigar todo responsável por expedição a levar algumas dúzias de sementes de bananas, laranjas e outras frutas e a plantá-las em lugares estratégicos. Isso contribuiria, sem dúvida, para a saúde de muitas pessoas, além de introduzir lavouras nessa região ainda inculta.

Tenho ainda que observar que, pretendendo fazer algo de útil para a humanidade, indaguei em Porto Feliz se seria possível encontrar, na elevada fazenda de Camapuã, a tão benéfica *Araucária*. Como a resposta foi negativa, levei um saquinho cheio de sementes, totalmente convicto de que essa bela árvore vingaria e, com o tempo, poderia tornar-se uma fonte de prosperidade e bem-estar.

NB: Os frutos da *Araucária* são muito semelhantes aos das castanhas européias. As árvores fornecem excelente lenha e madeira de construção, tábuas de boa qualidade, e os frutos são saborosos e saudáveis. Próximo a Curitiba, há grandes bosques de *Araucária*. As pessoas colhem os frutos na época do maturação e os preparam de forma especial, para que se conservem por muito tempo. Eles mandam seus porcos

para essas matas para a engorda, tal como se faz na Europa na época do amadurecimento do carvalho e da faia.

Após algumas horas de remada, chegamos a Itapu-mirim, uma cachoeira que já ouvíamos desde longe, a última antes do grande salto do Itapiru. Antes de chegarmos a Itapu-mirim, paramos na margem esquerda para liberar as embarcações com tripulação. Por isso, o guia foi na frente acompanhando ou conduzindo um batelão e mandou uma das canoinhas segui-lo. Nessas ocasiões, ele examina as condições do rio, deixa o batelão embaixo e volta com a tripulação na canoa pequena, para orientar as demais embarcações pela correnteza. Para essa operação, é necessário muito conhecimento prático do local, pois ora é preciso impelir o barco com força para frente, ora para trás, para impedir que a correnteza o empurre muito rápido para a frente e ele não fique vagando de um lado para outro. Às vezes, é preciso manejar longas varas do meio do barco para dar a direção certa. Depois de uma boa meia hora de trabalho árduo, vencemos também esse perigo e nos dirigimos em águas profundas, em linha reta, para o tão almejado salto, um importante local de pouso.

Antes de prosseguir, gostaria de observar que hoje, ao meio-dia, vi rastros de índios na mata. Vi duas varas fixadas, numa altura de 20 pés, entre uma árvore e outra; alguns cipós ou trepadeiras,em vez de cordas, amarrados no sentido transversal; sobre as varas laterais, uma camada de folhas de palmeira, formando uma cobertura firme; embaixo, estava fixada uma vara transversal, para facilitar a subida até a cama. Dizem que os índios fazem camas desse tipo quando vão caçar onças. Parece que eles estiveram aqui não faz muito tempo; talvez os caiapós do Paraná[29], que vêm freqüentemente visitar esta região e passam dias viajando para subir o rio (desenho). Embaixo dessa cama suspensa havia vestígios de fogo.

Chegamos à noite ao salto de Itapiru. Já de longe se vêem as nuvens de poeira d'água. Sua bacia é bem larga. Chegamos ao local de parada, perto do salto de Itapira (ita=pedra, pira=peixe), pouco antes do pôr-do-sol. Quando é época de pesca aqui, pode-se matar os peixes, de cima das rochas, batendo neles.

7, 8, 9, 10 e 11/08

Partida do Itapira para o Paraná, 1¼ légua, e de lá para o salto de Urubupungá, que normalmente se chama Urupungá (que quer dizer urubu em pé ou empinado). Tão logo chegamos, corremos todos para ver esse belo espetáculo da natureza. Pouco antes de se precipitar no abismo, correndo sobre pedras, o rio de repente se vê espremido e cai com forte estrondo, ora em camadas sobre os degraus formados pelas rochas, ora em perpendicular, transformando essa grande massa de água em poeira e nuvens de água, que enchem a atmosfera e se espalham numa área de cerca de 10 braças, tal é a força com que são arremessadas. É quase como um vale de águas, para onde convergem, de todos os lados, as águas desse rio caudaloso, formando, no final, um anfiteatro de uma beleza incrível e arrepiante, impossível de se descrever. A terra treme por causa da força da queda. O estrondo compara-se ao de um trovão contínuo (desenho). Taunay conseguiu reproduzir razoavelmente bem a cena; ele fez um pequeno croqui de uma dessas quedas d'água na margem direita, que dá uma vaga idéia dessa curiosidade da natureza. A rocha sobre a qual o rio corre é de um tipo de arenito duro, ferroso, freqüentemente poroso (provavelmente pela ação da água). Encontra-se também muito cascalho de pedras com teor de jaspe, de natureza calcedônica[?].

No dia 7, toda a carga foi levada nos ombros para a parte de baixo

da cachoeira; as embarcações seguiram no dia seguinte.

No dia 9, recarregaram-se as canoas e tomaram-se as providências para o prosseguimento da viagem. Para a travessia prevista do rio Pardo, será preciso levar todas as nossas malas para baixo e os sacos de provisões para cima, para que a tripulação possa trabalhar melhor com os paus e varas. Cada um tem que carregar consigo, à mão, os pertences de que talvez precise nas primeiras semanas; tudo o mais é racionado.

Poderíamos ter partido na tarde do dia 10, mas não quis me precipitar e decidi fazê-lo na manhã seguinte. Dei ordens, então, para que limpassem as armas, consertassem todas as barracas, empacotassem e contassem todos os exemplares de História Natural coletados até agora. Essa parada foi muito interessante para mim. Encontrei, no banco de areia abaixo da cachoeira, os restos do crânio de um peixe gigantesco, o jaú (*Silurus*). Fiquei realmente impressionado e curioso.

O Sr. Riedel encontrou algumas plantas fluviais novas: *Menisciu*, *Rhus*. Consegui um novo *Rallus silur*, jaú e pintado. Todos os dias pescava-se uma enorme quantidade de peixes grandes, tais como jaús, pintados, dourados, piabuçus, piabas e outros. Com isso, todos os dias tínhamos o que comer, nós e a tripulação, e ainda pudemos guardar alguns para a viagem no rio Pardo, que tiveram que ser salgados. Isso porque, segundo o nosso guia, teremos pouca caça durante os 14 dias que passaremos nesse rio. Já aqui, no salto, há carência de patos e araras. Essa caça é arredia, provavelmente por causa dos índios caiapós que circulam por aqui. Normalmente eles ficavam junto à foz do Tietê no Paraná, mas até agora não vimos sinal deles; talvez tenham abandonado o seu *habitat*.

11/08

No dia 11/08, deixamos essa parada pitoresca. Meia hora depois, alcançamos, na margem direita, um pequeno riacho vindo do Paraná e que deve ser um braço de sua cachoeira. Nos arredores, há uma pequena ilha rochosa com o nome de Pernambuco. Depois de uma hora, paramos junto à foz do Tietê, na margem esquerda no rio Paraná, e preparamo-nos para uma excursão ao salto Urupungá. Descarregaram duas pequenas embarcações; pegamos nossas ferramentas, instrumentos, provisões e aparelhos e deixamos as demais embarcações às 10h30, remando pela foz do Tietê.

Três quartos de hora mais tarde, alcançamos o curso principal (chamado rio Grande ou Paraná). Ficamos maravilhados com o novo espetáculo da natureza. O tranqüilo Paraná deve ter aqui entre 160 e 180 braças de largura. Com três bons remadores, levamos 12 minutos para atravessá-lo. Pretendíamos visitar um velho caiapó, na margem direita desse rio, do outro lado da foz do Tietê: o Capitão Manoel, cacique dessa pequena nação. Ao desembarcar, encontramos pequenos sinais que indicavam a presença recente de seres humanos, mas não vimos ninguém. Voltamos a ver rastros de onças e grandes aves aquáticas, o que nos levou a acreditar que esta região estava abandonada.

Pusemo-nos logo a caminho para procurar o local que o nosso guia chama de aldeia dos índios. Um atalho bem trilhado conduziu-nos por matas e por pântanos, um tipo de campo e mata densa e alta, de onde saímos para entrar numa espécie de campo natural. Logo em seguida, descobrimos uma região bastante acolhedora, com várias cabanas de palha, grandes e pequenas. Três horas mais tarde, aproximamo-nos, ansiosos, de uma aldeia construída por índios. Infelizmente, encontramos todas as portas com esteiras de palha penduradas na frente e

amarradas: em outras palavras, as portas estavam trancadas. Numa barraca aberta, havia vários pedaços de troncos de palmeiras grossos, redondos e cavados, que serviam de tambor nas danças dos índios. Movidos pela curiosidade, olhamos através de algumas portas. Dentro dos cômodos, vimos várias armações de camas feitas de estacas finas, vários utensílios domésticos, pequenas cestas bem trançadas, feitas de duas folhas de palmeira; vasilhas de madeira, nós de cordas [?]. Fomos castigados por nossa curiosidade e indiscrição por milhares de pulgas e bichos-do-pé famintos, que avançaram sobre nós e cobriram de preto literalmente as nossas meias, roupas, etc. Além disso, fomos torturados e perseguidos pelas moscas, mosquitos e abelhas.

O Sr. Riedel fez uma boa coleta numa pequena área dos campos. Descobrimos uma nova espécie de *Rhexia* e de *Papilionaceae* e encontramos, no pântano, várias plantas que já havíamos visto nos campos de Santa Luzia, em Caeté e na serra da Lapa. É estranho ver nos campos grande diversidade de vegetação, enquanto que as florestas tropicais, principalmente ao longo do litoral, da Guiana até São Paulo, não apresentam nenhuma variedade especial. Por que será? Talvez pela dificuldade de se observar melhor as flores de árvores tão altas, pois nem todas as árvores estão floridas ou têm flores de cores fortes. Há árvores enormes que têm florzinhas pequenas, cinzas ou de uma cor só, como é o caso dos *Divezysten*; outras florescem sem folhas sem que se perceba, e o próprio período de florescência não é definido, como acontece com os pequenos arbustos dos campos.

Voltamos para a margem onde estavam os barcos por volta de 1h, e almoçamos com muito apetite. Os caiapós que se estabeleceram aqui vivem, com certeza, em sociedade. Nós contamos 14 moradias e duas barracas abertas. Algumas casas são bem espaçosas, talvez abriguem várias famílias. Vimos poucos sinais de atividade agrícola: praticamente só uma grande plantação de algodão próxima às casas e algumas bana-

neiras e mamoeiros. Nosso guia nos disse que cada família tem sua própria plantação. O feijão e o milho prosperam muito bem aqui, mas as pessoas não se preocupam muito em trabalhar a terra com afinco. Elas caçam e pescam meses a fio e vivem com fartura. Dizem que, com o arco e algumas flechas, eles acertam melhor do que um europeu com espingarda, pólvora e chumbo. Dizem também que eles conseguem encontrar a flecha lançada exatamente no local onde parou, até mesmo na mata mais fechada, seja numa árvore ou no chão.

Pergunto: onde estão os habitantes dessa aldeia? Teriam sido perseguidos e aprisionados pela poderosa nação dos Guaicurus? Teriam sido escravizados? Teriam abandonado suas casas voluntariamente ou só por um breve período de tempo? Para mim, a última hipótese é a mais provável; do contrário, eles não teriam coberto suas portas e deixado suas coisas, mas teriam, isto sim, ateado fogo em sua cabanas de palha, conforme costumam fazer. Mas para onde e por que eles se mudaram então? Agora não é tempo de pesca, portanto, eles devem ter deixado as redondezas do rio e ido para o interior, onde caçam tapires, grandes aves e macacos. Segundo nos garantiram, esses índios saem armados com arco e flechas e não carregam nenhum alimento consigo e, no entanto, podem ir em cinco dias, por terra, até Camapuã.

Às 4h, deixamos o local onde tínhamos desembarcado e remamos rio abaixo, bem junto à margem direita, para procurar alguma canoa abandonada nos vários pontos de desembarque. Pouco antes do entardecer, paramos numa pequena baía arenosa na margem direita e montamos acampamento num bosque próximo. O segundo barco, com os Srs. Riedel, Taunay e Florence, que tinha ficado para trás, chegou um quarto de hora mais tarde. Estávamos a um quarto de légua da cachoeira, quando ouvimos o seu barulho e vimos um manto de água se desmoronar na nossa frente.

12/08

Saímos de manhã bem cedo para visitar a cachoeira. Preferi ir a pé pela margem direita, passando pelas rochas e terrenos arenosos ao lado da mata, a ir de barco. O Sr. Riedel e *Minnchen* me acompanharam. Nos locais arenosos e pantanosos, notei rastros de índios, onças, tapires, jaguatiricas e capivaras. Chegamos à cachoeira em três quartos de hora. O caminho era muito interessante; ofereceu-nos algumas plantinhas novas e bonitas: um *Bidens* e outras *Compositae*. Vimos rochas de aspecto estranho: eram massas de rochas pretas e porosas, dispersas na margem do rio, formando uma margem irregular de 10 a 12 pés de altura; um labirinto de rochas, todas cobertas por uma substância ferruginosa brilhante. Pode-se jurar que se trata de uma massa de ferro, de limalhas de fundição de ferro. Algumas pedras são tão lisas que parecem cobertas por uma camada de vidro. Fiquei muito surpreso ao descobrir, nos pedaços quebrados, pedras de barro junto a pedras de areia, o que me levou a crer que o brilho metálico provém do teor ferruginoso da água que banha essas rochas desde o Jeovo[?].

Chegamos à cachoeira de Urubupungá por volta das 8h da manhã, mas ficamos decepcionados. O rio, na parte de cima, é raso e tem no mínimo três quartos de légua[?] de largura. Ele forma uma quantidade enorme de ilhas e cascatas de todo tamanho. No centro, há uma grande ilha que está ligada à cachoeira e que divide o rio em dois grandes braços. A altura da queda é de 28 a 30 pés, a massa de água que cai varia de um ponto a outro, mas a cena é demasiadamente grande e abrangente, o que dificulta o trabalho do artista, além de não lhe oferecer tanto material como a cachoeira de Itapira. Aliás, essas duas cachoeiras parecem estar situadas sobre uma mesma e única cadeia de montanhas, com a diferença de que a água do rio Grande é ferruginosa.

Logo abaixo das cachoeiras, na margem direita, encontramos, abandonadas, várias cabanas de índios, feitas com folhas de palmeiras. Eles moram nelas durante o período da pesca, ou seja, na época das chuvas, quando o rio está cheio. Como eles não têm sal, não podem armazenar alimentos por alguns meses; no entanto, a maioria parece viver com fartura.

Em poucas horas, capturamos três jaús (dois deles tinham pelo menos 100 libras e 4,5 pés de comprimento); vários dourados e dois pacuguaçus, um tipo de *Salmo* ainda desconhecido para mim e que tudo indica pertence aos *Serro-Salmo*. Dizem que é o melhor peixe desses rios. Logo os dois foram destripados e salgados. Pensando bem, por que deveriam os índios se matar de trabalhar cuidando de lavouras para, no fim, conseguir apenas alimentos escassos, se, em uma hora, eles são capazes de obter alimento para 30 a 40 pessoas?

À tarde, por volta das 2h30, retomamos nossa viagem de volta. O guia mandou que remassem só no centro da corrente. O rio é largo, violento e estrondoso e, em alguns pontos, forma ondas rápidas. Em pouco tempo, pouco mais de três quartos de hora, chegamos à foz do Tietê. Ainda tivemos que remar mais uma hora rio acima até alcançarmos o restante da tripulação e as embarcações. Encontramos tudo tranqüilo e em ordem.

Minha coleção ornitológica ganhou dois pequenos *Muscicapa* e um *Caprimulgus*. O caçador que ficou aqui empalhou também um novo *Momotus*. Essa ave é conhecida aqui como duro, palavra que imita o som que ela emite.

A propósito, não posso deixar de fazer uma observação aqui: nos saltos de Itapira e Urubupungá, alguém poderia montar um estabelecimento para a salga e secagem de peixes. Seria um bom negócio para

toda a Província de São Paulo, sendo que todas as terras que cobrem essa área pertenceriam a um único proprietário. Além disso, uma iniciativa dessas ou outra semelhante facilitaria naturalmente o comércio e a comunicação entre Camapuã, Cuiabá e Goiás; quem sabe até abrisse novos caminhos, como, por exemplo, do rio Sucuriú a Cuiabá.

Hoje à noite, após chegarmos a Urubupungá, caiu uma tempestade com ventos fortes. Já alguns minutos antes que ela nos alcançasse, ouvimos o vento zunir e rugir através da mata, parecia o barulho de uma grande cachoeira e ficou ressoando em nossos ouvidos. Essas tempestades com vento às vezes chegam a arrancar as árvores com as raízes; os barcos pequenos e miseráveis ficam quase submersos, quando não afundam nas águas, fustigados pelas ondas que o vento implacável joga contra eles. Todos aqui temem essas tempestades. Foi por isso que o nosso guia, que é muito cauteloso, deixou todas as embarcações no Tietê.

13/08

Na manhã seguinte, a expedição deixou o último acampamento no Tietê e entrou no Paraná, que, segundo uma medição precisa, tem mais de 360 braças de largura em sua foz. Visitamos novamente a aldeia abandonada dos caiapós. Deixamos, na casa do chefe, várias miudezas tais como facas, anzóis, gaiolas. A tripulação cortou grandes varas de pindaíba, que deverão ter serventia durante a penosa viagem pelo rio Pardo. Nosso pessoal vasculhou a região e encontrou hoje campos de mandioca e uma pequena e bem cuidada plantação de cana-de-açúcar. Ficamos conjeturando se as pessoas descem o rio, sozinhas, vindas de Porto Feliz, a 12 ou 14 dias de distância daqui, para voltarem 15 ou 20 dias depois, carregadas de mantimentos, e venderem a arroba a 10 patacas

ou mais, ou seja, 3.200 a 3.400 réis (o mesmo preço que se paga no Rio de Janeiro pelo bacalhau vindo da América do Norte). Nesta estação do ano, que não é propícia para a pesca, ao meio-dia, conseguimos pescar cerca de 6 arrobas de peixe. Depois de preparados com um pouco de sal e secos, eles nos teriam rendido um ganho entre 18.000 e 20.000 réis. Nosso guia garantiu-nos que, na estação da pesca, pode-se matar peixes a pancadas junto às cachoeiras; num único dia consegue-se encher barcos inteiros. Que perspectiva maravilhosa para um espírito empreendedor! Só que, sem a ajuda do governo e sem uma garantia incontestável do direito de posse sobre as terras, tal empreendimento fica inviável. Uma iniciativa dessa natureza talvez contribuísse para promover uma reconciliação com os xavantes, constantemente perseguidos, e para atrair os caiapós com um tratamento amigável, pois eles poderiam ajudar na pesca e na caça, ao mesmo tempo em que melhorariam a sua vida. O solo é fértil, o milho vinga bem, e onde dá milho há prosperidade e fartura.

As cachoeiras mencionadas acima estão distantes uma da outra no máximo uma hora e meia; portanto, há que se construir uma estrada entre as duas.

NB: A dois dias de viagem daqui, a montante do rio, existe outra cachoeira pequena; e a 12 ou 13 dias, há uma outra bem maior, que dizem ser belíssima e muito pitoresca. A margem direita desta última é habitada por muitos caiapós, que têm contato com os padres jesuítas. A alguns dias de viagem, a montante do rio, um grande rio deságua na margem direita do rio Paraná.

Fiz uma excursão à aldeia, onde vi grande quantidade de borboletas e capturei várias delas, algumas muito raras. Já o caçador não ficou tão satisfeito, pois quase não se ouviam ou se viam pássaros. O único

que ele pegou foi um *Tinamus Perdix M.*

Após a refeição, deixamos nosso pouso e remamos rio abaixo, em direção à foz do rio Sucuriú, na margem direita. Talvez no futuro, esse rio poderá ser de grande interesse para o comércio e comunicação com Cuiabá, este e o rio Piquiri (creio que na Carta de Arrowsmith ele tem outro nome).

NB: ver abaixo dia 27/09 deste ano.

O rio é consideravelmente grande; suas águas correm calmamente, e é também mais claro ou transparente do que o Tietê ou Paraná, embora as águas deste último sejam melhores e mais claras do que as do Tietê. Isso se deve ao fato de o rio Tietê estar impregnado de folhas e de madeira podre, o que torna suas águas mais insalubres do que as dos outros dois rios. No entanto, os rios mais claros têm uma desvantagem: os peixes não mordem a isca. Tentamos pescar hoje, mas em vão. Um *Tinamus* foi tudo o que conseguimos como alimento. À noite, conseguimos pescar um *Dicholophus Cristatus* que já estava quase afundando; só a cabeça estava fora da água quando o puxamos.

14/08

Na manhã seguinte, deixamos o acampamento a bom tempo e paramos, um quarto de hora depois, na margem direita, para que a tripulação, dobrada, conduzisse as embarcações por um redemoinho que há no meio do Paraná. É uma cena extraordinária que acontece no meio desse rio enorme, que, neste ponto, passa por entre várias ilhas rochosas: no braço esquerdo do rio, existe uma depressão bem visível aos olhos, para onde aflui em massa, impetuosamente, toda a água que existe ao redor. Nesse mesmo local, formam-se ondas altas

e espumantes, que borbulham como se estivessem fervendo. Os portugueses deram o nome de funil a esse lugar. Em épocas passadas, o primeiro descobridor, desconhecendo esse perigo, deve ter enfrentado muitas dificuldades aqui. Tentamos evitar esse funil dito tão perigoso, permanecendo o mais perto possível da margem esquerda, que é baixa e coberta de rochas de pedras. De lá, fomos para a margem direita, onde almoçamos e onde encontrei algumas borboletas (amarelas e pretas) muito raras, descritas pelo Barão de Drury. Era mais ou menos 1h quando deixamos nosso local de parada e remamos em direção à ilha Comprida, não muito distante daqui e muito conhecida dos portugueses, que já encontraram lá jaspe e ágata.

Eu havia determinado montarmos acampamento ali, mas, como chegamos muito cedo, resolvi que faríamos apenas uma parada. Descobrimos, no lado direito da ilha, uma praia coberta de seixos rolados aglomerados e cimentados de forma estranha. Uma espécie de barro ferruginoso consolidou, de alguma forma, aquela grande massa de cascalhos. Até para mim era impossível distinguir alguns daqueles seixos estranhos que atraíram a minha atenção. Todos eles têm uma aparência semelhante ao seixo rolado do Nilo, no Egito, mas não são seixos rolados puros. O mais interessante que encontrei aqui foram algumas pedras do tipo heliotrópio e cornalina. Dizem que, há alguns anos, os portugueses mandaram um barco para cá exclusivamente para procurar essas pedras e levá-las para o Rio de Janeiro. Desconfio que a especulação com essas pedras poderia render lucros. Recordo-me de ter visto, no Museu Natural do Rio de Janeiro, um armário cheio desses seixos rolados, que apresentam um belo polimento natural. Dizem que eles podem ter vindo do Mato Grosso, provavelmente do Paraná, particularmente da ilha Grande. Essa grande ilha deve ter 1½ légua de comprimento e cerca de meia légua de

largura em vários pontos. À noitinha, tínhamos a ponta sul à nossa esquerda e montamos acampamento um pouco mais abaixo, na margem direita do Paraná.

As margens do Paraná são belas, com matas verdes de árvores medianas e de uma variedade impressionante. Elas não estão sujeitas às inundações anuais que acontecem no Tietê. Dizem que a região também é muito saudável.

15/08

Ontem montamos acampamento antes do pôr-do-sol, na margem direita, próximo a uma grande figueira. Hoje retomamos viagem um pouco mais tarde do que de costume, porque o contra-guia saiu à noite para caçar num barreiro que existe nas redondezas: conseguiu abater dois tapires. Isso nos deu oportunidade de preparar, hoje cedo, com mais cuidado, os espécimes de História Natural que abatemos ontem, especialmente o *Rhynchops* e o *Dicholophus Cristatus*, este último pescado ontem. Recomeçamos a viagem tão logo terminamos de estripar e esfolar os dois tapires capturados à noite por nosso companheiro de caça.

Duas horas mais tarde, avistamos, na margem esquerda, a foz do rio Aguapuí, um pequeno rio com 15 a 20 braças de largura. Aqui, as margens do Paraná estão cheias de capivaras e tapires. Por volta do meio-dia, alcançamos a cabeceira das Muitas Ilhas e fizemos uma parada de cerca de uma hora e meia em sua margem esquerda. Em seguida, passamos pelas Muitas Ilhas - contamos sete.

Meus caçadores caçaram hoje uma capivara, alguns *Rhynchops* e uma *Sterna*. A *Sterna* ou *Larus* põe seus ovos na areia e os deixa chocar

ao sol. O Sr. Riedel encontrou alguns ovos dessa *Sterna* (que já havíamos visto no Tietê) na areia. Todo barqueiro sabe que, tal como a tartaruga ou o avestruz, a *Sterna* põe seus ovos na areia sem o ninho, deixa-os chocar ao sol, enquanto os fica vigiando. Ela fica planando no ar e, quando vê viajantes tentando roubar-lhe os ovos, passa a voar em volta deles, fazendo muito barulho. Nesse momento, porém, ela fica tão ousada e temerária que, segundo os guias, é fácil abatê-la com uma simples pancada.

Nessa parada para almoço, tivemos oportunidade de ver, novamente, a mesma massa de pedras e seixos rolados aglomerados que havíamos visto nos saltos e de coletar algumas borboletas raras, entre elas, velhas conhecidas de Minas.

O Sr. Riedel encontrou um *Divezisten*, uma árvore que aqui tem o nome Dos Novatos. O trabalhador amarra sua rede nessas árvores e, em poucos minutos, fica coberto por milhares de pequenas formigas que vivem no interior dessa árvore oca; sua picada é muito dolorida.

À noite, chegamos à foz do rio Verde, onde determinei que faríamos um pouso de um dia para descansar e para abater o *Palamedea cornuta,* que dizem ser mais encontradiço aqui.

O *Rhynchops* é bastante comum aqui; tudo indica que eles aninham nesta região, pois passam o dia inteiro ou uma boa parte do dia nas margens. Ainda à noite, distribuí pólvora e chumbo para vários caçadores que, na manhã seguinte, vão sair para caçar a anhuma. Para isso, vão visitar uma grande ilha situada em frente à foz do rio Verde, onde há uma lagoa onde as anhumas costumam ficar.

Como a ilha tem meia légua de comprimento e não tem nome, batizo-a de ilha das Anhumas.

16/08

Logo após o café da manhã, quando todos se preparavam para começar a trabalhar, ouviram-se, perto do acampamento, junto às barracas externas, os mosquiteiros, dois tiros e, em seguida, um grito alto de júbilo. Corri para lá e vi, com muita alegria, uma bela e grande onça malhada de 6 pés de comprimento, esticada no chão a 20 passos do acampamento. Ela perseguia um perdigueiro que saía de um bosque próximo e corria na direção das barracas. Esticou a cabeça para frente, com olhos brilhantes e ardentes, e ficou assustada e confusa quando viu os homens (talvez pela primeira vez em sua vida). Mostrou os dentes ferozes enquanto pensava no que fazer, e foi aí que um caçador corajoso, alertado pelo barulho entre as árvores, sacou rapidamente de sua espingarda e atirou no meio da testa da fera, no mesmo momento em que um outro atirava nela com chumbo grosso. Com isso, ganhei um trabalho para fazer: fui logo preparar a conservação desse belo exemplar para o Gabinete Natural Imperial, já que não podia contar com a ajuda do meu caçador, que ainda estava muito ocupado com as aves abatidas ontem. À noitinha, com a ajuda de alguns auxiliares, esfolei a onça, sendo que, na preparação da pele, resolvi experimentar, pela segunda vez, a mistura de uma colher de chá de sal com duas colheres de chá de pó de alume.

O astrônomo, o botânico e os pintores foram para o belo banco de areia plano que fica ao norte da ilha das Anhumas. Ali, eles poderiam, com mais conforto, fazer suas observações astronômicas, estender e secar suas plantas. Voltaram por volta das 2h, encantados com a localização da ilha. Apesar de serem muitos caçadores, nenhum conseguiu trazer uma anhuma, apenas *Tringa*, *Ardea*, tabuiaiá, *Plotus*, araraúna *Lath.*, *Penelope araguan*, uma nova espécie que verei muito no Taquari e que

ainda não consegui empalhar, em parte por falta de tempo, em parte porque o exemplar que eu tinha estava muito machucado pelo chumbo grosso que recebeu. Alguns caçadores visitaram o rio Verde, que é bastante impetuoso acima da sua foz, e seguiram um pequeno riacho que desemboca na margem esquerda do rio. Eles afirmaram nunca terem visto água tão clara e transparente (encontraram, a montante, belos campos naturais); lá puderam ver muitos peixes diferentes e desconhecidos. Um deles pulou para dentro da canoa pequena: era uma nova espécie de *Salmo*, a quem dei o nome de *Macrophtalaos*. (Ver n° 32) Eles não viram nenhuma anhuma. O outro grupo grande de caçadores voltou só à noite e trouxe um tapir, mas nenhuma anhuma; trouxe também um grande pacu (pacuguaçu), que foi logo salgado e preparado para a próxima viagem pelo rio Pardo, que promete ser pobre em caça.

As peles de todos os tapires abatidos até agora serviram para costurar os sacos de sal. Na praia de baixo da ilha das Anhumas, que ainda visitei à noite, há belos seixos rolados de ágata, calcedônia, cornalina, e, entre eles, achou-se também uma bela aventurina. Se tivéssemos tempo para procurar com mais afinco, poderíamos encontrar ainda belos seixos rolados, mas anoiteceu logo, de forma que não pude ficar mais.

Os conhecedores da região dizem que o rio Verde tem muito ouro. Os primeiros descobridores temiam os índios e, por isso, só visitavam raramente o rio. Com o descobrimento de Cuiabá, eles correram para lá, deixando intocados os tesouros que há por aqui. Hoje em dia, vão para Cuiabá atrás de comércio e prosperidade, e, com isso, esse rio ficou totalmente na obscuridade. Eu teria, com prazer, sacrificado um dia para fazer uma pesquisa mais acurada do rio, mas a estação do ano já se avançava, e não quis arriscar perder um dia com uma atividade fora dos meus objetivos.

Com as borboletas, que se tornam cada dia mais freqüentes, aparecem também outros insetos, especialmente os mosquitos, que tinham nos poupado até agora, mas que começam a incomodar. Com isso, vimonos obrigados a fugir para os mosquiteiros e dormir à noite em terra - antes eu achava mais agradável dormir na canoa.

17/08

Deixamos, de manhã, a bom tempo, o rio Verde e as várias ilhas vizinhas e, cerca de uma hora e meia depois, chegamos novamente ao grande e extenso Paraná, que aqui é tão largo como junto à foz do Tietê. Suas águas claras e transparentes ofereceram-nos um novo espetáculo: pudemos ver nitidamente as pedras e seixos rolados no leito do rio e centenas de peixes e peixinhos.

Por volta do meio-dia, chegamos à Ilha de Manoel Homem, que deve seu nome ao primeiro homem que veio para cá em tempos passados, um empreendedor e aventureiro que aqui plantou milho e, depois de colhê-lo, continuou seu caminho com provisões renovadas, conforme o costume da época. Dizem, a respeito daquele banco de areia liso que está na margem direita do rio e em frente à ilha, que lá encontraram a imagem da Mãe de Deus, que depois foi levada para Cuiabá, dando ensejo à edificação da primeira capela (Nossa Senhora Aparecida). Dizem que a imagem foi roubada de Cuiabá, reencontrada uma segunda vez e novamente levada para lá, com o nome de Nossa Senhora do Bom Jesus.

Vimos hoje, ao meio-dia, fumaça a Sudoeste. De início, suspeitamos que tivesse sido provocada pelos nativos, mas o guia assegurounos que era o fogo que nossos caçadores puseram ontem nos campos.

próximos ao rio e que havia se espalhado com o vento Norte até lá. Isso não é de se admirar nesta estação seca, quando, às vezes, o fogo chega a se espalhar numa extensão de 15 a 20 léguas, inclusive sobre os rios (Ver meu Relatório de Minas: viagem à serra da Lapa).

Ao cair da noite, alcançamos o rio Orelha da Onça, na margem direita do Paraná, um local muito procurado pelos barqueiros, que têm aqui um local de repouso e um abrigo seguro contra as tempestades e ondas altas do Paraná. Freqüentemente é necessário permanecer aqui por três, quatro ou mais dias, até que a tempestade passe e eles possam se dirigir, então, para a foz do rio Pardo, que fica a poucas léguas daqui, local onde termina a navegação no Paraná e, portanto, onde se tem que deixá-lo.

Hoje à tarde, foram abatidos um *Mycteria*, um *Ocax* e uma nova espécie de *Pteroglossus*. Vemos diariamente *Rhynchops*, *Sterna*, *Charadrius*, *Caprimulgus*, uma pequena espécie que voa também durante o dia; ouvimos *Momotus* (duro), papagaios, araraúnas, e, nas margens, tapires e capivaras.

Diariamente tínhamos peixes frescos: pacu-guaçus, pintados. Nosso acampamento era muito limitado e desconfortável, pois foi montado na margem esquerda alta e íngreme na foz do rio Orelha da Onça, no meio de um pequeno bosque aberto, em função da passagem de muitos viajantes.

18/08

Pela manhã, embarcamos no horário habitual, logo depois do café da manhã. A margem direita do Paraná, nesta região por onde estamos navegando pela primeira vez, são consideravelmente mais altas. Como

o rio propriamente dito é muito baixo, remamos para a margem esquerda, para evitar um grande banco de areia plano que vimos à nossa frente, à direita.

A noite foi fria; pela manhã, +9°; a água do rio Orelha da Onça, +16°. Muito pouca neblina, que logo se dissipou. Como de costume, pouco depois das 11h da manhã, fizemos uma parada, para permitir ao astrônomo Rubtsov fazer suas observações. Descemos na margem direita, um lugar sem grandes atrativos, muito apertado nos seus poucos 6 ou 8 passos de largura e coberto de seixos rolados de vários tipos, tal como temos visto nos últimos dias, desde ilha Comprida. Como percebi que não acharia aqui nenhuma borboleta ou outra coisa interessante, voltei minha atenção para as pedras roladas. Achei pedras grandes de calcedônia, de cornalina e outras pedras do gênero *Silex*, sobretudo belas e preciosas aventurinas, que, na forma natural em que estavam, pareciam insignificantes e sem valor; provavelmente meus companheiros estavam admirados com o meu interesse por um seixo rolado tão pequeno e inexpressivo e com a minha intenção de encontrar mais alguns. Se examinássemos melhor essas margens, não seria difícil encontrarmos algumas pedras seletas que poderiam se tornar peças de museu, já que, neste momento, não conheço nenhum outro lugar onde pudesse consegui-las. Acredito que as primeiras pedras que temos lá tenham vindo das terras da Espanha, ou seja, provavelmente saíram do rio de La Plata, da foz do Paraná, foram levadas para a Espanha e, de lá, para os gabinetes.

Depois de uma parada de duas horas, subimos novamente em nossos barcos e canoas, para nos dirigir à foz do rio Pardo, aonde chegamos cerca de uma hora antes do pôr-do-sol. Na verdade, esta é a parada de descanso e o trecho principal da viagem de Porto Feliz até aqui e daqui até Camapuã, pois, desde que partimos, temos viajado sempre rio abaixo; a partir daqui, começa realmente o trabalho dos remadores: é a

parte mais penosa da viagem até Cuiabá.

Encontramos junto à foz, na margem direita, um acampamento, que o Capitão Sabino limpou há pouco tempo, e onde a tripulação se preparou para o trecho difícil da viagem. Mudaram de posição quase toda a carga das canoas, de forma que o pessoal pudesse trabalhar com as varas longas com pontas de ferro e caminhar ao longo da canoa. Trouxemos essas varas uma parte de Porto Feliz e outra da aldeia dos índios caiapós no Paraná.

Rio Pardo

19/08

Saímos tarde do acampamento. Todos odiamos ficar aqui, pois os mosquitos apareceram pela primeira vez e não nos deixaram em paz a noite inteira. Embora estivéssemos sob os mosquiteiros, eles de nada adiantaram, pois haviam sido mal montados pelos empregados desleixados. A lua cheia tem sempre muita influência sobre os insetos, especialmente sobre os mosquitos, pois ela favorece a sua proliferação.

Não é difícil imaginar como foi pesaroso para nós deixar o majestoso rio Paraná. Hoje cedo, nós nos despedimos dele. Ontem e hoje cedo, pescaram-se e salgaram-se ainda muitos peixes, especialmente pacuguaçus.

Alguns caçadores nossos atiraram, ontem à noite, numa onça, que ficou ferida e escondeu-se numa mata próxima quando anoiteceu. Hoje cedo ela foi encontrada no mesmo lugar. Com a aproximação do caçador, ela se afastou e acabou fugindo, pois ele não tinha um cachorro.

Quase todos os dias se descobre um tesouro para a História Natural: ontem acharam aventurinas e ágatas e, à noite, abateram um *Pelecanus*; hoje cedo, um *Momotus*, que acredito ser quase igual àquele existente perto do Rio de Janeiro; e uma *Pfocnias f.*, que era nova para mim.

O rio Pardo tem de 25 a 30 braças de largura na foz, pelo menos quando o atravessamos hoje cedo. A água não é tão clara como a do Paraná, não corre rápido, parece mais um rio morto, mas exige muito domínio por parte dos remadores ou daqueles que trabalham com as varas grandes. As margens são baixas, sobretudo a da direita. Por isso, ela está sujeita a inundações, que formam lamaçais e pântanos, onde proliferam os mosquitos. Elas devem ficar muito insalubres logo após essas enchentes. A maior parte das margens é de lamaçais e pântanos e são muito íngremes. Em alguns pontos, vêem-se algumas rochas isoladas e parecidas, formadas de conglomerados de seixos rolados, da mesma natureza das encontradas no Paraná, principalmente na margem direita da foz do rio Pardo, perto da margem esquerda, mais alta, rio abaixo. Os mosquitos nos torturam tanto durante o dia como à noite.

Foi um dia penoso de viagem: não conseguimos percorrer nem 1½ légua e só capturamos uma nova espécie pequena de *Ardea*. Montamos nossas redes e mosquiteiros na margem direita baixa e arborizada. Mandei dar à tripulação um pouco de aguardente, pois, como não estão acostumados ao trabalho duro, estavam todos muito cansados.

20/08

Depois de passar uma noite atormentados pelos mosquitos, partimos mais cedo do que de costume, às 6h30, e, por volta das 8h,

mandei fazer uma parada, para que a tripulação descansasse, já que ela não agüenta o trabalho duro durante a manhã inteira. Durante a noite, nosso sono foi perturbado também pela gritaria e barulho de aves de todos os tipos, especialmente curiangos *(Caprimulgus)* e jaós *(Tinamus)*. Faziam uma barulheira sem fim. Desde que chegamos ao rio Pardo, tenho ouvido, nas matas, o canto de uma bela *Pipra* com adorno de cabeça vermelho encarnado (ouvi falar dela em Jacuara, em Minas, e espero enriquecer em breve a minha coleção com um exemplar dessa espécie). A infestação de mosquitos é insuportável.

Há dois dias, vimos o primeiro tamanduá, que agora aparece cada vez mais. Aqui, no rio Pardo, temos visto *Sloanea* e *Smilay* e, como é comum encontrar ao longo das margens, muitas *Myrtaceas*.

Paramos, como de costume, às 11h30 para almoçar. Continuamos viagem, paramos por 10 minutos às 4h, para que os trabalhadores descansassem, e subimos lentamente o rio.

A vista mais interessante que tivemos foram várias palmeiras isoladas, além de um grande conjunto de buritis, uma espécie que ainda não tínhamos visto. Os índios utilizam suas folhas para trançar cestos e outros objetos. Não sei se é a mesma palmeira do mesmo nome que existe no sertão próximo a Serro do Frio. Essa produz um fio com o qual se trançam e tecem até peças finas.

O rio Pardo, pelo menos até o ponto aonde chegamos agora, é tão largo como em sua foz; suas margens são em geral bem planas, e o leito do rio, pedregoso.

A palmeira buriti se sobressai das demais árvores na mata por ser entre 15 e 20 pés mais alta, o que confere ao lugar uma paisagem bem peculiar.

21/08

Seguindo um velho sistema de trabalho no rio Pardo, deixamos hoje cedo, às 6h30, o nosso acampamento, que foi montado num lugar nada acolhedor, espremido em uma pequena e ligeiramente elevada faixa de terra de 100 passos entre o pântano e o rio. Mas, pelo menos, encontramos menos mosquitos do que nas duas últimas noites, talvez porque agora aprendemos a nos proteger melhor, pois tomamos todas as precauções e cuidados. Durante toda a noite ouvimos o alarido das aves, estranho aos nossos ouvidos. Entre outras, havia *Ardea,* socó-boi, mutum e um *Caprimulgus*, que gritava claramente, numa seqüência quase ininterrupta: "joão-corta-pau", e só parou quando nasceu o dia.

Estranhei um fato aqui no rio Pardo: num lugar com tantos pântanos e lamaçais, não se ouvem sapos ou pererecas. Em outros lugares, o seu coaxar era insuportável, mas me chamou atenção pela peculiaridade dos sons que emitiam. No Brasil, existem sapos cujo coaxar se assemelha muito a um martelo batendo numa bigorna: são os chamados sapos-ferreiros; outros imitam o mugido do boi (*bullfrog*); outros apitam - são as pererecas. Nunca tínhamos ouvido falar de nenhum deles.

Todos os dias, encontramos dificuldades para achar, nessas margens alagadas e baixas, um local adequado para as observações astronômicas, para a secagem dos papéis vegetais e para o acampamento. É de se perguntar como os viajantes conseguem viajar nesse rio no período das chuvas e de águas altas, quando todas as margens estão inundadas. Eles escolhem uma árvore grande e forte na margem para amarrar suas canoas e barcos. A maioria dorme nos barcos; outros, mais acostumados à vida errante dos ciganos e preferindo ficar mais livres, sobem nas árvores, uns sobre os outros, estendem suas redes de um galho a outro e não temem nada. Um bivaque desse tipo, em cima de uma grande

figueira, seria certamente um excelente motivo de inspiração para um artista. Nosso guia mesmo disse que, quando jovem, ele ficava, de muito bom grado, no ponto mais alto; e que, portanto, pelo menos nessa época, ele era muito generoso.

À tarde, vimos uma cobra gigantesca enroscada na raiz de uma árvore, deitada tranqüilamente e impassível. Ela não percebeu o barulho das canoas. Quando a terceira se aproximou, alguém disparou uma arma de chumbo grosso, que dilacerou o pescoço da cobra, inutilizando-a e impedindo, assim, que fosse conservada para o museu. Fiquei ainda mais penalizado por se tratar de um macho que tinha, nos dois orifícios, garras curvas, em forma de chifres, que se moviam por meio de músculos especiais. Examinando-a melhor, notou-se que o seu rabo estava decepado; portanto, não era um bom exemplar. Esses anfíbios têm também seus inimigos; são perseguidos, feridos ou devorados por outros animais. Estava lhe faltando mais de dois terços do rabo, a ferida estava totalmente cicatrizada.

Ao passarmos remando, notamos a uniformidade das matas, de vez em quando quebrada por algumas florzinhas isoladas. Quando víamos uma palmeira buriti, que para nós era uma novidade, todos emitiam expressões de admiração. Além da cobra gigantesca, não capturamos mais nada para a Zoologia. A pequena e rara *Pipra* com touca vermelha que estamos ouvindo há três dias é muito medrosa: não deixa nenhum caçador chegar perto dela. Estranho: por que uma ave que nunca foi perseguida pelo homem ou por caçador foge quando o vê?

Ao pôr-do-sol, procuramos algum tempo em vão por um bom lugar; acabamos achando na margem direita, um pouco elevada, próximo a um pequeno riacho na floresta. Embora as margens estivessem, no mínimo, oito pés acima do atual nível do rio, era possível notar

claramente que o rio havia inundado toda a região na última estação das chuvas; ainda agora havia tanta água que ela cobria várias baixadas que, nesta época, normalmente são visíveis, como é o caso, por exemplo, de Coroinha (um lugar por onde passamos hoje ao meio-dia).

22/08

Hoje cedo, às 6h30, após tomarmos café com torrada e farinha de mandioca, e a tripulação ter bebido a jacuba, pegamos novamente nossas canoas, muito admirados por termos nos livrado dos mosquitos e passado uma boa noite. Eu já deveria ter explicado anteriormente que a tripulação ou os remadores, nas viagens para Cuiabá tanto antigamente como agora, recebem obrigatoriamente almoço e jantar, que consiste de feijão, toucinho e farinha de milho. Em lugar do café da manhã, só recebem um pouco de farinha, que eles misturam com água fresca do rio e dão o nome de jacuba. Desde que começamos a descer o rio até perto do rio Pardo, todos tivemos, diariamente, e com fartura, carne de tapir, patos e peixes frescos. Todos podiam comer à vontade. Mas, desde que entramos neste rio, onde se tem que trabalhar dobrado, não se encontram mais bichos. Além do mais, aqui se acorda mais cedo do que de costume.

A jacuba é uma bebida muito refrescante; recorre-se a ela em toda parada, seja às 8h da manhã ou às 9h da noite. Nós, passageiros dos barcos com barracas, procuramos melhorar o sabor dessa bebida misturando a ela um pouco de açúcar, laranja e vinho (além da farinha).

20/08 - Às 6h30, +16°; água do rio, +16,5°; claro.

21/08 - Às 6h30, +16°; água do rio, +17,5°; claro.

22/08 - Às 6h30, +14°; água do rio, +17°; um pouco nublado.

As margens ora são bem planas, ora um pouco mais elevadas, e atrás delas há campos naturais, conforme disse o nosso guia. Por volta do meio-dia, paramos como de costume. Nesse momento, alguns caçadores ouviram a voz rouca e agonizante de um tucanuçu ou tucano-grande, que tem o bico maior de todos. Logo eles se puseram a procurá-lo, e não demorou muito até que o trouxessem. É uma espécie nova e bela.

À tarde, paramos num local pantanoso para que a tripulação tomasse a jacuba e para observar de perto uma palmeira buriti. O Sr. Taunay fez um belo desenho dela. Os frutos ficam pendurados em cachos (como a uva), entre 300 e 400 em cada haste, sendo que cada fruto tem mais de 2 polegadas de comprimento, em escamas, semelhante a uma pinha, provavelmente uma *Räphis flabelliformis anctor* [desenho da fruta].

Pouco antes de anoitecer, paramos na margem direita do rio, depois de muito procurarmos, em vão, um local para atracar. A mata é espessa, limitada por uma lagoa lamacenta, cheia de palmeiras buritis. Mosquitos havia poucos, mas os mugidos dos socó-bois nos incomodaram à noite (*Ardea Bosth*). Além disso, minha querida *Minnchen* foi acometida de febre forte e não conseguiu descansar.

23/08

Levantamos acampamento um pouco mais tarde do que pretendíamos, pois as palmeiras buritis, com alguns frutos maduros, receberam, de manhã, a visita das araras-azuis (canindé). Quisemos abater uma delas para preparar uma sopa de doente, e isso foi feito imediatamente. Embarcamos após as 7h, na expectativa de chegar, em algumas horas,

nos campos onde decidi fazer uma parada de um dia, para cuidar da minha querida doente, para preparar a onça, para que o Sr. Rubtsov possa medir as distâncias da lua e para o Sr. Riedel vasculhar essas campinas desconhecidas. Nossos caçadores poderiam colher exemplares para a coleção de História Natural, como veados e cervos, muito freqüentes por aqui.

Por volta das 10h, alcançamos a foz de um pequeno riacho que desemboca na margem esquerda do rio Pardo. Nosso guia contou-nos que, em todas as viagens que fez aqui, o riacho se distinguia pela transparência de suas águas, mas agora elas estão impetuosas e impregnadas de lama, o que nos leva a pensar que choveu muito nas montanhas, onde está a nascente do riacho. Se eu estivesse em Minas Gerais, eu diria, com certeza, que estão revolvendo o leito do rio a montante, à cata do ouro incerto.

Montamos nosso acampamento em um capão, na margem esquerda do riacho, e cada um tratou logo de cuidar dos seus próprios afazeres. O Sr. Riedel e os caçadores saíram para abrir uma picada na mata densa, para visitar os campos próximos e poder se orientar provisoriamente. A mata deve ter, em média, 100 braças. Todavia, os campos estavam cobertos por um capim seco, grosso, quase da altura de um homem, de forma que o botânico e os caçadores quase não puderam trabalhar e retornaram decepcionados. O primeiro encontrou várias plantas já conhecidas de Minas, em especial, uma palmeira baixa (bacumã), cujos frutos dizem ser excelentes para doces. Um campo de *Bignonia* totalmente em flor (amarela) enfeitava a paisagem. José Pereira retornou por volta das 2h, contando, para surpresa de todos, que vira um índio (chamado pelos brasileiros de bugre). Assim que o índio percebeu a presença do nosso segundo guia, ficou gaguejando, gritando e batendo a mão na boca; então, escondeu-se, cobrindo-se com uma fo-

lha de palmeira e fugiu para dentro do capim alto, sem dar atenção ao convite do caçador. À noite, puseram fogo em vários pontos do capim seco, e, na manhã seguinte, para nossa alegria, vimos os campos em cinzas e limpos numa extensão de algumas léguas; só alguns arbustos desfolhados e secos ficaram no caminho de viajantes e caçadores.

24/08

Logo depois do café da manhã, os caçadores e naturalistas saíram para observar os extensos campos que o fogo havia limpado. Fiquei ocupado empalhando e pondo para secar os espécimes coletados até agora. Tive que me apressar para poder sair com o pintor e o astrônomo para poder dar pelo menos uma olhada nos campos extensos. Pudemos andar livremente por eles; mal andamos um quarto de hora, avistamos, de repente, o tal veado-branco, que se parece com um veado. O animal inofensivo saiu de um pequeno capão próximo e andou, lenta e majestosamente, para os campos cobertos de cinzas para lambê-los, o que eles apreciam muito. Ficamos bem quietos e, como ninguém havia trazido espingarda, deixamos o animal prosseguir em paz. Ainda corremos para buscar algumas armas, mas não conseguimos achá-lo novamente. Os campos ainda queimavam, mas o nosso caçador Pereira sabia muito bem como despistar o faro dos animais e, assim, ele podia se aproximar dos campos ainda em fogo e abater alguns cervos que tinham conseguido escapar das chamas, mas que acabariam sucumbindo à perseguição desse caçador habilidoso.

Ao sairmos do acampamento, na mata próxima, o caçador tirou sua camisa branca e pendurou-a numa árvore, indicando, assim, o caminho de volta. Segundo ele, um caçador não pode usar roupas claras. Ele besuntou seu rosto e corpo com cinzas e lama para impedir total-

mente que fosse visto. Logo que viu um cervo, tirou suas calças e foi rastejando, quase deitado, na direção do animal. Ele notou um macho, uma fêmea e um filhote. Primeiro abateu o macho e deixou suas calças no lugar, como sinalização. Perseguiu a fêmea, que acabou se salvando graças às chamas que se levantavam. Depois procurou o filhote, que também logo abateu, arrastando-o até o local onde estava a calça e o macho; chamou seus acompanhantes e mandou levar os animais. Os caçadores abateram hoje dois cervos, dois mutuns (*Crax*), dois tucanuçus, um jaó (*Tinamus*), um *Tanagra*, um uru e um *Pipra Pileo nuchoq coccinis*.

Do índio que alguém disse ter visto e ouvido, não tivemos mais sinal. Nas baixadas e ao longo dos pequenos riachos, nos campos, há pequenos capões, que se parecem ilhas de mata, imaginando-se que os campos são lagos.

Os índios, que sempre foram perseguidos pelos portugueses, fugiram para o interior, que eles conhecem muito bem, na direção oposta do nosso local de parada, escapando da suposta perseguição e se escondendo dentro dessas matas distantes.

Minha querida doente quis comer mel, e logo isso também foi providenciado.

Os povos nativos destas regiões são os caiapós, provavelmente pertencentes a uma tribo residente a montante do Sucuriú que sempre ofereceu resistência à penetração dos portugueses naquela área. Estes últimos têm seguido fielmente o princípio que sempre norteou a ação de seus antepassados: a única forma de dominar essa gente, na verdade, indefesa, é na base da força. O governo ainda não tomou nenhuma providência para pôr fim a essa prática já tão enraizada. O último decreto do Presidente de São Paulo, que já fez tantas coisas boas, propicia

muito mais a redução do que o crescimento desta pequena tribo dos caiapós, ainda existentes no outro lado da foz do Tietê. (Ver anexo das Observações na Província de São Paulo, sobre a liberação do comércio honesto com os índios, para permitir que se leve a eles a cultura e a civilização).

25/08

Hoje bem cedo preparou-se a partida. Minha querida doente passou a noite relativamente bem e hoje sentia-se um pouco aliviada e com menos febre, só muito fraca devido aos 6 dias de doença.

Normalmente, as paradas para a jacuba e para o almoço são feitas, a primeira, às 8h, e a segunda, às 11h. O ar estava todo impregnado das cinzas das folhas dos campos queimados até o local de nossa parada para almoço. Ali tive o prazer de conseguir uma *Pipra cornuta M*.

À tarde, encontramos novamente um pequeno trecho de campos que se estendiam até às margens do rio, onde avistamos uma espécie pequena de palmeira desconhecida para nós. Chamam-na de mirim, que quer dizer pequena, e dizem que seu fruto é muito bom. A viagem prosseguiu monótona pelo rio, sem acontecimentos especiais. À noitinha, parada para a jacuba. Na margem esquerda, escarpada, há uma parede de rocha de arenito, e o rio é impetuoso e fundo. Admiramos, extasiados, uma bela e pequena *Lobelia* na areia, sobre este paredão de rochas. Os caçadores abateram alguns jacus (*Penelope*), com os quais se fará um caldo revigorante para minha querida esposa doente. Como as margens são íngremes e totalmente tomadas por raízes e pela mata, remamos até o pôr-do-sol, mas não conseguimos encontrar um bom lugar para pousar. Acabamos tendo que montar nosso bivaque numa margem areno-

sa, um trecho de poucos passos de largura espremido entre um pântano e o rio. Fomos logo recebidos por milhares de mosquitos, que só foram embora quando acendemos muitas fogueiras, depois de terem saboreado o sangue europeu. Minha querida esposa doente teve um novo acesso de febre, mas passou uma noite razoável.

26/08

Já passava das 6h quando levaram tudo para os barcos. Depois de tomarmos nosso café com farinha de milho, deixamos esse lugar, do qual não levamos saudades nem boas lembranças. Uma hora depois, chegamos a outro ribeirão de tamanho considerável, na margem esquerda do rio Pardo, um ribeirão com águas límpidas em outra época, mas que agora estão barrentas. Deve também ter chovido muito nas montanhas onde estão as nascentes desse riacho (sem nome).

Na nossa parada para a jacuba, após as 8h, ainda víamos no ar, atrás de nós, a fumaça dos campos em chamas, que chegavam a escurecer o sol. Disseram que o céu ficou todo vermelho durante a noite. Queimadas desse tipo duram às vezes semanas. Nenhum riacho ou rio consegue parar o fogo. Basta que uma única folha comece a queimar para que, com ventos fortes e campos secos, o fogo se alastre por toda a região.

Terra argilosa - areia branca - seixo rolado - arenito - rio (desenho).

Mais adiante, via-se nitidamente, nas margens, barro sobre arenito.

Todos tivemos muito frio hoje cedo. Por volta das 11h, paramos como de costume, embora o nosso astrônomo não pudesse fazer suas observações, pois a fumaça encobria o sol e o escurecia, objetivamente falando, sem qualquer poesia. Nos últimos dias, tivemos à sombra +22-

23° ao meio-dia. Hoje, às 11h, +16,5°, e a água do rio, +18°.

Antes do pôr-de-sol, desembarcamos do outro lado da foz de um pequeno riacho (sem nome) que deságua na margem direita do rio. Pouco antes de atracarmos, os mosquitos apareceram aos montes, mas felizmente logo se foram e nos deixaram dormir em paz. Todavia, minha querida *Minnchen* passou uma noite agitada, pois teve um acesso de febre com tosse seca e forte.

27/08

Como sempre, embarcamos às 6h30, depois de tomar o café. As margens são ora elevadas, ora mais baixas, cobertas, em toda a sua extensão, por mata densa ou capões. Atrás dessa mata, a uma certa distância, em terras mais altas, há verdadeiros campos. Há também baixadas, todas alagadas, e campos despidos e elevados, cobertos por capim alto. Mas os campos de turfa estão ressecados. Então, surgem novamente verdadeiros campos com grandes *Bignonia* amarelas e nenhuma palmeira para alegrar o coração depois dessas matas sombrias. A região e a travessia de barco aqui são bastante uniformes e pouco proveitosas para a História Natural.

Desde ontem, o que mais tem nos chamado a atenção é o grito barulhento de grandes bandos de papagaios do tipo aruaí, que enche o ar. Às vezes, era um único bando, outra vezes, grupos de 200, 300 ou mais pássaros; mas dois ou três bandos já faziam tanto barulho que mal podíamos ouvir a nossa própria voz. Elas me pareceram aves de arribação, que se deslocavam para Oeste ou para Sudeste, mas podia ser também só um acaso. Talvez elas viessem para cá atraídas pelos frutos (cocos) dos vários tipos de palmeiras que crescem nesta região erma. Pelas

observações do astrônomo, a maioria ia na direção Oeste-Noroeste e Oeste e entre essas duas direções.

Desde que chegamos ao rio Pardo, principalmente à noite, temos sido perseguidos pelos mosquitos, mas pelo menos acabou a praga de carrapatos, que era terrível no Tietê: só aparecem alguns de vem em quando. Acho que já comentei que os carrapatos no Tietê são diferentes dos de Minas. Os daqui são desenvolvidos ou cheios de sangue, mas menores do que aqueles de Minas, que se parecem com um caroço de *Ricinus*, são mais espertos, rápidos, ao contrário dos daqui, que são mais lentos e sugam no lugar onde chegam no corpo. Quando perseguidos, esses pequenos mosquitos se deixam cair para tentar escapar da perseguição. Eles têm um cheiro forte e desagradável como o do percevejo. Eu daria a eles o nome de percevejos sem asas. Os tapires, onças e outros animais [...] ingerem milhares desses insetos que atormentam o ser humano. Às vezes, estávamos totalmente limpos e de roupa limpa e pensávamos estar livres da praga; mas, de repente, era como se eles fossem trazidos pelo vento ou caíssem das árvores sobre as pessoas. Junto às grandes cachoeiras, principalmente Pirapora, as rochas estavam cobertas deles. Não vi mais borboletas desde o nosso dia de descanso.

De manhã, às 9h, senti muito frio: atmosfera, +14,5°, nublado e ventoso; a água do rio, +17,5°.

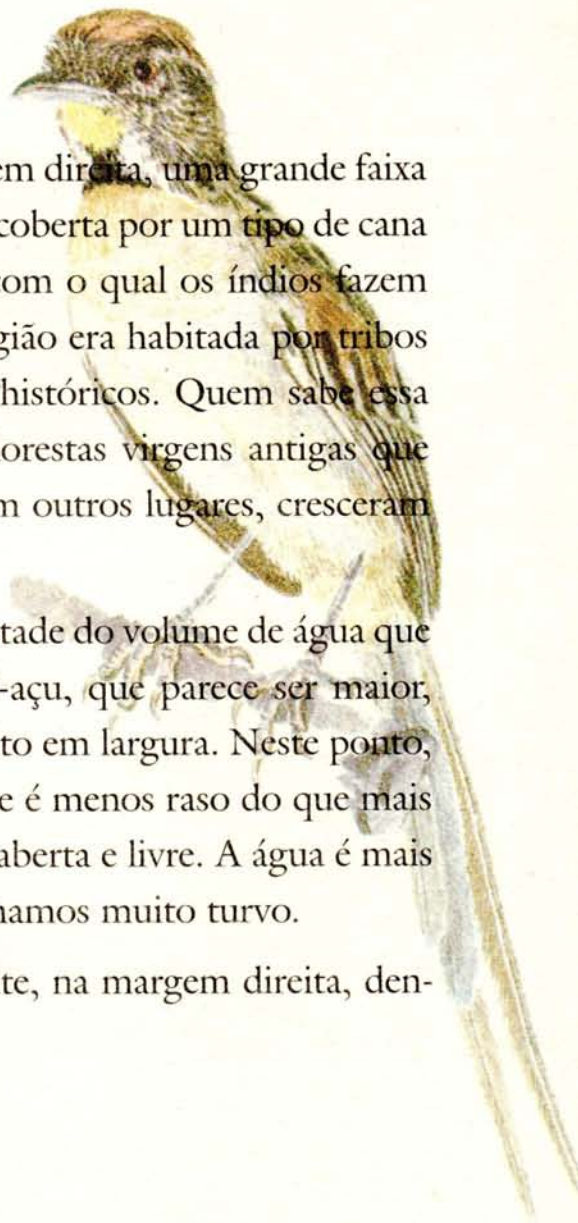
Chegamos à foz do rio Anhanduri-açu, que é tão forte como o rio Pardo, que, a partir daqui, acima da confluência dos dois rios, tem seu volume reduzido à metade. O Anhanduri ou Anhanduri-açu desemboca na margem direita do rio Pardo. Hoje, quando chegamos, vimos, a montante do rio Pardo, a fumaça dos campos. Depois de tomarmos nossa refeição campestre, prosseguimos viagem e, uma boa hora de-

pois, notamos, a montante do rio, na margem direita, uma grande faixa de terra com a aparência de capoeiras, toda coberta por um tipo de cana (taquara), aqui chamada de tambaiúva[30], com o qual os índios fazem suas flechas. Não há dúvida de que esta região era habitada por tribos indígenas; isso consta inclusive de relatos históricos. Quem sabe essa nova espécie de cana seja originária das florestas virgens antigas que havia aqui antes; ela cresceu aqui como, em outros lugares, cresceram os *Solana*, *Micania*, *Compositae* e outros.

O rio Pardo tem aqui, com certeza, metade do volume de água que tinha depois da junção com o Anhanduri-açu, que parece ser maior, embora o rio Pardo não tenha perdido muito em largura. Neste ponto, ele é mais navegável, não é tão impetuoso e é menos raso do que mais abaixo. A região vai ficando cada vez mais aberta e livre. A água é mais clara do que abaixo do Anhanduri, que achamos muito turvo.

Montamos nosso acampamento à noite, na margem direita, dentro da mata fechada.

28/08

De manhã, nossos caçadores atearam fogo novamente nos campos secos da margem esquerda, o que nos proporcionou um belo espetáculo. O fogo queimou até à noite, quando, então, todo o horizonte Norte ficou claro e vermelho como se fosse um pôr-do-sol em fogo. Durante a noite, fomos assaltados por uma tempestade com chuva forte. A tripulação foi convocada rapidamente para cobrir as embarcações; depois vieram para o acampamento, cobriram os mosquiteiros - com lençóis ou capotes ou tortas[?] - que ainda estavam descobertos e montaram rapidamente a barraca grande para a minha querida doente.

A chuva piorou e durou todo o dia seguinte, de modo que não pudemos prosseguir viagem e nem trabalhar. A escuridão terrível da floresta erma e distante do mundo civilizado, a umidade e o frio, as doenças (vários reclamam de dor de dente, de cabeça e outras), tudo isso contribuiu para baixar o moral de todos. Meu taxidermista estava sem ocupação, e meu caçador não quis sair para caçar. A gritaria dos papagaios que passavam (*Psittacus* ou aruaí) era a única coisa que lembrava a natureza viva. A chuva continuou durante todo o dia.

29/08

Embarcamos na manhã seguinte, às 6h30, com céu nublado e ar frio. Atmosfera: +11,5°, céu nublado, sem neblina; água do rio: +17,5°; higrômetro: 60° *Dalur*. Embora estivesse muito frio, a água do rio parecia ter sido aquecida, chegava a exalar vapor, não um vapor provocado pelo frio exterior ou uma névoa.

Por volta do meio-dia, paramos perto dos campos, que, além de belas *Bignonia* amarelas e sementes maduras de *Buttneria n.sp*, não oferecia mais nada de especial.

Depois do almoço, após termos acabado de secar os objetos molhados pela chuva de ontem, deixamos nossa parada. Algumas horas depois, alcançamos uma região de campos abertos que foi queimada há cerca de 2 ou 3 semanas e onde agora cresce uma bela relva. Nosso guia afirmou que esses campos foram queimados por índios errantes. Desembarcamos por um momento e encontramos uma bela *Mimosa* em flor, um solo bastante arenoso e, para nossa alegria, um velho conhecido, o *Melocactus*, que vimos, há pouco tempo, na serra da Lapa.

Ainda antes de o sol se pôr, montamos acampamento num capão,

na margem esquerda. Estava muito úmido e, à noite, fez muito frio. O guia prefere acampar na mata do que em campos acolhedores e floridos. Em geral, é mais quente na mata, é mais fácil armar as redes de dormir, não se perde tempo cortando lenha e, quando há chuva e vento, é mais protegido. Agora sentimos falta dos campos, mas pode acontecer que venhamos a sentir falta das matas e capões.

Na margem direita, do outro lado, vimos uma encosta pantanosa e turfosa e, atrás dela, campos altos e secos. Atrás do capão ou mata onde nos encontramos agora, há um grande e extenso alagado, que é fundo em alguns pontos. Isso frustrou nossa expectativa de passear pelos campos queimados pelos índios e já verdejantes.

30/08

Durante a noite fez muito frio; todos ficamos congelados. De manhã, às 6h30, +9°; céu aberto; +16° no rio; higrômetro, 58°. O vento era tão forte que chegou a derrubar uma árvore perto daqui.

Todos os povos têm superstições e preconceitos; quanto menos civilizados, quanto menos instrução e menos conhecimentos científicos têm, mais supersticiosos são. Cada um dos nossos empregados traz um rosário pendurado no pescoço e dão muito valor a ele, pois é o que lhes ensina a sua religião. Só que, ao invés de uma cruzinha, eles penduram relíquias e amuletos, que para eles têm o mesmo valor, pois acreditam firmemente que eles os protegem de picadas de cobras venenosas, cachorros raivosos, aleijamentos, outras doenças e eventuais tentações perigosas do diabo. Entre esses objetos encontram-se dentes de lobo, de porcos selvagens, de onças. O chifre da anhuma (*Palamedea cornuta*) é tido como grande protetor. Dizem que o bico do macuco (*Tinamus*)

faz o doente sangrar. Para evitar que o ar entre nas veias durante a operação, fecham-se portas e janelas e acende-se um círio que é mantido bem próximo à ferida. Normalmente, a sangria é feita no pé, raramente no braço, sempre com uma lanceta, pois não se conhece aqui o bisturi. As lancetas daqui são finas e compridas, de forma que o corte fica sempre pequeno e profundo.

Desde que chegamos ao rio Pardo, ouvimos todos os dias, eu diria que até de hora em hora, a bela e pequena *Pipra cornuta*, mas ainda não conseguimos abater nenhuma, em parte porque a mata baixa (capões) é muito densa e inacessível por causa da grande quantidade de *Smilax*, *Mimosa* e outros arbustos espinhentos; em parte porque essas aves são arredias e agitadas; ficam o tempo todo pulando de galho em galho nas árvores. Também se ouvem os grandes bandos de *Anas*, mas só se vêem alguns casais isolados. Há alguns dias, temos visto grandes bandos de aruaís. A bela palmeira buriti é mais rara aqui. Em vários trechos nas margens, vê-se, de repente, uma pequena faixa de campos como que cortando os capões de mata. Neles há taquaras (tambaiúva) que ainda trazem, em seus troncos de árvores secos e altos, as marcas das matas de outrora. Dizem os mineiros que agora são capoeiras que, pouco a pouco, vão se transformando em campos artificiais e que, pela proximidade com os naturais, acabam adquirindo a aparência destes.

Além de árvores, formigas, mosquitos, aranhas d'água e térmitas de vários tipos, vimos poucos insetos e muito poucas borboletas. Fiquei um pouco mal-humorado hoje, pois, nos últimos dias, não abati praticamente nenhum animal, e com isso meu taxidermista está sem trabalho. Por isso distribuí hoje, ao meio-dia, pólvora e chumbo para vários homens, para que fossem caçar espécimes de todos os tipos. Logo depois, trouxeram-me uma *Ciconia* americana, *Pipra Cornuta*, *M.L.F.*, *Tinamus* (jaó), duas espécies de pombas (*Columb. erythropterus S.* e

Columb. erythropterus M.; *Penelope* (jacu); *Tanagra grandis* e uma *Certhia.*

Após uma hora e meia de parada do meio-dia, alcançamos, na margem esquerda do rio, a foz de um grande ribeirão, o Orelha do Gato, e, um pouco mais acima, na mesma margem, grandes campos queimados pelos índios há 8 ou 10 dias. Os caiapós que habitam estas regiões evitam todo e qualquer contato com os portugueses. Eles sabem muito bem quando e de onde estes últimos vêm, principalmente quando queimam os campos, só que eles se afastam, pois não querem qualquer ligação com os bugres civilizados.

Seria da maior importância que o governo e esse estado recém-surgido e em formação se aproximassem desses índios e, com intenções pacíficas, os civilizassem pouco a pouco e os transformassem em cidadãos úteis, incentivando a perpetuação de sua raça, liberando-os para sempre do serviço militar e ensinando-lhes a atividade agrícola e pecuária.

Acampamos um pouco mais cedo, antes do pôr-do-sol, na mata densa e úmida, para aguardar o segundo guia, que não resistiu ao convite de ir à caça nos belos campos cobertos com relva nova, que os índios recém tinham queimado; ele acabou ficando para trás com uma pequena canoa. Após algumas horas, ele chegou trazendo a fêmea de um cervo branco (*Cervus virginianus*). Além do mais, nossos caçadores haviam matado hoje à noite um jaó (*Tinanus)* e um jacu para a refeição. Durante a noite, bela queimada nos campos.

31/08

Partimos, como de costume, às 6h30. O dia estava muito bonito: atmosfera, +11°; água +16°; neblina fina em elevação; higrômetro 60°.

NB: Com o sol ainda baixo, higrômetro 58°; às 7h, na sombra e

com dia limpo, 61°.

Ao meio-dia, abateram, nos campos extensos, dois cervos brancos, um *Tinamus Perdrix* e um *Tinanus Coternix*. Este último parecia diferente daquela espécie encontrada em Minas, mas ele estava tão machucado que só poderia ser aproveitado para a cozinha. Mais agradável para mim foram os dois novos peixinhos, um *Salmo* e um *Cichla*, que foram pescados enquanto aguardávamos o regresso dos caçadores.

Montamos acampamento bem antes do pôr-do-sol, às 5h30, num campo bonito, recém-queimado; estávamos contentes em poder movimentar as nossas pernas paradas já há tanto tempo.

Na verdade, esses campos são muito pobres e diferentes dos de Minas e São Paulo. É um solo arenoso, e as colinas que margeiam o rio, embora elevadas, apresentam sinais evidentes de que já constituíram, em outros tempos, o leito do rio. A relva nunca pode ser forte e gordurosa, e os caçadores reclamam que até os cervos não são tão freqüentes aqui como do outro lado da cachoeira de Cajuru, onde, dizem, o solo é argiloso e onde há pastos esplêndidos. Nosso guia atribui a raridade de cervos e de animais selvagens à perseguição constante dos índios que perambulam por estas regiões e permanecem nas vizinhanças de Camapuã.

A noite foi agradável, mais quente do que nos últimos dias na mata; não houve orvalho. Não esquecer a *Amyris* (*Almécega*). Não houve gritaria de pássaros barulhentos durante a noite: jaós, socó-bois, curiangos, joões-corta-pau, nenhum mosquito, nenhum carrapato.

01/09

Ar puro, +14°; água do rio, +16°; higrômetro, 58°.

Prosseguimos viagem rio acima às 7h30. Às 8h, fizemos a parada da jacuba na margem direita, no ribeirão dos Patos. Esse riacho se destaca pela extraordinária limpidez de suas águas. Não me lembro de ter visto antes água tão cristalina. Na foz, podiam-se ver objetos mínimos numa profundidade de mais de 5 pés.

Logo depois da parada do almoço (às 11h), desembarcamos novamente, pois queríamos movimentar o corpo ao longo da margem, embora dispuséssemos de pouco espaço para isso, pois estávamos limitados por um pântano com 60 a 70 passos de largura. Havíamos caminhado uns 40 a 50 passos tentando apanhar alguns insetos, quando o Sr. Riedel gritou com toda a força: "Que bicho é esse?" e, no mesmo instante, ecoou, de todos os lugares, o uivo de um lobo. Ele estava deitado tranqüilamente no pântano, quando percebeu a nossa chegada; parecendo pouco incomodado com a nossa presença, fugiu calmamente pela relva alta, voltou-se algumas vezes e sumiu sobre uma pequena colina. Nem bem se passara um minuto, e alguns caçadores já foram em seu encalço. A meu ver, eles correram muito rápido atrás dele. Logo ouviu-se um tiro, que, no entanto, detonou na cavidade da pólvora[?] e não atingiu o lobo. O caçador recarregou rapidamente e correu atrás do lobo. Este assustou-se com o barulho do tiro e passou a correr mais rápido; mas, depois de algum tempo, parou para olhar para trás, e, nesse momento, recebeu o segundo tiro e caiu no chão. Trouxeram-no meia hora depois. Era um *Canis mexicanus*. (Descrição, medidas, desenho, ver Relatório Científico). Dizem que os lobos são muito raros por aqui; seus dentes servem de amuleto contra picadas de cobra e dor de dente.

Por volta do meio-dia, normalmente temos +21° e +22° com tempo limpo; água +17° (16°-17°); higrômetro, 50°, às vezes, 45°. Hoje, às 2h, 47°; mais tarde, 46°; ao sol, 42°. É curioso como as nossas sensações podem nos enganar. Sem os instrumentos, concordaríamos com

todos os viajantes anteriores em que as águas do rio Pardo, que provêm das montanhas altas, são sempre muito frias. De fato, com uma temperatura externa de +20° ou mais, a água a 16°-17° parece fria; e, de manhã, com uma temperatura atmosférica de +14°, a água a 16° parece quente. Pouco depois das 8h, procuramos um acampamento seco em um capão, pois não seria possível chegar ao rio Orelha da Onça, embora ele não fique muito distante. O rio é muito impetuoso no local por onde passamos hoje à tarde.

Ao desembarcarmos, um caçador trouxe-me um pequeno *Tinamus* que ainda não havia na coleção; aqui ele tem o nome de nambuxororó[31]. Também caçaram um belo *Falco*.

NB: Anoto, no meu diário, as mínimas informações que possam interessar a um leitor.

As espécies abatidas todos os dias deveriam dar pistas sobre a geografia da fauna, ou seja, sobre o hábitat e a localização de cada animal abatido, pois até hoje tem se definido, de forma genérica, o Brasil como sendo o lugar de vida de muitas aves, *Mammalia* e peixes; isso corresponderia mais ou menos a se indicar a Europa como sendo o lugar de origem de uma espécie. Quando, tanto aqui como em meu relatório científico, faço referência a todo e qualquer material colhido diariamente, minha intenção é tentar determinar, com exatidão, se essa ou aquela espécie é característica de uma província em especial, ou de uma parte dessa província ou de todo o país.

02/09

Retomamos a viagem às 6h30 da manhã: +13,5°, ar puro, pouco orvalho durante a noite; água do rio, +16,5°, coberta com uma névoa

fina; higrômetro, 53°.

Depois de uma hora de viagem, passamos a ter margens planas em ambos os lados, com belos campos. Em seguida, na margem esquerda, alcançamos a foz do grande ribeirão Orelha das Antas[?]. Os vários afluentes, grandes e pequenos: Orelha do Gato, Orelha da Onça e outros, praticamente não aumentam nem diminuem o volume do rio Pardo. A partir do Anhanduri-açu, ele se reduziu em um terço, mantendo, contudo, sempre a mesma largura e, pelo visto, a mesma profundidade. O guia disse que o rio está agora dois palmos mais alto do que deveria estar para se navegá-lo com mais facilidade. Realmente, em outros anos, nesta estação do ano, ele estava mais baixo e a água, bem límpida. Mas, como agora ele ainda está impetuoso, fundo e turvo, é bem possível que tenha chovido muito por aqui há pouco tempo, ou ainda é efeito das chuvas constantes que tivemos do início do ano até maio, pelo menos na Província de São Paulo.

Ainda se viam campos com pântanos ora do lado direito, ora do esquerdo e às vezes dos dois, de onde saem pequenos cursos d'água e se dirigem para o rio. Por volta das 11h, fizemos nossa parada costumeira perto de um riacho cristalino (sem nome), que deságua na margem direita no rio Pardo. Prosseguimos às 2h. Nos pântanos, alagados e campos desta região existem muitas formigas e térmitas de vários tipos. Hoje vimos uma formiga num monte de terra de 2 a 3 pés de altura, a coluna das térmitas; é um inseto que exige um possante órgão de mastigação. Essa enorme quantidade de insetos, aparentemente inúteis, alimentam os muitos tamanduás (*Myrmecophaga Jubeta*), os papa-formigas, que vêm para cá para se alimentar. Essas formigas nos incomodaram muito.

Campos firmes é o nome que se dá aos campos em que, ao contrá-

rio desses que se misturam a pântanos, há mais partes secas, como os que existem nas regiões altas do salto do Cajuru, que veremos mais à frente.

À tarde, 2h30, +19°; higrômetro, 50°.

O sol já se punha quando conseguimos encontrar um local para acampamento num capão, tão apertado que mal podíamos dar alguns passos. Pensamos que seríamos molestados a noite toda pelos mosquitos, mas, assim que fizemos uma pequena clareira entre os pequenos arbustos, penduramos as redes de dormir e fizemos a fogueira, eles foram embora para o rio. Com isso, ficou impossível dormir nas canoas.

03/09

De manhã, às 6h30, fazia +14°, tempo limpo; +17° na água do rio. Houve um pouco de orvalho durante a noite; sem neblina; higrômetro, 52,5°.

Dei ordens para pararmos hoje às 10h num local confortável, onde pudéssemos esfolar, com tranqüilidade, o lobo caçado anteontem. Já tivemos a triste experiência de preparar uma onça com sal e alume, sem outros cuidados especiais, e ela acabou apodrecendo. Escolhi um local seco e limpo nos campos e mandei montarem a barraca, para que pudéssemos trabalhar tranqüilamente pelo menos meio dia. O astrônomo fez observações; o Sr. Riedel acondicionou suas plantas e visitou os campos; os pintores trabalharam com afinco. Quando surgiam tarefas inadiáveis, como foi o caso hoje, eram muitas ao mesmo tempo; não conseguíamos entender como isso acontecia.

Como ontem abateram-se poucos animais, hoje o meu taxidermista tinha pouco a fazer. Hoje eu queria me ocupar exclusivamente com o

lobo, e eis que, de repente, me trouxeram um *Vultur papa brasiliensis*, um *Tinamus Coturnix*, uma *Boa*, um *Coluber*, uma jibóia, um *Rius dominicanus*, cuja voz tínhamos ouvido há alguns dias nos campos; um *Corvus cristalellus* e um *Muscicapa* de rabo longo e uma listra preta entre os olhos.

Eu estava completamente envolvido no meu trabalho quando, de repente, por volta das 2h, ameaçou cair uma forte tempestade com chuva. O guia sugeriu que procurássemos abrigo em outro lugar. Empacotou-se tudo depressa, e, mal chegamos nos barcos, começou a chover forte. Só tivemos tempo de ir para a outra margem, onde havia mata. Atmosfera, +22°; água, +18°; higrômetro, 52°.

A tempestade e a chuva passaram logo. Prosseguimos viagem, mas só conseguimos encontrar um lugar adequado para acampar no final da tarde; era um bosque onde pudemos nos abrigar contra a chuva e o vento, pois o tempo estava inconstante e haveria mudança de lua (acabamos de ter lua nova). Ainda não era meia-noite quando raios e trovões se fizeram ver e ouvir a distância. Todos tiveram que se mexer; a prioridade era cobrir bem as embarcações e os alimentos, para, então, se montarem as coberturas de proteção (tortas[?]) e as barracas e deixarem os capotes à mão. Nem bem havíamos tomado essas providências, caiu sobre nós uma forte tempestade com chuva, que só passou às 4h da manhã.

04/09

O céu ainda estava nublado de manhã cedo, e ficamos indecisos sobre o que fazer; até que, por volta das 8h, o tempo abriu um pouco, e prosseguimos viagem às 8h30.

Fazia +16°, com céu nublado com momentos de sol; +17° no rio depois da chuva; sem neblina; higrômetro, 55°.

Uma *Bignonia* trepadeira estava toda florida e cercada por vários colibris. Alguns deles foram abatidos. De repente, a margem esquerda ficou muito alta, um imponente monte de areia com cerca de 20 pés de altura. Abaixo da camada de areia, há seixos rolados e pedras de quartzo e, mais abaixo, uma camada de arenito bruto lavado pelo rio, além de seixos e arenito com alto teor de ferro e pedrinhas do tipo ganga.

Não se vêem nem as borboletas mais comuns, nem *Coleoptera*. De vez em quando, aparecem, nos pântanos, gafanhotos, aranhas, formigas, térmitas, abelhas, vespas (poucas), mosquitos, caramujos e nematóceros (mosquitos-pólvora). Hoje ao meio-dia, conseguimos capturar, nos campos, um belo [...] e outras espécies novas; na margem esquerda, muitos *Cristalella*[?] pequenos.

O tempo ameaçava chuva. Depois de um pequeno percurso, montamos acampamento na hora habitual e tomamos as devidas precauções contra a chuva que se avizinhava; mas acabamos sendo poupados. Durante a noite, orvalhou um pouco.

05/09

Na manhã seguinte, às 6h30, +15°; ar limpo, sol claro, fina camada de névoa transparente sobre a água; água do rio, +17°; higrômetro, 55,5°. A névoa aumentou à medida que o sol subia, e o higrômetro marcou, às 7h15, 65°, pouca névoa e 67°.

Às 7h15, passamos por um bosque de tamanho considerável chamado Capão da Onça. Do outro lado, na margem direita, há um belo campo, agora também queimado, provavelmente pelos índios que fo-

gem dos portugueses e não querem ser vistos.

Os campos estavam cada vez mais claros e convidativos. O tempo, muito bonito. Fartos dos incômodos e da vida nas cabines de barcos, à tarde, o Sr. Riedel, Taunay e eu subimos para perguntar ao guia sobre o sentido ou o curso do rio e fizemos exercícios físicos. Enquanto isso, as embarcações subiam o rio e tiveram que atravessar uma bacia perigosa (correnteza forte sobre rochas salientes), com tripulação dobrada e experiente. Só às 5h chegamos, juntos, com as embarcações, na margem direita. Em seguida, montamos acampamento numa bela mata de grandes árvores.

Como ainda era cedo, alguns caçadores embrenharam-se na mata para fazer cada um o seu trabalho. Sentimos falta do astrônomo Rubtsov no jantar. Depois que o sol se pôs, ele entrou na mata com uma pequena foice (facão torto com um longo machado), não falou com ninguém e não levou nenhuma peça de roupa, o que nos deixou confusos. Como já era noite escura, ficou impossível mandar procurá-lo de imediato.

06/09

De manhã bem cedo, como ele ainda não havia retornado, os dois guias e quatro acompanhantes saíram à sua procura, e nós ficamos aguardando ansiosos pelo seu regresso e por notícias.

Enquanto isso, o céu ficou encoberto. Caiu uma tempestade com chuva forte e repentina, e tivemos pena daqueles homens que agora estavam expostos às intempéries desse clima. Entre 2h e 3h da tarde, finalmente voltou um guia com alguns acompanhantes, com a feliz notícia de que haviam encontrado Rubtsov, a cerca de 3 léguas do nosso acampamento, na margem do rio, perto da cachoeira Cajuru-mirim.

Ele estava sentado na margem do rio, tremendo de frio, sem roupas, pois ele as havia estendido ao sol e ao vento para secar depois da chuva; estava meio perturbado, pode-se imaginar. Ele havia levado uma pequena bússola e tomou a direção de Camapuã, um lugar que fica distante daqui no mínimo 12 dias de viagem, sendo que, para chegar lá, é preciso atravessar o grande rio Anhanduri-mirim. É fácil adivinhar que um procedimento desses só pode ser atribuído a uma perturbação psíquica. Pois esse homem bom, de conduta irrepreensível, que sempre cumpriu, com muito zelo e dedicação, o seu trabalho cansativo e monótono, chegou a um ponto tal de esgotamento que foi se entregando pouco a pouco ao vício da aguardente. Estava dominado por pensamentos suspeitos, que acabaram se transformando numa idéia fixa: ele achava que todos eram seus inimigos; que não só nós, mas o Brasil inteiro estava falando mal dele e que sua má fama já havia chegado a São Petersburgo, nos barcos de guerra que, às vezes, atracam no Rio de Janeiro. Ele se sentia tão infeliz que tudo o que queria era viver sozinho, afastado de tudo e de todos. Todo esforço que fiz para consolá-lo e tirar essa idéia fixa de sua cabeça foi em vão. Meus jovens amigos, vocês que me lêem, aprendam que essa é a conseqüência do consumo excessivo de aguardente. Sua desconfiança chegava a tal ponto que, quando duas pessoas conversavam, ele achava que estavam falando dele. Ontem, quando o Sr. Riedel, Taunay e eu saímos para passear nos campos, ele logo imaginou que nos tínhamos afastado para falar dele. Pobre homem! Nem pensamos nele. Pouco depois que atracamos, ele viera até mim e perguntara: "Ora, você que sabe tudo, sabe por que estou chamando a atenção de todos?" Poucos dias depois, ele me perguntou se eu sabia por que o Sr. Riedel e Taunay estavam zangados com ele. Eu lhe respondi laconicamente que eu simplesmente não sabia de nada contra ele. Pouco depois, ele desapareceu.

Ele passou a noite nos campos, a meia légua do acampamento, e hoje cedo prosseguiu o seu caminho, tendo comido uma ponta de galho de palmeira crua num pequeno bosque. Pelas pegadas fundas, podia-se ver que ele não foi caminhando, mas correndo; e, quando começou a chover, tomou o caminho ao longo do rio, onde o acharam seminu, tremendo de frio, debaixo de um pequeno abrigo feito de galhos que ele conseguiu arrastar e amontoar.

Ele ficou muito constrangido por nos ter feito ir em sua procura. O guia teve que usar de toda a sua lábia para persuadi-lo a retornar. Agora, ele tem permanecido sempre no seu barco, alegando que está doente, e alimenta-se pouco.

07/09

Ontem um dos empregados abateu um avestruz brasileiro (ema) e um cervo. Hoje cedo ele foi, em companhia de outros, até os campos para buscar as presas. Tudo estava pronto, mas todos os barcos tiveram que esperar pelo regresso deles, o que só aconteceu às 9h. Eles voltaram só com o cervo; a ema, o caçador não encontrou mais. Candelária, que disse ter abatido a ema, voltou com a camisa esburacada, contando que, sempre que vê um cervo branco, ele tira a camisa e a pendura numa árvore, como indicação. Só que, enquanto caçava, as grandes formigas vermelhas (saúvas) a comeram. Devem ser as mesmas que, no Rio de Janeiro, chamam de carregadeiras. O guia aproveitou a oportunidade para contar várias histórias de estragos que essas formigas causam. Elas adoram roupas molhadas de suor; em uma noite, são capazes de roer calças, camisas e até a corda com que se amarra a rede, derrubando, de repente, a pessoa que dormia nela, mesmo que a corda tenha sido bem amarrada. Às vezes, nem se fica sabendo que foi uma formiga que sol-

tou a corda. Nosso guia que foi atrás da ema garantiu que ele quase não conseguiu encontrar a camisa pendurada, de tanta formiga que havia sobre ela.

Ao partirmos, às 9h15, transmiti ao guia o meu pesar e a minha contrariedade, pelo fato de o pessoal ter sido tão ingênuo a ponto de dar preferência a um cervo em lugar de uma ave como a ema; além disso, ele sabia muito bem que o meu objetivo era conseguir a maior diversidade e variedade possível de espécies. O guia concordou comigo dizendo um "sim, senhor", sua expressão favorita, principalmente porque, como ele mesmo disse, em 20 anos só foram caçadas duas. Ele sugeriu, então, caso eu fizesse questão, que parássemos perto da mata vizinha aos campos e mandássemos alguns camaradas até lá para procurar a ema abatida. Aliás, essa pequena parada poderia servir também para que puséssemos para secar a nossa roupa, barracas e mosquiteiros que molharam com a chuva de ontem.

Ontem à noite e de madrugada, tivemos tempestade com chuva forte e repentina, e novamente tudo ficou molhado. Com isso tivemos que parar mais cedo, por volta das 10h. O Sr. Riedel acondicionou hoje as suas plantas, pois não o fez ontem. Elas haviam sofrido um pouco nesses últimos dias de chuva. Fui, na companhia de vários remadores, até os campos para procurar a ema (Ema=*Struthio Rhea Lin Gra=Rhea Pll*), e acabamos a encontrando mais ou menos uma hora depois. Voltamos imediatamente e a esfolamos. Depois de terminarmos essa agradável tarefa, após o almoço, embarcamos novamente. Mais adiante, passamos por margens cobertas de vegetação alta. Dizem que os primeiros descobridores fizeram plantações nesta região e aqui permaneceram até o final da colheita. Hoje está tudo despovoado, deserto, vazio.

À tarde, avistamos, na margem esquerda, a foz de um pequeno

riacho, como os outros, cristalino, e uma bacia choradeira. Os campos aqui não estavam queimados, ou seja, o fogo não se alastrou até aqui.

08/09

De manhã, às 8h, no momento da partida, fazia +11°; água do rio, +17°; pouca névoa; durante a noite houve orvalho; higrômetro, 58°. A noite pareceu-nos muito fria.

Hoje cedo tivemos que transpor novamente uma bacia. O rio ainda estava muito cheio e hoje começou a ficar impetuoso. Tivemos que atravessar várias bacias, que levam o nome de "Gente Dobrada", porque é necessário tripulação dobrada para transpô-las. Depois passamos por uma pequena ilha, e seguimos pelo braço pequeno da margem esquerda. Navegar aqui é muito penoso. Muitos remadores já quebraram suas varas com pontas de ferro ou até as perderam, pois, nesse ponto, o rio é profundo, e as varas, que têm entre 12 e 15 pés de comprimento, às vezes mais, acabam afundando. As mais compridas são chamadas de zingas[32]; as mais curtas, usadas pelos remadores em locais mais rasos, de varas. Trabalhar com as varas chama-se varejar. O transporte das canoas por terra para desviar de uma cachoeira, de um sumidouro ou de um remoinho chama-se varação ou varadouro, que vem de "varar", "vara do rio".

Por volta das 11h, alcançamos a foz de um pequeno ribeirão cristalino na margem direita. Apesar de sua profundidade de 6 a 10 pés, podíamos ver o leito arenoso do rio. Paramos aqui para almoçar e, durante a refeição, vimos peixes da espécie *Salmo* (dourado e piracanjuba) passarem do rio para o riacho. Imediatamente jogaram os anzóis e os pescaram. Foram os primeiros peixes frescos que conseguimos depois

de um longo tempo.

Foi um dia muito agradável. Avançávamos tão lentamente que propus ao astrônomo Rubtsov e ao Sr. Riedel irmos por terra, passando pelos campos, até a cachoeira Cajuru-mirim, que devia estar a uma hora de caminhada daqui. Nosso guia nos acompanhou. No começo, o caminho passava por gramíneas de pântano e por campos não queimados; depois atravessamos um riacho cristalino, com a ajuda de alguns galhos de árvore que se erguiam, pois o riacho era muito fundo, e novamente vimos campos queimados. Chegamos à cachoeira algumas horas mais tarde, ajudados pelo nosso guia, tendo feito uma parada para colher plantas. Os barcos já haviam chegado.

O Sr. Riedel encontrou, entre outras espécies curiosas, duas plantas de parentesco muito próximo com a família das *Quassia*; e eu consegui alguns insetos. No caminho por essas áreas extensas, vimos uma pequena família de cervos: pai, mãe e filhote. Com a nossa aproximação, eles rapidamente se afastaram, embora não corressem qualquer perigo, pois, com exceção do guia, que, após nos ter indicado o caminho, atravessou o campo com uma arma, nenhum de nós trazia espingardas.

A cachoeira consistia de águas rolando estrondosamente sobre rochas e formando ondas altas - na verdade, não era uma cachoeira. Retiraram metade da carga das embarcações e a levaram para terra firme, e puxaram os barcos, com a ajuda de cordas fortes, sobre as águas que caíam impetuosamente.

Montamos nossas barracas e o acampamento na parte de cima da cachoeira, nos campos da margem direita, e, na manhã seguinte, após o nosso café com farinha de mandioca, prosseguimos viagem.

09/09

O rio estava impetuoso. Quando partimos, o ar estava limpo; fazia +13°; +16° na água; higrômetro, 58°.

Depois de passarmos por margens pouco convidativas, variando entre pântanos, pequenos bosques, encostas inacessíveis, campos queimados, outros não, paramos para o almoço, por volta das 11h, na margem direita, onde encontramos campos recém-queimados, no máximo há 10 ou 12 dias. Nosso guia afirma sempre que isso é obra dos índios, os quais ele nunca viu, embora já conheça a região há 40 anos.

Nos campos onde o fogo não chegou, uma planta praticamente sufoca a outra. Plantas e árvores estão atrofiadas, secas e não conseguem retirar da atmosfera nenhum alimento. A natureza sábia e clemente deu a seus habitantes: *Mammalien*, aves (ema), anfíbios, ou seja, cobras, aranhas e lagartos, um instinto para se protegerem do fogo. Todas as árvores e as plantas são protegidas do fogo por meio de seu córtex grosso e encortiçado. O fogo só pode ocorrer na estação seca. Ele limpa os campos da palha, preparando-os para o seu crescimento na próxima primavera.

Todos os animais herbívoros: cervos, veados, emas, seriemas, sentem falta das gramíneas recém-brotadas, bem como do sal das cinzas e de substâncias salgadas contidas no barro, seja alume, sal, salitre ou qualquer outro. Mas como pode querer o homem se antecipar à onipotência divina? É o que ele faz quando queima essas áreas extensas todos os anos.

Os primeiros habitantes sabiam, e a experiência o comprovou, que os cervos, veados, tapires e porcos preferem o capim recém-brotado depois de uma queimada àquele ressecado, alto e duro. Talvez em tem-

pos antigos, o fogo tenha começado espontaneamente, por si só, para ensinar aos homens que a vegetação prospera melhor depois das queimadas. Ou talvez a sábia Providência divina tenha dado, aos homens rudes, aos primeiros habitantes destas terras, os primeiros sinais, ensinando-lhes a queimar os campos secos todos os anos.

Nosso guia, Antônio Lopes, um homem que percorre esta região há 40 anos, assegurou-me que, com as tempestades que caem todos os anos nesta época, os raios atingem os campos secos, e o fogo se alastra por muitas milhas, mesmo com toda a chuva que cai nesse ínterim. Quando isso acontece num lugar, pode acontecer em outros também. Não posso explicar se os campos observados até agora foram queimados intencionalmente, seja pelos caiapós ou pelo Capitão Sabino, ou se por acaso (pelos raios). Tudo indica que eles não queimaram ao mesmo tempo. Os campos que percorremos hoje devem ter sido queimados no máximo há 10 ou 14 dias.

À tarde, depois do almoço, perguntamos qual era o caminho até o salto do Cajuru, pois o Sr. Riedel, *Minnchen* e eu queríamos ir por terra até lá. Os campos são muito interessantes e oferecem grande quantidade de belas plantas. Depois de uma caminhada cansativa de uma légua sob sol quente, embora, em linha reta, fosse só meia légua, chegamos à margem esquerda do salto, juntamente com os barcos. A carga e as embarcações tiveram que ser transportadas novamente por terra.

10/09

De manhã cedo, providenciou-se o transporte da carga das embarcações para a parte de cima da cachoeira. O caminho é largo e penoso, pois é cheio de pedras pontiagudas. Por isso, o nosso guia deu ordens

para que espalhassem capim nos lugares com pedras pontudas e mandou montarem as barracas com provisões e outras cargas na parte de cima. Como, nesse ínterim, já havíamos montado acampamento na parte de baixo, meu taxidermista João Caetano e eu tratamos de preparar a ema. Os proeiros e pilotos, que não tinha qualquer responsabilidade pelo transporte de cargas, foram caçar e, à noite, trouxeram-me diversas espécies raras, embora nenhuma particularmente nova, entre elas, *Muscicapa Gallus*, *Ibis*, curicacas, *Oriolus* (marrom e amarelo).

11/09

Hoje começaram a varação das embarcações, que acontece na margem direita e que aqui é muito penosa, porque elas têm que ser puxadas através da água e de um pântano. O Sr. Rubtsov, que, graças a Deus, está melhor depois das repreensões e conselhos que recebeu, e eu observamos a inclinação da agulha magnética. O Sr. Riedel tinha muitas plantas para acondicionar. O Sr. Taunay desenhou a cachoeira, que, em si, não é muito interessante. O Sr. Florence fingia que queria trabalhar. O salto do Cajuru é, como todas as cachoeiras, um belo espetáculo da natureza e oferece, do ponto de vista do artista, material excelente e pitoresco.

O rio tem, acima da cachoeira, entre 30 e 37 braças de largura; alarga-se de repente até 60-70 braças e cai, então, de uma altura de cerca de 3 ou 4 braças, bem no meio, formando um semicírculo e em camadas, formadas pelos degraus das rochas. As paredes de rochas são constituídas de camadas finas ou folheadas de um tipo de arenito fofo e ocreado. Sob o cascalho, encontrei aqui também pederneiras.

À tarde, houve uma tempestade que ocupou toda a tripulação, que teve que correr para proteger tudo que estava em terra, como alimen-

tos, caixas, caixotes, papéis, material de História Natural, livros, camas. Estranhamos o fato de que esse é o terceiro salto por que passamos e, em todos eles, sempre chove. Infelizmente, não fui suficientemente informado nem preparado para os tempos de chuvas. Por isso, aconselho a todo viajante que tenha todo o cuidado no momento de comprar barracas. É muito triste ver se perder, por desleixo ou ignorância, toda uma coleção de exemplares colhidos para a História Natural, além de anotações, livros e desenhos.

Preciso relatar aqui que hoje tive uma grande surpresa. Há cerca de 14 dias, tenho três grandes pústulas no abdômen, como se fossem vários furúnculos. Eram muito doloridas, duras, mas não supuravam; eu as espremia diariamente, com muita dor, e, de tempo em tempo, saía um pouco de sangue e linfa. Mas hoje, quando eu fazia exatamente isso, qual não foi a minha surpresa ao ver sair, de repente, de cada pústula, o verme de uma mosca chamada mutuca, mosca-dos-cavalos. Nosso guia disse que, no período das chuvas, isso é muito freqüente aqui. Mas como essa mosca veio parar justamente na barriga? Só posso pensar que foi na hora do banho. Esse verme é chamado aqui de berne ou beruanha.

12/09

Quanto maior a expectativa, menos se recebe. Cheguei aqui ansioso e esperançoso, pois me garantiram que encontraria muitos veados, cervos (até agora não empalhei nenhum) e tamanduás. Mas a verdade é que até agora não vi quase nada de interessante, com exceção de um *Muscicapa Gallus*. Mas é preciso ressalvar também que, com todas essas cachoeiras, o pessoal teve muito trabalho e, portanto, pouco tempo para caçar. Além disso, o tempo chuvoso e escuro estava pouco convi-

dativo para a caça. Apesar de ter chovido à tarde, hoje transportaram as canoas grandes para a margem direita, passando pela cachoeira; e levaram todos os objetos para a margem esquerda, para o novo acampamento. Recarregaram-se, então, os barcos, o que liberou espaço na barraca grande para as provisões; e nós ficamos bem protegidos da chuva. Ainda havia algumas tarefas pequenas mas importantes a serem feitas ou concluídas, como, por exemplo, deixar escorrer a aguardente, abrir o pequeno barril de torradas, cuidar dos estoques de açúcar, retirar a pólvora e o chumbo, empacotar devidamente as espécies coletadas e secas, de modo a esvaziar as caixas e abrir espaço para o novo material a ser coletado. Todas as mãos ficaram ocupadas executando tarefas desagradáveis, mas necessárias, até de noitinha. Estavam todos mal humorados por causa do mau tempo. Não havia nada que divertisse.

O Sr. Taunay abateu uma nova e bela *Motasilla* do campo. Alguém que escapulira para caçar enquanto os outros estavam ocupados voltou com um belo veado branco bem conservado. Ele tinha uma estrutura esguia e elegante. As meias costas, a barriga branca como neve, as patas dianteiras compridas, pretas e graciosas; o focinho delgado, a cornadura afiada nas pontas, tudo era belo nele. Assim, tratei imediatamente de preparar a sua conservação para o Museu Imperial: ainda à noite, besunteio-o com sal e alume.

13/09

De manhã, estava tudo novamente pronto para a partida. Embarcamos com tempo nublado e chuva fina às 8h. De manhã, céu nublado, +15°, um pouco de chuva; água do rio, +18°; higrômetro, 57°. Apesar de toda a umidade aparente do ar, só 57°, que corresponde praticamente à atmosfera mais seca no Rio de Janeiro.

Acima da cachoeira, o rio tem o leito estreito e limitado por duas margens íngremes e altas e é muito fundo, correndo ora por campos, ora por pequenos capões recentes. Logo a seguir, a 6, 8 ou 10 passos, a margem, embora escarpada, é pantanosa e lamacenta, inacessível em alguns pontos e coberta por capim alto.

Pouco depois de partirmos, chegamos à cachoeira das Sirgas do Mato, ou seja, onde os barcos são puxados por cordas sobre a cachoeira. Paramos para o almoço na parte de cima dessa cachoeira e, às 3h, montamos acampamento. Hoje fizemos um percurso muito pequeno, de apenas meia légua no total. Só conseguiram caçar uma andorinha pequena. O tempo melhorou um pouco e nos permitiu visitar os belos campos atrás do capão, agora totalmente floridos. Há *Syngeestbäume*, *Rubiaceae*, vegetação diadelfa, vegetação poliandra e euforbiáceas de uma beleza encantadora, dispersas e misturadas com *Melocactus* em flor, pequenas árvores alpinas, grandes *Mimosa* com cachos e outras flores, que foram identificadas com exatidão pelo botânico. Essa flora rica, animada pelos tucanuçus, caracarás, colibris, *Muscicapa*, *Oriolus* de rabo longo e *Turdus*, alegra os viajantes e andarilhos desta selva, fazendo-os esquecer, por um momento, o tempo chuvoso e inclemente.

Voltamos logo para o nosso pouso. Durante toda a noite, tivemos a companhia desagradável de uma chuva forte, ainda mais para nós que nos havíamos preparado mais para o tempo frio com sol do que para o tempo de chuva. Nossas barracas são velhas e finas, diferentes das que se usam nestas terras; elas ocupam espaço demais para serem montadas na mata, pois requerem muitas cordas para ficarem bem esticadas.

Enfim, o que nos consola é a expectativa de que o tempo vai melhorar e de que, em Camapuã, poderemos nos proteger melhor contra a chuva (que já está começando lá.). Enquanto isso, nós nos aquecemos

tomando ponche quente, enquanto a chuva fria molha nossos mosquiteiros e roupas.

14/09

Quando o dia nasceu, o céu estava ainda muito carregado, ameaçando chuva para qualquer momento. Mesmo assim, preparamos tudo para partir. E, realmente, partimos por volta das 7h30, preocupados e ansiosos, pois para o nosso guia era muito importante chegarmos, até o meio-dia, pelo menos à cachoeira da Sirga Negra e salto do Banquinho, onde as embarcações teriam que ser totalmente esvaziadas. Dificuldades como essas teremos que enfrentar todos os dias até Camapuã; são elas que prolongam a viagem rio cima.

De manhã, às 7h30, +12°, céu totalmente encoberto; água do rio, +16°; higrômetro, 60°.

Ontem nossos caçadores foram ao campo para procurar veados e cervos, mas não encontrando nenhum. Viram, entre outros, rastros recentes do tatus-canastra ou tatuaçus, um animal que há muito gostaria de possuir. Ele é, sem dúvida, uma das maiores raridades zoológicas do Brasil. O que dificulta a sua caça é o fato de ele só sair de sua toca grande e profunda à noite.

De Sirga Negra para o salto do Banquinho são cerca de 15 minutos. O primeiro pode-se atravessar com meia carga, mas no segundo, ou a parte de cima da cachoeira, é necessário esvaziar as canoas. Toda a tripulação tem que puxá-las por meio de cordas fortes (cabos) por sobre o salto, que tem entre 5 e 6 pés de altura.

15/09

Ontem, quando chegamos, começou a chover, como costuma acontecer em todas as cachoeiras. Isso nos deixava a todos contrariados, pois nos impedia de realizar, como queríamos, as nossas tarefas, além de atrapalhar a viagem. Mas o tempo abriu hoje, de forma que pude trabalhar no *Cervus mexicanus*. O Sr. Riedel se ocupou com suas plantas, e a tripulação transportou as embarcações para a parte de cima da cachoeira. Depois do almoço, visitei também os campos existentes perto da Sirga dos Campos, onde apanhei alguns insetos. Este lugar poderia se chamar também Capão dos Carrapatos, por causa da enorme infestação deles.

16/09

De manhã, estava tudo pronto novamente para irmos ao encontro de outras bacias, cachoeiras e dificuldades de todo tipo.

De manhã, 7h30: +15°; +16,5° na água; um pouco nebuloso; higrômetro: 60°.

Chegamos a Sirga Comprida pouco depois de partirmos. São cachoeiras cercadas por capões e mata, onde se levam as embarcações para cima do rio com a ajuda de cordas. A primeira exigiu gente dobrada; a segunda foi com toda a carga, e a terceira, com meia carga. A distância percorrida em um dia de jornada deve ter sido de um quarto de légua. Montamos acampamento em uma bela mata, já desbastada anteriormente por outros viajantes em circunstâncias semelhantes. Não houve nada de notável. À noite, cantou-se a litania. O pouco de chuva que caiu deixou-nos receosos.

17/09

Um dia claro. Ainda estamos em Sirga Comprida, na sua parte superior, para onde mandamos trazer metade da carga e onde também almoçamos. Enquanto isso, o Sr. Riedel e eu visitamos os campos vizinhos, onde encontramos algumas plantas novas. Uma *Bauhinia*, uma pequena coroa de *Paulinnia*, uma *Kleinia* e um *Rubiaceae*. Também consegui alguns insetos: um *Mutilla carculio*.

Seguimos viagem depois do almoço. Durante toda a tarde, surpreendentemente, pudemos empurrar as canoas sem ter que descarregá-las e recarregá-las, sem gente dobrada ou qualquer outra dificuldade. Na margem direita do rio Pardo, passamos pela foz de um riacho considerável, o ribeirão da Capivara. As margens se apresentam bem variadas: ora são baixas, ora são altas com leve declive; ora víamos campos queimados, ora não queimados, ora campos pequenos, ora grandes. Ontem e hoje, os nossos caçadores não conseguiram abater nada além de algumas perdizes (*Tinamus*), de modo que o nosso almoço se resumiu ao trivial, ou seja, feijão preto com toucinho e arroz. À noite, por um feliz acaso, conseguimos alguns peixinhos (pescados com anzol), com os quais mandamos fazer uma sopa.

À noite, chegamos ao capão de Imbiruçu, um lugar agradável onde montamos acampamento numa clareira sob árvores altas. Hoje à tarde, finalmente, conseguimos percorrer uma distância de cerca de uma légua em correnteza não muito forte. Nossos caçadores não abateram nem viram nenhum cervo. Segundo o guia, isso se deve ao barulho das embarcações e das varas com ponta de ferro, que pode ser ouvido a longa distância, afugentando, assim, todos os animais das margens dos rios.

18/09

Na manhã seguinte, bem cedo, deixamos o lugar de pouso, onde nem mosquitos nem carrapatos nos atormentaram. Logo o rio ficou agitado de novo. Como se tem feito nessas ocasiões, mandamos os remadores ruins na frente para a margem e ficamos com os melhores entre os que ficaram para trás. Depois, estes voltaram novamente à margem para buscar suas embarcações. É o que se chama de gente dobrada.

Manhã, 7h: +15°, dia sereno; +18° no rio; higrômetro: 60°.

Em relação aos carrapatos, deve-se observar que esses pequenos insetos certamente são dotados de um olfato extraordinário (não consigo me expressar de outra maneira), pois, mal se toca uma folha e logo as pernas das calças ficam cobertas por muitos deles. Em seguida, eles se arrastam, de onde estiverem, na direção dos órgãos genitais; mesmo quando não conseguem chegar à pele, ficam dúzias deles sobre a parte da calça que cobre esses órgãos, e em nenhum outro lugar. Como será que funcionam os órgãos olfativos desses insetos, que são do tamanho da cabeça de uma agulha de tricô? Não se pode falar de instinto nesse caso, pois milhões de carrapatos nascem e morrem sem nunca ter provado sangue humano. Também não se pode afirmar que todos se dirigem exatamente para aquele lugar que já falei, mas não há dúvida de que eles preferem essa parte do corpo a qualquer outra, pois sempre tentam chegar a ela.

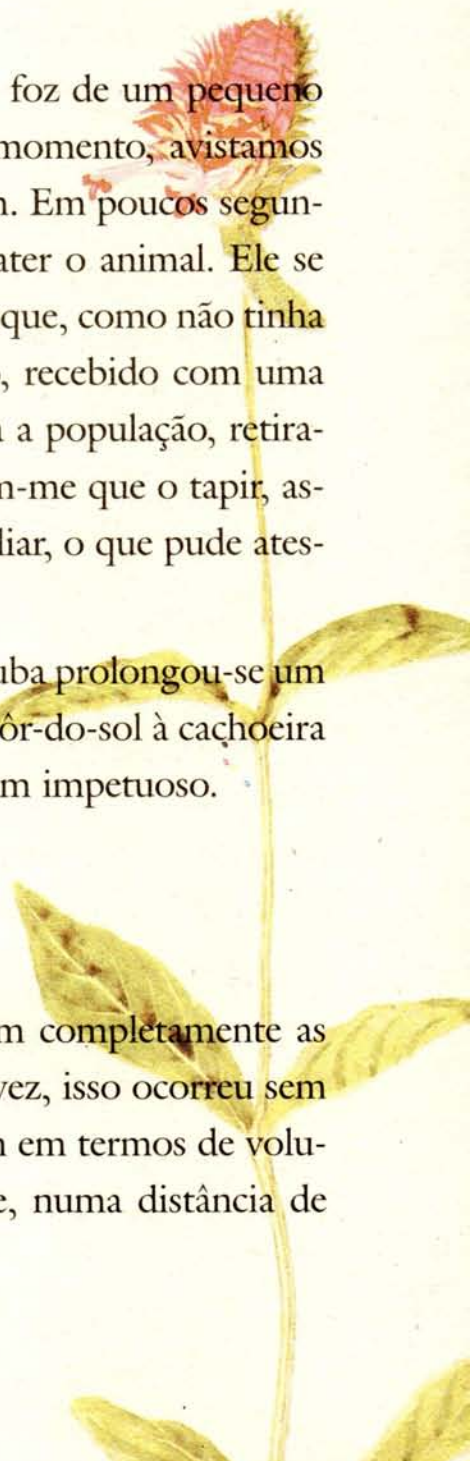
Como o rio aqui faz uma grande curva, decidimos, depois do café da manhã, mandar transferir imediatamente o acampamento da margem direita para a margem esquerda e cortar a curva através dos campos. O caminho foi curto, seco, arenoso e sem atrativos. Por volta das

9h, alcançamos às Sirgas do Manguva (na verdade, deveriam se chamar Mangava), que são cachoeiras onde as embarcações têm que ser puxadas para a parte de cima do rio com cordas. Demorou tanto para subir todas as canoas que tivemos tempo de fazer a nossa parada do meio-dia. Uma rápida incursão nos campos rendeu-me uma pequena e bela *Bombix*. Todas as suas asas são negras, sendo que as superiores têm dois pequenos pontos prateados no centro; é uma borboleta que se destaca principalmente pela simplicidade.

À tarde, alcançamos, na margem esquerda, a foz de um pequeno ribeirão fundo e de águas límpidas. No mesmo momento, avistamos um tapir que nadava rio abaixo na mesma margem. Em poucos segundos, vários caçadores já estavam prontos para abater o animal. Ele se aproximou lentamente e ficou nadando no riacho, que, como não tinha nome, batizamos de ribeirão da Anta. Foi, então, recebido com uma bala de chumbo e afundou. Para a alegria de toda a população, retiraram-no da água e o esfolaram. Nesse dia, disseram-me que o tapir, assim como o porco-do-mato[33], não tem vesícula biliar, o que pude atestar por meio da autópsia.

Com o abate do tapir, nossa parada para a jacuba prolongou-se um pouco, mas conseguimos chegar pouco antes do pôr-do-sol à cachoeira do Tejuco, onde o rio, pouco antes de cair, já é bem impetuoso.

19/09

Dia de descanso, porque aqui se descarregam completamente as canoas e se faz a varação por terra. Pela primeira vez, isso ocorreu sem chuva. A cachoeira não tem nada de especial: nem em termos de volume, nem de altura, nem de beleza. A água corre, numa distância de

cerca de 5 a 6 braças de comprimento, sobre uma elevação ou em degraus, cerca de 10 a 12 pés sobre cascalhos, limitada, dos dois lados, por capões de mata densos. Embora a cachoeira tenha o nome de Tejuco, só vimos poucas cabaças, mesmo nesta estação, que é a mais seca do ano.

O nosso local de pouso é realmente bastante agradável, pois encontramos, no meio da mata escura - na verdade, um capão - lugares abertos e um caminho natural largo, através do qual as embarcações podem ser transportadas por terra, pois é um pouso certo, ou seja, um local de parada seguro para qualquer viajante.

Todos estavam ocupados, como se pode facilmente imaginar: a carga de oito embarcações, e depois as próprias embarcações, tiveram que ser levadas nos ombros dos trabalhadores para a parte superior da cachoeira. Foi impossível terminar tudo hoje. Enquanto executavam a maior parte dos trabalhos, nós estávamos ocupados com outras coisas. Secou-se o material coletado até agora, muito importante para mim; fiquei contente com o trabalho de conservação da pele da *Rhea* (avestruz).

Nossos caçadores não tiveram muita sorte nos últimos dias: só capturaram poucos espécimes, a maioria, já conhecidos. O que me deixou mais contente foi a *Pipra cornuta*, que é uma ave linda, mas também muito irrequieta - está sempre pulando de galho em galho. Só consegui vê-la rara e isoladamente, embora a tenhamos ouvido todos os dias desde que chegamos ao rio Pardo.

O dia quente e ensolarado favoreceu, de certo modo, a captura de insetos; no início da noite, capturaram algumas *Sphinx* e outras borboletas noturnas. Nos últimos dias, o *Elater noctilicus* tem aparecido com mais freqüência, mas, nas margens úmidas do rio Pardo, não há tantos vaga-lumes como se vêem na Província do Rio de Janeiro. Não vi nenhum sequer.

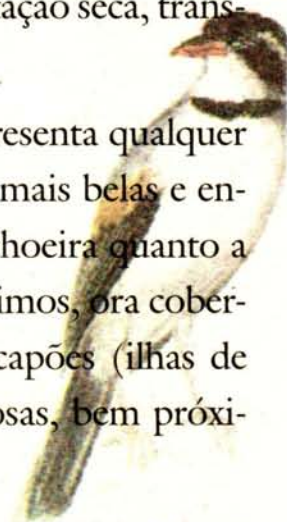
20/09

De madrugada, as formigas devoraram meu casaco e o chapéu do Sr. Riedel (ver 7 de setembro acima). Hoje cedo, terminados todos os afazeres, partimos por volta das 9h. Como acontece em todos os lugares onde paramos, cada trabalhador construiu sua pequena cabana de palha, o que torna difícil trazê-los de volta ao trabalho. Estamos tão acostumados à vida nestes ermos que nem se reclama mais desse modo de vida tão cheio de limitações. No acampamento, havia um grande cupinzeiro, uma pirâmide de argila com cerca de 5 pés de altura e 8 de circunferência (normalmente mais largo embaixo), construído no chão pelas térmitas ou formigas brancas da mesma espécie que se vê muito em Minas. Nessa pirâmide, uma espécie de abelha construiu o seu ninho, e uma outra, com uropígio amarelo e que vive isolada, instalou-se ali dentro. O nosso guia tomou logo a precaução de mandar arrancar o capim em torno do cupinzeiro e obstruir todos os buracos e aberturas que havia na base da pirâmide, pois, segundo ele, ela serve de moradia para cobras, principalmente as jararacas[34], que são muito temidas.

Deixamos o acampamento com metade da carga, enquanto a outra metade era transportada por terra na mesma margem esquerda. Assim que toda a carga foi reunida, fomos, com gente dobrada, daqui para a margem oposta, onde fizemos a pausa do meio-dia, após percorrermos cerca de um quarto de légua e alcançarmos a Sirga do Jupiá. É um trecho estreito e agitado do rio, arriscado para muitos barcos. Na época das cheias, a correnteza forma aqui redemoinhos, onde as águas espumam entre as rochas firmes como se estivessem fervendo e arremessam, de um lado para o outro, os barcos maiores pilotados por guias pouco habilidosos, sendo necessário, então, puxar essas embarcações com cabos rio acima.

O rio faz uma grande curva correndo através dessas gargantas rochosas e cobertas de vegetação; por isso, preferimos abrir caminho dentro do capão espinhoso, para chegarmos logo aos campos abertos, em vez de ir rebocados lentamente pelo rio. Distantes dali aproximadamente 100 braças, havia belos campos abertos que haviam queimado há cerca de 14 dias e agora estavam enfeitados por uma grande quantidade de flores de primavera (a maioria delas, evidentemente, já conhecíamos). Esperamos ali as embarcações, que tiveram que ser puxadas por muitos homens, por meio de cabos, uma atrás da outra, ao longo do rio. Dali em diante, só pudemos percorrer meia légua, pois era um trecho penoso e arriscado para os homens e para os barcos.

Chegamos à noite à margem esquerda, abaixo da cachoeira do Anhanduri-mirim, onde tivemos que montar acampamento e fazer uma parada demorada, pois aqui novamente quase toda a carga teve que ser retirada das embarcações, para que estas fossem transportadas, pela margem direita, para a parte de cima da cachoeira. O transporte das mercadorias até o trecho do rio acima da cachoeira é feito pela margem esquerda. Não é um percurso muito longo e, na atual estação seca, transcorre sem grandes dificuldades.

A cachoeira propriamente dita não é alta, nem apresenta qualquer peculiaridade digna de nota, mas suas cercanias são as mais belas e encantadoras que já vimos até agora. Tanto a vista da cachoeira quanto a paisagem abaixo dela são bonitas. Os campos são belíssimos, ora cobertos por pastagens frescas, ora por cerrados, ora por capões (ilhas de mata nos campos), ora por bosques de árvores frondosas, bem próximos ao rio.

Agora nos encontramos pouco abaixo da foz do rio Anhanduri-

mirim, que deu nome à cachoeira e que, pouco acima dela, deságua na margem direita do rio Pardo. A partir daí, este se reduz novamente à metade.

21/09

Não capturei nenhum espécime especial para a História Natural, Botânica e Entomologia. Logo de manhã cedo, iniciou-se o transporte da carga por terra. Como a travessia se tornara penosa de alguns dias para cá, impedindo-nos de prosseguir, além de não termos feito nenhum progresso em termos científicos, resolvi escrever ontem uma carta ao comandante da fazenda Camapuã, pedindo-lhe que enviasse, ao salto do Corão, alguns animais de carga e de montaria, para que eu pudesse chegar mais cedo à fazenda e preparar a viagem seguinte. Um mensageiro pode ir, daqui até Camapuã, por terra, tranqüilamente em três dias, enquanto as embarcações necessitam de, no mínimo, 15 a 20 dias. Pode-se ir do salto do Corão a Camapuã em dois dias, sendo que, por via fluvial, são necessários 14 dias.

As dificuldades crescem a cada dia nessa luta para vencermos um rio de montanha, navegando contra a corrente. Hoje precisamos de gente dobrada em vários lugares, pois a correnteza era muito forte. Como só conseguimos terminar o carregamento e recomeçar a jornada por volta do meio-dia, naturalmente não poderíamos avançar muito. Mas tivemos muita sorte e pudemos chegar à cachoeira de Taquara antes do pôr-do-sol, após percorrermos, em linha reta, talvez um quarto de légua e três quartos de légua na água. Ali tivemos que descarregar tudo para fazer a varação, ou seja, o transporte das embarcações ora por terra, ora pelo rio com a ajuda de sirgas, dependendo das circunstâncias.

22/09

Ontem, nos campos próximos à cachoeira do Anhanduri-mirim, capturamos uma *Mycothera* muito bonita e rara, que o Sr. Taunay retratou com muita fidelidade. Os dois quadros mostrando os arredores foram pintados por Taunay e Florence. Antes de chegar à cachoeira de Taquara, eu deveria ter observado que, pouco depois de deixarmos a cachoeira do Anhanduri-mirim, passamos pela foz do rio do mesmo nome à nossa esquerda, ou seja, à direita do rio Pardo.

Como todas as anteriores, as margens eram cobertas ora por capões, ora por campos ou cerrados, isto é, pequenos bosques claros. O leito do rio, como em toda parte, era pedregoso, às vezes profundo, às vezes raso. A partir do rio Anhanduri, vê-se claramente que o rio Pardo perde cerca de metade do seu volume e fica muito mais raso, embora, até aqui, não muito mais estreito. Na cachoeira de Taquara, fez-se mais uma vez o descarregamento completo das embarcações e o transporte de todos os objetos de valor por terra até o trecho do rio acima da cachoeira. Esta, na época das cheias, é muito impetuosa e perigosa, sendo novamente necessária a varação das embarcações. Montamos acampamento abaixo da cachoeira, na margem esquerda arenosa, perto de um capão, que achamos mais agradável do que acima da cachoeira, um local coberto por vegetação de pântanos. A caça não teve um bom resultado. [...] Nossa cozinha recebeu *Tinamus* para cozinhar e assar. Nenhum cervo foi abatido; o guia supõe que tenha havido uma epidemia, pois, em viagens anteriores, podia-se abater quantos se desejassem.

Os campos nas imediações são ricos. Ao entardecer, depois do pôr-do-sol, os insetos também se recolheram, de forma que não fomos atormentados nem por mosquitos nem por carrapatos. Capturamos algu-

mas borboletas noturnas. Na margem arenosa onde nos encontrávamos, apareceram três ou quatro espécies de borboletas, todas da família das *Colia*. Eram tantas que cobriram literalmente a terra úmida em alguns pontos. Não sei por que elas preferem determinados locais. Há tantas delas juntas, que, quando afugentadas, enchem o ar como se fossem flocos de neve. A alma não poderia ser representada de forma mais bela do que aqui!

A tripulação se esforçou bastante e conseguiu hoje, em um único dia, transportar a carga de todas as embarcações e a maior parte das canoas até acima da cachoeira, onde à noite elas foram novamente carregadas. Os homens transferiram seu acampamento para outro lugar, mas preferimos permanecer onde estávamos.

23/09

Logo de manhã bem cedo, nossa cozinha, redes, mosquiteiros e centenas de outros objetos foram levados para as embarcações. Antes mesmo de terminarmos de tomar o café, já estava tudo pronto para prosseguirmos a viagem.

As embarcações seguiram, durante uma hora, pelo rio, agora um pouco menos agitado, enquanto Riedel, Taunay e eu preferimos ir a pé através dos campos próximos, até o local da parada seguinte, que está a cerca de um quarto de hora em linha reta. Aqui apareceram novamente baixios, correntezas e cachoeiras, exigindo, mais uma vez, o trabalho com sirgas (cordas). O Sr. Riedel encontrou, entre outras espécies, um belo *Genus* novo, *Tradescartis* ou *Comelina* - que o Sr. Taunay retratou ao natural - e várias belas plantas raras, inclusive uma *Lecitis*, pequena e alpina como todas as plantas dos campos.

É interessante como a natureza permanece sempre fiel à sua tendência e à sua forma. Todos os gêneros das árvores brasileiras mais altas, como, por exemplo, as *Mimosae*, os jacarandás, as *Bignoniae* e agora também a *Lecitis*, apareceram nos campos - alpinos - não deformadas, mas nas formas mais elegantes, de acordo com as mesmas regras da arte e do esplendor, como a mais perfeita pintura em miniatura. Ao lado dessas plantas dos campos, encontram-se os originais maiores nos capões.

A cachoeira de Taquara não apresenta nada especialmente interessante do ponto de vista do artista, mas foi desenhada em função do interesse do local. O calor aumentava a cada dia e, com ele, a quantidade de insetos, mas não a coleção de insetos. Milhões de moscas, mosquitos, abelhas, vespas e formigas nos atormentavam de forma indescritível, forçando-nos a mergulhar na água de tempos em tempos, para nos livrarmos, por alguns instantes, dessa tortura. Enquanto eu escrevia ou desenhava, dúzias de vespas pousavam sobre as minhas mãos. Se eu as deixasse sossegadas, elas apenas sugavam o suor, mas, ao menor movimento, às vezes inevitável, elas picavam, e sua picada é doída, embora a dor só dure alguns minutos, além de não ser venenosa, como é o caso de muitas outras espécies de insetos.

Correntes, gente dobrada, meia carga. Havíamos chegado ao final dos Três Irmãos (cravados 3 'u'[?]); e, após ultrapassar essas bacias, chegamos a três cachoeiras sucessivas, uma logo após a outra, chamadas Três Pontes. Até o meio-dia, havíamos passado por duas delas, mais depressa do que por qualquer outro obstáculo semelhante encontrado anteriormente. À noite alcançamos também o terceiro "Irmão", o maior deles.

Tão logo chegamos ao local da nossa parada do meio-dia, ou seja, ao "Irmão" mais novo, vários remadores correram em direção a uma

cruz de madeira fincada sobre uma pequena colina circular, ajoelharam-se diante dela, beijaram-na e enfeitaram-na com diversas flores coloridas dos campos. Os demais os seguiram, e logo a cruz ficou magnificamente enfeitada com as flores mais raras. A cruz havia sido colocada sobre o túmulo de um remador procedente de Porto Feliz que morrera e fora sepultado aqui há dois anos.

É comovente o espírito religioso dessa gente: ela é capaz de render homenagem à alma de um conterrâneo ou concidadão totalmente desconhecido, rezando um Pai-Nosso por ele e enfeitando o seu túmulo com flores. Como é raro ver uma cena como essa na Europa! Quantas vezes lá se visita um cemitério onde jazem tantos amigos e conhecidos, passa-se de cruz em cruz, de epitáfio em epitáfio, e não se dá a mínima atenção a esses mortos.

Após percorrermos apenas meia légua, em linha reta, durante todo o dia, montamos acampamento, como disse acima, próximo ao terceiro e maior dos Três Irmãos, onde novamente se fez o meio descarregamento das embarcações por meio de sirgas. Logo à noite iniciou-se uma parte do trabalho. Provisões, caixotes e caixas foram levados por terra até acima da cachoeira, para serem transportados nos barcos, na manhã do dia 24.

24/09

Nesse ínterim, capturaram-se alguns pássaros no campo e no capão próximos dali, onde floresce a bela *Helictris*. Nestes campos, encontram-se mais *Muscicapa Gallus* do que em qualquer outro lugar que eu conheça. As fêmeas, porém, são mais raras: eu tinha dez machos e uma só fêmea. Mas hoje, depois que recomendei a um caçador que ficasse

atento às fêmeas, recebi quatro delas de uma vez. Durante a manhã, estavam todos ocupados com o transporte de metade ou de três quartos da carga e mais tarde com o transporte das embarcações pela água, subindo a cachoeira do Terceiro Irmão (sirga). Só pudemos prosseguir viagem depois do almoço.

Antônio Lopes, nosso guia, tem sua memória extraordinária; conhece cada pedra da cachoeira, cada árvore frutífera às margens do rio, cada banhado ou riacho, cada relva, cada acontecimento, cada quebra, naufrágio ou perda de embarcações ou homens, escravos ou livres, no caminho de Porto Feliz até Cuiabá. Ele nos contou um fato que aconteceu aqui há muito tempo: no lugar onde a correnteza dessa cachoeira (dos Irmãos) é mais forte e forma um buraco grande e profundo, uma canoa, vinda de Cuiabá com quatro arrobas de barras de ouro em um caixote, naufragou. Muitos especuladores já pensaram em desviar o rio acima da cachoeira, a fim de secar o seu leito neste ponto e poder retirar o ouro. (desenho) Ele nos contou também que ele mesmo havia recebido, de um proprietário de terras de Porto Feliz, a incumbência de medir com exatidão a extensão da curva do rio neste local, pois ele pretende mandar para aqui os seus 40 escravos para realizar esse trabalho, se for possível fazê-lo. O pior disso tudo é que se trata basicamente de uma lenda que se espalhou. É certo que, se a embarcação naufragada realmente perdeu essas barras de ouro aqui, elas ainda se encontram no fundo do rio; mas, como ele é agitado neste ponto, seria impossível retirá-las sem escavá-lo.

Dizem que o rio Pardo já contém naturalmente muito ouro. Se se procurasse, ao mesmo tempo, o metal natural do rio e as barras de ouro perdidas, talvez o primeiro já seria suficiente para cobrir uma parte dos custos, mesmo que não se encontrassem as barras de ouro. Pelo valor atual desse metal, cerca de 2.000 réis por *Quentchen* (uma oitava), uma

libra de ouro elevaria o valor do capital para 32 contos de réis (ou milhões de réis), ou seja, cerca de 80.000 cruzados[35].

24/09

Após o almoço, por volta de 1h, todas as tarefas já estavam concluídas, todas as embarcações novamente carregadas, e nós estávamos prontos para partir. Os campos ricos dos arredores convidavam-nos para uma excursão.O Sr. Riedel e eu preferimos atravessá-los a pé, embora o calor fosse muito forte, com temperatura de +23,5°R, na sombra.

Consegui alguns insetos novos, uma linda *Cetonia* e aquele *Bombix* do campo, de cor negra reluzente, com dois pontos brancos brilhantes nas asas superiores. O Sr. Riedel teve a grande alegria de encontrar aqui a calunga ou calumba e uma *Quassia? versicolor, St. Hilaire* em flor. Algumas horas depois, retornamos com essa e outras raridades ao barco, onde nos refrescamos com um *grog* que serviu como bebida refrigerante. Animados pela sensação de termos empregado bem o nosso tempo e de termos sido recompensados à farta pelo nosso esforço, pois conseguimos espécies nunca antes observadas, esquecemos logo o forte calor, o tormento das moscas e mosquitos, enfim, todos os dissabores. Meu moral melhorou mais ainda quando, à noite, o caçador me trouxe alguns exemplares de *Muscicapa Gallus*. Ao entardecer, montamos acampamento num capão denso, na margem direita do rio.

25/09

Na manhã seguinte, prosseguimos a viagem, sem paradas, até o chamado rio Morto. De manhã, às 6h30, +14°, tempo nublado, céu

encoberto por fumaça; +18° no rio; higrômetro, 70°; forte orvalho à noite e nevoeiro.

Na noite anterior, atearam fogo nos campos da margem oposta do rio, o que nos garantiu um belo espetáculo.

A parada para a jacuba foi feita na margem de um pequeno riacho que deságua na margem esquerda. Logo depois, chegamos ao rabo (ao fim) da cachoeira de Tamanduá, onde novamente o rio fica agitado, há baixios e se faz o descarregamento total das embarcações para o transporte destas por varação. É um semi-salto.

Por volta das 9h, fizemos nossa primeira parada na margem direita, acima da cachoeira, perto de um pequeno banco de areia, e começamos imediatamente o descarregamento e o transporte dos víveres, da carga e das embarcações, até acima dessa cachoeira. Tudo foi feito rapidamente. A tripulação parecia agora já estar mais acostumada a esse trabalho, mas o motivo principal era o fato de a nossa carga, constituída principalmente de provisões, já ter se reduzido bastante: agora, em vez de sacos cheios, só havia sacos vazios para ser transportados. Enquanto a tripulação se ocupava com esse trabalho, fomos para o banco de areia aberto e exposto ao sol, para fazer nossas tarefas. Pouco a pouco, uma quantidade indescritível de borboletas de diversas espécies apareceu ali. Havia muitas borboletas comuns, mas também algumas muito raras. As *Colia* agitavam-se e iam, aos poucos, se amontoando, formando grandes montes ou pilhas que mais pareciam artificiais; era tão difícil espantá-las que era necessário tocá-las com a rede para que saíssem voando; podia-se também capturá-las facilmente com as mãos.

Por volta do meio-dia, quando nos dirigíamos para o local do almoço, na parte de cima da cachoeira, deparamo-nos com um dos ho-

mens, que, poucos momentos antes, haviam encontrado uma grande onça na pequena vereda por onde passáramos. Ele nos contou que a onça grunhiu para ele, deu um salto e se foi. Hoje cedo, após a nossa chegada, os homens haviam encontrado, perto do rio, o corpo despedaçado de um lobo. Sentiram falta principalmente da cabeça, pois estavam interessados nos dentes. Isso esclareceu o que havia acontecido: a onça capturou o lobo, comeu-o durante alguns dias e permaneceu aqui por causa da carniça. Todos os nossos caçadores estavam ausentes; os homens que ficaram tinham que trabalhar; portanto, não havia ninguém lá que pudesse ir atrás daquele animal enorme. Esse mesmo "ninguém" certamente teve medo da onça, ateou fogo à floresta bem perto da vereda, o que consumiu as folhas e os galhos secos com tal rapidez que teria destruído o acampamento e todas as roupas e caixas das pessoas que estavam na parte de baixo da cachoeira, perto do banco de areia, se não tivéssemos chegado lá a tempo. Perguntamos, com rigor, quem havia começado o fogo, mas ninguém se acusou.

Os homens continuaram até à noite o trabalho de transportar os barcos para a frente. Esperávamos poder prosseguir nossa viagem de manhã cedo, mas, ao entardecer, um dos homens foi picado por uma jararaca no atalho que havíamos trilhado durante todo o dia. Disseram que o provável culpado disso tinha sido o "ninguém" que havia ateado fogo no mato, pois sabe-se que ele afugenta as cobras venenosas de suas covas escuras, pois elas saem à procura de outro abrigo.

Considerando o pavor que todos os habitantes daqui têm da picada de cobras venenosas, fiquei admirado ao ver a indiferença e frieza com que trataram o empregado picado. Primeiro, deram-lhe uma mistura de sal, tabaco e aguardente. Fui correndo buscar uma solução de sal que utilizo tanto para tratamento tópico como oral. O pé não havia

inchado muito após um bom quarto de hora. Agora queriam ainda aplicar toda espécie de recursos locais. Pediram-me um cordão, mas, quando eu soube que era para fazer um garrote abaixo do joelho para evitar que o veneno subisse, recusei-me a dá-lo. Nosso velho guia sugeriu que o melhor seria ter conseguido um dente de lobo (como recurso infalível contra picada de cobra) e lamentou o fato de a onça ter devorado a cabeça do lobo. Finalmente chegou um dos nossos timoneiros que possuía um dente de lobo. Este foi amarrado firmemente com um cordão abaixo do joelho do doente, em meio a muitos passes de magia, junto a uma imagem sagrada. Uma vela tinha que ficar acesa junto ao doente, e um outro amigo, ajoelhado, segurava uma espingarda em posição vertical. Enquanto isso, davam ao doente, de vez em quando, um gole de cachaça e colocavam não sei o que embebido em aguardente sobre o ferimento. Após algumas horas, o doente não havia piorado, a perna estava pouco inchada, ele acabou vomitando tudo que havia engolido, mas passou bem a noite. De todos os casos de picadas de jararaca, esse foi o mais fácil. À noite, ao pôr-do-sol, um bando de borboletas entrou voando na barraca.

26/09

Numa manhã fresca e agradável, +12,5°R, quando os preparativos para a partida já iam adiantados, logo cedo, ouvimos, de repente, uma salva de tiros. Eram os carregadores, remadores e guias de uma expedição comercial, que haviam partido de Porto Feliz no mês de março deste ano e agora regressavam. Provavelmente ainda viajariam mais um mês e meio e, por conseguinte, completariam a viagem de ida e volta a Cuiabá em cerca de 9 meses. Essa foi a segunda oportunidade inesperada, mas desejada, que tive para escrever ao Vice-Cônsul no Rio

de Janeiro e ao nosso amigo Francisco Alvares Machado e Vasconcellos, em Porto Feliz. Isso deu ensejo a uma pequena parada de poucas horas, durante a qual também colhemos muitas notícias. Meu amigo Natterer ainda está no Mato Grosso, mais precisamente na vila de Santa Maria. Infelizmente seu acompanhante, o caçador Sochor, morreu.

Os portugueses tiveram alguns contatos amistosos com diversas nações indígenas, especialmente com os Guaicurus. Já os espanhóis, que, ao contrário, vivem em discórdia com essa nação, o que já lhes causou e causa ainda grandes prejuízos, pretendiam aniquilá-la completamente com a ajuda dos portugueses - já devem ter feito muitas propostas nesse sentido - para então estabelecer o livre comércio e a comunicação no rio Paraguai. Caso isso fosse verdade, nós também teríamos que enfrentar dificuldades extraordinárias. Até mesmo a fazenda Camapuã é indefesa contra os ataques de uma nação tão poderosa como a dos Guaicurus.

A fazenda Camapuã está mal abastecida de alimentos: nem o comandante nem a fazenda tem provisões. Estas têm que ser conseguidas por outros moradores de lá, agregados, creio.

Na organização de nossa tripulação também ocorreu hoje uma pequena alteração de última hora. Alguns homens, excelentes empregados por sinal, ao verem seus conterrâneos e aparentados, sentiram saudades de casa e pediram ao guia e a mim permissão para colocar outros homens capacitados e úteis em seu lugar e voltar para Porto Feliz. Seu pedido foi aceito, e em poucas horas eles já iniciavam a viagem de volta ao lugar de onde tinham vindo. Outros jovens, também de Porto Feliz, e que já estavam quase chegando à sua cidade natal, dispuseram-se imediatamente a recomeçar a penosa viagem para o Paraguai e Cuiabá.

Logo após o meio-dia, depois de atender as pessoas que vieram

nos pedir pólvora e um pouco de sal, deram-se as salvas de tiros, conforme o costume local, e partimos.

Vou me abster aqui de fazer qualquer observação filosófica sobre o sentimento que cada um de nós experimenta, nestas regiões ermas e incultas, depois de três meses ser ver nenhum habitante, nem mesmo índios, quando se depara, de repente, com homens civilizados, que levam notícias nossas aos nossos.

Assim que partimos, tivemos novamente forte correnteza em Sirga do Campo, o que causou uma parada tão longa que, durante toda a tarde, mal pudemos percorrer meia légua. Nosso acampamento foi montado na margem direita, acima de uma segunda Sirga do Mato, em um capão denso. De madrugada sentimos todos um frio intenso, mas, quando não se dispõe de instrumentos físicos, pode-se enganar com a excessiva sensibilidade do corpo.

Pouco antes do anoitecer, estávamos prontos para partir. Todos só querem se ver livres dos incômodos da travessia deste rio. Esperamos poder pernoitar hoje bem próximo ao salto do Corão e amanhã terminar a viagem pelo rio Pardo. Ao anoitecer, +13°, um pouco de nevoeiro sobre a água, bastante frio; +18,5° na água corrente do rio. Cachoeira correndo fundo sobre pedras e ladeada por matas. Higrômetro na embarcação, fechado 51°; no nevoeiro ascendente sobre o rio exposto à atmosfera, 74°.

Imediatamente após a nossa partida, passamos pela cachoeira Sirga do Mato, onde, devido ao baixo nível da água, as embarcações foram puxadas com ajuda dos trabalhadores, que ficaram de pé ao lado delas, dentro da água. Desse modo, após uma pequena meia hora, todas as embarcações estavam acima da cachoeira.

Dentre as novidades especiais de que tomei conhecimento ontem

está o fato de que o Presidente de Cuiabá enviou uma expedição à nascente do Piquiri, a fim de tentar a partir dali abrir a navegação e a via comercial pelo rio Sucuriú para o rio Grande e o Paraná. (Ver dia 13 de agosto).

Na Sirga do Mato, foi feito o descarregamento de metade da carga das grandes embarcações, o que causou algum atraso, de modo que hoje só percorremos um pequeno trecho. Ambas as margens estão cobertas por mata (capões) por quase toda parte. À noite passamos pela foz de um riacho na margem esquerda, o ribeirão do Robalo (rovalo, na pronúncia de Trás-os-Montes), que dizem que, bem acima daqui, é bastante grande e largo. Logo depois, pouco antes do anoitecer, chegamos à Sirga do Robalo, onde, com o esforço da tripulação, puxaram-se as embarcações através de uma passagem estreita e ladeada por pedras, perto da margem direita. Ali montamos nosso acampamento, em um local da floresta já desbastado e limpo por viajantes anteriores.

A alegria de saber que, em breve, teremos terminado a travessia deste rio, aliada à ânsia de conhecer melhor estes campos, onde todos os dias aparecem novos espécimes, levaram o Sr. Riedel, acompanhado por Taunay e Florence, a desembarcar hoje de manhã, com a intenção de irem a pé até o salto do Corão, há muito tempo aguardado. Ele deve estar a apenas uma légua de distância em linha reta; de lá, eles retornariam, se possível, até o meio-dia ou à noite ao acampamento. Nosso guia os desaconselhou, porque não seria fácil atravessar esse ribeirão e não poderiam também alcançar facilmente, através da mata, o lugar onde nos encontramos. Mas eles estavam decididos; na pior das hipóteses, eles não voltariam, mas esperariam por nós até amanhã no Salto. Levaram alguns biscoitos consigo.

Anoiteceu e eles não retornaram. Foi exatamente como o guia ti-

nha dito. Uma densa mata separa o acampamento dos campos. Não tínhamos nenhuma razão especial para nos preocupar com os nossos companheiros de viagem.

28/09

Antes do pôr-do-sol (às 5h), preparamo-nos para terminar a navegação pelo rio Pardo, depois de alcançarmos o salto do Corão, e iniciamos nossa viagem às 5h30.

Às 5h30, +13,5°; atmosfera limpa; orvalho forte; pouco nevoeiro, que desapareceu com o nascer do sol; +18,5° no rio; higrômetro, 61°. O rio vai ficando, aos poucos, cada vez mais estreito, com correnteza cada vez mais forte e cada vez mais largo: 6 a 7 braças de largura e com profundidade próxima à altura de um homem. Creio ainda não ter dito que, há algumas semanas, temos visto, quase diariamente, às margens do rio, um fruto maduro que alguns acham muito bom, outros nem tanto. Trata-se de uma *Gardênia* do tamanho de uma maçã, que aqui é chamada de marmelo. Provavelmente porque o seu sabor tem uma semelhança distante com o sabor da marmelada, preparada com suco de marmelo em açúcar.

Chegamos ao salto por volta das 9h, quero dizer, ao rabo do salto, o fim ou a parte mais baixa, onde encontramos o Sr. Riedel, Taunay e Florence, que haviam pernoitado ali. Começou-se imediatamente a fazer o trabalho de sempre em ocasiões semelhantes: descarregar todas as embarcações e transportá-las até acima do salto.

Chega-se a um capão, segue-se através dele por um pequeno trecho e alcançam-se, então, belos campos limpos, abertos e naturais. Depois tem-se que percorrer um bom quarto de légua até o local do carre-

gamento ou o pouso, acima da cachoeira - uma distância maior do que nos outros locais. Mais ou menos na metade desse último caminho, avista-se, à esquerda, no belo capão escuro e frondoso em ambas as margens, o salto, que realmente não chega a ser majestoso, mas é muito gracioso. O rio é pequeno, comprimido em um espaço estreito e cai numa única massa de cerca de 15 a 20 pés de altura em uma bacia ampla e bela. Os belos campos em primeiro plano, a cachoeira espumante e branca em meio à folhagem verde-escuro dos capões, e os cerrados ou matas claras a distância, com ilhas de florestas verde-escuro nos campos, que dão perspectiva à paisagem, tudo isso forma uma cena em que a natureza é tão bela que nem o mais habilidoso dos artistas poderia retratar fielmente.

29/09

Dia de folga, dia de descanso, mas dia de trabalho.

30/09

Retorno do mensageiro enviado a Camapuã, sem cavalo e com uma resposta pouco satisfatória.

01/10

As canoas foram trazidas para a parte de baixo da cachoeira. As barracas foram protegidas contra a chuva repentina que caiu. Os caçadores abateram alguns animais silvestres, ou seja, mutuns, *Tinamus*, pequenos pássaros para empalhar, um pequeno macaco uivador. Riedel

secou suas plantas. Os moleiros estão ocupados. Uma grande quantidade de borboletas, algumas raras, são capturadas, especialmente à noite.

Preferimos permanecer na parte de baixo da cachoeira, na mata. Ontem plantei algumas *Araucária*. À noite, houve tempestade com chuva, como acontece em todas as cachoeiras. A noite foi bonita, mas, hoje cedo, houve novamente chuva com tempestade. Hoje cedo, depois da chuva, com o céu nublado, capturei várias aranhas que vagavam pelos campos (parecidas com formigas). Não se pode fazer a pé a viagem para Camapuã; assim, somos obrigados a ir com os barcos até depois da cachoeira das Lajes. Hoje é necessário fazer a varação, ou seja, o transporte das embarcações por terra, até a parte de cima do salto. O caminho não é longo, mas é íngreme e penoso.

Cinco mulatos, homens livres, vieram ao nosso encontro junto com o mensageiro e admiraram as nossas atividades de naturalistas, totalmente novas e estranhas para eles.

Obtivemos notícias, ainda provisórias, sobre a má administração da fazenda Camapuã. O governo (a Fazenda Pública) não tem nada. Os subalternos vivem sob a tirania de um sargento. À noite, borboletas.

02/10

Os homens da fazenda Camapuã foram embora ao amanhecer. O céu estava turvo, nublado, e chovia um pouco menos; por isso o guia achou aconselhável começar o carregamento dos barcos. Todos os alimentos e as malas estavam cobertos com folhas de palmeira e barracas e não ficaram molhados. Após a chuva, o rio havia subido consideravelmente, cerca de 4 a 5", e a água estava tingida de barro vermelho. Corri até os campos úmidos, mas não encontrei nenhuma aranha. Lá pelas

10h, o tempo clareou um pouco e, por volta do meio-dia, começaram a carregar as embarcações.

Partida do salto do Corão.

O guia decidiu partir ainda hoje, pois queria, pelo menos, atravessar uma cachoeira próxima, com gente dobrada, e pernoitar na sua parte de cima, a uma distância de cerca de um quarto de légua. Às 4h30, o tempo havia clareado. À tarde, o bendito sol apareceu, e, às 4h30, as embarcações fizeram-se ao largo. Eu preferi ir a pé através dos campos queimados e novamente floridos. O Sr. Riedel visitou os campos da margem oposta, à direita, onde, como sempre, encontrou algumas plantinhas novas.

Depois de muito tempo, mataram hoje outro cervo. O pessoal de Camapuã nos dissera que uma epidemia havia grassado entre esses animais, provavelmente por causa das chuvas abundantes e dos pastos úmidos no ano passado. Disseram que encontraram 5 ou 6 cervos um ao lado do outro. Além disso, duas tribos indígenas vivem nas proximidades, os Caiapós na margem esquerda e os Guaicurus na direita, os quais vivem geralmente da caça. Dizem que o chefe dos índios das margens do Paraná, Capitão Manoel, esteve em Camapuã, com todos os seus homens, e fez uma expedição de caça ali.

03/10

Ao amanhecer deixamos o acampamento, que se encontrava em um campo aberto nas proximidades de um capão. De madrugada, baixou um forte nevoeiro, que encharcou nossos mosquiteiros. Ontem o rio estava turvo, tingido pelo barro; hoje de manhã estava totalmente vermelho-escuro. São as águas de um riacho que passa nas vizinhanças

de Camapuã e que, com a menor chuva, fica tão impregnado de barro com teor de ocra que tinge o rio Pardo até a sua foz. Roupa branca lavada nessa água fica tão bem tingida que nunca mais perde a cor. O algodão adquire a cor vermelho-escuro da tinta Nanquim.

Após algumas horas, chegamos à cachoeira do Campo, onde fizemos uma parada para a jacuba. O nível da água é baixo, o rio é largo. Há campos de ambos os lados. Nós - Riedel, Taunay e eu - ficamos em terra e atravessamos os campos, onde, como eu observava freqüentemente, *semper aliyd novi*. Um quarto de hora mais tarde, encontramos uma extensa área de pântano, que brotava de uma pequena cachoeira; não tivemos outra alternativa senão contorná-lo. Do alto de um cerrado, vimos as embarcações, já por volta das 11h30, e fomos na sua direção. Todos os objetos de valor, roupas, barracas e roupas limpas que haviam se molhado nesses últimos dias ficaram expostos aos raios benéficos do sol e se secaram.

Fizemos a pausa do meio-dia e, em seguida, recomeçamos nossa viagem. Ouvimos, ao longe, os sinais de tempestade, e, não demorou muito, uma chuva forte e repentina caiu sobre nós. Durante o meu passeio hoje cedo, vi vários *Cassicus* de barriga amarela, peito negro e marrom, cujo belo canto ouvi pela primeira vez. Capturei vários insetos interessantes.

Mal havíamos deixado o local da parada do meio-dia, a tempestade que já estava ameaçando antes nos surpreendeu, obrigando-nos, pela primeira vez, a fazer uma parada contra a nossa vontade e esperar. Mas a chuva passou logo, e o sol reapareceu, de forma que pudemos prosseguir viagem. Hoje percorremos mais de uma légua. O rio tornava-se cada vez mais escuro e vermelho. Ao anoitecer, procuramos um local para acampar; preferimos fazê-lo nos campos da margem esquerda, em

frente a um capão escuro, de onde poderíamos retirar, sem dificuldade, a lenha necessária e os paus que serviriam de armação para as barracas e mosquiteiros. O rio aqui fica cada vez mais estreito: mal chega a 30 passos de largura. Algumas palmeirinhas e imbiruçus foram as únicas árvores que vimos nos campos, pois, perto do rio, há grande quantidade de *Smilax* (*Glauca Mart.*) espinhosa, que dificulta a caminhada. De madrugada, fomos atormentados pelos mosquitos; a sacola de munição do caçador ficou toda esburacada, as formigas quase a devoraram.

04/10

As observações meteorológicas estão anotadas em uma tabela. Prosseguimos viagem logo cedo, com céu turvo e nublado. Por volta das 10h, enfrentamos forte correnteza, onde as embarcações tiveram que ser levadas com gente dobrada. Aqui o rio faz curvas estranhas, de maneira que, após 4 horas de trabalho, nós nos encontrávamos a cerca de 20 braças do local onde havíamos passado a noite.

Como choveu muito nesses dias, e como Rubtsov não pôde fazer nenhuma observação, mandei fazer a pausa do meio-dia mais cedo do que de costume. Com isso, Riedel também pôde acondicionar as plantas e secar o papel. Ele agora tem grandes pacotes cheios e encontra, quase todo dia, de 3 a 4 novas espécies. Hoje ele encontrou, entre outras, uma bela *Dalechampia*.

Nossa pausa do meio-dia foi feita perto da foz de um pequeno riacho na margem direita. À tarde, remou-se sem parar, em rio morto, sem cachoeiras, mas com forte correnteza, até o anoitecer, passando pela foz do ribeirão Vacumã (ou Guacumã), na margem esquerda.

Montamos acampamento pouco acima dele, na margem oposta, nos campos próximos a um capão.

Nessa tarde, fiz uma incursão de cerca de uma légua nos campos da margem esquerda. O sol estava forte, havia muitas flores, mas só encontrei pouquíssimos insetos. O mais interessante que vimos foram as tocas e montes de terra de tatus-canastra - o tatu gigante. Eram tocas antigas, onde não se viam pegadas recentes desse animal raro, que estou tão ansioso para conhecer.

Ao se descreverem esses campos, deve-se notar, entre outras coisas, a sua formação e constituição: planos, ondulados, acidentados, de argila vermelha e areia, cortados por rios e riachos, misturados com pequenas ilhas de mata, pântanos e lagos. Sobre as elevações, existem cerrados, ou seja, mata rala formada por arbustos e galhos secos, que dão à paisagem um aspecto semelhante ao de uma serra. O terreno é irregular por causa dos vários montes de terra feitos pelos diversos animais que escavam e amontoam a terra, como, por exemplo, tatus, cobras, formigas, térmitas, lagartixas grandes e pequenas, tamanduás (papa-formigas), térmitas que aparecem ora na forma de uma massa volumosa, ora isoladas; grandes aranhas de solo, que provavelmente habitam as tocas abandonadas dos tatus; pássaros aquáticos, *Ibis, Larus, Scopolax Lin*, o franguinho de Azara; nos capões, a *Pipra cornuta M.* NB: O *Tinamus Coturnix* vive em tocas, o *Tinamus Perdix*, porém, vive no campo. Este último põe de 12 a 15 ovos, com cor de chocolate com leite, muito brilhantes, como se tivessem sido polidos ou envernizados. A mãe abandona os filhotes assim que estes saem dos ovos.

Vêem-se atalhos bem trilhados nos campos, todos indo em direção à água: são feitos pelo tapir. O avestruz americano (*Rhea*) é visto

quase diariamente, além de uma fêmea com cerca de dez filhotes. Além disso, há cervos, raramente veados.

As formigas devoraram uma camisa minha durante a noite.

05/10

Ao amanhecer, as embarcações voltaram para o chamado rio morto. Por volta das 8h, fizemos a habitual parada para a jacuba e, depois, caminhamos, por terra, até a parada do meio-dia, que foi feita perto da cachoeira Sirga de Manoel Rodrigues (porque a canoa desse Manoel naufragou aqui). Chegamos, por terra, antes das embarcações, pois o rio faz grandes curvas. Nos arredores da cachoeira, há muitas *Eugenia*, que, justamente agora, tinha frutos maduros, que têm um sabor semelhante ao da pitanga. Mal havíamos terminado de almoçar e começou uma violenta tempestade com chuva forte e repentina e grandes pedaços de granizo, maiores do que uma avelã.

Atmosfera, +20°; [...] na cachoeira do que fora. O segundo guia nos contou que, uma dia, no rio Tietê, ele viu granizos do tamanho de um limão que caíram às 8h e que, às 4h da tarde, ainda podiam ser vistos em alguns lugares na sombra. Estávamos todos encharcados, com frio, tremíamos como vara verde. Retomamos viagem assim que o temporal passou, mais ou menos uma hora mais tarde. Um gole de aguardente tem um efeito extraordinariamente benéfico nessas ocasiões de tempestade. Pouco depois de partirmos, entramos no novo leito do rio, que, antes, fazia uma grande curva ou sinuosidade e que, agora, corre em linha reta. Mas o antigo leito do rio ainda é fundo e agora está morto. Vimos uma grande queimada no campo na direção Sul; segundo o nosso guia, deve ter sido provocada pelos Guatós ou pelos

Guaicurus. O fogo estava a pouco menos de meia légua de distância de nós. Só se pode passar pelo novo canal quando o nível da água está alto. Com o nível baixo, tem-se que seguir pelo velho.

Por volta das 4h30, fomos novamente ameaçados por uma tempestade; por isso o guia providenciou logo a instalação do acampamento em um denso capão na margem direita e os preparativos para a proteção contra a chuva. Mal acabamos de montar as barracas e as redes com os mosquiteiros, a tempestade começou, com chuvas e trovoadas que duraram uma hora. Todos estavam tranqüilos. O jantar só pôde ser preparado mais tarde e, mesmo assim, com muito sacrifício. Apenas alguns vieram jantar, pois temiam a chuva.

06/10

À noite, o céu estava nublado. Ao amanhecer, houve tempestade com muita chuva. Permanecemos na mata, onde só havia poucas borboletas noturnas. Iniciamos nossa viagem um pouco mais tarde do que de costume. Não tive nem tempo nem vontade de examinar os exemplares colecionados nos últimos dias. Eles estavam encharcados, como tudo mais, e não havia como salvá-los. Com o tempo úmido que persistia, nada podia estar seco. Só consegui salvar aqueles que o meu João Caetano tentou conservar. Mas o belo *Ibis* de pescoço branco, que teve de ser preparado ontem durante a chuva, e provavelmente um casal de *Muscicapa Gallus* se estragaram.

Ainda de manhã (por volta das 10h), alcançamos a cachoeira de Pombal, onde as grandes embarcações foram aliviadas de metade da carga e puxadas com cordas até a parte de cima; enquanto isso, preparamos o almoço e pusemos nossos objetos molhados para secar. Nesse

ínterim, fizemos uma pequena incursão nos campos, onde o ar estava impregnado do perfume de plantas e flores, como cravos e baunilhas.

Após o almoço, com o sol não muito quente, fomos a pé até a bacia do Sucuriú, onde normalmente se faz meio descarregamento. Nesta época, porém, por causa das chuvas abundantes, os barcos puderam passar com gente dobrada. Aqui, um rio, que tem metade do tamanho do rio Pardo, ao desembocar na margem direita deste, o reduz consideravelmente. Como estávamos a pé na margem esquerda, perdemos a bela visão da foz desse rio, mas fomos recompensados por uma magnífica *Amarilis*, com 5 a 6 flores vermelho-sangue e um caule de cerca de 4 a 5 pés. O Sr. Riedel desenterrou alguns bulbos que se encontravam a mais de um pé de profundidade na rica terra pantanosa. Nosso acampamento ficou na margem direita, em campo aberto, e a madeira para cozinhar teve que ser retirada de um capão situado na margem esquerda, a um quarto de hora de distância. Nesse campo, às vezes até onde a vista pode alcançar, não se vê uma única árvore. O solo é de uma terra vermelha misturada com argila e húmus.

Deixamos esse local bem cedo para, pouco acima dali, galgar, ou vencer, uma outra cachoeira, a da Canoa Velha. Agora o rio está consideravelmente menor, mais impetuoso e pouco profundo. O tempo clareou novamente.

Por volta das 10h, enquanto os homens estavam ocupados em trazer as embarcações até acima da cachoeira, apareceram, de repente, vários homens a cavalo. Eles haviam sido enviados pelo comandante de Camapuã, a fim de nos levar até esse estabelecimento.

Nós nos encontrávamos pouco abaixo de um salto ou uma cachoeira, a da Laje Pequena (pequena pedra chata), que esperávamos alcançar ainda hoje em boa hora e onde é preciso descarregar totalmente os

barcos. Com isso, pudemos desencaixotar todos os objetos que nos serão necessários por alguns dias.

Por terra, é uma distância de cerca de um quarto de légua; por isso preferimos ir a pé até lá, onde conseguimos algumas plantas novas (*Bauhinia*) e insetos. A cachoeira da Laje Pequena não é muito alta e também não tem muita água nesta época de seca, por isso não é importante, mas tem uma bela localização entre campos, que oferecem flores novas e que, por isso, tem muitos atrativos para nós.

Nosso acampamento foi montado na margem esquerda, acima da cachoeira, para onde também foram trazidas as embarcações e a sua carga imediatamente após a chegada destas.

09 e 10/10

Chegada a Camapuã.

Camapuã deve ser 8 ou 10 anos mais antiga que Cuiabá e já deve existir há mais de cem anos. Os primeiros paulistas, descobridores e conquistadores, vieram com índios, para que estes pudessem entrar em contato com os outros, o que acontecia às vezes pacificamente, às vezes com violência. A principal finalidade dessas incursões era a procura do ouro. Devido à grande penúria que encontravam por toda parte, eram obrigados a cultivar plantações aqui e acolá e a deter-se dois ou vários anos nesses lugares até a colheita, para, então, continuar sua viagem. Em função da dificuldade da navegação e da necessidade de transpor um planalto nessa região e de levar as embarcações do rio Pardo para o Coxim, os primeiros colonos decidiram criar aqui, formalmente, uma colônia permanente. Para isso, trouxeram escravos, impuseram, com violência, sua presença aos numerosos índios que habitavam esta região

por causa da caça abundante e se dedicaram à lavoura, a fim de fornecer alimentos não apenas aos aventureiros que aqui vinham todos os anos, mas também aos habitantes de Cuiabá.

Uma sociedade de três ou quatro pessoas lançou as bases desse empreendimento ousado, que exigiu muitos milhares de cruzados. A princípio, eles mesmos a administravam, mas tiveram tanto trabalho e prejuízo com os escravos, índios e onças, que acabaram se retirando anos depois e transferindo a administração para estranhos. Com isso, o empreendimento foi entrando em decadência. Os atuais proprietários devem ser netos dos fundadores, mas nunca estiveram aqui. Um dos administradores, que não sei se era proprietário de uma parte da fazenda, era um padre que, dizem, tratava os escravos com muito rigor e andava fortemente protegido. Enfurecidos, esses escravos tramaram um plano e o executaram: num domingo, antes que o padre saísse da igreja, eles o abordaram e assassinaram.

Provavelmente em função dessa ou de outras circunstâncias, inclusive das várias confusões e conflitos com os índios, o governo, espontaneamente ou a pedido dos proprietários, transferiu para cá um comandante e um pequeno destacamento de 6 ou 8 soldados, ficando o comandante - geralmente um suboficial - também como administrador da fazenda. O atual é um sargento que já está aqui há dez anos. Trata-se de um oficial de milícia que não recebe nenhum pagamento do governo e é mantido por dois soldados.

11/10

Ainda estou há muito pouco tempo aqui, portanto, confesso que não entendo ainda como funciona essa administração. O governo e o

comandante têm seus próprios bois, suas vacas, plantações, e, no entanto, nem um nem outro tem escravos. O empreendimento constitui-se de escravos e homens livres que aqui se estabeleceram e trabalham todos para a Coroa. Os proprietários quase não tiram proveito desse belo estabelecimento auto-suficiente, que cresceu e aumentou em número de habitantes. Não sei quantos escravos havia inicialmente, mas, agora, para surpresa nossa, há uns 60 ou 70, segundo o comandante. Soubemos também que os proprietários, que vivem em São Paulo e não tiram mais nenhum lucro dessa propriedade, a cada um ou dois anos, mandam buscar de 6 a 8 escravos jovens e robustos nascidos aqui. Consideram, portanto, a propriedade simplesmente como uma fábrica de escravos.

O comandante nos recebeu de forma muito amável e hospitaleira. Parece ser um homem bem-intencionado e agradável, mas naturalmente, como era de se esperar aqui, não possui nenhum tipo de instrução, mal sabe ler e escrever. Os assuntos de suas conversas variam entre histórias de índios; acidentes fatais com onças: como estas haviam matado um escravo, devorado a cabeça de uma mulher, vencido uma luta com um outro, quantos bois, cavalos, bezerros haviam matado; ou queixas por não receber, do governo ou dos proprietários, o mínimo necessário para a sua sobrevivência, ou seja, armas e sal.

Pode ser que ele tenha razão, mas notei grandes falhas na sua administração: muita desordem, sujeira e desleixo, que se devem atribuir à falta de conhecimentos. Não existe proteção para carroças, carretas e canoas: elas ficam expostas ao vento e à chuva. A fábrica de açúcar está em decadência; as escadas estão em péssimas condições e perigosas; não há nenhum monjolo, não se providenciou a fabricação de farinha de milho e do pão de cada dia, nem sequer um monjolo (pilão de madeira) onde se pudesse socar a farinha. Não há hortas, nem pontes sobre o pequeno ribeirão.

As plantações estão a horas de distância, para evitar que o gado bovino e os porcos as arruínem. Em outras palavras, eles não querem nem se dar o trabalho de construir cercados. Com tanta gente - umas 300 almas devem viver aqui - poder-se-ia facilmente isolar o gado em um grande pasto por meio de fossos, como é feito em Minas. Seria até mais vantajoso que fizessem o contrário: levar o gado para longe e manter as plantações próximas. Hoje, para se trabalhar nas lavouras, é necessário percorrer, diariamente, uma légua ou 1½ légua. Além do mais, nesta grande propriedade, quase não se aproveitam as vacas leiteiras. Foi com muito esforço que conseguimos arranjar um pouco de leite, e todos os produtos de primeira necessidade são muito caros.

12 e 13/10

O Sr. Riedel e Taunay chegaram à tarde; há dois dias estão com uma violenta dor de dente.

14/10

Em parte por costume antigo, em parte por necessidade, os trabalhadores andam sempre armados, até mesmo na capela, onde deixam a arma na frente da porta da igreja, para poder se proteger dos ataques ou assaltos de índios.

Há alguns anos, uma mesma onça feriu dois negros, um dos quais morreu após quatro dias. [...] Uma mulher foi encontrada morta, e só sua cabeça foi devorada. Ao longo de quatro anos, 80 cabeças de gado foram mortas. Por último, a mesma onça travou uma luta contra um touro selvagem, mas não conseguiu dominá-lo, embora o tenha ataca-

do traiçoeiramente e quebrado as pontas dos seus chifres. Todos os caçadores se puseram a procurá-la com a ajuda de cães e conseguiram abatê-la, reconhecendo nela, pelas marcas de tiros e ferimentos anteriores, o mesmo animal que havia matado os dois homens.

Há cerca de 16 anos (em 1810), durante a administração do Governador de Mato Grosso, João Carlos Oehnhausen, transferiram-se para Camapuã soldados do destacamento, pois, nessa época, grande número de soldados assassinos e fugitivos de Miranda, Coimbra e até mesmo de Cuiabá vieram para cá e aqui se estabeleceram. Até essa época, estas terras eram apenas uma propriedade privada, um pequeno estado livre afastado de dois lugares povoados, ou seja, de Porto Feliz e Cuiabá, numa distância de 300 a 350 léguas. É curioso como as pessoas agem quando movidas pela ânsia do lucro. Em épocas remotas, quando a sede do ouro empurrava os paulistas cada vez mais para o interior e finalmente até Cuiabá, onde só havia ouro, mas nenhum meio de subsistência, três agricultores resolveram, cada um por si, plantar várias lavouras aqui para vender os seus produtos em Cuiabá, a preços altíssimos. Com o tempo, eles decidiram que, unindo suas forças, poderiam produzir mais; e, assim, formaram uma sociedade, abandonando grandes estabelecimentos e se fixando em Camapuã. Eles foram os primeiros fundadores do empreendimento.

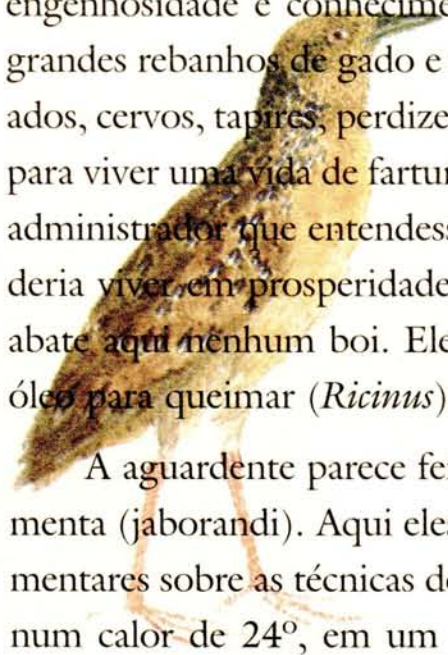
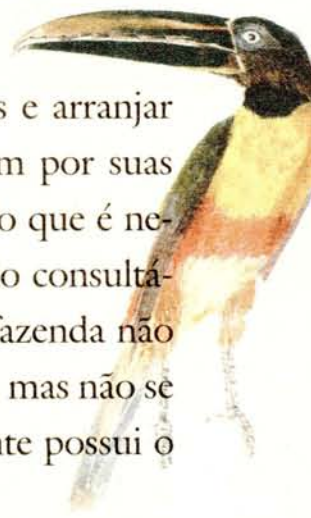
NB: Aos poucos, vou reunindo os fragmentos de informações que recebo e ordenando-os devidamente para lançar luz sobre a história desta fazenda.

No momento, existe aqui um governo estranhamente misto. O comandante (um sargento) não recebe qualquer pagamento e, no momento, dispõe apenas de dois soldados. O governo tem seus próprios bois, e a fazenda tem os seus. Os expedicionários da Coroa recebem

aqui provisões gratuitas e o transporte gratuito de suas embarcações daqui até Sanguixuga. Os comerciantes recebem os bois da fazenda e têm que pagar o preço alto fixado para o transporte.

O comandante manda os homens livres fazer as roças e arranjar alimentos para os funcionários da Coroa, sem que recebam por suas mercadorias e pelo seu serviço nenhuma remuneração. Tudo que é necessário comprar tem-se que obter do comandante ou então consultá-lo, para que ele compre os alimentos da fazenda. O que a fazenda não pode fornecer ele manda, então, comprar dos homens livres, mas não se pode comprar nada de ninguém à sua revelia. O comandante possui o monopólio da venda de feijão, da aguardente e do açúcar.

É provável que tenha sido um dos filhos dos fundadores, um certo Peixoto, que dizem ainda estaria morando, recluso, em Cuiabá, quem deu início ao empreendimento. Ele construiu o engenho de açúcar, instalou um pilão (monjolo), trouxe as primeiras laranjeiras e outras plantas úteis para cá. Enfim, o que ainda existe aqui é uma prova da sua engenhosidade e conhecimento. Dizem que, nessa época, havia aqui grandes rebanhos de gado e abundância de alimentos de todo tipo. Veados, cervos, tapires, perdizes, porcos, açúcar e licores, eles tinham tudo para viver uma vida de fartura. Agora, no entanto, se houvesse aqui um administrador que entendesse do negócio, todo o estabelecimento poderia viver em prosperidade. Com tantos escravos disponíveis, não se abate aqui nenhum boi. Eles não dispõem nem de toucinho, nem de óleo para queimar (*Ricinus*).

A aguardente parece feita de água, um pouco de aguardente e pimenta (jaborandi). Aqui eles não têm nem os conhecimentos mais elementares sobre as técnicas de destilação. O mosto já estava há semanas, num calor de 24°, em um grande vaso coberto com cana-de-açúcar,

mais para uma fermentação ácida do que alcoólica, quando resolveram começar a destilar hoje. Os aparelhos de destilação são os piores que já vi no Brasil. A água na cucúrbita era doce e estava fervendo, mas é impossível qualquer sedimentação, de forma que o resultado era uma água inodora e insípida. Toda a provisão de açúcar do estabelecimento consistia em 4 libras. Descuidava-se tanto do sustento do corpo como do da alma; não havia vomitórios ou purgantes, nenhuma escola para as 60 ou mais crianças que havia ali, ou seja, elas não recebem nenhuma instrução que as tornem pessoas úteis ao Estado. Garantiram-me que, das 300 pessoas que existem aqui, só três sabem ler e escrever.

O comandante tem uma única vaca leiteira, mas o seu bezerro já está muito crescido, de forma que agora há pouco leite para o consumo da casa. Para conseguir carne fresca, fui obrigado hoje a comprar um boi e mandar abatê-lo.

Os escravos se vestem e se alimentam às suas próprias custas. Para isso eles têm permissão para trabalhar aos sábados e domingos e para criar porcos e frangos. Com isso, o pátio, o estrumeiro, tudo é de uso comum. Com tal administração, a conseqüência natural é que os escravos vivam melhor do que o senhor.

É uma verdadeira desgraça, e conseqüência da negligência do governo, que nos portugueses, ou melhor, nos brasileiros, os atuais habitantes do país, esteja tão arraigada a idéia e o princípio de que os índios devem ser sempre temidos e perseguidos; estes são sempre repelidos e hoje são seres humanos indefesos. Poder-se-ia facilmente ganhar a amizade das tribos vizinhas, dando-lhes presentes espontâneos. Seus chefes até já falam um pouco de português. Mas, em vez disso, os brasileiros parecem fazer questão de cultivar a desconfiança entre os índios. O administrador deveria ser obrigado a prover esses homens de utensílios

agrícolas e outros meios de subsistência, conquistar sua amizade e promover sua instrução. Logo eles se mudariam para as redondezas, cultivariam eles mesmos suas lavouras ou pelo menos poderiam ajudar no corte da lenha e outras tarefas que lhes agradassem para a construção de casas e cabanas. Com isso, a segunda ou a terceira geração desses índios seria de cidadãos úteis.

Outrora, os Guatós, habitantes do Paraguai, eram inimigos terríveis dos portugueses. Certo dia, estes os presentearam com facas e machados e conseguiram se aproximar deles. O bispo de Cuiabá (que foi certamente um homem muito bom) foi até eles, tratou-os com amor e amizade, e hoje existem aldeias ricas de Guatós, que se sustentam, com fartura, com o que eles próprios produzem, plantam o algodão, que depois levam para fiar e, com ele, fazer, com as próprias mãos, tecidos firmes e bonitos - eles ainda não conhecem o tear. São os melhores caçadores; conhecem a navegação do Paraguai e oferecem-se para trabalhar nas monções, ou como contratados ou como voluntários.

Há alguns meses (ver acima dia 26/09), contaram-nos uma história, cuja veracidade não posso atestar, para provar a predisposição e hostilidade que existe da parte dos Guaicurus contra os portugueses ou vice-versa. Os Guaicurus (uma pequena tribo pertencente a uma grande nação) teriam assaltado, há alguns meses, uma fazenda isolada e com poucos habitantes, nas proximidades de Miranda, assassinado quase todos eles e raptado a mulher e uma filha adulta. Medo e pânico se espalharam por toda parte. O comandante de Miranda ou de Coimbra, bem como o Presidente de Cuiabá teriam dado ordens severas para que os assassinos fossem perseguidos e entregues à Justiça. Não posso saber com exatidão se, realmente, esses índios, que viviam há décadas em tranqüilidade e paz absoluta com os portugueses, de repente resolveram romper essa paz, dando início, assim, às hostilidades. Não posso

deixar de pensar que algum fato, ainda desconhecido, tenha motivado isso tudo. Assim que essa notícia chegou a Camapuã, seus moradores, escravos e livres, ficaram tão aterrorizados que passaram a fugir até dos Caiapós, uma nação que há anos vive amistosamente, até mesmo irmanada com eles, sem qualquer hostilidade. Chegaram a abandonar seus instrumentos agrícolas no campo e evitar qualquer conversa com esses índios. Naturalmente o resultado disso foi que os índios passaram a desconfiar das intenções deles e, de dois meses para cá, nunca mais foram vistos.

Dizem que, em Miranda, há uma variedade de gado vacum sem qualquer sinal de chifre, nem nos touros nem nas vacas. De vez em quando trazem algumas cabeças até aqui, mas ainda não vi nenhuma.

Aqui as coisas acontecem às avessas: em vez de o comandante, como é costume nesta terra, tratar-me com hospitalidade, o que ele até tenta fazer na medida do possível, pois, na miséria em que vive, pouco pode oferecer, fui eu que lhe enviei hoje um quarto dos bois que mandei abater, e que ele aceitou com prazer.

Uma tribo de Caiapós, cujo chefe, assim como o Capitão Manoel, do Paraná, fala bem o português, vive a dois ou três dias de distância daqui, em um lugar da aldeia Aldeado. Ele e sua gente ficaram tão desconfiados do comportamento de alguns homens da fazenda, conforme eu disse há pouco, que nunca mais alguém de lá veio até aqui, assim como também ninguém daqui quer ir lá.

Pode parecer estranho, mas preciso professar que minha ambição nunca foi fazer viagens; e preciso alertar os meus leitores para as dificuldades e dissabores a que o viajante está sujeito.

O comandante nos recebeu com hospitalidade, como já foi dito, mas, no terceiro e no quarto dia após a nossa chegada, recebemos, para

o almoço e para o jantar, um pouco de erva (*Portulaca*) que cresce aqui espontaneamente, feijão e arroz. Apesar dessa alimentação puramente vegetal, fomos fortemente atormentados por gases. Resolvi, então, comprar um leitão e um boi. Com receio de que a carne se estragasse, mandei salgá-la e secá-la segundo o costume local, mas reservei uma parte para fazer sopa e assado para hoje e amanhã. A carne cortada hoje cedo não teria, de modo algum, ficado muito macia, mas, por negligência da cozinheira, em vez de uma sopa de arroz boa e fresca, que nos teria deixado muito contentes depois desses três meses, recebemos um arroz grosso cozido em caldo de carne. Outro mal-entendido fez com que o açougueiro levasse toda a carne, inclusive aquela reservada para o assado, para ser preparada para conservação (moquear), de modo que ficamos sem a sopa e sem o assado daquele boi inteiro que foi abatido. Alguns pedaços pequenos, já devidamente cortados para a secagem, foram reservados para *beef steaks* hoje ao meio-dia. Hoje à noite teremos a única refeição com carne bovina fresca depois de três meses.

15/10

Hoje despachei um mensageiro para ver onde estão as embarcações; ele voltou à noite, em boa hora, com a notícia de que a expedição se encontra em boas condições, próxima ao Banco Grande. Fui caçar insetos; nunca volto sem um ou vários espécimes interessantes.

16/10

Como as embarcações devem ter chegado hoje em Sanguixuga, pedi ao comandante que enviasse algumas carroças para lá, a fim de

apanhar nossos objetos de valor. Estas partiram no final da tarde, pois aqui se costuma pôr os bois para trabalhar à noite, e, no momento, o luar estava claro e muito propício. Elas chegaram em Sanguixuga por volta das 8h, foram imediatamente carregadas e retornaram. À meia-noite, elas estavam num monte perto de Camapuã, mas tiverem que se deter ali, pois havia ordem categórica do comandante no sentido de que, à noite, ninguém poderia entrar na fazenda ou dela sair (por precaução contra ataques de índios).

As carroças aqui são como em Portugal e no Rio de Janeiro: pesadas, do tipo romano antigo ou mouro, com capacidade para carregar 25 volumes, conforme determina o regulamento. Se não me engano, cada volume custa um determinado preço, que ainda não sei quanto é.

17/10

As carroças chegaram ao romper do dia e, junto com elas, o pessoal necessário para descarregá-las.

O comandante me indicou um bom cômodo nos chamados quartéis para guardar os meus objetos de valor.

Creio que todas as mercadorias de comerciantes são pesadas aqui e pagam pelo acesso ou trânsito de uma província a outra. Por isso, Camapuã também é considerado um registro. Como eu tenho a minha Portaria Imperial, não preciso me sujeitar a esse costume. Aliás, o comandante deu ordens para que todos os meus objetos de valor fossem transportados por conta da Fazenda Pública.

18/10

Hoje, logo depois de se desempacotarem as mercadorias, alguns comerciantes se reuniram para fazer escambo, ou seja, trocar cortes de tecidos, roupas brancas, toalhas, tesouras e outros objetos por alimentos. Em pouco tempo, já havíamos comprado 5 alqueires de farinha de milho e, para não ficarmos em apuros, ainda temos os 15 ou 20 restantes que nos falta receber. Os preços são altíssimos aqui. Por exemplo:

Pólvora com 3 libras para munição........................ 2.400 réis

Um côvado de chita (normalmente).................... 1.200

Uma libra de ferro bruto.. 320

Sal: 2 pratos cheios, como costumam vender.

(10 pratos cheios fazem um quarto [...]).................. 1.200

Espingardas, que, no Rio de Janeiro, se compram por cerca de 4.000, aqui saem por 6.000. Aqui se fazem ótimos negócios com pólvora, chumbo e espingardas. Distribuí rosários aos filhos de algumas pessoas que vão nos arranjar alimentos; com isso, em um minuto, apareceram 20 a 30 crianças querendo receber o mesmo presente.

Também por desleixo da administração, as carroças, tanto as da fazenda como as usadas no transporte de barcos e objetos de valor, ficam sempre expostas ao vento, ao sol, à chuva e outras intempéries, de maneira que, toda vez que vão ser utilizadas, têm que ser consertadas, o que naturalmente foi o caso agora. Com tanta gente aqui, ninguém pode fazer pelo menos um barracão aberto para abrigar as carroças? Hoje à noite, a carroça vai buscar as canoas, mas, primeiro, tem que ser consertada.

Costuma-se dizer que a miscigenação (o cruzamento) de diversas

raças aprimora o gênero humano. Baseando-se nesse princípio, seria de se supor que aqui existisse uma raça de seres humanos belíssimos, já que os habitantes locais são formados por três raças diferentes muito distintas: os europeus, primeiros fundadores desta fazenda; os índios ou sul-americanos; e os africanos, ou seja, os escravos negros (ver citação anterior).

19/10

Tempo instável. As carroças trouxeram uma canoa grande e dois carregamentos de diversos objetos. O tempo não me permitiu sair à cata de insetos. O comércio de troca de mercadorias foi muito animado; muitas pessoas ainda ofereciam farinha, que eu não pude mais aceitar, pois já tinha estoque para 4 meses. Hoje cedo, chegou a carroça desajeitada, de quatro rodas, com a *Jimbo*. Na noite passada, uma onça devorou um cavalo bem perto da casa, mas ninguém teve coragem de procurar a fera.

20/10

Os homens saíram hoje para montar uma armadilha, mas a onça não veio comer a carne. Em Camapuã, não existe um único bom cão de caça e nenhum caçador. Os homens não são treinados no uso do arco, de maneira que, quando não recebem pólvora e chumbo, ficam totalmente indefesos. Nas circunstâncias atuais, dificilmente a fazenda sobreviverá se realmente criarem a navegação entre o Sucuriú e o Piquiri. Nesse caso, talvez fosse melhor para os homens livres se estabelecerem próximo à foz ou à nascente do Sucuriú.

Hoje comecei a organizar, embalar e despachar a minha coleção ornitológica. Aqui, como em todas as terras altas, há muita incidência de bócio em ambos os sexos, embora me pareça mais freqüente nas mulheres. Recomendo aos futuros viajantes filantropos que tragam consigo o remédio mais eficaz contra bócio: a *Spongia usta*, para ajudar a tratar essa doença horrível.

21/10

Imagino que seja interessante para todos conhecer os usos e costumes de um país, por isso alguns talvez gostem de saber como vivem as mulheres aqui. Um jovem de Cuiabá, irmão do comandante daqui, viajou a negócios para São Paulo e deixou sua jovem esposa sob a proteção e guarda do seu irmão. Por falta de casa, ela ocupou um quarto isolado do lado direito do mesmo prédio cuja ala esquerda nos haviam cedido. Ela nunca saía de casa, nunca saía do único cômodo que ocupava juntamente com um bebê de 4 meses. De vez em quando, tínhamos oportunidade de nos falar da varanda; já começávamos até a nos tornar conhecidos, pois o bebê nos visitava freqüentemente com a babá e voltava sempre com um pequeno presente, que a mãe agradecia da varanda. Um dia, *Minnchen* perguntou-lhe por que ela não nos visitava, mas ficava sempre em casa. A resposta foi que ela não podia. "Por que não?" "Porque estou sob a guarda do meu cunhado." "Oh, meu Deus, prosseguiu *Minnchen*, não é triste ter que viver trancada dessa maneira?" "Ah, nós aqui já estamos acostumadas com isso." Ela dispõe de duas moças para servi-la. Já nos tinham dito que ela recebe sua comida todos os dias, ao meio-dia, enviada por seu cunhado. Ao anoitecer, aparecem duas velhas matronas, que dormem com ela no mesmo quarto para vigiá-la. Além disso, um escravo fiel dorme em frente à porta do quarto.

O comandante (seu cunhado) possui a chave de uma segunda porta dos fundos do quarto, que está trancada. A jovem deve ter entre 24 e 26 anos. Embora tenha sangue um pouco mestiço, é a moça mais branca num raio de 350 léguas. A propósito, ela não pode ter nenhum cuidado especial com a beleza: é pesadona, forte, está amamentando. Destaca-se das outras mulheres deste país sobretudo por suas habilidades femininas, ou seja, na costura, e por saber ler e escrever. De modo geral, pode-se definir a mulher daqui como sendo escrava do marido, uma máquina humana para a proliferação da espécie.

22/10

Do que foi dito acima, pode-se concluir também que aqui há muita perversão de costumes. São muito freqüentes aqui casos de sedução de meninas e mulheres jovens, mais do que em outros lugares. Quanto mais rigorosa é a vigilância sobre elas, mais os homens se empenham em conseguir o fruto proibido. A imoralidade, a orgia e todos os vícios a elas inerentes são alimentados até mesmo pelos sacerdotes católicos, que abusam dos seus poderes na confissão, semeiam brigas e discórdia em casamentos, desonram moças e seduzem mulheres. Não me cabe aqui dar nomes. Que país! Que brutalidade! Quanto falta aqui ainda para serem chamados de civilizados!

Hoje cedo, chegaram, de Sanguixuga, outras carroças e carretas trazendo canoas e objetos de valor.

23/10

Hoje tivemos céu encoberto; ouvimos, ao longe, uma tempestade

que passou. O Sr. Riedel, *Minnchen* e eu subimos um morro alto perto daqui, chamado de Mata-Mata, em companhia de dois caçadores, onde acreditávamos encontrar muitos espécimes novos, mas voltamos frustrados. Não encontramos praticamente nenhuma planta nova ou inseto interessante. O calor estava sufocante: +23° na sombra.

Hoje cedo, antes de amanhecer, uma onça foi vista nos arredores das casas. Ela foi perseguida por caçadores, mas, como não há bons cães por aqui, eles perderam sua pista, e a onça, que está sempre causando prejuízos, escapou. Ela havia abatido um bezerro durante a noite. Como se pode saber logo ou ter uma idéia de onde encontrar um animal morto por uma onça? Por meio do abutre urubu *Vultur*. Onde existe carniça de qualquer espécie, lá se reúnem as águias, ou melhor, os abutres. Eles afluem em bandos e tomam posse da sua presa. Geralmente a onça só come enquanto a carne está fresca, no máximo 2 ou 3 dias. Depois deixa tudo para os urubus, brancos e pretos, e segue novamente o seu caminho. Normalmente ela só come à noite, deixando, assim, que as aves de rapina se alimentem durante o dia. Quando elas são vistas sobrevoando um lugar é porque lá existe carniça.

Também se deve atribuir à negligência dessa administração a falta de bons cães, de uma criação de cães e de caçadores habilidosos, bem como de provisão de pólvora e munição para qualquer eventualidade, seja para se defender de ataques, seja para se proteger das onças, que são perigosas e nocivas. Até agora, ainda não havíamos nos prevenido devidamente contra esses animais perigosos, embora já tenhamos visto três deles; estávamos sempre desarmados quando fazíamos nossas excursões naturalistas, apesar das advertências do comandante. Mas agora estamos cada vez mais convencidos da veracidade das suas histórias, sobretudo nos últimos dois dias, pois uma onça fêmea com um filhote recém-nascido tem sido vista perto da casa, e todos sabemos como é

perigoso aproximar-se de uma gata ou uma cadela que tem um filhote. É realmente imperdoável não haver, em todo o estabelecimento, sequer um bom cão, nem um único caçador; assim, esses animais selvagens são temidos, mas nunca perseguidos.

24/10

Caiu, nas redondezas, a primeira chuva forte sem tempestade: é, portanto, o início propriamente dito da estação chuvosa. Em poucas horas, o rio ficou mais de 1,5 pé mais fundo, e de, manhã cedo, quase não se pôde atravessar a viga que servia como ponte.

25/10

Duas de nossas canoas chegaram aqui hoje vindas de Sanguixuga. Hoje à noite, os bois foram, pela última vez, buscar o único batelão que ainda está lá. Aqui os bois só trabalham à noite. Eles partiram às 5h e, por volta das 10h, já estavam de volta. Geralmente, quando a carga é pesada, eles só retornavam entre 11h e meia-noite; nesse caso, tinham que permanecer no morro até o amanhecer, pois a fazenda propriamente dita fica fechada à noite, ou seja, o pátio cercado pela casa do comandante, a capela, o engenho de açúcar e as casas dos escravos. Ele é trancado por duas portas, mas quase todas as casas têm sua própria saída.

O tempo era instável. Choveu pouco; o rio baixou a olhos vistos.

Hoje, finalmente, pude plantar algumas *Araucária* e outras sementes. Tenho que reconhecer que o escravo do comandante se interessa mais pelo assunto do que o seu senhor, mas ele não sabia semear nem couve nem cebola. Há plantações de couve, repolho, salsa e cebola em

um local até cercado, mas aonde entram galinhas e talvez até porcos; portanto, tenho poucas esperanças de que alguma coisa vá permanecer de pé. Não dá para entender a indiferença das pessoas: desde que cheguei, o comandante ainda não indicou ou mandou preparar nenhum lugar para o cultivo da *Araucária*.

NB: Certamente, também se deve atribuir à falta de organização o fato de que ainda não tenham colhido, nos campos, a maior parte do milho, que já amadureceu desde abril ou maio. Além disso, em toda a fazenda, não existe nenhum depósito para os mantimentos (paiol); o comandante não dispõe de nenhum bezerro ou vaca; e não se produz óleo de nenhum tipo, nem de mamona.

26/10

Depois de um longo tempo, hoje tivemos de novo um dia bonito. A estação chuvosa já começou. Boa parte do milho já maduro ainda está no campo, pois não foi colhido; e o milho novo ainda não foi plantado. No ano que vem, portanto, haverá novamente escassez de tudo. Meus caçadores caçaram o *Trochilus Bilophus* e uma *Cyricacca* nova. Tenho progredido diariamente na descrição dos pássaros. Ontem pus os insetos em ordem e hoje recebi uma nova *Eichla* (peixe).

A viga que servia de ponte foi arrastada pela chuva forte, e agora a comunicação entre as duas residências está prejudicada. Nossas canoas servem de ponte. Ainda não precisei de dinheiro em espécie. Todos os alimentos, gêneros de primeira necessidade e salários são pagos com mercadorias. Realmente vendi barato, fui generoso na venda das chitas, dos tecidos de algodão branco e das toalhas, mas é que eu queria me livrar delas. As mercadorias mais valorizadas são o sal, o ferro bruto e o

trabalhado - ou seja, machados, pás, foices, pregos, tesouras, facões, que são facas grandes com pontas e de cabo branco; sobretudo pólvora; chumbo, especialmente o grosso.

Remédios são necessários. Assim que os moradores do lugar souberam que eu havia trazido remédios e que possuía alguns conhecimentos médicos, logo ganhei uma clientela, que só não foi maior porque meu tempo era curto para atender a todas as solicitações. A esse respeito, permitam-me relatar, bem resumidamente, os fatos mais importantes da minha experiência de poucos dias. Um grande número de crianças sofre de verminose. Ministrei-lhes alho com leite, para uso interno, e, como clister, purgante com um pouco de calomelano, e logo elas eliminaram os vermes. Uma jovem com idade entre 22 e 24 anos sofria há meses de *obstructio menstrum*. Querendo experimentar um novo remédio, a cainca, e também porque eu não dispunha de outro emenagogo forte, dei-lhe, uma noite, a raiz cainca, raiz-preta, cipó-cruz, cruzadinha, que aqui é chamada de poaia. Inesperadamente, apenas dois dias depois, recebi, surpreso, a notícia de que as regras haviam voltado e de que a minha paciente estava melhor, livre dos espasmos nervosos e das dores. Entre outras ocorrências, observei também, em uma mulata, um *conceptio extrauterina*; nesse caso não pude ajudar.

28/10

Hoje fez um dia bonito e quente. Os moradores estiveram ocupados queimando seus roçados. Acho que é muito tarde para fazer isso nesta região. Isso é fruto da falta de assistência e fiscalização. Eles atrasam o plantio, e a época da colheita acaba caindo nos meses frios, em que a cana-de-açúcar, o *Ricinus*, o tabaco e outras plantas morrem com o frio, como aconteceu no ano passado. Na casa grande, hoje não se

encontra uma única garrafa cheia de óleo de mamona (*Ricinus*). Até se vêem bananeiras, mas ninguém se preocupa com a sua reprodução, o que torna a fruta aqui tão cara quanto no Rio de Janeiro.

Não dá para entender como as pessoas daqui podem ser tão apáticas e negligentes. Elas sabem que eu trouxe comigo diversas sementes úteis, que comprei, naquela época, a peso de ouro. Saí oferecendo-as gratuitamente a todos que possuem horta cercada, mas não vi interesse da parte de ninguém. Mostrei ao comandante a importância de se plantarem aqui árvores *Araucária* e solicitei-lhe, assim que cheguei, que me indicasse um lugar adequado onde eu pudesse plantar as 100 sementes que eu trouxe e que consegui manter até agora em bom estado. Há dias espero uma resposta.

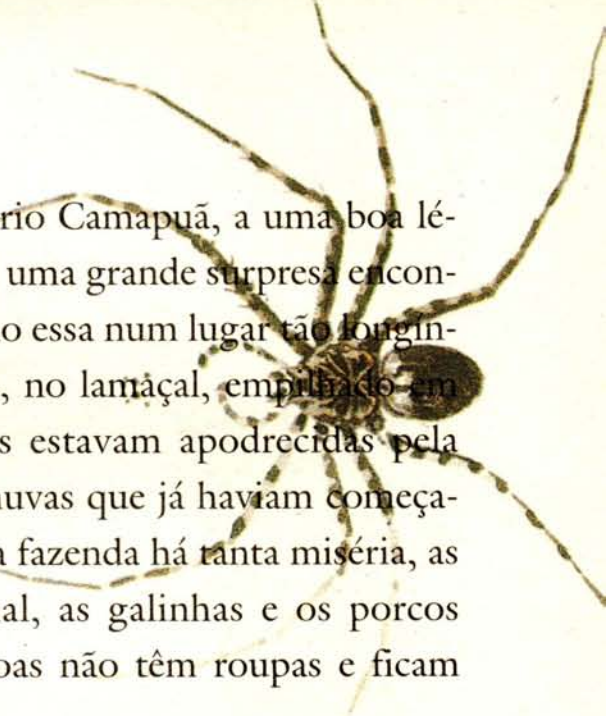
29, 30, 31/10

Durante esses dias, trabalhou-se no conserto das canoas, organizamos nossas coleções e providenciamos o conserto das barracas. Foram feitas excursões a Sanguixuga para caçar insetos. Mandei também abaterem duas vacas, para que a tripulação tivesse carne fresca, e concentrei minha atenção no conserto rápido das canoas. Como faltasse óleo ou cera para preparar devidamente o breu, escrevi uma carta ao comandante e a enviei pelo meu escravo (ver meus papéis), com a melhor das intenções. Qual não foi o meu espanto quando recebi, ainda antes de anoitecer, a resposta do comandante, dizendo-se muito ofendido por eu lhe ter mandado a minha carta oficial por meio de um escravo; que isso contrariava os costumes locais, era uma ofensa a ele; que eu deveria ter mandado a carta por um homem livre.

Enquanto isso, prosseguem os preparativos para a festa de amanhã

(1° de novembro). Estão todos preocupados em fazer vestidos e camisas.

Com tanta escassez de pólvora, dão-se tiros em plena luz do dia. Já são as salvas. A capela está iluminada, bem como todas as casas dos moradores. Hoje à noite (31/10), eles irão à capela para cantar e rezar.

Como o tempo melhorou nesses dias, os moradores aproveitaram para queimar seus roçados, embora a estação apropriada para isso já tenha terminado. Recebi algumas cobras, peixes e aranhas que mereceram minha atenção. Em um país tão distante do nosso, tudo é estranho, presta-se atenção a qualquer objeto.

01/11

Dia de Todos os Santos

A chuva que caiu durante quase o dia todo estragou a festa, mas não impediu que essa boa gente se divertisse bastante, ou, em outras palavras, ficasse completamente embriagada de aguardente, de boa e de má qualidade.

02/11

Nos dias seguintes, começamos a fazer incursões mais prolongadas nos arredores. Disseram-nos que os Caiapós andavam por perto; por isso, seguimos, primeiro, mais para a direção Norte. Caminhamos o dia todo por campos e matas, atravessamos regiões intransitáveis, capoeiras densas e espinhosas, vários riachos e um trecho de muitas léguas. Isso exigiu de nós um esforço indescritível. Voltamos para casa à noite, muito cansados e insatisfeitos. O Sr. Riedel encontrou uma planta nova, e eu, alguns insetos. O mais interessante que

vimos foi uma plantação bem junto ao rio Camapuã, a uma boa légua de distância da fazenda. Para nós foi uma grande surpresa encontrarmos, de repente, uma plantação como essa num lugar tão longínquo. O milho do ano passado estava lá, no lamaçal, empilhado em grandes montes; as camadas inferiores estavam apodrecidas pela umidade do solo, e as de cima, pelos chuvas que já haviam começado. Quanta fartura! E, enquanto isso, na fazenda há tanta miséria, as pessoas e os animais se alimentam mal, as galinhas e os porcos perambulam como esqueletos, as pessoas não têm roupas e ficam lamentando a sua sorte.

Eu estava ansioso para chegar à casa e saber a quem pertence essa plantação. Foi mais doído ainda saber que ela pertence aos escravos. Que tipo de administração existe nessa propriedade? Os escravos aqui têm propriedade, têm que se alimentar e se vestir (trabalhando aos sábados e domingos). Nos dias santos, eles têm que prestar culto a Deus e trabalhar; mas além da bênção de Deus para que seu trabalho prospere e a colheita tenha bons resultados, eles não recebem mais ajuda alguma, nenhum apoio, nenhuma assistência para poder usufruir o produto final do seu trabalho. Eu já vi muitas administrações aqui no Brasil, mas confesso que a de Camapuã é a pior e a mais inexplicável.

Nesses dias, também fiquei sabendo que alguns escravos têm suas próprias vacas e bois. Foi uma oportunidade interessante. Amarraram alguns bois belos e fortes a um poste, no pátio, onde eles permaneceram três dias sem comer e sem beber, berrando muito, dia e noite. Ao perguntar a respeito, disseram-me que aqueles bois pertenciam aos escravos e haviam se comportado mal: por falta de pasto e de vigilância, entraram em algumas plantações e provocaram danos. Então, amarraram-nos aqui como um castigo!...

Creio que já disse acima que, em toda a fazenda, não existe um paiol para guardar o milho.

03, 04/11

O Sr. Riedel e eu visitamos o morro da Cilada[36].

Serra do Selado, oito léguas ao norte de Camapuã. São as montanhas mais altas da vizinhança, aproximadamente 300 a 400 pés mais altas que Camapuã. Foi a viagem mais infeliz que já fiz. O caminho até lá foi, de certa forma, aplanado em quase toda a sua extensão, pois, há exatamente um ano, o governo de Goiás enviou algumas pessoas para fazer o reconhecimento desta região e para abrir um caminho de lá até aqui. Isso realmente aconteceu, e o resultado foi que, hoje, se pode ir daqui até a cidade de Goiás em cerca de 14 dias. A maneira como se faz hoje uma pesquisa dessa natureza é exatamente igual à que se fazia há 200 anos: colocam-se alguns homens empreendedores no comando; estes buscam, seja por meio de violência, de boas palavras ou de promessas, atrair a simpatia de alguns índios (índios mansos), que acabam se tornando os verdadeiros guias.

Foi desse modo que um oficial veio até aqui a pé, com seu secretário e quatro acompanhantes, juntamente com vários índios de Goiás. Os índios mansos vão na frente e, quando encontram índios selvagens, procuram logo conquistá-los e, por meio de presentes, convencê-los a mostrar o caminho à frente. Segundo nos disse o comandante, existem índios Caiapós que já percorreram a longa distância entre Cuiabá e Goiás e o Paraná e conhecem muito bem serras, rios e riachos. O caminho acima, aberto por eles em menos de um ano (atalho), é bom, e os locais de travessia nos riachos e pântanos muito bem escolhidos. Como sina-

lização, eles fizeram, ao longo do caminho, marcas de machado nos troncos grossos nas matas e capões e, nos campos, derrubaram as árvores pequenas.

Mas voltando à nossa excursão.

Por volta das 10h, saímos de Camapuã e cavalgamos, a princípio, nos leitos de estradas através dos campos, passando pelas plantações existentes a meia légua ou uma légua de distância dali. Em seguida, passamos por fossos, que tivemos que saltar, e encontramos vários caminhos trilhados que, segundo o guia, foram feitos pelo gado bovino que sai para pastar até uma distância de 2 a 3 léguas. Em todas as fazendas do Brasil, em São Paulo e em Minas Gerais, fazem-se pastos fechados por fossos grandes e largos, inclusive propriedades inteiras são cercadas por esses fossos; esta, porém, não está.

Aos poucos foram desaparecendo os vestígios de pastos, e seguimos a picada que foi aberta, no ano passado, na direção de Goiás, que parece estar bastante trilhada. Dizem que os índios visitam freqüentemente esta região, sem, contudo, chegar até a fazenda. Passamos pelo ribeirão do Barreiro Grande e, seis léguas adiante, o da Cilada (emboscada), onde fizemos uma parada ao cair da noite e acampamos em um capão, uma ilha de mata.

O caminho até ali foi, em geral, bom, alternando-se ora em campos abertos, ora em depressões e pequenos cursos d'água, que tivemos que atravessar; ora em pântanos, onde apareceu novamente a majestosa buriti; ora em colinas e pequenas matas. Infelizmente, encontramos uma natureza totalmente morta. Tudo estava ermo e abandonado; quase não havia seres vivos, nem pássaros, nem insetos, cervos, veados, onças, lobos, cavalos ou gado bovino. Numa distância de 6 léguas, vimos apenas marcas de patas e, perto dos riachos, alguns rastros de tapires

e cervos (*Cervus virginianus*), que parecem ser os principais habitantes desta região.

Nosso acampamento próximo ao riacho citado foi feito com algumas folhas de palmeira, que mandamos cortar. Um de nossos acompanhantes, que tinha sangue indígena, perguntou-me se eu tinha um anzol, pois ele queria pescar. Por acaso, eu havia trazido alguns para dar de presente aos índios. Pouco depois, o pescador tirou da água um pirapitanga, que nos garantiu um bom jantar. O caçador abateu um pequeno *Tinamus*, que foi para nós uma dádiva de Deus, sobretudo porque havíamos trazido conosco, por acaso, pouca provisão de comida. À noite, capturei várias borboletas noturnas, que, no entanto, foram devoradas pelas formigas.

Na manhã seguinte, bem cedo, montamos nossos cavalos e seguimos, ainda por uma boa meia légua, o caminho novo para Goiás, que, dizem, também conduz à aldeia dos Caiapós, que fica a dois dias e meio de viagem daqui. Não há mais nada[?] depois do morro mais elevado e isolado, que ainda estava a cerca de 1½ légua de distância e é chamado morro do Selado. Estávamos separados desse morro por um vale profundo e úmido e por isso tivemos que seguir pela serra que se eleva aos poucos, em círculo, no sentido Noroeste, e que leva ao morro. Os picos isolados mais altos situam-se principalmente na direção Noroeste-Sudeste, a maioria deles tem forma cônica e acompanha a serra até o morro do Selado. Finalmente, alcançamos a descida íngreme de um morro, onde nossos cavalos não puderam mais continuar. Nós os deixamos para trás e começamos a viagem a pé até o grande morro. Para se chegar a essa montanha elevada é necessário ir contornando-a. Assim, duas horas depois, estávamos atrás dela, no lado Norte.

De dia, fez um calor muito forte. O caçador abateu um *Falco*

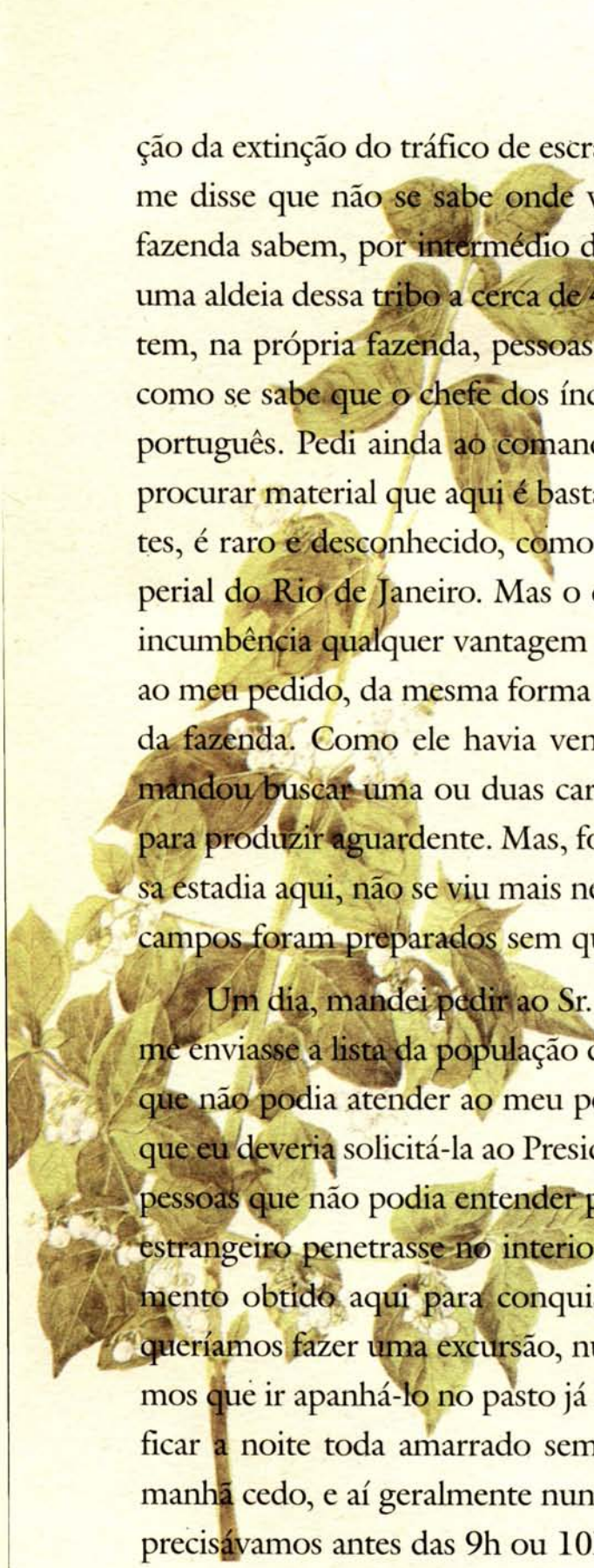
Macamun (um pássaro muito raro) no caminho. Tive que começar a esfolá-lo já na primeira parada, ao pé da montanha, pois, do contrário, ele entraria fatalmente em estado de putrefação antes mesmo que voltássemos, à noite. Essa precaução é absolutamente necessária aqui. Há poucos dias, recebi uma *Rustela Irara* que fora abatida de manhã e à noite já estava em decomposição; mal pudemos aproveitar a cabeça.

A região onde estamos é bem peculiar. As encostas são cobertas por cascalho miúdo de quartzo. As maiores elevações têm todas as características de montanhas estratificadas ou de terras que se foram depositando umas sobre as outras. Os rochedos isolados e dispersos constituem-se de um tipo de arenito amarelado e esburacado, talvez em função da erosão ou da decomposição, exatamente como no Distrito Diamantino, em Serro do Frio. Nos morros, vimos novamente aquelas canelas-de-ema muito comuns em regiões elevadas. Será que aqui não há também diamantes? A propósito, a região é pobre, não oferece nada de especial em termos de plantas. O Sr. Riedel, que chegou a escalar o pico mais alto, não viu seu esforço e trabalho árduo recompensado nem por uma única planta nova.

Deviam ser 11h quando iniciamos o nosso caminho de volta e procuramos o lugar onde havíamos deixado os cavalos. Acabamos perdendo todos eles. Nem mesmo o guia, que havia subido aquele morro pela primeira vez, conseguia reencontrar o caminho. Estávamos sem comer desde as 7h e não havíamos trazido nada conosco, pois achamos que o morro à nossa frente estava muito mais perto. Em um local tão alto, naturalmente nem se podia pensar em encontrar água para beber. Quando chegou o meio-dia, estávamos exaustos, não conseguíamos mais manter o passo, mas não tínhamos alternativa: tínhamos que prosseguir com as poucas forças que nos restavam. Finalmente, por volta das 12h30, chegamos ao local onde estavam os cavalos, bebemos alguns

goles da aguardente que havia sobrado e cavalgamos até o ribeirão da Cilada, onde estava o nosso acampamento e onde havíamos deixado as provisões pensando que estaríamos de volta em poucas horas. Após um banho refrescante e alguns goles de vinho e aguardente, retornamos a Camapuã, onde chegamos entre 8 e 9h da noite.

Enquanto isso, na fazenda, tomavam-se as providências para a nossa partida: consertar as canoas, comprar alimentos, deixar as barracas em ordem, organizar e empacotar o material de História Natural, encomendar caixas e caixotes novos para a viagem seguinte.

10/11

Os nossos efetivos foram se reduzindo pouco a pouco até chegarem a um quarto do total de homens trazidos até aqui. Hoje, dia 10 de novembro, estes também deixaram este local e partiram para o rio Coxim. Há vários dias, temos tido tempo bom. O rio Camapuã está muito baixo, o que torna a navegação nessas circunstâncias muito penosa. Na época das enchentes, ele fica impetuoso e perigoso.

Percebemos agora que ainda não temos os mantimentos necessários. Isso porque os habitantes daqui tentam fraudar de todas as formas: não só nas medidas como também na forma de preparação da farinha. Aqui poderia haver riqueza e fartura, mas tudo é mal administrado, e tal patrão, tal empregado. Eles são tão relaxados que até agora não prepararam a terra, o que já deveria ter acontecido há dois meses. Eu trouxe várias sementes do Rio de Janeiro, certo de, com elas, poder proporcionar alegria e bem-estar aos habitantes das províncias mais distantes. São sementes de couve, repolho, cebola, salsa, de *Araucária* ou pinheiro americano, uma árvore muito útil por sua madeira e por seus frutos.

Durante quatro semanas pedi em vão ao comandante que me indicasse um local seguro e adequado para plantá-las. Ele se admirou muito com o interesse que eu demonstrava por um assunto que não me traria a menor vantagem. Perguntou-me quanto tempo levaria para que a *Araucária* desse frutos e, no final, me disse friamente que, como iria embora no ano seguinte, preferia deixar essas melhorias para o seu sucessor; e que, além disso, no momento ele não tinha tempo para mandar fazer cercados. Como pode um estabelecimento como este não ter uma única horta de verdade?

Um mês depois, ou seja, há poucas semanas, um negro escravo que possuía uma terrinha preparou um cercado aberto de galinhas e me convidou para plantar as sementes na terra (ver citaçao anterior). Com a forte estiagem, mesmo com todo o cuidado em conservá-las na terra, grande parte das sementes de *Araucária* estava seca, e as restantes estavam quase brotando. Primeiro, deixaram a terra exposta ao sol, até que ela virasse pó de tão seca. Então, eu disse que ela deveria ser regada: acabaram a deixando encharcada e a cobriram com um cobertor. Não há regadores na fazenda, mas, mesmo que houvesse muitos, perdi toda a vontade de prestar qualquer serviço ou ajuda a essa gente.

Mesmo depois que doei à fazenda pólvora, sal e várias peças de roupa branca, aqui considerados o melhor presente que podem receber, o comandante se mostrou pouco amável e pouco interessado. Pedi-lhe que convidasse os índios Caiapós que vivem a dois ou três dias de viagem daqui a virem à fazenda, para eu poder reatar com eles os laços de amizade já quase rompidos. Prometi, em troca, presenteá-los com machados, facas, tesouras, anzóis, peças de roupa - o que eles menos usam - e outros objetos. Ressaltei ao comandante que é o desejo e a intenção de Sua Majestade o Imperador do Brasil, aos poucos, fazer dessa gente cidadãos úteis, o que agora se tornou mais importante ainda, em fun-

ção da extinção do tráfico de escravos. Foi tudo em vão: o comandante me disse que não se sabe onde vive essa tribo. No entanto, todos na fazenda sabem, por intermédio de pessoas vindas de Goiás, que existe uma aldeia dessa tribo a cerca de 4 dias de viagem daqui. Inclusive existem, na própria fazenda, pessoas que falam a língua dos índios, assim como se sabe que o chefe dos índios, Capitão Pinto, fala muito bem o português. Pedi ainda ao comandante que mandasse alguns caçadores procurar material que aqui é bastante comum, mas que, em outras partes, é raro e desconhecido, como uma contribuição para o Museu Imperial do Rio de Janeiro. Mas o comandante, não vislumbrando nessa incumbência qualquer vantagem para si, não se preocupou em atender ao meu pedido, da mesma forma como age em relação à administração da fazenda. Como ele havia vendido todo o estoque de aguardente, mandou buscar uma ou duas carretas de açúcar e mandou espremê-lo para produzir aguardente. Mas, fora isso, durante todo o tempo da nossa estadia aqui, não se viu mais nenhuma atividade em lugar algum. Os campos foram preparados sem que ele fosse lá vê-los.

Um dia, mandei pedir ao Sr. Comandante, entre outras coisas, que me enviasse a lista da população do estabelecimento. Ele me respondeu que não podia atender ao meu pedido por força do seu regulamento e que eu deveria solicitá-la ao Presidente da Província. Ele já disse a várias pessoas que não podia entender por que o Imperador permitia que um estrangeiro penetrasse no interior do país: ele poderia usar o conhecimento obtido aqui para conquistar o país mais facilmente. Quando queríamos fazer uma excursão, nunca conseguíamos um cavalo. Tínhamos que ir apanhá-lo no pasto já na véspera, e, nesse caso, ele tinha que ficar a noite toda amarrado sem comer; ou então íamos buscá-lo de manhã cedo, e aí geralmente nunca conseguíamos reunir os 4 ou 5 que precisávamos antes das 9h ou 10h. Não existe nenhum cercado peque-

no onde se possa guardar os animais perto do estabelecimento, durante a noite. O comandante, a quem prestei tantos favores, nem uma vez sequer me ofereceu um cavalo para as minhas excursões histórico-naturais. Todas as vezes, fui obrigado a pagar 1 *Quentchen*, ou seja, 1.200 réis por cavalo por dia. Com o dinheiro que gastei com aluguel durante a minha curta estadia, eu já poderia ter comprado vários cavalos. Um bom cavalo custa, em geral, entre 4 e 5 *Quentchen* de ouro; os melhores custam entre 8 e 10.

Tenho nutrido uma idéia: cada província deveria nomear uma comissão que ficaria encarregada da atividade industrial e agrícola dessa província; e o Ministro do Interior seria informado fielmente dos trabalhos dessa comissão. Essa comissão bem como o Magistrado (Câmara) de cada vila deveriam se preocupar principalmente em garantir que toda cessão ou venda de propriedades e terras incluísse também as vantagens que estas possuem, bem como a perspectiva de bons negócios por meio da atividade industrial. Assim, o governo ofereceria a sua ajuda, de uma maneira ou de outra, a todo espírito empreendedor, fosse ele pobre ou rico, conseguindo, dessa forma, promover a colonização. As regiões de Itapura e Urubupungá de que falei acima seriam locais apropriados para se implantarem grandes estabelecimentos comerciais, salgações de peixe, criação de gado e agricultura.

O mesmo vale para a fazenda Camapuã. Se ela fosse bem administrada, poderia, em poucos anos, aumentar a sua população, sua lavoura e atividade industrial, proporcionando renda e vantagens para o Estado, ao mesmo tempo em que se tornaria bastante propícia para receber uma colônia européia. Aqui, feijão e milho desenvolvem-se muito bem e poderiam garantir colheitas fartas; também a cana-de-açúcar e o algodão prosperam muito bem, e, por isso, na minha opinião, este é um dos melhores lugares para se instalar uma fiação e tecelagem de algodão. Já

se mandam tecidos de algodão daqui para Cuiabá e Porto Feliz. Outro fato nos mostra como é ruim a administração daqui: os moradores precisam mandar buscar aguardente de Cuiabá, embora aqui exista um engenho de açúcar.

Mesmo que, futuramente, venham a abrir a navegação pelo Sucuriú, a fazenda Camapuã será sempre um ponto importante de apoio para o comércio interno. Ela poderia funcionar como um centro de exportação de vários produtos, inclusive açúcar e algodão cru. Aqui se deveria praticar, em larga escala, todos os tipos de pecuária, o que garantiria grande produção de leite, manteiga e queijo. Mas a criação de cavalos e mulas poderia ser também muito lucrativa. Bois, vacas, cavalos e mulas criados aqui poderiam ser vendidos em Goiás com boa margem de lucro, tendo em vista o alto preço desses animais na província sulista de São Paulo. É difícil de acreditar, mas é verdade: aqui é difícil conseguir couro de boi, nem por muito dinheiro; no entanto, seria muito vantajoso para Camapuã se o couro que é produzido em Cuiabá e despachado para Porto Feliz e Santos passasse por aqui.

Caso uma colônia viesse se estabelecer aqui, o governo deveria cuidar para que os recém-chegados não fossem motivo de chacota por parte do administrador ou comandante. Entre os artesãos, deveria haver necessariamente um bom construtor de moinho, um carpinteiro, um ferreiro e um serralheiro. As carroças e carretas deveriam ser fabricadas de acordo com a medida européia (o pé), ou então que se trouxessem carretas européias já prontas. Os vizinhos Caiapós, se recebessem tratamento realmente humano, poderiam ser de grande serventia para o estabelecimento. Aumentariam a população do lugar e ajudariam na construção de fábricas. Logicamente com os mais velhos seria mais difícil de trabalhar, mas as crianças poderiam ser facilmente conduzidas para uma vida civilizada. Dever-se-ia providenciar os ali-

mentos com um ano de antecedência, o que não seria difícil de se fazer. Poderiam trazer, de Miranda, touros, bois e vacas a baixo custo e em grande quantidade, de forma que, toda semana, se abateriam de 1 a 20 bois. A criação de porcos deveria ser implantada logo em larga escala, como vi em Minas Gerais; para isso, obviamente, seria necessário construir um grande depósito de milho.

Falei acima sobre a miscigenação das raças e aqui acrescento uma observação. Não se deve atribuir isto à mistura de raças, ao clima, ao ar, à alimentação ou a qualquer outro fator externo, mas o certo é que a população se reproduz aqui de uma forma descomunal. Os proprietários não conseguem tirar proveito pecuniário nenhum da sua fazenda, mas este estabelecimento é - com o perdão da má palavra - uma verdadeira fábrica de gente. Seria muito interessante conhecer o número exato dos primeiros escravos do estabelecimento e a lista da população depois que houve a miscigenação, sem esquecer a influência que os primeiros proprietários tiveram no tamanho da população: aos poucos, eles foram concedendo a liberdade a 50 escravos, escravas e crianças mulatas, ou os levaram consigo para São Paulo, Cuiabá e Porto Feliz; enfim, tiraram-nos da fazenda. Os atuais proprietários mandam buscar, de tempos em tempos, para a sua residência, entre 4 e 6 escravos jovens de ambos os sexos e vêem isso como o único lucro ou rendimento que a fazenda lhes pode proporcionar.

Entre os escravos, encontram-se muitos mulatos, do mesmo modo como se encontram, entre os homens livres, todas as misturas de cores possíveis. Uma mulata livre, ainda viva, tem 5 filhos de 4 pais diferentes. Os filhos são mais escuros, quase da cor negra original; a filha mais velha é a mais branca entre os mulatos. As feições do rosto não têm nada de especial em termos de beleza, mas o corpo sim. As mulheres e meninas são, na sua maioria, de estatura grande e bem formadas, algu-

mas esbeltas e de constituição graciosa. A única coisa que se opõe à beleza aqui é o bócio, e, nesse aspecto, as mulheres são, sem dúvida, mais vulneráveis do que os homens. Os teóricos da Europa já tentaram decifrar esse mistério. Até agora, atribuía-se a doença à água da neve. Essa, com certeza, não é a causa na América do Sul, pois aqui não há neve. É certo que o bócio ocorre principalmente em lugares montanhosos, embora não se possa dizer que seja em montanhas altas, pois a região onde estamos agora é ligeiramente elevada em relação ao nível do mar, e, no entanto, há mais casos de bócio aqui do que em regiões mais altas. Portanto, possivelmente a causa principal deve estar na água de montanha, ou no ar de montanha, ou na carência de cálcio, ou em algum outro fator. O fato é que há muitas crianças com idade entre 10 e 12 anos, mulheres e homens idosos acometidos dessa terrível doença. Deveria ser dever de ofício do comandante pedir ao Governo, todos os anos, em seus relatórios, os melhores medicamentos contra essa doença difícil. Como pode um governo tomar providências contra um mal que ele não conhece?

Há casos de bócio que pesam muitas libras; em alguns vêem-se grandes artérias pulsando. A voz das pessoas acometidas de bócio é rouca, um pouco surda, de modo que se pode identificar uma pessoa doente mesmo sem vê-la ou apenas vendo-a de longe: basta ouvir a sua voz.

Não se faz nada pela educação das 60 ou 70 crianças do estabelecimento. São cabeças promissoras, que poderiam perfeitamente estar ocupadas com a aprendizagem da leitura e da escrita, mas que permanecem ignorantes. Para melhorar e aperfeiçoar o nível de vida deste estabelecimento, seria necessário um padre realmente religioso. É ridícula a cena que acontece todas as manhãs e noites, de crianças e velhos, na igreja e em cabanas, cantando orações que eles fingem ler num papel, já que

ninguém entende coisa alguma do que está ali ou pensa no que está rezando. Para eles, é quase um passatempo.

Os rios próximos, o Coxim e outros a 1½ e 2 léguas daqui, são muito piscosos, e os campos oferecem muita caça.

11/11

Hoje, por um acaso, recebi uma tartaruga do campo (ainda não a examinei) e, nessa oportunidade, ouvi do portador (um escravo) que ele era o verdadeiro caçador da fazenda, que abastece de caça o comandante e vive permanentemente na mata. Ele disse que sabia do meu desejo de possuir toda espécie de pássaros e animais e que, nos poucos dias que ainda me restavam aqui, iria trazer-me tudo que achasse interessante.

Outro fato que prova a falta de hospitalidade do comandante para comigo foi ele ter se negado a me dar um pouco de cera, o que me obrigou a mandar os habitantes daqui ir buscá-la, pois eu precisava dela para consertar as canoas, encerar a cobertura destas e iluminar o local de trabalho dos nossos empregados à noite. Em vez de me ajudar dando-me um pouco de cera e encobrir, assim, o seu desleixo (não havia uma única garrafa de óleo de rícino em todo o estabelecimento), ele me autorizou a fazer um acordo com eles e a mandá-los buscar a cera. Como, a princípio, ninguém se prontificasse a ir, resolvi oferecer o dobro e depois o triplo do preço: acabei pagando meia pataca de ouro ou 300 réis por uma cera bruta amarela e impura, que recebi no dia seguinte, entre 8h e 10h.

Nesse meio tempo, comprou-se o restante das provisões, carregaram os barcos e os trouxeram para Camapuã. As caixas com o material

de História Natural foram embaladas e cobertas com couros de boi, uma forma muito boa de conservação. Eram os couros dos bois que foram abatidos como provisões.

Assim que souberam a respeito dos meus conhecimentos médicos, vários doentes vieram diariamente apresentar-se a mim, um número até muito grande para uma população como a daqui. A maioria era de mulheres e moças que sofriam de *Obstructionibus Menstruum*. A cainca, que dá aqui assim como em lugares arenosos, prestou-me um serviço seguro e infalível. Entre os casos raros que atendi, houve *Conceptio extrauterina* e outros parecidos. O tempo e as circunstâncias não me permitiram examinar devidamente e fazer experiências. Uma menina de cerca de 5 anos, há vários meses, estava muito nervosa, paralisada e insensível nas extremidades inferiores. Apliquei-lhe hipnotismo[?], fricções rápidas e emplastro vesicatório, que é tão eficaz em outros casos, mas que aqui não surtiu o menor efeito. Utilizei a (...); ela provocou dor mas não curou. Devo confessar que encontrei grande dificuldade em manter devidamente aceso o fogo no cilindro de algodão que eu coloquei e em queimar o cilindro rapidamente. Quando esquentou, não se deu a cauterização que eu esperava, mas, sim, uma bolha de queimadura; a epiderme se levantou, e o local ficou muito dolorido. A criança chegou até a melhorar um pouco, mas a mãe não teve firmeza para me deixar prosseguir o tratamento.

Dores de dente são muito comuns. Os vermes provocam muitas doenças nas crianças e nos idosos. Há muitos resfriados e doenças reumáticas. Não observei nenhum sifilítico.

Mais acima, quando falei sobre a fertilidade e sobre o tamanho da população deste lugar, esqueci-me de registrar que as mulheres daqui, assim como em Minas Gerais, não trabalham no campo. Elas trabalham

em casa e têm poucas ocupações; uma delas é a fiação de algodão. Em Minas, e mesmo em São Paulo, só as mulheres tecem, mas aqui são os homens que o fazem. Além da fiação, outras ocupações importantes são o preparo da farinha e a moagem, pois aqui não há moendas. Creio que seria correto eu afirmar que as mulheres que levam uma vida mais caseira e recolhida são mais férteis do que as que trabalham no campo.

Entre outras anedotas ou histórias reais ocorridas aqui, o comandante nos contou que, em 1808, uma pessoa resolveu iniciar, em Cuiabá, o comércio com a quina, que lhe disseram ser muito encontradiça lá. Ele enviou uma canoa após a outra, expedições inteiras de Cuiabá para Porto Feliz, São Paulo e Rio de Janeiro e logo encontrou muitos imitadores ou concorrentes; não se falava de outra coisa a não ser do comércio da quina. Investiu-se muito capital nesse negócio, e, assim, não demorou muito, muitos comerciantes começaram a falir, um após outro. Alguns tinham investido 15.000 cruzados, outros 20.000, o que, no interior do país, é um capital considerável. Alguém encontrou a quina-verdadeira perto de Cuiabá, enviou uma amostra para testes no Rio de Janeiro e de lá recebeu um convite para comercializá-la. Essa pessoa transferiu o negócio para uma outra. Como esta não conhecesse a árvore, ofereceu uma boa diária para quem se dispusesse a trabalhar com ele. Logo apareceu gente suficiente, todos se dizendo conhecedores da árvore e da casca. De repente, apareceram muitas canoas carregadas de cascas, que, no entanto, ao chegarem ao Rio de Janeiro, foram jogadas ao mar por serem falsas e inúteis. E assim terminou, de repente, um comércio que prometia lucros milionários. Dizem que não é sempre que se encontra a quina-verdadeira, e, mesmo assim, o máximo que se conseguiria colher dessa planta não chegaria nem a 100 arrobas. Isso prova que a causa do grande prejuízo não foi a fraude, mas a ignorância.

Se, futuramente, a cainca for enviada para a Europa para fins de comercialização, eu não atestaria a ninguém a autenticidade da planta, a não ser daquelas que eu mesmo tenha reconhecido e despachado. É necessário muito cuidado quando se trabalha com raízes, ervas e cascas, sobretudo aquelas que ainda não se conhecem muito bem, para se detectarem as fraudes tão logo surjam. Aqui no Brasil já se praticam fraudes ou burlas com a ipecacuanha, de má-fe ou por ignorância; e são imposturas difíceis de se detectar. Receio que a raiz cainca, que fui eu o primeiro a receitar e pôr em circulação, não possa tão cedo ser introduzida na Europa, pois ela não ocorre em regiões bem definidas, mas é conhecida em todo o Brasil (como remédio), e, em cada lugar, com um nome diferente. Aqui ela é chamada de poaia (ipecacuanha); de cainca, antigo nome indígena, em algumas regiões de Minas Gerais; de raiz-preta em Mato Dentro, Minas Gerais; de cruzadinha, na Comarca de Sabará, Santa Luzia; de cipó-cruz, em São Paulo; de poaia, em Camapuã. Seu nome científico é *Chiococca Racemosa L.*, e, uma vez definida cientificamente, uma planta não pode mais ser confundida com outras. Não importa quantos nomes ela tenha: ela permanece sempre uma *Chiococca*, que já era conhecida na Europa há muito tempo e cultivada em estufas, sem que se conhecessem os seus importantes poderes curativos. Ela ficou aqui em Camapuã um mês de novembro e parece ter-se espalhado por todo o Brasil.

Em Camapuã não existem gatos. Também não vi ratos, só camundongos. Os gatos devem ter sido dizimados por cães e homens, que, na falta de outros alimentos, comiam a carne daqueles animais ou roubavam os parcos alimentos dos habitantes pobres.

Já me reportei várias vezes à má administração deste lugar, mas o fato é que é mais fácil criticar do que tentar melhorar. As dificuldades de se fazer uma melhoria podem também ser muito grandes. As pessoas

aqui são indiferentes, pouco afeitas ao trabalho, sóbrias. Elas nem sabem o que seja bem-estar, riqueza; comodidades da vida, roupas, tudo isso para elas é supérfluo. Elas se alimentam unicamente de milho e algumas plantas silvestres, como, por exemplo, a *Portulaca*; os únicos temperos que utilizam são o alho e a pimenta preparada; já se desacostumaram até mesmo ao sal, que eles utilizam em pequena quantidade, apenas para conservação da chamada carne seca: para salgar um boi inteiro só precisam de dois pratos cheios de sal.

A secagem ocorre da seguinte maneira: depois que o boi é abatido, ele é pendurado durante a noite ou algumas horas em um local seco na sombra, não exposto ao luar, para que o sangue escorra. Depois a carne musculosa é separada dos ossos, cortada em pedaços grandes ou pequenos, por exemplo, todo o traseiro, e este é cortado, com uma faca afiada, comprida e larga como um sabre, em pedaços de cerca de uma polegada de espessura, de forma de um fique pendurado no outro. Uma vez retalhados e sobrepostos, os pedaços de carne são polvilhados com um pouco de sal previamente torrado e triturado até tornar-se um pó fino. Depois, são expostos ao sol para secar, e aí deve-se cuidar para que a carne fique protegida de uma chuva eventual. Os ossos são torrados em um forno, sem nenhum sal, e assim se conservam por várias semanas.

18/11

Dia 18. Só há um único forno em todo o estabelecimento.

19/11

Dia 19. Depois de muito tempo, tivemos novamente tempestade

com chuva à noite e pela manhã. Ontem, as últimas canoas com carga pesada partiram para Fuzarado, com tempo bastante bom. Durante o período de nossa estadia, adquirimos os alimentos necessários, que consistem de farinha de milho (não é fubá) e feijão, de forma que agora estamos prontos para a viagem. A troca de alimentos por mercadorias é cara, porque os comerciantes que vêm para cá também cobram preços exorbitantes por suas mercadorias. A gente daqui costuma enganar e explorar de todas as formas quem não é comerciante, como é o caso desta expedição científica. Todos os dias, pessoas, até mesmo abastadas, vêm mendigar por coisas pequenas e corriqueiras; querem vender um ovo, ou um pouco de leite, ou um frango pelo dobro ou pelo triplo do preço. Um cavalo de passeio, como foi dito antes, custa 1.200 réis ou dois pratos cheios de sal, e, no entanto, em todo o estabelecimento, não há ninguém que alugue um cavalo, pois o comandante exige que eles trabalhem pesado semanas a fio, sem receber nenhum vintém de pagamento. Por uma galinha, pediram-me 300 réis.

Recomenda-se, a todo viajante, informar-se antes a respeito do que as pessoas do local precisam mais; com isto, ele pode cobrar por essas mercadorias o mesmo preço exorbitante, que lhe pedem pelas coisas que ele compra no local. Até agora, consegui tudo de que precisamos trocando por mercadorias de todo tipo, como, por exemplo, roupa branca de algodão, paninho, platilha[?], morim, madapolão, tecido de linho não-alvejado (holandês), chita vermelha e azul, que é muito procurada. Gastei todo o estoque de cobertores, cortinas e toldos para equipar as canoas. Ferramentas agrícolas de qualquer tipo são muito procuradas aqui e sempre têm boa saída. Um machado por 1.200 réis, foices, enxadas, ferro bruto e fundido, facas grandes e pequenas, os chamados facões e facas de sapateiro, facas de cabo branco, cabo de ferro, tesouras grandes e pequenas, agulhas e linha de costura, especialmente branca e

preta, pólvora e sal. Todo tipo de fitas: de seda, de linho; alfinetes e agulhas. Também os alimentos: bois, vacas, porcos, leite, ovos, galinhas, milho e vários outros. Encomendando-se, às vezes pode-se conseguir laranjas, bananas, limões, raiz de mandioca doce (aipim). Praticamente não há verduras nem couve. É difícil conseguir inhame, cará, batata-doce e abóbora, plantas muito úteis que nascem espontaneamente em tantos lugares. Não conseguimos salsa e outras ervas finas comestíveis. Ninguém pensou ainda em produzir manteiga e queijo.

NB: Algodão e roupa grossa de algodão melhor do que em outro lugar e barato na permuta; cera cara porque eu precisava dela e a havia encomendado; raiz de calumba poderia dar um importante artigo de consumo.

Como eu já disse, para os habitantes daqui é indiferente ter ou não ter esses produtos; eles não se preocupam em plantar hortas e, por isso, nem se incomodaram em preparar um pequeno canteiro para plantar as sementes que lhes demos. Entre as que foram plantadas em uma espécie de pequeno jardim pertencente ao comandante, uma parte secou, outra foi devorada ou enterrada pelas galinhas.

Hoje, dia 19 de novembro, ao acordar, notei apenas alguns pés de couve. Ontem e hoje, despachei mercadorias antigas e utensílios de cozinha. Contando com a hospitalidade que tenho recebido em todos os lugares, solicitei ao comandante que nos fornecesse provisões ou mesmo comida pronta durante os 2 ou 3 dias que ainda passaríamos aqui. Ele até se prontificou a atender ao nosso pedido, mas acabou confessando, com sinceridade, que sua casa era muita pobre; que, às vezes, só havia feijão com toucinho para comer; e que, nesse exato momento, nem toucinho havia em casa. Ele disse que o toucinho é para eles o mesmo que a manteiga é para nós. Apesar de tudo isso, ele prometeu

fazer o possível para nos atender. Depois desse dia, passamos a receber diariamente carne de porco - provavelmente ele mandava matar um porco magro para nós - com folhas de couve, feijão e pirão, feito com o caldo da carne de porco e farinha de milho. Como sobremesa, uma garrafa cheia de melado. Comer carne todos os dias é um luxo aqui.

Indiscutivelmente as pessoas vivem mal aqui, ou melhor, são mal alimentadas; mas elas também trabalham pouco. As pessoas aqui não vivem nem trabalham. Elas se admiram muito com a quantidade de bebida alcoólica que tomamos: oito pessoas tomam duas garrafas de vinho português comum (não é vinho do Porto) e, à noite, na hora do chá, meia garrafa de rum, o que é muito para os seus padrões. Eles dizem também que trabalhamos muito; que, em um dia, nós nos movimentamos mais do que o comandante em um mês. Realmente, fiquei admirado ao ver que, durante toda a nossa estadia aqui, um mês e meio, o administrador e comandante não foi uma única vez aos locais de plantio, para ver como os escravos estavam trabalhando ou para ver o que os homens livres estavam fazendo a serviço da Fazenda Pública. Desse modo, nenhuma administração pode funcionar.

Hoje voltaram alguns remadores de Mata-Mata ou do Camapuã-guaçu, um ribeirão a um quarto de légua daqui, para irem conosco por terra, pois as quatro canoas estão sobrecarregadas, e o guia os considerou desnecessários. As canoas precisam de três dias e meio para ir a Fuzarado, a 6 léguas daqui, nas margens do Coxim, para onde iremos a cavalo depois de amanhã, terça-feira, dia 21.

O vestuário dos habitantes de Camapuã é muito simples. Os homens usam uma camisa, calça curta e colete de tecido. As mulheres vestem blusa e saia e, quando saem, uma manta de baeta sobre a cabeça. As moças adultas usam simplesmente uma blusa longa de tecido de

algodão grosso, que vai até o pescoço. As crianças pequenas andam nuas, mesmo os meninos de 8 e 9 anos. Aos domingos, geralmente vão todos, bem vestidos e muito asseados, alguns até elegantes, cantar na igreja. Como não há nenhum padre aqui, e, portanto, não há missas, ir à igreja é mais um passatempo, e as festas religiosas, juntamente com a dança, são a única diversão que as pessoas conhecem. Nessas ocasiões, dão-se salvas de tiros de espingarda e iluminam-se as ruas.

Já relatei antes que o nível de vida das pessoas deste estabelecimento poderia melhorar muito se elas se preocupassem em plantar e cultivar plantas e verduras úteis. Para isso, creio que seria necessário mandar vir, todos os anos, a *Spongia Usta* ou outros medicamentos eficazes contra o bócio. Nada se fez ainda para melhorar os pastos. Há locais isolados de pasto ou gramíneas de boa qualidade, que poderiam ser aumentados se tratados com o devido cuidado. Assim, poderiam plantar capim-de-angola, capim-de-colonião, este último ainda completamente desconhecido aqui. Até mesmo sementes de capim-melado poderiam ser facilmente transplantadas para cá. Contudo, melhorias como essas não podem ser impostas à força ou por meio de leis e regulamentos da parte do governo. É necessário, isto sim, que os administradores ou proprietários de terras estejam imbuídos de altruísmo e de amor-próprio, sentimentos que poderiam suscitar neles o desejo de fundar ou criar um mundo novo ou um país novo.

As primeiras e maiores dificuldades já foram superadas. Não há mais por que ter medo dos índios, pelo menos não como antigamente. Aqui existe uma comunidade unida, que ama e é leal à sua terra natal e à sua pátria; uma comunidade que poderia crescer bastante e rapidamente, se lhe garantissem um mínimo de apoio. Em Cuiabá e Porto Feliz, há muitas pessoas com laços de parentesco próximo com os habitantes de Camapuã. São pessoas que estão habituadas a uma vida livre e

que, portanto, viriam de bom grado se estabelecer aqui por alguns anos, desde que, evidentemente, se abolisse o trabalho escravo aqui e se permitisse a travessia dos rios sem pagamento de tributos. Em um ano e meio ou dois, poderiam estar funcionando aqui, e prosperando, estabelecimentos de fiação e tecelagem de algodão, o que concorreria para intensificar o comércio e a atividade industrial.

Segundo nos disse o comandante, percorrendo-se de 6 a 7 léguas por dia, pode-se chegar, em seis dias, à foz do Sucuriú, às margens do Paraná. Portanto, o rio está a 36 ou 40 léguas de distância daqui. Aumentando-se a criação de gado, melhorando-se os meios de transporte e expandindo-se a população, seria perfeitamente viável abrir-se uma via de comunicação curta e direta com Porto Feliz. Se o Governo garantisse estímulo e apoio da sua parte, logo apareceria um agricultor, ganancioso e trabalhador, que, movido pela perspectiva de alcançar a prosperidade em pouco tempo, se dispusesse a criar uma fazenda às margens do Sucuriú. Abrindo-se a navegação desse rio e viabilizando-se, assim, a comunicação com Cuiabá, o viajante encontraria um mercado garantido para o excedente de seu estoque de gêneros alimentícios e formaria, por assim dizer, um entreposto ou empório para o comércio com a fazenda Camapuã; do contrário, esse estabelecimento teria grande prejuízo com a criação da via de comunicação com o Sucuriú.

As casas da fazenda foram construídas uma parte na margem direita, outra parte na margem esquerda do ribeirão, sendo que, nesta última, só depois que desapareceu o medo dos índios. Antes, todos os moradores viviam em um pátio irregular, fechado por todos os lados. Não existe um plano de ampliação ou de reordenamento das construções para a eventual fundação de uma vila, mas qualquer espírito pensante e criador poderia transformar a planície ao longo do ribeirão em um belo estabelecimento.

O tempo havia clareado bastante de novo, e estávamos prontos para partir. Os caçadores e os taxidermistas estiveram ocupados todos os dias e até a última hora, e eu ainda continuava recebendo espécimes raros, embora nenhum novo: eram tucanuçus, *Synallaxis Pactoralis*, *Fringilla* [...] *Trochilus* [...] e vários insetos raros.

Faço mais algumas observações a respeito da inviabilidade de uma administração dividida entre um comandante militar do registro e um administrador da fazenda. Naturalmente, a convivência dos dois é desagradável e conflituosa. No início da construção do registro, eram duas pessoas com funções distintas: o administrador comandava os escravos, e o comandante, os moradores livres, os agregados povoadores. A Fazenda Pública, ou seja, o governo, praticamente não dispunha de instrumentos agrícolas, como serras e tábuas, nem de serralheiros. Quando se pedia ajuda nesse sentido ao administrador, esse às vezes dava, às vezes negava. O engenho de açúcar pertence à fazenda; se um subordinado livre do comandante quer permissão para fabricar açúcar ou aguardente, ele tanto pode conseguir como não, por esse ou aquele motivo. Enfim, há provocações e discórdias constantes da parte dos subordinados, que ora querem servir a um, ora a outro. Em tempos passados, o comandante também quis subjugar os homens livres para que trabalhassem para ele próprio, e esses saíram, em massa, correndo de lá. Protestos e mais protestos, queixas e mais queixas, representações e mais representações foram dirigidas às autoridades superiores. Por fim, o Capitão-Geral e Governador João Carlos Oehnhausen, cansado dessas brigas e querelas, teve a feliz idéia de despachar para cá uma única pessoa que acumularia as funções de comandante e administrador. Depois disso, o governo teve sossego, e a fazenda Três Registros, pelo menos aparentemente, foi administrada com mais tranqüilidade.

Todavia, se o Governo tivesse sido mais feliz na escolha do admi-

nistrador, com certeza, o Estado e os proprietários de terras teriam sido mais beneficiados. O atual comandante e administrador é um bom homem, mas um pobre idiota. Ele passou aqui a maior parte da sua vida, os seus 20 anos mais pujantes; portanto, não teve oportunidade de aprender nada nem de adquirir idéias. Ele não conhece livros nem tem a mínima idéia do que seja a ciência. Tudo que ele tem para contar são as experiências e os fatos da sua vida quotidiana: o escravo João ou o homem livre Luís que foi atacado, ferido ou morto pelos índios ou por uma onça neste ou naquele ano, nessas ou naquelas circunstâncias; ou quantos bois, vacas ou cavalos foram mortos pelas onças.

20/11

Hoje à tarde, ainda visitei o pequeno Sol(...), que corre acima do estabelecimento, onde, outrora, construíram uma barragem para conduzir a água a um monjolo. Aqui o ribeirão cai, de uma altura de 8 pés, sobre ardósia. As margens de ambos os lados parecem altas o suficiente para resistir a uma grande enchente, porém, estou muito pouco informado sobre as técnicas de construções em água para poder fazer qualquer afirmação. Mas me parece que o mais natural e fácil seria construir, perto dessa queda d'água, um moinho de qualquer tipo; isso poderia ser feito com baixo custo e pouca despesa. Antigamente, não se fez isso por medo dos índios, mas agora qualquer família poderia construir sua cabana aqui e tirar bons proveitos.

Está tudo pronto para ser embalado. Já fiz a visita de despedida ao comandante e encerro as minhas observações a respeito deste estranho cantinho da Terra.

21/11

Antes do alvorecer, tudo já estava preparado para a nossa viagem final. Deixamos Camapuã por volta das 5h, depois de cumprimentar mais uma vez o comandante. Ele estava acordado, e o natural seria que viesse nos dizer adeus; mas, homem sem instrução e sem cultura que ele é, preferiu ficar aguardando a nossa partida, tranqüilamente, da sua janela. Tenho certeza de que ele não fez isso por mal; pelo contrário, acho até que ele acreditava piamente estar demonstrando, com o seu gesto, o máximo de cortesia.

O caminho alternava-se entre colinas, planícies e algumas baixadas. Após percorrermos 1½ légua ou 2 léguas, chegamos a um morro bastante elevado (na verdade, uma colina), chamado de morro do Almoço, e, pouco depois, a um lindo riacho de floresta que corre rapidamente e cai, rumorejante, num fosso profundo. Ele parece perfeito para a construção de um moinho, especialmente de um monjolo. Nas vizinhanças, há muita mata e belos pastos; não acredito que fosse arriscado uma família se estabelecer neste local. Um moleiro ficaria rico aqui. O caminho de Camapuã até aqui é bom; no meio desse caminho, existe um lugar onde se poderia criar milhares de bois e cavalos.

Depois de percorrermos umas boas 5 léguas, chegamos ao rio Coxim, pouco abaixo da sua confluência com o Camapuã. O primeiro é um rio bastante caudaloso, sobretudo depois que recebe o Camapuã. Ele corre através da mata e, com isso, vai carregando troncos e galhos de árvores, que causam transtornos e dão muito trabalho ao viajante.

Encontramos o guia e todos os barcos já quase prontos para partir. Muitos estavam doentes, principalmente com febre de gripe, que, nesta época, é uma verdadeira epidemia em Camapuã.

22/11

De manhã muito cedo, antes do sol nascer, recebi uma carta oficial do comandante de Camapuã, em que ele me avisava da chegada de dois desertores de Miranda e me pedia que os levasse, sob custódia, para Albuquerque. Isso acabou retardando a nossa partida, pois esses homens vieram mais tarde, escoltados, a pé.

Anexos
Reproduções de
MANUSCRITOS DE LANGSDORFF

Journ III.1

II. Bemerkungen auf einer Reise ins Innere von Brasilien.
Angefangen im April 1826.
v. Wilhelmine Langsdorff
fortgesetzt v. G. v. Langsdorff [illegible]

33

Populacão da Prov. de S. Paulo

anno	Fogos	Brancos	Pardos	Preto	Pessoas escravas: Pardos	pretos	Total	Casamentos	Nascid.	Mortos
1805.	29,718	101,620.	43,704	3,332	11,543	33,530	193,729	2,235.	9,036	4,430.
1810	31,766	105,410	42,660	4,224	11,343	33,712	197.349	2,883.	10,496	5,565
1815	37,050	116,300	43,718	5,529	11,119	43,124.	219,787	2,717	10,570	5,369
1820.	40,720	126,255.	48,114	4,504.	11,765.	48,652	239,290	3,787	12,685.	5,181.
augmento nos 15 annos		26,635.	4,114	1,172	222.	15,122	46.561.			

	Excede dos nascidos	Excede cada 5 annos.
1805.	4,606	
1810	4,951.	23,840
1815.	5,221.	25,980
1820	7,504	31,810.
		81,030

NOTAS

[1] NT. Langsdorff utiliza o termo em francês.

[2] NT. Grafia de Langsdorff: “pico-jean-jean”.

[3] NT. Aqui Langsdorff aparentemente faz um trocadilho com a palavra alemã “Hundstage”, que quer dizer “Canícula”, mas cuja tradução literal é ”dias de cão”.

[4] NT. No original, ora se lê “Nhanduí”, ora “Nuandury”, ora “Nuanduary”, mas, sem dúvida, se trata do Anhanduri; por isso, adotamos este último nome.

[5] NT. Grafia de Langsdorff: “Mugimirim”.

[6] NT. A palavra em alemão é “Springhase”, que o dicionário Wahrig registra como sendo do gênero *Pedetes caffer*, um roedor com cauda espessa, parecido com o canguru, que dá saltos de até 10m.

[7] NT. Poderia ser gonçalo.

[8] NT. No original em gótico, lê-se Serinama.

[9] NT. Grafia de Langsdorff: “Tapeti”.

[10] NT. Langsdorff grafou “Jacuary”. Nessas redondezas, existe o rio Jaguari, mas a cidade de Jacareí está no caminho para São José dos Campos.

[11] NT. Trata-se de São José dos Campos.

[12] NT. Seria uma pinguela?

[13] NT. A partir desta data, alguns trechos do diário foram escritos pela Sra. Wilhelmine, companheira de Langsdorff, que o acompanhará desde então até Cuiabá.

[14] NT. Provavelmente, trata-se do cambuci.

[15] NT. A data está realmente repetida no original.

[16] NT. Poderia ser o pacová ou a pacova. Freqüentemente, Langsdorff troca o “p” e o “v”pelo “b” e vice-versa.

[17] NT. Seria a peroba?

[18] NT. Seria a imbaúba.

[19] NT. Grafia de Langsdorff: "Itagassava".
Nota de Langsdorff: Os portugueses, no Brasil, deram a esse animal (que os índios chamam de tapir) o nome de anta. Desconheço os motivos da escolha do nome e a origem desse animal.

[20] NT. Seriam as gaivotas ou as andorinhas-do-mar?

[21] NT. Provavelmente seja a ilha do Rodado.

[22] NT. Grafia de Langsdorff: "ilha do Chapio".

[23] NT. Grafia de Langsdorff: "Poço de Inhaperubam".

[24] NT. Langsdorff emprega várias vezes a palavra "baxia". No entanto, percebe-se que ele está se referindo ora a um baixio, ora a uma bacia, embora, às vezes, ele use também os termos alemães *Untiefen* e *Sandbänke* quando se refere a baixios e bancos de areia respectivamente. No texto, não há o registro da palavra bacia na língua alemã. Assim, no caso da palavra "baxia", optamos por traduzi-la ora como baixio, ora como bacia, de acordo com as circunstâncias e características do local, considerando baixio um lugar raso no rio ou um banco de areia; e bacia, uma depressão para o centro da qual correm e convergem as águas, ou um conjunto de vertentes que formam um rio.

[25] NT. Aqui, no sentido de local onde se guardam coleções científicas.

[26] NT. Grafia de Langsdorff: "piraganxuva" ou "pyraganshuba".

[27] NT. No original ora aparece "Itapura", ora "Itapuri", ora "Itapiru, ora "Itapuru", ora "Itapu-mirim", ora "Itapyra". Os mapas pesquisados registram apenas o Itapura, perto da foz do Tietê.

[28] NT. Acima, o autor se referiu expressamente ao Paranã, fazendo questão de dizer que não é o Paraná. Daqui em diante, ele vai registrar sempre "Paranam", mas certamente querendo se referir ao grande Paraná.

[29] NT. Os dicionários registram a tamboriúva, a timboúva e a timbaíba.

[30] NT. Grafia de Langsdorff: "nambujororó".

[31] NT. Grafia de Langsdorff: "cincas".

[32] NT. A tradução literal da expressão em alemão no original é "porco-bisão" ou "porco-almiscarado".

[33] NT. Grafia de Langsdorff: "xiraraca".

[34] NT. Trecho bastante truncado no original em gótico.

[35] NT. Grafia de Langsdorff: "Selado".

Índice

A

C

D

E

F

H

I

Índice Geográfico

A

B

C

D

F

G

I

J

L

M

N

O

P

Q

R

S

T

V

Y